

**UM ESTUDO TEXTUAL-DISCURSIVO DO VERBO NO
PORTUGUÊS DO BRASIL**

LUIZ CARLOS TRAVAGLIA

Tese apresentada ao Departamento de
Linguística do Instituto de Estudos da
Linguagem da Universidade Estadual
de Campinas, como requisito parcial
para a obtenção do grau de Doutor em
Linguística.

CAMPINAS - 1991

BANCA EXAMINADORAz;

Profa. Dra. Ingedore Grunfeld Villaça Koch (Orientadora)

Profa. Dra. Maria Luiza Braga

Prof. Dr. Luiz Antônio Marcuschi

Prof. Dr. Rodolfo Ilari

Prof. Dr. Eduardo Roberto Junqueira Guimarães

Dedico este trabalho:

- À Neuza;

- A todos aqueles para quem ele possa ter importância e utilidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço

- à Profa. Dra. Ingedore Grunfeld Villaça Koch, minha orientadora.
- aos Profs. Dr. Eduardo Roberto Junqueira Guimarães e Dr. Ataliba Teixeira de Castilho por suas sugestões.
- às Prof^{as}. Vandarsi Santana de Castro e Rosane de Andrade Berlinck por cederem e autorizarem o uso de material de suas dissertações para integrarem nosso corpus.
- a meus professores e amigos.
- à Universidade Federal de Uberlândia que me liberou para a realização de doutorado.
- à CAPES pela concessão de bolsa dentro do programa do PICD.

RESUMO

Neste trabalho é feito um estudo do funcionamento textual-discursivo do verbo (suas formas e categorias) no Português do Brasil.

Para este fim estabelece-se, como referencial teórico: a) uma perspectiva de análise que reúne proposições da Teoria do Texto (Linguística Textual) e da Teoria do Discurso, dentro da qual se propõe também uma tipologia de discurso e texto que atende aos objetivos da análise; b) uma tipologia de verbos e situações (atendendo também aos objetivos da análise) e um quadro de formas e categorias verbais. A partir daí são configurados os fenômenos que constituem o objeto de um estudo textual-discursivo do verbo, dentre os quais são analisados mais detidamente os fenômenos de ordenação/seqüenciamento de situações e de continuidade estabelecidos pelo verbo em diferentes tipos de texto.

Fica configurado, nesta tese, um projeto de pesquisa para o estudo textual-discursivo do verbo que pode ser aplicado não só ao Português.

Autor: Luiz Carlos Travaglia

Orientadora: Ingedore Grunfeld Villaça Koch

INDICE

| | |
|--|-----------|
| Reflexões Epistemológicas 1 | 6 |
| Reflexões Epistemológicas 2 | 7 |
| Convenções e abreviaturas | 8 |
| | |
| INTRODUÇÃO | 9 |
| | |
| PARTE 1: DOS FUNDAMENTOS | 20 |
| | |
| 1 - DO TEXTO E DO DISCURSO | 21 |
| 1.1 - Preliminares | 21 |
| 1.2 - Texto e lingüística textual | 22 |
| 1.3 - Discurso e teoria do discurso | 25 |
| 1.4 - Da inter-relação entre texto e discurso ou do discurso ao texto, do texto ao discurso | 28 |
| | |
| 2 - TIPOLOGIA DO DISCURSO E DO TEXTO | 39 |
| 2.1 - Preliminares | 39 |
| 2.2 - Sobre tipologia | 40 |
| 2.3 - Tipologias utilizadas | 47 |
| | |
| 3 - DO VERBO | 62 |
| 3.1 - Preliminares | 62 |
| 3.2 - Tipos de verbos e situações | 63 |
| 3.2.1 - Tipos de verbos | 63 |
| 3.2.2 - Tipos de situações | 63 |
| 3.2.3 - Verbos gramaticais | 66 |
| 3.3 - Formas e categorias verbais | 75 |
| 3.3.1 - Formas verbais | 75 |
| 3.3.2 - Tempo | 76 |
| 3.3.3 - Aspecto | 77 |
| 3.3.4 - Modalidade | 78 |
| 3.3.5 - Voz | 84 |

| | |
|---|-----|
| 3.3.6 - Pessoa | 85 |
| PARTE 2: FUNCIONAMENTO TEXTUAL-DISCURSIVO DO VERBO | 87 |
| 4 - FENÔMENOS DO FUNCIONAMENTO TEXTUAL-DISCURSIVO DO VERBO... | 88 |
| 4.1 - Preliminares | 88 |
| 4.2 - Fatos devidos à construção e estruturação do texto..... | 90 |
| 4.2.1 - Fenômenos de continuidade | 90 |
| 4.2.1.1 - O seqüenciamento ou ordenação temporal de situações | 91 |
| 4.2.1.2 - O seqüenciamento ou ordenação das fases ou etapas de uma situação .. | 95 |
| 4.2.1.3 - O seqüenciamento ou ordenação de tipos de situações | 95 |
| 4.2.1.4 - Continuidade de tipos de verbos e situações face à tipologia textual | 96 |
| 4.2.1.5 - Continuidade de formas e categorias verbais | 96 |
| 4.2.1.6 - Continuidade temática | 98 |
| 4.2.1.7 - Fenômenos de concordância | 98 |
| 4.2.1.8 - Progressão e elaboração de um ponto | 101 |
| 4.2.1.9 - Pró-forma verbal | 102 |
| 4.2.2 - Fenômenos de relevância | 103 |
| 4.2.2.1 - Figura e fundo/primeiro e segundo planos | 103 |
| 4.2.2.2 - Organização das informações em termos de informações essenciais e secundárias | 104 |
| 4.2.2.3 - Relevância pragmática de uma situação ou algo para a situação presente | |
| 4.2.2.4 - Os fatos de focalização | 105 |
| 4.2.3 - Fenômenos ligados à organização de situações | 106 |
| 4.2.4 - Fenômenos ligados ao ponto de vista do produtor do texto | 107 |
| 4.2.5 - Fenômenos ligados à relação entre "tipos de verbos e situações e formas e categorias verbais" e "superestruturas textuais" | 109 |
| 4.2.6 - Fenômenos ligados à informatividade, à estrutura informacional do texto | 111 |
| 4.3 - Fatos devidos à relação e à interação entre os interlocutores (produtores e receptores dos textos) em uma situação | 111 |
| 4.3.1 - Fenômenos ligados à argumentação | 111 |
| 4.3.2 - Fenômenos ligados à situação | 114 |
| 4.3.3 - Fenômenos ligados às imagens | 115 |

| | |
|---|-----|
| 4.3.3.1 - Valores discursivos básicos | 115 |
| 4.3.3.2 - Verbos como marcadores conversacionais | 116 |
| 4.3.4 - Fenômenos ligados a formações discursivas | 117 |
| 4.4 - Algumas considerações finais | 118 |

PARTE 3: ORDENAÇÃO E CONTINUIDADE NO FUNCIONAMENTO

TEXTUAL-DISCURSIVO DO VERBO NO PORTUGUÊS DO BRASIL 122

| | |
|---|-----|
| 5 - ORDENAÇÃO | 123 |
| 5.1 - Ordenação e tempo | 123 |
| 5.2 - Princípio geral de ordenação referencial de situações | 128 |
| 5.2.1 - O princípio | 128 |
| 5.2.2 - Ordenação de tipos de situação | 133 |
| 5.2.3 - Ordenação das fases ou etapas de uma situação | 135 |
| 5.3 - Aplicação e funcionamento do princípio de ordenação referencial nos diferentes tipos de textos | 139 |
| 5.3.1 - Preliminares | 139 |
| 5.3.2 - A ordenação pelos aspectos | 140 |
| 5.3.3 - Ordenação pelo tempo verbal | 158 |
| 5.3.4 - Ordenação pelo tempo relativo | 164 |
| 5.3.5 - Ordenação por elementos lingüísticos (adjuntos adverbiais, datas, preposições, conjunções, verbos, numerais, etc.) de valor temporal ou com implicações temporais ... | 174 |
| 5.3.6 - Ordenação pelo conhecimento de mundo | 178 |
| 5.3.6.1 - Ordenação pelos modelos cognitivos globais | 178 |
| 5.3.6.2 - Ordenação por relações semânticas entre orações e períodos | 183 |
| 5.3.6.3 - Ordenação pelos tipos de situação | 187 |
| 5.3.6.4 - Ordenação pelo valor do semantema do verbo | 188 |
| 5.3.6.5 - Ainda a ordenação pelo conhecimento de mundo | 189 |
| 5.3.7 - Instruções em contrário à seqüencialidade estabelecida pelo aspecto perfectivo (III.1.a) | 190 |
| 5.3.8 - Instrução em contrário à simultaneidade estabelecida pelo aspecto imperfectivo (III.1.b) | 193 |
| 5.3.9 - Instruções em contrário à seqüencialidade (III.1.a) e à ordem referencial (III.1.c) estabelecidas pelo aspecto perfectivo | 195 |

| | |
|---|-----|
| 5.3.10 - Considerações finais sobre a ordenação referencial | 197 |
| 5.4 - Ordenação textual | 199 |
| 5.4.1 - Preliminares | 199 |
| 5.4.2 - Razões e princípios da ordenação textual | 199 |
| 5.4.3 - Marcadores de ordenação textual | 205 |
| | |
| 6 - FENÔMENOS DE CONTINUIDADE ESTABELECIDOS PELO VERBO | |
| EM DIFERENTES TIPOS DE TEXTOS | 213 |
| 6.1 - Preliminares | 213 |
| 6.2 - Continuidades de tipos de verbos e situações | 218 |
| 6.3 - Continuidades de formas e categorias do verbo | 230 |
| 6.3.1 - Continuidades de aspecto | 230 |
| 6.3.2 - Continuidades de modalidade | 246 |
| 6.3.3 - Continuidades de tempo | 257 |
| 6.3.4 - Continuidades de pessoa verbal | 263 |
| 6.3.5 - Continuidades de voz | 269 |
| 6.3.6 - Continuidades de formas verbais | 271 |
| 6.4 - Relação entre "tipos de verbos e situações e formas e categorias verbais" e "superestruturas textuais" | 287 |
| 6.4.1 - preliminares | 287 |
| 6.4.2 - Textos descritivos | 288 |
| 6.4.3 - Textos dissertativos e argumentativos | 290 |
| 6.4.4 - Textos injuntivos | 292 |
| 6.4.5 - Textos narrativos | 294 |
| | |
| CONCLUSÃO | 307 |
| | |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 313 |
| | |
| BIBLIOGRAFIA DO CORPUS | 326 |
| | |
| ANEXOS (Volume anexo) | |

REFLEXÕES EPISTEMOLÓGICAS 1

CIÊNCIA

Começo a ver no escuro
um novo tom
de escuro

Começo a ver o visto
e me incluo
no muro

Começo a distinguir
um sonilho, se tanto
de ruga

E a esmerilhar a graça
da vida, em sua
fuga

(ANDRADE, Carlos Drummond de. **Reunião: 10 livros de poesia**. Rio de Janeiro, José Olympio, 1969:226).

REFLEXÕES EPISTEMOLOGICAS 2

Porque as coisas todas de que falamos
estão tão longe da verdade
Porque estamos só no começo
E nem sabemos fazer as perguntas certas

É que nos entendemos tão pouco
E discutimos tanto.

Mas este é o caminho.

Luiz Carlos Travaglia

20/04/1990

CONVENÇÕES E ABREVIATURAS

Adj. - adjetivo.

Cf. - confronto, confira.

Ind. - independente.

Nº e nºs - número e números.

P./pp. - página/páginas.

S.N. - situação narrada.

S.R. - situação referencial.

ss. - seguintes.

V. - ver, veja, vide.

A → B - a situação **A** precede a situação **B** ou a situação **B** segue a situação **A** na ordem referencial.

OBS. - Veja no anexo as convenções usadas nos textos e nas ordenações referenciais de situações.

INTRODUÇÃO

As reflexões epistemológicas que, sob a forma de poemas, fizemos preceder a exposição deste estudo têm o objetivo único de lembrar que, apesar de todo o progresso atual da ciência, ela ainda é incipiente face ao mistério das coisas que se avocou e que pretende desvendar. Mas, se a ciência chegou onde está, é porque, apesar de toda a escuridão, perguntas foram feitas e iluminaram facetas do todo a ser visto e compreendido, permitindo fazer novas perguntas. Se, em determinados pontos da pesquisa, os estudiosos podem parecer aqueles cegos do conto de Malba TAHAN que questionavam o que era um elefante com base na parte do corpo do animal que haviam tocado, e discutiam afirmando que ele se assemelhava a uma palmeira, a um leque, a uma serpente e a um muro, é importante lembrar que, embora individualmente equivocados em relação ao todo, cada um tinha uma verda de parcial. A discussão, evidentemente, poderia e deveria levar ao reexame do objeto, considerando cada perspectiva e, certamente, levando a um entendimento e a uma melhor compreensão do mesmo o que, sem dúvida, oportunizaria novos questionamentos.

Essas reflexões incitam-nos, enquanto estudioso, pesquisador, cientista, a uma postura perquiridora, mas também de abertura a possibilidades e visões diferentes da nossa e, assim, a uma espécie de humildade científica sem a qual a ciência certamente terá seu progresso dificultado.

A Lingüística, como ciência que é, não escapa a esta problemática da visão de seu objeto de estudo que cada perspectiva instaura. Os choques e conflitos entre as teorias e correntes podem, com o tempo, levar ao descarte de algumas, mas podem também mostrar simplesmente que se estava num estágio semelhante ao dos cegos do conto. Neste caso cabe a nós, lingüistas, o reexame do objeto, levando em conta as diferentes perspectivas.

Este estudo não pretende, evidentemente, construir uma visão do todo, mas apenas "ver no escuro um novo tom de escuro" e, quem sabe, abrir caminho para mais alguns questionamentos. Da mesma forma, este estudo é resultado de perguntas possibilitadas pelas colocações da Lingüística Textual e da Teoria do Discurso entre as quais pretende também lançar um fio de ligação, o que pode vir a ser uma de suas

virtudes ou, para alguns, um de seus pecados. Mas, de qualquer modo, estaremos no caminho e se ficar clara, em algum momento, a impossibilidade de uma coordenação de uma subordinação ou de um trânsito entre essas duas perspectivas, ainda assim será uma contribuição, pois evitará que outros dêem inutilmente o mesmo passo.

Foi com tal disposição que, dentro do quadro da Lingüística Textual e da Teoria do Discurso, formulamos a pergunta básica deste estudo, que resultou na proposição da hipótese e objetivos abaixo.

Nossa **hipótese** básica é que:

- a) há fatos no uso das formas e categorias verbais (tempo, modo, aspecto, voz e pessoa) que só são perceptíveis e/ou explicáveis numa perspectiva textual e discursiva;
- b) o verbo, através de suas formas e categorias, contribui para o estabelecimento da textualidade.

Face a isso nossos objetivos básicos são:

- a) evidenciar usos das formas e categorias verbais específicos do plano textual e discursivo;
- b) detectar e explicar casos em que o verbo contribui para o estabelecimento da textualidade e de que modo o faz; ou seja, de que maneira o verbo, como item lexical e através de suas formas e categorias, tem a ver com a coerência e também com a coesão textual;
- c) buscar explicação para usos das formas e categorias verbais que representem uma generalização sobre seu funcionamento textual-discursivo.

A hipótese e objetivos assim delineados configuram um estudo textual e discursivo do verbo. Como se trata de fazer uma abordagem desta classe de palavras (suas formas e categorias) numa nova perspectiva, foi preciso fazer uma proposta do que deveria constituir tal estudo, do que se deveria observar numa pesquisa sobre verbo que se enquadrasse dentro dessa perspectiva textual-discursiva. Nossa proposta e a delimitação dos pontos desenvolvidos neste trabalho podem ser vistas no capítulo 4. Importa ressaltar ainda que nosso estudo pretende ser essencialmente lingüístico.

Parece-nos relevante registrar a seguir algumas posturas teóricas e metodológicas que orientam o estudo realizado.

Tendo em vista que a abordagem que propomos fazer neste estudo do verbo no Português é textual-discursiva, o corpus a ser utilizado só poderá ser constituído de textos, não importando a extensão dos mesmos, desde que tenham sido tomados como uma unidade de acordo com a definição proposta no capítulo 1, pois, como diz

LAVANDERA (1984:119), "as opções (entre diferentes recursos lingüísticos) no discurso não podem ser estudadas como unidades isoladas, pois estão orquestradas na materialização total de um fragmento do discurso"^{1 2}.

Também com LAVANDERA (1984: 101-102), gostaríamos de lembrar que os agrupamentos e distinções de formas podem se tornar úteis (e talvez necessários) em etapas intermediárias da análise, mas que, numa perspectiva mais abrangente, a constituição discursiva do texto nos oferece um amplo contínuo de graus de aproveitamento dos recursos lingüísticos que inclusive podem ter diferentes funções em diferentes estratos ou componentes da língua. Daí a ampliação da unidade de análise: porque as diferenças de forma que não parecem significativas em um estrato ou componente da língua o são em outro.

Na análise é preciso levar em conta não só o eixo sintagmático (o que está concorrendo), mas também o paradigmático (o que pode vir no lugar da forma escolhida pelo usuário da língua), pois, discursivamente, as alternativas à disposição do falante também definem e permitem perceber o(s) valor(es) em jogo. Além disso, como bem lembrou WOLFSSON (1979), o que faz de uma alternância um recurso nitidamente discursivo é a sua opcionalidade, pois o modo pelo qual um recurso, uma regularidade lingüística é utilizada tem a ver com a finalidade, a intenção do falante individual na forma que definimos no capítulo 1.

No texto e no discurso, mesmo o que parece servidão gramatical, usos que seriam fruto da não possibilidade de escolha como no caso de usos determinados pelo co-texto (contexto lingüístico), como o uso de subjuntivo, quando se tem certas modalidades (como a dúvida expressa pelo advérbio "talvez" ou a volição expressa por um verbo da oração principal como "desejo") ou certas conjunções (como "embora") na verdade são resultado de escolha em planos discursivos em que é possível escolher contextos que aceitem/exigem o uso de um ou outro elemento (subjuntivo ou indicativo) por exemplo (Cf. TRAVAGLIA - 1987: 63). SMITH (1986: 97) defende este mesmo princípio ao afirmar que "certas maneiras de falar sobre uma situação são bastante padronizadas para uma dada língua, de tal modo que elas podem não ser vistas como escolhas. Mas há outras formas de falar que desviam do padrão. A existência de

¹ Parece que LAVANDERA - 1984 usa o termo discurso para referir-se ao que definimos no capítulo 1 como texto.

² As citações de textos em língua estrangeira serão feitas sempre em traduções nossas. Faremos as indicações, quando este não for o caso.

sentenças algo desviantes evidencia o elemento de escolha envolvido na construção de todas as sentenças, padrão e não padrão”.

Ainda com LAVANDERA (1984: 101-102) consideramos que a análise qualitativa deve ter prioridade sobre a quantitativa pois acreditamos na hipótese que ela coloca de que "um único exemplo expressivamente eficaz de uma forma lingüística que encontra seu lugar significativo na configuração particular do texto em que aparece, pode evidenciar mais acerca da contribuição semântica³ que esta forma é potencialmente capaz de trazer ao discurso e de revelar acerca do sistema a que pertence, do que a descrição dos contextos em que a mesma forma resulta mais freqüente e, por isto, está menos marcada." Embora a preocupação de LAVANDERA seja o estudo das variáveis dentro da Teoria da Variação, para nós vale o princípio.

Na análise, a comparação com outras línguas jamais deve ser critério decisório sobre que interpretação ou explicação dar sobre um fato da língua em estudo (no caso o Português). Tal comparação deve servir apenas para o levantamento de possibilidades a serem conferidas e/ou para a comprovação da existência de possibilidades. Assim, por exemplo, WEINRICH (1968: 289,290- cap. 8) mostra que o Alemão compensa, com a posição do verbo na oração, a falta de tempos encarregados de dar relevo (indicar primeiro e segundo planos). Isto não ocorre no português, mas poderia ocorrer. A comparação com outras línguas, portanto, nos ensina também a não descartar possibilidades funcionais de qual quer elemento de uma língua só porque ainda não foram observadas em outra língua. No atual estágio da Lingüística fica difícil afirmar que qualquer regularidade detectada para uma, várias ou muitas línguas tenha validade "a priori" para todos os idiomas (Cf. WEINRICH - 1968: 291). Tal postura pode se transformar em preconceito que, impedindo a visão dos fatos de outro modo, dificulta o avanço da ciência lingüística. A regularidade levantada aqui só pode ser transplantada para alhures como hipótese que, só após análise, pode ser confirmada (mas "a posteriori") como algo válido também para outra(s) língua(s). É neste sentido que vemos a relação entre fatos e métodos e teorias. Estes últimos são caminhos, elementos reguladores da intuição do pesquisador, mas que não devem se tornar absolutos ante os fatos obrigando, às vezes, a reducionismos inaceitáveis. Na relação entre fatos de um lado e métodos e teorias do outro, cada um deve ter um peso que não obstrua a realização da pesquisa e a proposição de generalizações novas que representem um

³ - Para nós, acerca da contribuição em qualquer estrato ou componente da língua.

avanço no conhecimento sistemático do objeto de estudo. É neste sentido que concordamos com RASKIN (1985)⁴, quando propõe que a sentido pesquisa deve ser orientada pelo problema e não pelo método e/ou teoria(s): não se pode dar primazia absoluta nem aos fatos (o que pode desaguar num empirismo caótico) nem aos métodos e teorias (o que pode levar a reducionismos indesejáveis do fenômeno em estudo). A pesquisa deve resultar numa explicação, razoavelmente modelizada pelos métodos e teorias, do fato estudado, lembrando sempre que são diferentes o fenômeno e a teoria que se faz para descrevê-lo, explicá-lo, etc.

Concordamos com VAN DIJK (1987: 12), quando diz que teorias e métodos devem ser essencialmente passíveis de serem comunicados, aprendidos, aplicados. Se não, eles apresentam um potencial apenas revolucionário, mas não crítico. Para VAN DIJK (1990) o modo de apresentar os elementos teóricos depende de como se faz teoria, é uma espécie de "bricolage" teórico. Assim, quando se teoriza, talvez não importem tanto e somente o nome das categorias e as categorias que se propõem, mas principalmente a possibilidade de identificá-las.

Face a isto, parece pertinente ser redundante e fazer mais uma vez a eterna observação sobre o **problema terminológico**: é preciso prestar mais atenção aos conceitos que aos nomes, evitando trazer para o contexto de um trabalho conceitos outros identificados alhures pelo mesmo nome, o que, sem dúvida, causará problemas de interpretação e entendimento, gerando confusões e discussões desnecessárias. Uma outra questão terminológica é a apontada por WEINRICH (1968: 356-357): nem sempre, por razões diversas (denominação tradicional baseada em análise equivocada, falta de um nome mais apropriado), o nome utilizado é o mais adequado, pois pode levar a equívocos sobre o elemento que identifica. Neste caso, mais uma vez, é preciso prestar mais atenção ao conceito que ao nome⁵.

Por duas vezes já fizemos referência a funções de elementos lingüísticos porque este estudo pretende ter mais a ver com uma teoria da função que da forma lingüística. Enquanto esta é objetiva e totalmente aberta à observação, a função é "subjativa" (talvez fosse melhor dizer não-explicita, apenas deduzível), uma vez que está sob o controle da intenção comunicativa do falante, mesmo estando esta subsumida por regularidades de um determinado discurso. Por isso uma teoria de funções tem que admitir a dificuldade

⁴ - Apud DAVIES - 1987: 451.

⁵ WEINRICH exemplifica com as denominações "infinitif présent" e "infinitif passé" em que os termos "présent" e "passé" são enganosos porque levam a supor relações entre os tempos verbais e o tempo cronológico, inexistentes no modelo de estrutura e função dos tempos que ele propõe.

e até mesmo a impossibilidade de predições totalmente consistentes. Assim, em uma teoria funcional um elemento ao qual a teoria não atribui uma única descrição não constitui necessariamente um contra-exemplo. Em algumas circunstâncias, tais casos "duvidosos" apontam para interessantes diferenças culturais e até mesmo individuais no uso de estratégias lingüísticas não só pelos usuários, mas também pelos analistas quando estes não são usuários nativos da língua (Cf. KALMÁR - 1982: 45,59). Além disso, o mesmo elemento da língua pode ter diferentes funções em diferentes estratos ou componentes da língua (Cf. VAN DIJK - 1987: 8).

Embora o modo pelo qual um recurso, uma regularidade lingüística é utilizada seja relativo ao falante individual ele tem que escolher recursos lingüísticos para desempenhar a função desejada entre as opções de regularidades discursivamente constituídas que a língua lhe oferece. É por tudo isso que a análise tem de levar em conta não só o que ocorre (eixo sintagmático), mas também o que poderia estar no lugar da forma escolhida pelo usuário da língua (eixo paradigmático) para poder determinar os valores, os efeitos de sentido em jogo no funcionamento discursivo de um texto ou de um tipo de texto. Segundo ORLANDI (1988: 58,59), "através da consideração das formas em sua variação - não como simples mudança 'estilística', mas como produto de mecanismos enunciativo-discursivos - pode-se não só apreciar os usuários em suas opções, mas sobretudo detectar o **lugar da 'escolha'**, dir-se-ia, o lugar da diferença na qual se produziu uma forma determinada. O emprego de diferentes formas aparece assim como uma **pista** para a observação de algo que vai além do jogo formal". ORLANDI (1988: 59) também afirma que "não há relação automática nem mecânica entre marcas formais e funções quer elas sejam sintáticas, enunciativas ou discursivas", ou seja, não importa o estrato ou componente da língua a que pertençam ou em que estejam funcionando. "Se, por um lado, é pela teoria e pelo método que podemos discernir as marcas importantes, não é menos verdade, por outro lado, que a interpretação lingüístico-discursiva destas marcas se faz igualmente, pela mediação da teoria. Mesmo a leitura dos resultados, sabe-se, é também uma construção do analista"⁶.

Neste estudo, portanto, estaremos entendendo função como o papel lingüístico-discursivo de uma marca formal que é dado pela interpretação dos usuários da língua (produtor(es)/receptor(es) dos textos), ou seja, o papel de uma marca lingüística na constituição e funcionamento discursivo de um texto para o cumprimento de uma

⁶- Essas considerações ajudam também a definir a relação entre método e teoria de um lado e fato objeto de estudo de outro a que já nos referimos anteriormente.

intenção comunicativa. Estaremos admitindo também que cada forma e/ou categoria verbal pode ter mais de uma função textual e discursiva e que tais funções podem diferir de língua para língua.

Como se verá, é impossível fazer um estudo textual-discursivo do verbo sem falar de outros elementos da língua que na perspectiva textual-discursiva se relacionam com o verbo de algum modo (como nos fatos de concordância, por exemplo V. capítulo 4) ou compartilham com ele um papel na constituição e funcionamento discursivo de textos (V. os fatos de ordenação, capítulo 5).

Dissemos que o corpus é constituído, pela natureza mesma do estudo, por textos. Estes textos são sobretudo textos escritos, preferencialmente modernos ou contemporâneos, embora nem sempre tenha sido possível respeitar este critério, devido à necessidade de trabalhar com textos de diversos tipos: literários, jornalísticos (reportagens de diferentes tipos), piadas, instruções para montagem e uso de aparelhos, propagandas, textos bíblicos, roteiros de viagens e informação turística, etc., obtidos em diferentes fontes. Essa variedade se explica pelo desejo de realizar um estudo que se configurasse como ponto de partida para uma série de outros que se atenham a questões mais detalhadas do funcionamento textual-discursivo do verbo em tipos particulares de textos. Ou seja, o que é apresentado nesta tese pretende ser o ponto de partida para um projeto de pesquisa que deverá aprofundar e estender o que está sugerido e delineado na parte 2, capítulo 4. Esse caráter programático fica melhor configurado nos capítulos que desenvolvem esta tese.

Como é nossa hipótese que os papéis textuais-discursivos do verbo têm, pelo menos para alguns fatos, uma relação direta com certos tipos, tivemos de adotar e em alguns aspectos propor uma tipologia de discurso e de texto que fosse adequada ao estudo dos fenômenos que desejávamos observar.

Gostaríamos de esclarecer que não faremos um capítulo especial com uma resenha de estudos sobre o verbo na perspectiva textual-discursiva já realizados, por duas razões. Primeiro, porque, mesmo que se quisesse, seria impossível ser exaustivo, embora tais pesquisas pareçam, em comparação com o estudo de outras questões, estar dando os primeiros passos. Sobretudo com relação ao português, quase não há estudos feitos, o que justifica a escolha do terna desta tese. Segundo, porque pareceu mais pertinente usar de duas maneiras os estudos do verbo, na perspectiva textual-discursiva, a que tivemos acesso:

- a) como exemplos dos itens de estudo propostos na parte 2, capítulo 4:

b) como fonte de referência nos capítulos da parte 3, quando abordam o mesmo fenômeno ou têm alguma relação pertinente com o que ali se expõe. cremos que, dessa forma, fornece-se uma visão do que tem sido abordado neste campo e evita-se arrolar informação desnecessária.

A tese é constituída de três partes. A **primeira parte** apresenta o que chamamos de fundamentos. São considerações sobre elementos que constituem o quadro de referência teórico da pesquisa, contendo algumas idéias que já são resultado da mesma. O capítulo 1 contém considerações sobre texto e discurso e a inter-relação entre os dois, comentando-se ainda a articulação entre Teoria do Texto (Linguística Textual) e Teoria do Discurso. O capítulo 2 contém a tipologia de texto e discurso que propomos para fins deste trabalho. O capítulo 3 traz a conceituação de tipos de verbos e situações, e de formas e categorias verbais utilizados na pesquisa. Nesta parte evitamos a discussão de pontos de vista diferentes, porque isto resultaria quase em transformar esta tese numa coleção de volumes. O que fizemos foi expor o ponto de vista que adotamos e/ou propusemos, buscando tão somente (se se pode encarar assim tal tarefa) estabelecer com clareza o lugar de onde fazemos nossa proposta e análise.

A **segunda parte** contém, em um único capítulo (o quarto) , uma proposta do que constituiria um estudo textual-discursivo do verbo, levando em conta o que se postula na primeira parte.

A **terceira parte** traz os resultados da pesquisa realizada sobre as questões indicadas na segunda parte, ao delimitamos os fatos de que trataríamos mais detidamente neste trabalho. A exposição é feita por fatos ou fenômenos estudados e não pelas categorias verbais, pois esta forma se mostrou mais produtiva e adequada, permitindo uma melhor organização das idéias e evitando repetições uma vez que o fenômeno é que caracteriza o uso de uma forma e/ou categoria como textual-discursivo. No capítulo 5, tratamos da ordenação de situações e no capítulo 6 dos fenômenos de continuidade estabelecidos pelo verbo em diferentes tipos de texto.

PARTE 1
DOS FUNDAMENTOS

CAPÍTULO I

DO TEXTO E DO DISCURSO

1.1 - PRELIMINARES

A partir sobretudo da década de 1960, percebendo a existência de lacunas no estudo desenvolvido pelas gramáticas da palavra e da frase no tratamento de vários fatos observados no uso da língua, estudos lingüísticos tomaram o texto como unidade e objeto, dando curso a uma revitalização teórica lingüística.

Surgiram então várias e diferentes teorias em função de diferentes maneiras de conceber texto e discurso⁷. Todas estas teorias podem, atualmente, ser reunidas em duas correntes básicas:

a) Teoria(s) do Texto (ou Lingüística Textual), que considera o texto pronto, e trata de como ele é processado cognitivamente para ser produzido, constituído e compreendido;

b) Teoria(s) do Discurso, que privilegia o que é exterior ao texto: as condições sócio-históricas, culturais e ideológicas de sua produção que podem ser percebidas e analisadas através de pistas (marcas lingüísticas) presentes no texto.

Nessa área de estudos é comum o uso dos termos "texto" e "discurso"⁸ com diferentes sentidos e, às vezes, como sinônimos. Isto causa, com freqüência, problemas de compreensão e, por vezes, discussões teóricas im procedentes, já que alguns chamam de texto o que outros chamam de discurso e vice-versa. Há, ainda, concepções bem específicas de discurso como algo diferente de texto. Neste estudo estaremos considerando texto como algo diferente de discurso, mas como dois conceitos extremamente interligados e interdependentes para explicar a utilização e o funcionamento da língua.

A seguir buscamos explicitar como entendemos texto e discurso e como vemos seu inter-relacionamento.

1.2 - TEXTO E LINGÜÍSTICA TEXTUAL

⁷ V. FÁVERO e KOCH (1983:12)

⁸ MAINGUENEAU (1976:11 e ss.) comenta vários sentidos do termo discurso. FÁVERO e KOCH (1983), tratando da Lingüística Textual: surgimento, evolução, correntes, etc., discutem o conceito de texto à p. 12 e ss.

O **Texto** será entendido como uma unidade lingüística concreta (perceptível pela visão ou audição)⁹, que é tomada pelos usuários da língua em uma situação de interação comunicativa específica, como uma unidade de sentido e como preenchendo uma função/intenção comunicativa reconhecível e reconhecida, independentemente da sua extensão.

A **Lingüística Textual** tem sido entendida basicamente como o estudo dos processos e regularidades gerais e específicos segundo os quais se produz, constitui, compreende e descreve o fenômeno texto¹⁰. Ela tem como tarefas básicas¹¹:

a) verificar o que faz com que um texto seja um texto, isto é, determinar os seus **princípios de constituição**, os fatores responsáveis pela sua **coerência**, as condições em que se manifesta a textualidade (Texthaftigkeit);

b) levantar critérios para a delimitação de textos, já que a completude¹² é uma das características essenciais do texto;

c) diferenciar as várias espécies de texto.

Para a Lingüística Textual o critério de textualidade por excelência é a coerência. Isto quer dizer que é ela que transforma uma seqüência lingüística em um texto, isto é, a coerência é que faz com que essa seqüência seja um texto e não um amontoado aleatório de palavras e/ou frases. Diz-se que um texto é coerente quando é possível estabelecer um sentido¹³ para o mesmo. Por isso se diz que a coerência é, basicamente, um princípio de interpretabilidade e compreensão do texto, que rege não só sua recepção, mas também sua produção e constituição. Este princípio é caracterizado por tudo de que o processo aí implicado possa depender. O processo de construção da coerência, do estabelecimento do sentido de um texto depende de uma multiplicidade de fatores de diferentes ordens, o que levou a uma abordagem interdisciplinar dentro da Teoria do Texto, com contribuições da Psicologia (sobretudo a da Cognição), da Sociologia, da Filosofia, da Teoria da Computação e Informática (estudos de Inteligência Artificial), além da Lingüística em geral e de alguns de seus ramos em particular (Sociolingüística, Psicolingüística). Cada uma dessas disciplinas

⁹ - Também pelo tato, se tratar de um texto escrito em alfabeto Braille.

¹⁰ - Cf. o conceito de Lingüística Textual dado por MARCUSCHI (1983:12, 13) e modificado FÁVERO e KOCH (1985:34).

¹¹ - Estas tarefas, elencadas por FÁVERO e KOCH (1983:14), foram propostas para a gramática do texto, e, em nossa opinião, não foram afetadas pela mudança da base empírica ao se passar das gramáticas do texto para as teorias do texto a saber: deixou-se acreditar na existência de seqüências lingüísticas que seriam, em si, não textos.

¹² - Completude aqui deve ser entendida mais no sentido de unidade. É interessante conferir as colocações de ORLANDI (1987:160) sobre unidade e completude.

fornece elementos necessários a uma compreensão global da interação comunicativa feita através de textos lingüísticos.

Face a esta interdisciplinaridade, propomos que se use o nome de Teoria (s) do Texto para referir o conjunto das contribuições das diferentes disciplinas (inclusive a Lingüística) para a visão e compreensão global da interação comunicativa feita através de textos lingüísticos e que se reserve o nome de Lingüística Textual às contribuições da Lingüística para este mesmo fim. Considerando que os elementos lingüísticos funcionam como pistas e marcas para o levantamento do sentido textual e de propriedades discursivas, concordamos com CHAROLLES (1987) quando busca estabelecer o que compete à Lingüística fazer neste campo de estudos da produção, compreensão e coerência textuais¹⁴.

Para este trabalho adotamos, para a coerência, as propostas de KOCH e TRAVAGLIA (1989 e 1990), a que remetemos para o conceito, fatores e demais elementos relativos à coerência. Acrescentamos apenas que, neste estudo, ficará evidenciado que a continuidade, caracterizadora da coerência, não se limita ao sentido, mas se estende a outros elementos da língua.

Como nosso estudo é lingüístico, têm especial interesse dois elementos relacionados com a coerência: o conhecimento lingüístico e a **coesão**. Esta é a ligação da coerência (considerada subjacente, não revelada explicitamente) com a superfície textual, já que a **coesão** é definida como a ligação, os nexos entre os elementos lingüísticos da superfície do texto, o modo como eles se relacionam, o modo como frases ou partes delas se combinam para assegurar um desenvolvimento proposicional. A coesão assinala conexões entre diferentes elementos e partes do texto, tendo em vista a ordem em que aparecem. A coesão é sintática e gramatical, mas também semântica¹⁵. Para os mecanismos de coesão textual remetemos a KOCH (1988 e 1989) cuja classificação desses mecanismos adotamos.

1.3 - DISCURSO E TEORIA DO DISCURSO

A **Teoria do Discurso** é definida como a Teoria da determinação histórica dos processos semânticos, dos processos de significação. Para ela a presença do social e do

¹³ Estaremos entendendo sentido como atualização seletiva, no texto, de potencialidades significativas virtuais (significado) das expressões lingüísticas (cf. KOCH e TRAVAGLIA 1989:13).

¹⁴ V. em KOCH e TRAVAGLIA (1989:45, 46).

histórico nessa determinação é a manifestação da exterioridade no texto que é constitutiva da linguagem. Para PECHEUX (1969) a Teoria do Discurso se funda como uma "análise não subjetiva dos efeitos de sentido" contra a ilusão "que tem o sujeito" de estar na (de ser a) fonte de sentido".

O **discurso** é visto como qualquer atividade produtora de efeitos de sentido entre interlocutores, portanto qualquer atividade comunicativa (não apenas no sentido de transmissão de informação, mas também no sentido de interação) e o processo de sua enunciação¹⁶, que é regulado por uma exterioridade sócio-histórica e ideológica que determina as regularidades lingüísticas e seu uso, sua função. Essa mesma exterioridade¹⁷, o sujeito¹⁸ e as regularidades lingüísticas (estas como condição de possibilidade, como condição de base) são as condições de produção da atividade comunicativa, da ação pela linguagem (discurso) que resulta no texto, enquanto unidade complexa de sentido, todo significativo em relação à situação. O sentido tem a ver com a intenção comunicativa e, portanto, com a função dos elementos lingüísticos, entendendo-se função como o papel lingüístico-dicursivo de uma marca formal que é dado pela interpretação dos usuários da língua, ou seja, o papel de uma marca lingüística na constituição e funcionamento discursivo¹⁹ de um texto para o cumprimento de uma intenção comunicativa, de uma finalidade específica.

É preciso que fique claro que a intenção deve ser vista como a possibilidade de atuação do indivíduo, embora, enquanto sujeito da enunciação, ele esteja condicionado sócio-historicamente e não seja a fonte do sentido a não ser enquanto parte das condições de produção. Tal atuação se manifesta na e se faz pela escolha, resultando no estilo (cf. POSSENTI - 1986) e define a possibilidade da existência de diferentes textos, mesmo que sejam "manifestação" ou produto do mesmo processo discursivo. Daí o discursivo ser uma dispersão de textos²⁰. Sem a admissão da intenção tal como definida aqui, ficaria difícil explicar a possibilidade de escolha de recursos lingüísticos

¹⁵ Cf. HALLIDAY e HASAN (1976).

¹⁶ Enunciação entendida como "o acontecimento sócio-histórico da produção do enunciado" (cf. GUIMARÃES 1987:12 e 1989).

¹⁷ Nessa exterioridade entra o contexto que, segundo ORLANDI (1987:12 e 108) inclui tanto os fatores da situação imediata ou situação de enunciação (contexto de situação no sentido escrito) como os fatores do contexto sócio-histórico e ideológico (contexto de situação, no sentido lato).

¹⁸ Sujeito e situação não são tornados como elementos empíricos, mas como formações imaginárias: V. PÊCHEUX (1969:16 e ss.), MAINGUENEAU(1976:143 e ss.) e ORLANDI (1987:158). Sobre **sujeito** V. as colocações de FOUCAULT (1986) sobre "posições de sujeito" ou "lugares sociais" e de PÊCHEUX (1969) sobre "formas sujeito".

¹⁹ O funcionamento discursivo é definido por ORLANDI (1987:115-133, 153 e 231) como "atividade estruturante de um discurso determinado, para um interlocutor determinado, por um falante determinado com finalidades específicas".

²⁰ Cf. MAINGUENEAU (1976 e 1986) para quem o discurso é uma dispersão de textos cujo modo de inscrição histórica permite defini-la como espaço de regularidades enunciativas."

disponíveis em opção paradigmática, o que é um traço nitidamente discursivo desses recursos, enquanto marcas discursivas²¹

Por ser uma atividade comunicativa é que o discurso precisa sedimentar regularidades que se tornam convenção²² a qual permite essa mesma comunicação, impossível sem as regularidades. Essas regularidades aparecem dentro das formações discursivas²³ e são produzidas pelos enunciados²⁴ inter-relacionados e formando um conjunto (campo ou domínio associado) que pode ser equiparado à formação discursiva. Para FOUCAULT (1986) as **regularidades** são ordens, correlações, posições e funcionamentos, transformações que se podem estabelecer entre elementos do discurso ou de uma repartição discursiva. Elas podem ser definidas em diferentes planos: o da própria sociedade, o do conteúdo (ou dos significados) e o da língua em todos os seus estratos e componentes. Como o nosso estudo é lingüístico, interessa-nos não apenas a materialidade do enunciado representada por uma prática sócio- histórica, mas também a materialidade física de sua formulação lingüística que é o domínio de estruturas e de unidades possíveis, cuja forma e sentido ele determina, mas em inter-relação, já que as regularidades lingüísticas retornam ao discurso (re)constituindo-o. Interessa, pois, a materialidade física do enunciado porque falamos de texto, ao buscar, exatamente, regularidades no funcionamento discursivo de elementos lingüísticos (formas e categorias verbais) nos textos do Português. Interessam-nos, assim, as **regularidades lingüístico-discursivas** que são relações entre elementos lingüísticos discursivamente constituídas. A regularidade lingüística é uma "cristalização", uma sedimentação que representa o produto (sócio-histórico) de um processo discursivo caracterizado por sua exposição ao acontecimento da enunciação. O uso de termos como "cristalização", "cristalizar", "sedimentação" pode sugerir uma estaticidade inexistente em regularidades lingüístico-discursivas, pois elas são um produto que não se separa do processo porque se torna condição dele e pode se modificar neste processo, porque a regularidade é resultante do processo sócio-histórico das condições de produção, mas também faz parte dessas condições.

Nessa perspectiva, que inclui a dimensão sócio-histórica, a **língua** será definida como um conjunto de regularidades que se constroem no processo enunciativo, "como

²¹ Sobre **marcas** e **propriedades** do discurso e como elas atuam na caracterização do discurso, através do funcionamento deste, ver ORLANDI (1986:119-121) e ORLANDI (1987:115e ss. e 235-237).

²² V. ORLANDI (1987:97-113).

²³ Sobre formações discursivas ver: FOUCAULT (1986:43,44), ORLANDI (1986:117) e (1988:64).

²⁴ Sobre enunciado ver FOUCAULT (1986:98-99) e GUIMARÃES (1989).

uma dispersão de regularidades lingüísticas constituídas sócio-historicamente"²⁵. O que define as formas lingüísticas é o estabelecimento sócio-histórico das possibilidades de uso discursivo dos elementos da língua daí esta não ser uma estrutura, mas um conjunto (ou antes uma dispersão) de regularidades discursivas.

1.4 - DA INTER-RELAÇÃO ENTRE TEXTO E DISCURSO OU DO DISCURSO AO TEXTO, DO TEXTO AO DISCURSO

Do que dissemos até aqui sobre texto e discurso pode-se depreender que há entre eles uma relação necessária, já que o discurso se realiza em textos e não há texto sem discurso. Buscamos aqui explicitar alguns pontos que nos parecem fundamentais na inter-relação entre texto e discurso. Isto servirá, ainda a dois propósitos: a) evidenciar a possibilidade e a pertinência de uma abordagem textual-discursiva na análise lingüística; b) precisar com mais clareza o lugar teórico de onde lançamos nosso olhar sobre alguns elementos da Língua portuguesa.

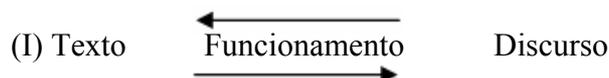
1.4.1 - A (inter) relação entre discurso e texto corresponde aproximadamente à relação entre o discursivo e as diferentes formas de linguagem (língua, pintura, escultura, música, movimentos e posturas corporais, dança, luzes, cores, etc.) em que o texto se constitui. Como este estudo é lingüístico, interessa a relação entre discursivo e lingüístico, entre discurso e língua.

O lingüístico e o discursivo são distintos mas há uma passagem entre eles e a fronteira que os separa é constantemente colocada em causa em toda prática discursiva pela noção de funcionamento discursivo, que faz com que o lingüístico e o discursivo se comuniquem no lugar em que o lingüístico e o sócio-histórico se articulam²⁶. Portanto, a relação entre discurso e língua se faz pela noção de regularidade.

Há entre o discursivo e o lingüístico uma relação dialética, em que um não é predominante sobre o outro, porque, na verdade, eles são interdependentes porque se determinam mutuamente. Se por um lado, como coloca FOUCAULT (1986: cap.2, parte III), é o modo de existência do enunciado no discurso, dentro das formações discursivas, que faz com que as regras de formação, frases, palavras, etc. sejam como são, ou seja, é o modo de existência do enunciado que determina a forma (para nós o

²⁵ V. GUIMARÃES (1987: Capítulo 1) e GUIMARÃES (1989:76).

discursivo determina o lingüístico) e seus sentidos, valores, funções, usos possíveis, estabelecendo as regularidades lingüísticas; por outro lado vimos que estas entram no processo discursivo como condição de base, de possibilidade dentro das condições de produção do discurso. Como diz ORLANDI (1987: 162) "aquilo que é processo discursivo sedimentado - logo, produto - se faz processo de interlocução e assim indefinidamente. Há um movimento contínuo entre produto e processo". Temos, assim, que discurso e texto se determinam mutuamente o que torna "possível procurar no texto o que faz com que ele funcione, e é essa sua qualidade discursiva; paralelamente e no texto, na sua materialidade específica (seus traços) que se constitui a discursividade"²⁷. É por isso que se pode dizer que o funcionamento é que rompe a barreira entre texto e discurso e os interliga, fazendo com que eles se inter-relacionem, se interdeterminem, se interconstituam, o que pode ser representado esquematicamente como em (I) abaixo:



Na inter-relação entre discurso e texto é fundamental a questão da significação, do sentido. O texto é uma unidade (complexa) de significação e o texto todo enquanto unidade de significação seria um exemplar de um discurso²⁸. As formulações lingüísticas (unidades, construções, seqüências, etc.) podem ter valores diferentes de acordo com o funcionamento discursivo²⁹, (que é onde as coisas podem ser realmente definidas) porque têm a ver com formações discursivas diferentes e com os enunciados que as constituem³⁰. Os enunciados inter-relacionados em uma formação discursiva é que determinam os valores por que, como diz FOUCAULT (1986), o enunciado é uma função de existência dos signos a partir da qual se pode decidir se eles (signos) fazem ou não sentido e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação (oral ou escrita). O enunciado é, pois, uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam com conteúdos concretos no tempo e no espaço. Por outro lado, os elementos lingüísticos que compõem a seqüência lingüística da superfície do texto funcionam como marcas que são pistas para calcular o sentido que se instaura na interlocução, referindo o texto, através de seu funcionamento, a uma

²⁶ V. ORLANDI (1987: 110, 118, 162).

²⁷ Cf. ORLANDI (1987: 230).

²⁸ V. ORLANDI (1987: 156).

²⁹ V. PÊCHEUX (1981).

³⁰ ORLANDI (1987: 115-133), falando de "Funcionamento e Discurso" dá exemplos da determinação discursiva das formas e de como estas revelam um funcionamento dentro de uma ou outra formação discursiva.

(ou mais de uma) formação discursiva e, assim, ligando-o a determinado(s) discurso(s). Dessa forma o conjunto de enunciados inter-relacionados da formação discursiva determina que seqüências lingüísticas constituem textos de acordo com um sistema de funcionamento, de modo que um discurso pode aparecer em vários textos cuja análise permite caracterizar o discurso de que esses textos são uma dispersão. A interdeterminação entre texto e discurso se manifesta também nos tipos de texto e discurso, porque, sendo os tipos "cristalizações" de funcionamentos discursivos distintos, eles sobredeterminam o funcionamento discursivo, determinando as marcas lingüísticas que estarão presentes em um texto³¹. Como nos interessam as regularidades lingüísticas, quando elas resultarem de sistemas (tipos) de funcionamento discursivo que caracterizam tipos de texto, nosso estudo se referirá a tais tipos, porque as regularidades terão a ver com eles permitindo caracterizar tipos de discurso.

Ao tentar fazer uma abordagem textual-discursiva do verbo, estamos buscando utilizar a perspectiva de duas abordagens (as da Teoria do Discurso e da Teoria do Texto/Lingüística Textual) para captar e, se possível, explicar aspectos do funcionamento desta classe de palavras que até agora não foram explicitados. É sobre a plausibilidade da utilização conjunta dessas duas perspectivas que falaremos a seguir.

1.4.2 - A articulação de mais de uma teoria para abordar um objeto de estudo de uma perspectiva que se considera mais produtiva, pertinente ou com maior poder explicativo não tem sido novidade. Essas articulações podem se dar entre teorias do mesmo campo ou entre teorias de campos diversos e podem se dar de modos diversos: tomando de empréstimo métodos e técnicas, fundindo teorias, remodelando umas em função de outras ou sob a forma de teorias auxiliares³².

Para ficar apenas no campo dos estudos da linguagem mais ligados à Lingüística e à área em que este trabalho se insere, podemos citar o caso da(s) Teoria(s) do Texto que é (são) fruto da articulação de disciplinas como Lingüística, Filosofia, Sociologia, Psicologia, Teoria da Computação e Informática. A Análise do Discurso tem um quadro epistemológico proposto por PECHEUX (1975)³³ que articula três regiões do conhecimento: a) o materialismo histórico como teoria das formações sociais e suas transformações aí compreendida a teoria da ideologia; b) a Lingüística como teoria ao

³¹ - V. ORLANDI (1987: 130, 131).

³² - Teorias auxiliares no sentido proposto por POSSENTI (1986: cap. 2).

³³ V. ORLANDI (1987: 12 e 108).

mesmo tempo dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação e c) a Teoria do Discurso como teoria da determinação histórica dos processos semânticos. O conceito de enunciação que adotamos em 1.3 foi proposto por GUIMARÃES (1987 e 1989), buscando estabelecer um lugar teórico que pode se valer de conceitos da Análise do Discurso (formação discursiva, condições de produção) e ao mesmo tempo produzir análises de detalhes lingüísticos que podem ser usados pela Análise do Discurso, ou seja, criar uma teoria enunciativa da língua que permita análises lingüísticas de que a Análise do Discurso precisa, mas que achamos podem ser usadas não só por ela. A este respeito são interessantes as considerações que ORLANDI (1988: 65, 66) tece sobre a articulação de diferentes teorias (no caso a Teoria da Enunciação, a sociolingüística e a Análise do Discurso) na consideração dos mesmos dados.

Pensamos que toda teoria institui e/ou evidencia uma formação discursiva que estabelece as condições de existência de enunciados que dão o que se deve e o que se pode ou não dizer como científico. Na busca de novas formulações sobre o verbo propomos articular Teoria do Texto (Lingüística Textual) e Teoria do Discurso. Buscamos estabelecer um ponto de vista uma perspectiva que seja ponto de encontro entre essas duas perspectivas teóricas. Para tal é preciso mostrar que os enunciados que constituem as formações de cada uma podem coexistir com ou sem alterações. Além das inter-relações já apontadas até aqui em função da inter-relação entre texto e discurso, vamos ver mais algumas correlações que evidenciam a possibilidade de coexistência dos enunciados das duas teorias.

A Lingüística Textual e a Teoria do Discurso trabalham com unidades diferentes (respectivamente o texto e o discurso) que, todavia, se equivalem em níveis conceituais diversos³⁴:

a) discurso seria um conceito teórico e metodológico não delimitável, porque não existe um discurso, mas um estado de um processo discursivo;

b) texto seria um conceito analítico e, como objeto empírico, pode ser um objeto acabado (um produto) com começo, meio, fim. Daí sua completude (no sentido visto em 1.2 nota 12) que desapareceria quando referido a suas condições de produção.

"O objeto da explicação e o discurso e a unidade de análise é o texto. E, como há uma relação necessária entre eles, as propriedades detectáveis do texto são aquelas que o constituem enquanto visto na perspectiva do discurso".

³⁴ - Cf. ORLANDI (1987) sobretudo às pp. 111, 158, 159, 229.

Esses dois níveis se relacionam, o que permite estabelecer uma série de paralelismos que facilitam articular as duas teorias. Vejamos alguns desses paralelismos que têm muito a ver com a questão do sentido, cuja veiculação é o objetivo da atividade de linguagem, da atividade de comunicação que constitui o discurso e o texto.

Em primeiro lugar a Teoria do Discurso é a teoria da determinação histórica dos processos semânticos, dos processos de significação, enquanto o estudo da coerência pode ser visto como constituindo uma teoria do sentido do texto, dentro de um ponto de vista de que o usuário da língua tem competência textual e ou comunicativa³⁵.

Para a Teoria do Discurso as condições de produção constituem o sentido do que se diz. Para a Teoria do Texto os processos que operam entre os usuários do texto para o estabelecimento da unidade/continuidade de sentido são não só do tipo lógico mas dependem também de fatores sócio-culturais e interpessoais³⁶. Assim as duas consideram a exterioridade no estabelecimento do sentido, mas enquanto a Teoria do Discurso considera tanto o contexto de situação quanto o contexto sócio-histórico (cf. nota 17, p.25) a Lingüística Textual prioriza o contexto e situação.

Para as duas teorias o sentido se estabelece na interação, na interlocução: a Teoria do Discurso diz que ele é intervalar: não está em nenhum dos interlocutores, mas no "espaço discursivo (intervalo) constituído pelos/nos dois interlocutores" e nem em nenhum dos recortes³⁷ do texto ou na soma deles, mas na unidade que os organiza³⁸. Já a Lingüística Textual diz que a coerência, que é a possibilidade de estabelecer uma unidade de sentido para uma seqüência lingüística, constituindo-a em texto, está no processo que coloca texto e usuários em relação numa situação dada³⁹.

O discurso pode ser tematizado em uma frase de base⁴⁰ que representa para o discurso o que a macroproposição (que dá a macroestrutura) representa para o texto. A macroestrutura dada pela macroproposição refere-se a apenas um texto, enquanto a frase de base pode ser aplicada a todos os textos que constituem a dispersão que representa o discurso em questão.

No discurso tem-se os enunciados na formação discursiva que determinam o que se deve e o que se pode ou não dizer. No texto tem-se as seqüências ou formulações

³⁵ - Cf. KOCH e TRAVAGLIA (1989: 13 e 104).

³⁶ - Cf. KOCH e TRAVAGLIA (1990: 25). ³⁷ - V. MARCUSHI (1988: 29, 30), quando coloca o domínio da língua e das condições contextuais de produção como condições da comunicação bem sucedida.

³⁷ - Recorte: unidade discursiva que é um fragmento correlacionado de linguagem e situação (V. ORLANDI - 1987: 139).

³⁸ - V. ORLANDI (1987: 160).

³⁹ - V. KOCH e TRAVAGLIA (1989: 37-40).

⁴⁰ - V. exemplo em TRAVAGLIA (1987 a).

lingüísticas com o seu sentido que constituem o que é dito. Para os dois (discurso e texto) temos em cada teoria conceitos de boa formação paralelos: no discurso há boa formação quando o conjunto de enunciados de uma formação discursiva atende à(s) mesma(s) regra(s) de formação (condições a que estão submetidos); no texto há boa formação quando o sentido de todas as seqüências lingüísticas "(a) tendem" à mesma unidade de sentido para o todo⁴¹.

Nas duas teorias o lingüístico (regularidades e coesão) é definido de forma bem próxima e tem fontes semelhantes: o componente do sentido (enunciado e coerência). No discurso, os enunciados das formações discursivas é que definem como vai ser o formal, ou seja, as regularidades lingüísticas (relações entre elementos lingüísticos discursivamente constituídas); no texto, a coerência e seus fatores é que "determinam", em última instância, os elementos de coesão presentes. Observa-se, pois, um paralelismo entre os dois níveis conceituais.

A partir do que foi dito até aqui, pode-se propor que os processos de significação:

a) constituem e regularizam as formas de expressão (o lingüístico) na medida em que elas fazem parte desses processos de significação como condição de base, como condição de possibilidade;

b) regulam a escolha de quais formas de expressão vão constituir o texto e de que modo, obedecendo às regularidades na produção do texto. Uma vez constituído o texto ele é processado cognitivamente para ser compreendido, levando em conta todas as condições de produção e o estado cognitivo⁴².

Para alguns a questão da cognição pode parecer um problema na articulação proposta entre a Teoria do Texto e a do Discurso. Não nos parece ser assim, uma vez que para nós o objetivo de tal articulação é o estudo de regularidades lingüísticas e de como elas atuam na constituição do texto, no estabelecimento da textualidade através/no interior dos fenômenos da coesão e coerência. Assim, estamos buscando articular mais especificamente a Lingüística Textual (no sentido estrito proposto em 1.2) dentro da Teoria do Texto (também no sentido proposto em 1.2) com a Teoria do Discurso. Além disso, há uma diferença entre fazer uma teoria que explica e/ou representa o fato

⁴¹ Cf. KOCH e TRAVAGLIA (1990: 31-35).

⁴² VAN DIJK (1980: 87, 88) chama de estado cognitivo o conjunto de fatores que além do conhecimento de mundo afetam o processamento cognitivo e a compreensão: nossos desejos, interesses, necessidades (incluindo os objetivos, preferências), bem como nossos valores e normas.

lingüístico e dizer como os usuários processam os recursos da língua para dizer e entender o que é dito (comunicar-se). Assim, ao teorizar, importa lembrar que temos "estruturas" abstratas e estratégias para usá-las e que as duas coisas são diferentes⁴³. 44 A teoria da cognição aborda os processos cognitivos usados na produção e compreensão do texto e com isso diz como regularidades da língua são utilizadas, processadas pelos usuários em sua mente (estratégias). Dessa forma, pode-se considerar a teoria da cognição como uma teoria auxiliar à teoria lingüística. Auxiliar no sentido proposto por POSSENTI (1986: capítulo 2) e que pode ser tomada como tal por se referir a um campo "não-lingüístico" e compatível com a teoria lingüística. Portanto a teoria da cognição presente na Teoria do Texto (no sentido de 1.2) não representa um problema para a articulação entre Teoria do Discurso e Lingüística Textual (também no sentido de 1.2), porque temos algo como o especificado em (II) abaixo.

| | | |
|------|---------------------|---|
| (II) | Teoria do Discurso | →explica as regularidades |
| | Lingüística Textual | →identifica as regularidades |
| | Teoria da Cognição | →diz como as regularidades são processadas pelo usuário na produção e compreensão do texto |

Na relação entre cognição e linguagem pode-se ainda discutir como uma constitui a outra, como a cognição interfere ou atua no lingüístico e como a língua interfere ou atua na cognição. Todavia não é esse o objeto de nosso estudo e não vamos entrar nessa questão. Para nós as regularidades lingüísticas se estabelecem sócio-historicamente, discursivamente e a cognição tem a ver com as estratégias de processamento na mente dessas regularidades que parecem ter um papel de deflagradoras e organizadoras da cognição. Esta, pelo exposto, não constitui um problema na instauração de uma abordagem textual-discursiva dos fatos da língua.

Finalizando a questão da relação entre texto e discurso e da possibilidade de articulação da Teoria do Texto com a Teoria do Discurso, gostaríamos de dizer que é possível demonstrar que os fatores de coerência (que atuam no estabelecimento do sentido de uma seqüência lingüística, dando-lhe textualidade, ou seja, constituindo-a em

⁴³ Cf. VAN DIJK (1980: capítulo 4), (1987: 12, 13) e (1990).

texto) remetem todos ao funcionamento discursivo da língua. Portanto podemos dizer que a **textualidade**, normalmente definida de maneira nebulosa como o que faz de uma seqüência lingüística um texto, é a própria condição discursiva da seqüência lingüística, fruto do uso significativo da língua. Uma seqüência lingüística só é texto porque está referida a um discurso. Assim não há texto(s) sem discurso e não há discurso sem texto(s).

1.4.3 - Acreditamos que tudo o que foi dito neste capítulo evidencia, através da definição do que entendemos por texto e discurso e de como vemos a inter-relação entre eles, a possibilidade e a validade da articulação da Lingüística Textual e da Teoria do Discurso para configurar um lugar de análise de fatos da língua em uma abordagem ou perspectiva textual-discursiva. Na verdade, pelo que propusemos, parece-nos impossível ou pelo menos muito difícil imaginar abordagens que sejam só textuais só discursivas⁴⁴. Se elas existiram, parece-nos que ou representam um momento, uma etapa, um passo no caminhar da pesquisa e da teoria lingüísticas. Na verdade, acreditamos que nossa proposição apenas textualiza um momento discursivo dentro de uma área da pesquisa e da teoria lingüísticas que se faz imperativo.

⁴⁴ - Parece ser exatamente isto que GUIMARÃES (1986:75) afirma ao dizer que "não posso conceber a abordagem textual senão numa perspectiva discursiva".

CAPÍTULO 2

TIPOLOGIA DO DISCURSO E DO TEXTO

2.1 - PRELIMINARES

O estudo das regularidades constitutivas da língua tem que se relacionar necessariamente com a questão da tipologia de texto e discurso, já que tais regularidades resultam ou são sedimentações de sistemas de funcionamento discursivo, que, quando distintos, caracterizam tipos (de discurso e conseqüentemente de textos) que sobredeterminam as marcas representadas pelos recursos lingüísticos. Se um texto é de certo tipo porque há certa correlação entre uma propriedade configurada por condições de produção e certas marcas⁴⁵, nosso estudo teria que tratar as marcas verbais (representadas por formas e categorias do verbo) em sua correlação com certos tipos e portanto com certas propriedades.

Dessa forma, a partir de tipologias existentes, propusemos tipologias que se adequassem aos objetivos de nossa análise de realizar um estudo lingüístico do funcionamento textual-discursivo do verbo. Como o texto se organiza segundo configurações próprias de tipos de discursos diversos, tivemos que determinar e selecionar que tipos eram mais pertinentes para nosso tipo de estudo.

Este capítulo contém os elementos de tipologia que foram considerados em nossa pesquisa mais como meios, como instrumentos utilizados na análise do que como objeto dela. Todavia, em conseqüência da relação indissolúvel existente entre regularidades de uso dos recursos lingüísticos e tipologia no funcionamento discursivo, nosso estudo traz contribuições ao estudo dos tipos que usamos na pesquisa. Além disso, as considerações tipológicas feitas aqui contam algumas inovações em relação aos estudos tipológicos existentes, inovações estas que podem representar subsídios para a construção de uma teoria tipológica de discurso e texto.

A seguir, expomos os elementos de tipologia que nos pareceram necessários para nosso estudo.

2.2 - SOBRE TIPOLOGIA

⁴⁵ Cf. GUIMARÃES (1986: 78 e 85).

Adotamos a concepção de tipologia proposta por ORLANDI (1987)⁴⁶, segundo a qual, tendo em vista que a substância da língua é o fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação, cada tipo instaura uma forma de interação, um modo de relação entre os interlocutores⁴⁷. O **tipo** seria, pois, um modo de ação, um modo ou forma de interação tipo de interlocução⁴⁸. A relação de interlocução define funcionamentos (processos) que são distintos, conforme as relações sejam diferentes. Esses funcionamentos se sedimentam historicamente, se "cristalizam", constituindo os tipos (produtos) que entram no processo como parte das condições de base do discurso, como uma forma de regularidade sob dois aspectos, enquanto modelo e enquanto atividade, o que é um dos fatores que faz a importância das tipologias⁴⁹. Como parte das condições de produção do discurso os tipos determinam (sobredeterminam) as marcas atuando sobre seus componentes, funções e sentido⁵⁰. Portanto o ato de dizer é sempre tipificante estabelecendo uma configuração para o discurso, uma vez que só se diz através de um funcionamento discursivo e este só ocorre numa relação de interlocução⁵¹. As relações sendo diferentes temos diferentes espécies de discursos e de textos.

Para um texto ser de um certo tipo é preciso haver uma correlação entre uma propriedade e certas marcas. .Todavia é preciso lembrar que um tipo de discurso não se caracteriza apenas por traços formais no texto e que um traço ou marca raramente é exclusivo de um tipo de discurso⁵². Assim para caracterizar um discurso é preciso levantar marcas formais e referi-las, correlacioná-las a determinadas(s) propriedades(s) discursiva(s)⁵³, mostrando dessa forma o modo como a marca aparece em relação às condições de produção, como ela funciona na interlocução.

A correlação propriedade(s)/marcas que caracteriza o funcionamento dessas marcas em um dado tipo na escolha temática, no modo de enunciação, no modo de interação permite reconhecer as regularidades. Assim, o tipo remete à formação

⁴⁶ V. ORLANDI (1987: 149-175 e 217-238).

⁴⁷ A idéia de que o tipo de relação de interlocução é básica para a tipologia aparece também em WEINRICH (1968), quando propõe a existência das duas atitudes comunicativas básicas: comentadora e narradora. Lembre-se que o discurso é uma atividade comunicativa.

⁴⁸ Cf. também GUIMARÃES (1986: 75, 76).

⁴⁹ Cf. ORLANDI (1987: 231).

⁵⁰ Sobre a relação dos tipos com o sentido, os efeitos de sentido é interessante ver GUIMARÃES (1986:78 e 85) e ORLANDI (1987:121, 163, 170-174).

⁵¹ Cf. ORLANDI (1987:153 e 231).

⁵² ORLANDI(1987:235) exemplifica este fato.

⁵³ Sobre marcas e propriedades V. ORLANDI (1987: 131, 235, 236).

discursiva porque há um conjunto sistemático de determinações, ou seja, a formação discursiva é o lugar em que as diferenças entre os tipos são sistemáticas.

Os tipos são um modo de (inter)ação equivalente a um ato de linguagem por instaurar uma forma de interação. Portanto, o ato a que o texto como um todo equivale não deve ser entendido no mesmo sentido com que se fala em ato de linguagem, em ato de fala no nível da frase⁵⁴.

Para se propor uma tipologia precisamos de critérios. Estes são categorizações heterogêneas que, aplicadas sobre os textos, permitem elaborar as tipologias que seriam da ordem do discurso, representando, portanto, uma construção teórica⁵⁵.⁵⁶ A passagem entre texto e discurso seria permitida pelo funcionamento, como vimos, de modo que as tipologias de discurso e texto são inextricavelmente interligadas já que texto e discurso não existem um sem o outro.

Os critérios revelam a concepção de linguagem e de discurso que se adota, bem como o tipo de contexto que se está considerando (de situação de enunciação, sócio-histórico ou ambos). O uso de diferentes critérios levou, até o momento, a proposição de uma variedade de tipologias para atender a determinados objetivos de análise; sem, no entanto articulá-las de modo a constituir uma teoria tipológica que as relacione, organize, hierarquize, etc., de modo geral, global. Apesar disso, dada a condição de pluralidade dos discursos, a tipologia é a condição, a possibilidade de particularização, de singularização dos mesmos. Assim, quando se fala em "um discurso" está-se referindo a um tipo de discurso.

Um rol bastante extenso de classificações tipológicas e seus critérios pode ser visto em KOCH e FÁVERO (1987) e ORLANDI (1987: 217-258). VANDIJK (1990), quando fala de tipos teóricos e tipos naturais de discursos e textos, lembra que as possibilidades tipológicas só têm o limite de nossa capacidade de estabelecer critérios. Assim, os tipos teóricos são aqueles que têm a possibilidade de existir de acordo com qualquer critério que se possa estabelecer e seu conjunto é infinito. Todavia, culturalmente, eles se reduzem aos tipos naturais que são aqueles que realmente existem numa cultura, são empíricos, têm uso cotidiano, que podem ser reconhecidos e interpretados pelos usuários.

Com tantas tipologias fica difícil não haver articulações, cruzamentos entre elas, entre os tipos que as constituem. Daí normalmente se dizer que os tipos não são puros

⁵⁴ V. ORLANDI (1987: 156, 157 e 172).

⁵⁵ Cf. ORLANDI (1987: 228, 230, 254).

ou que raramente o são. Observando que, normalmente, quando se fala de não pureza tipológica, se faz referência a textos e considerando que: a) os textos podem ser formados de enunciados de discursos diferentes, ou seja, podem se organizar e quase sempre se organizam segundo configurações próprias de tipos diversos de discurso; b) que o discurso é uma unidade do plano conceitual teórico; mostrou-se pertinente e produtivo, em termos de metodologia explicativa e descritiva dos fatos, em função da análise que se pretenda, propor que os tipos de discurso são puros e que os textos raramente são puros em termos de tipos por se organizarem quase sempre a partir do cruzamento, da articulação de vários discursos (vale dizer, vários tipos de discurso) que podem ser isolados para efeito de análise.

No texto os discursos se articulam de diferentes modos: o texto todo pode ser de um tipo, as seqüências podem se alternar, um tipo pode ser usado em função do outro ou eles podem se combinar⁵⁶. Pode haver entre os tipos relações de aliança, inclusão, conflito, determinação ou outras detectáveis pela análise do funcionamento discursivo⁵⁷. Essas relações se dão entre os discursos no texto que se afirmará ser de um tipo com base numa relação de dominância. Portanto o tipo de um texto se define não por uma relação absoluta entre um tipo de discurso e um tipo de texto, mas por uma relação de **dominância** de um tipo sobre os demais tipos presentes no texto. Assim, por exemplo, um romance é classificado como um texto narrativo, porque este tipo de discurso estabelece uma dominância sobre os outros que aparecem ou podem aparecer no romance: o descritivo na apresentação de personagens e cenários em função da ação da história e o dissertativo em explicações e avaliações da mesma ação.

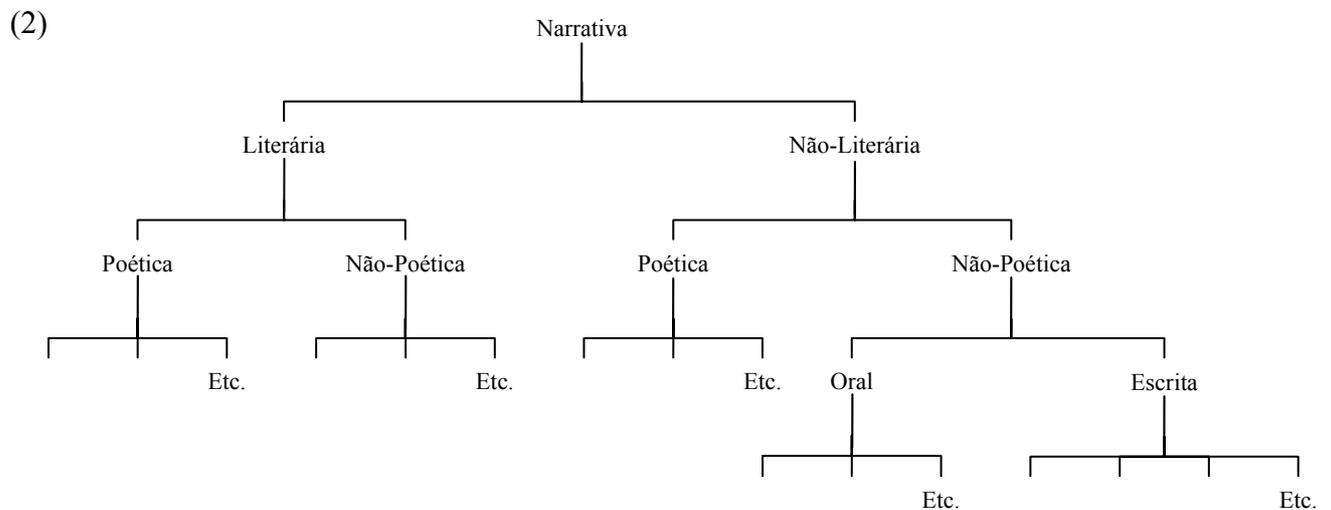
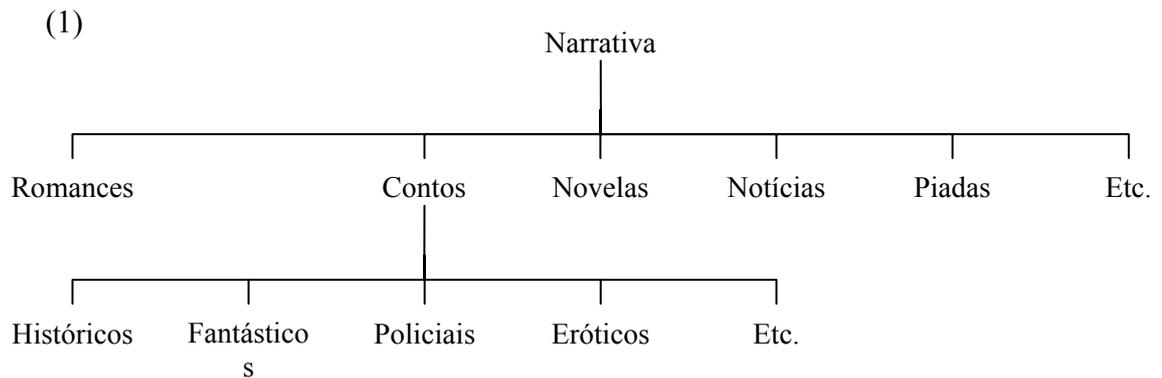
Concordamos com ORLANDI (1987: 155 e 232) quando postula que "cada tipo de discurso não se define em sua **essência**, mas como **tendência**" para uma propriedade. Assim pode-se dizer que um tipo de discurso não é puro de uma forma diferente do texto, porque apenas tende para uma propriedade, enquanto o texto não é puro porque tende para um tipo de discurso mas contém elementos de outro(s). Não há, pois, uma relação absoluta porque a tendência cria uma dominância. Esta não é definida em termos de quantidade, mas de tendência em função de uma intenção ou finalidade comunicativa que dá o modo de interação. Assim, por exemplo, os contos são consensualmente classificados como textos narrativos, mas em certos contos (como

⁵⁶ Em ORLANDI (1987:156) pode-se ver exemplo de combinação, bem como em NEIS (1984:79 - item 4.2).

⁵⁷ Cf. ORLANDI (1987:231, 232).

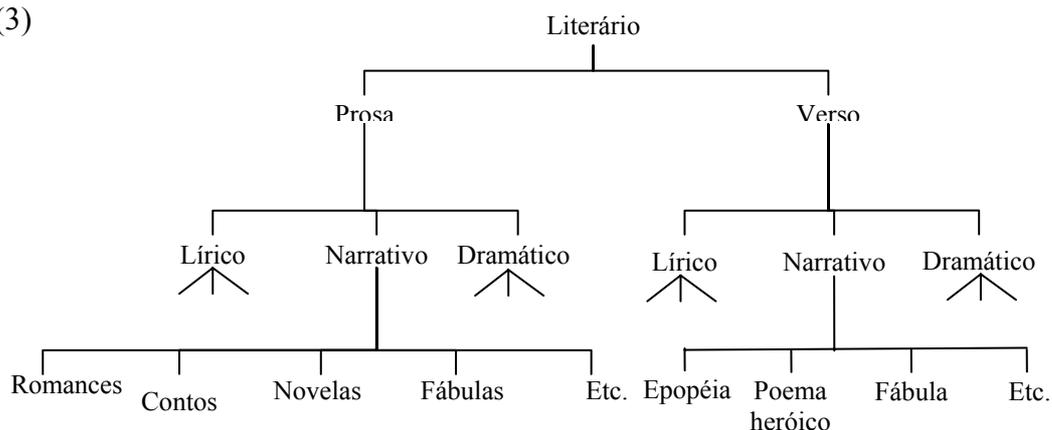
alguns de Clarice Lispector) a descrição e o comentário dissertativo ocupam mais espaço que a narração em si.

Não se deve entender **dominância** aqui em termos de hierarquias que podem ser estabelecidas em uma teoria tipológica. Essa hierarquia parece ser possível entre tipos e subtipos de uma mesma tipologia, como em (1), ou entre tipos de tipologias diversas, como em (2).



Hierarquias como as de (1) parecem ser mais estáveis, por dependerem de critérios de classificação mais ligados a características do texto, enquanto hierarquias como a de (2) parecem ser mais sujeitas a variação porque são construídas em função do objetivo da análise. Se o objetivo fosse estudar narrativas, poderíamos ter uma hierarquia como a de (2), mas se o objetivo fosse analisar textos literários já poderíamos ter algo como (3).

(3)



Não havendo uma essência que define o tipo, o estudo dos tipos não pode se desvincular da sua relação com o funcionamento discursivo. Assim os tipos não se distinguem de forma estanque, o que permite o **intercâmbio** de tipos que pode ser definido como o uso de um tipo onde se podia ou devia esperar outro, ou seja, o uso de um tipo pelo outro, para cumprir um papel que seria próprio do outro ou criar certos efeitos⁵⁸. Em nosso estudo encontramos, por exemplo, a narração usada para descrever, como no caso do texto "Duque de Caxias" (texto n.º. 34)⁵⁹; e a narração usada para o comentário dissertativo, como no segundo parágrafo do texto "Papel da imprensa e o valor da vida" (n.º. 76), inserido na reportagem "Seqüestradores fogem para o Paraná e são cercados" (V. anexo, p. 106, depois do texto n.º. 76).

Uma vez que o tipo é uma atividade estruturante e que, portanto, as regularidades são sedimentadas dentro de tipos, que as (sobre) determinam, a tipologia é necessária e importante por duas funções metodológicas fundamentais⁶⁰. A primeira delas é a de possibilitar a sistematização. Funcionando como um princípio organizador, a tipologia permite generalizar características, agrupar propriedades e distinguir classes tendo para os discursos e textos uma função classificatória que se emparelha metodologicamente à função que têm as categorias em outras análises lingüísticas. A segunda, ligada à primeira, é a de permitir a análise. Estando entre as condições de produção do discurso e dos textos enquanto modelo e atividade, a tipologia se torna

⁵⁸ 59 - ORLANDI (1987: 235) fala da possibilidade de uso de um discurso pelo outro e em ORLANDI (1988: 56, 57) tem-se exemplos.

⁵⁹ 60 - No corpo da tese, os textos citados serão sempre identificados pelo seu número no anexo, onde eles aparecem numerados de 01 a 91, facilitando, assim, a referência e a localização dos mesmos.

⁶⁰ 61 - Cf. ORLANDI (1987: 152-157 e 217-238).

condição necessária da análise, porque "faz parte das condições de produção da análise que é vista como um discurso, ou melhor, como uma leitura que se constitui em determinadas condições". Portanto o uso de uma tipologia direciona a análise e, por isso, a escolha da tipologia a ser usada deve ser determinada sobretudo por dois fatores: o objetivo da análise e sua relação com a natureza do texto. Ou seja, o que conta no estabelecimento e aplicação de uma tipologia é o objetivo da análise em relação à natureza do texto⁶¹.

Atestada a importância e a necessidade das tipologias para os estudos textuais-discursivos é preciso ter certos cuidados na sua aplicação e interpretação. Em primeiro lugar, se a tipologia é usada por permitir sistematizações e, se se busca generalizações, é preciso evitar a possibilidade de se estabelecer tipos e subtipos até que cada texto e/ou discurso seja de um tipo particular. Em segundo lugar é preciso manter flexibilidade na aplicação e interpretação de qualquer tipologia. Na aplicação, porque esta é regulada pelos objetivos da análise em relação à natureza do(s) texto(s) a ser (em) analisado(s). Na interpretação, porque, como vimos, a relação entre marca e tipo não é automática, tendo os resultados de aplicação de ser referidos às condições de produção do(s) texto(s) analisado(s)⁶².

2.3 - TIPOLOGIAS UTILIZADAS

2.3.1 - Tendo exposto, em 2.2, alguns pontos básicos e gerais sobre tipologia, buscamos expor agora as tipologias utilizadas que, apesar de baseadas em tipologias existentes, diferem delas em vários aspectos.

Já dissemos que nosso estudo é mais voltado para o lingüístico. Com isso queremos significar que o foco da análise estará voltado menos à descrição de regularidades pragmático-ideológicas da estruturação do discurso em textos e mais às regularidades tal como definidas em 1.3: elementos lingüísticos e relações entre eles sedimentados sócio-historicamente no processo discursivo. Assim sendo, estaremos concentrados mais nas "formas e modelos lingüísticos até certo ponto previsíveis e descritíveis, mais ou menos consagrados e mais ou menos adequados ao contexto

⁶¹ Cf. ORLANDI (1987: 152, 219, 220 e 234). Sobre a importância da tipologia para a análise V. WEINRICH (1968: 391).

⁶² Cf. ORLANDI (1987: 228, 233-235).

enunciativo e à intenção dos falantes"⁶³, ou seja, aos recursos da convenção lingüística de que o discurso se vale para se estruturar em textos, sem esquecer o caráter dinâmico desses recursos e sua relação com as condições de produção dos textos, ou seja, as diferentes situações pragmáticas de comunicação (ou contextos de enunciação) e os diferentes contextos sócio-históricos em que eles podem funcionar e as diferentes funções que a linguagem pode assumir.

Assim, face aos objetivos da análise, a tipologia escolhida é aquela que permite ver com mais clareza a relação estreita que há entre o modo de enunciação⁶⁴, o tipo de texto e os recursos lingüísticos empregados, por ser construída (a tipologia) com base nas marcas lingüísticas e no modo de enunciação, o que, como vimos, permite a análise de detalhes lingüísticos numa visão necessariamente discursiva.

2.3.2 - Em nosso estudo se entrecruzam três tipologias a saber.

- 1) descrição, dissertação, injunção e narração;
- 2) discurso da transformação e discurso da cumplicidade;
- 3) peditivo e não-peditivo.

A primeira delas é a fundamental e as outras duas são usadas para explicar certos usos dos recursos lingüísticos.

Essas tipologias são da ordem do discurso, ou seja, representam uma construção teórica e são feitas pela aplicação de critérios a textos. A estes, já dissemos, aplicam-se as mesmas tipologias em termos de dominância e a passagem entre tipos de discurso e de textos é feita pelo funcionamento.

2.3.3 - Tipologia 1: descrição, dissertação, injunção e narração

Falemos inicialmente das distinções básicas entre os quatro tipos para depois apresentar algumas particularidades de cada um.

Se o tipo se caracteriza como um modo ou forma de ação, de interação, um tipo de interlocução; qual o tipo de relação que instaura esta tipologia como um tipo de funcionamento discursivo?

⁶³ NEIS (1984: 72).

⁶⁴ Enunciação tal como definida em 1.3 - nota 16.

Em relação ao referente, ao objeto do dizer, ao assunto, para cada um dos tipos tem-se um modo de enunciação considerando-se que o processo de enunciação "é uma atualização temporal e espacial do locutor em seu discurso"⁶⁵ - dado pela perspectiva em que o enunciador/locutor se coloca:

- a) na descrição, enunciador na perspectiva do espaço em seu conhecer;
- b) na narração, enunciador na perspectiva do tempo⁶⁶;
- c) na dissertação, enunciador na perspectiva do conhecer, abstraindo-se do tempo e do espaço;
- d) na injunção, enunciador na perspectiva do fazer posterior ao tempo da enunciação.

Cada um desses modos de enunciação estabelece um objetivo da enunciação, uma atitude do enunciador em relação ao objeto do dizer:

- a) na descrição, o que se quer é caracterizar, dizer como é;
- b) na narração, o que se quer é contar, dizer os fatos, os acontecimentos⁶⁷;
- c) na dissertação busca-se o refletir, o explicar o avaliar, o conceituar, expor idéias para dar a conhecer, para fazer saber, associando-se à análise e à síntese de representações;
- d) na injunção, diz-se a ação requerida, desejada diz-se o que e/ou como fazer; incita-se à realização de uma situação⁶⁸.

Com isso a descrição instaura o interlocutor como o "voyeur" do espetáculo⁶⁹; a narração o instaura como o assistente, "o espectador não participante"⁷⁰; a dissertação, como ser pensante, que raciocina e a injunção, como aquele que realiza aquilo que se requer, ou se determina seja feito, aquilo que se deseja que seja feito ou aconteça.

Em nossa pesquisa sobre o funcionamento textual-discursivo do verbo, observamos que, em relação ao tempo referencial⁷¹, a descrição e a dissertação se

⁶⁵ V. ORLANDI (1988: 47)

⁶⁶ Sobre a perspectiva na descrição e narração ver ORLANDI (1988: 48), NEIS (1984: 73) quando cita WERLICH (1975) e NEIS (1986: 54) quando cita GENETTE (1966).

⁶⁷ Aqui usamos os termos fatos e acontecimentos não no sentido especificado no capítulo 3, mas no sentido corrente de episódio, caso, ação em sua ocorrência.

⁶⁸ Por situação entendemos todos os tipos de processos indicados pelo verbo ou não: ações, fatos, fenômenos, estados; eventos, etc. . V. sobre tipos de situações o capítulo 3 e também TRAVAGLIA (1981).

⁶⁹ V. ORLANDI (1988: 48) e NEIS (1986: 54).

⁷⁰ V. WEINRICH (1968: 77).

⁷¹ Na parte 3, ao falarmos de seqüenciamento e ordenação, distinguimos entre três tipos de tempo: a) o referencial ou o tempo de ocorrência no mundo real em sua sucessão cronológica; b) o de enunciação ou o momento da produção do

caracterizam pela simultaneidade das situações, a narração pela não simultaneidade e a injunção pela indiferença à simultaneidade ou não das situações. Em relação ao tempo da enunciação observamos que na descrição, dissertação e narração pode haver ou não coincidência entre o tempo da enunciação e o referencial⁷², podendo o da enunciação ser posterior, simultâneo ou anterior; já na injunção não há simultaneidade, sendo o tempo da enunciação sempre anterior. Embora haja as três possibilidades para narração, descrição e dissertação, observa-se que, na narração, é mais comum o tempo da enunciação ser posterior, menos frequentemente simultâneo e mais raramente anterior⁷³ 74, na descrição ele é mais frequentemente posterior e simultâneo e mais raramente anterior e na dissertação é quase sempre simultâneo e raramente anterior ou posterior.

Conforme o tempo da enunciação seja posterior, simultâneo ou anterior, teremos descrições, narrações e dissertações respectivamente passadas, presentes e futuras. A injunção é sempre futura, mas parece haver uma distinção entre um futuro de execução imediata e um de execução não imediata.

Esses elementos são importantes para os efeitos de sentido que cada tipo possibilita não só em si, mas também quando utilizado por um outro, no intercâmbio de tipos.

Também observamos em nossa pesquisa que narração e injunção são essencialmente discursos do fazer (ações) e do acontecer (fatos, fenômenos)⁷⁴, enquanto descrição e dissertação não são essencialmente discursos do fazer e do acontecer e, embora possam conter ações, fatos, fenômenos, estes não as caracterizam, podendo ser apenas o que deve ser caracterizado (descrição) ou conhecido (dissertação). Pode-se pois afirmar que a descrição é essencialmente o discurso do ser e do estar, e que a dissertação é o discurso do ser.

Em nossa pesquisa trabalhamos separadamente com a descrição de ações, que chamamos de dinâmica, em contraposição à descrição de seres, coisas, paisagens, etc.,

texto que pode ou não coincidir com o referencial e c) o do texto que é o momento em que um trecho de seqüência lingüística total é dito em relação aos demais trechos. NEIS (1984: 74, 75) fala nestes três tipos de tempo para a narração. Estas distinções se relacionam diretamente com a proposta de SCHIFFRIN (1987) e têm origem nas proposições de REICHENBACH (1947).

⁷² V. o que diz NEIS (1984: 74) ao falar sobre o tempo da instância narrativa.

⁷³ A possibilidade da narração futura aparece também em WEINRICH (1968: 392) ao comentar sobre a língua africana Chambala e em NEIS (1984: 74).

⁷⁴ 75 - Veja tipos de verbos e situações no capítulo 3.

que chamamos de estática⁷⁵. Utilizamos também a descrição passada e presente (as mais freqüentes) o que deu quatro tipos distintos de descrição. Quanto à narração trabalhamos com as mais freqüentes: a passada e a presente. No que diz respeito à dissertação trabalhamos apenas com a presente. No anexo há exemplos de passado, presente e futuro para os três tipos: a) descrição presente (textos de nºs 10 a 14 e 24 a 33); b) descrição passada (textos de nºs 4 a 9, 15 a 23 e 35); c) descrição futura (trechos dos textos nºs 77 e 80); d) narração passada (textos de nºs 56 a 62, 68, 70, 71-A, 72-A, 74 e 75); e) narração presente (textos de nºs 64 a 67 e 71-B); f) narração futura (textos de nºs 71-C, 72-B, trechos de 77 e 83, 78, 81 a 86); g) dissertação presente (textos de nºs 36, 37, 40 e 42 a 45); h) dissertação passada (textos de nºs 38 e 39) e i) dissertação futura (texto nº. 79 e trechos de 41 e 80).

Descrição e dissertação são tipos que talvez pudessem ser reunidos em um só, como fez WEINRICH (1968) ao propor o comentário, que englobaria descrições e dissertações presentes. Essa junção seria possível porque, na descrição como na dissertação, a perspectiva do enunciador é a do conhecer, mas é um conhecer distinto, porque o da descrição é um conhecer da perspectiva do espaço, que diz como é, portanto um conhecer visual, sensorial; enquanto o conhecer da dissertação é um conhecer conceitual, que diz o que é, envolvendo a reflexão e o raciocínio, portanto a razão e não a sensação, a percepção⁷⁶. Pode-se dizer que na descrição o conhecimento é mais concreto e na dissertação, é mais abstrato, porque modelizado e sempre genérico. Todavia, apesar da possibilidade de junção, julgamos melhor mantê-las como dois tipos distintos, por causa das diferenças acima e propriedades já vistas e porque, em nossa pesquisa, encontramos marcas que as distinguem e que serão expostas oportunamente.

Achamos também problemático porque faz WEINRICH (1968) com a descrição, que fica como subtipo da narração ou do comentário, conforme seja passada (no pretérito imperfeito do indicativo) ou presente (no presente do indicativo) apenas em função do que ele chama de tempos verbais. A descrição tem propriedades que se relacionam a marcas (V. capítulos da parte 3 e estudos sobre tipologia citados no parágrafo seguinte) , que recomendam sua postulação como um tipo autônomo, mesmo

⁷⁵ 76 - Normalmente as descrições estáticas são chamadas, na literatura sobre o assunto, de retratos. Às vezes este nome se reserva apenas à descrição física de pessoas.

⁷⁶ 77 - Sensação: "processo sensorial consciente correlacionado com um processo fisiológico, e que proporciona ao homem e aos animais superiores o conhecimento do mundo externo". Percepção: "ato, efeito ou faculdade de perceber, adquirir conhecimento de, por meio dos sentidos." (FERREIRA - 1975).

quando aparece combinado a outros. Assim, por exemplo, veremos que a ocorrência de descrição em textos de outros tipos (narrativos e injuntivos) se relaciona diretamente a questões de superestrutura, como mostramos no capítulo 6.

Não vamos aqui elencar outros possíveis tipos de descrição, narração, dissertação ou injunção, cuja distinção não foi necessária para os fins da pesquisa. Também não vamos tratar aqui das superestruturas de cada tipo, pois achamos melhor falar delas no capítulo 6, quando falamos da relação entre superestrutura e formas e categorias verbais. Também achamos desnecessário reportar aqui características da dimensão lingüística de superfície, que são marcas relacionadas com as propriedades acima, porque tais marcas aparecem em obras como ADAM (1987), ANDRÉ (1978), KOCH e FÁVERO (1987), MARQUESI (1990), (1972), NEIS (1984 e 1986), OLIVEIRA (1965), ORLANDI (1988) MATTOS e SIQUEIRA (1986) entre outros, além das obras a que remetem. Sobretudo nos capítulos da parte 3, serão apresentadas as marcas relativas ao verbo que encontramos em nossa pesquisa.

Cada um desses tipos de discurso se manifesta em textos, resultando em textos descritivos dissertativos, narrativos e injuntivos que, como vimos, se caracterizam como de determinado tipo por uma tendência que estabelece uma dominância .

Os textos de tipos puros existem, mas a freqüência maior é de textos onde os diferentes tipos aparecem cruzados, articulados. Assim, por exemplo, a descrição aparece isolada em um texto como "Evocação Mariana" de Carlos Drummond de Andrade (texto nº. 19), mas quase sempre aparece combinada a outros tipos de textos com funções diversas a ponto de ser tida por muitos, conforme já mencionamos, como um tipo ancilar a serviço dos outros, sobretudo da narração.

Em nossa pesquisa verificamos e por isso estamos propondo que os textos narrativos podem ser histórias ou não. Para ser uma história, o texto narrativo tem que ter as propriedades arroladas no início deste item, ou seja, basicamente referir-se a fatos e acontecimentos e dar a possibilidade de ordenação temporal referencial dos fatos enumerados. Assim, nas histórias, a narração reproduz dentro da seqüência temporal do texto, a sucessão temporal dos acontecimentos do mundo real, havendo, pois, nas histórias uma coincidência temporal com seu objeto. As histórias são um conjunto de acontecimentos organizados e organizáveis em uma seqüência no tempo referencial (ver nota 72). Os textos narrativos do tipo história mais comuns em nossa cultura são os romances, novelas, contos, fábulas, apólogos, epopéias, poemas heróicos, casos, piadas, relatos em geral, certas reportagens jornalísticas. Já os textos narrativos sem

possibilidade de ordenação dos fatos são não-histórias e podem funcionar como um comentário de caráter dissertativo - como na "propaganda do BANESTADO" (texto nº69): uma exposição sobre a importância do banco para o Paraná e seu papel na vida daquele estado - ou combinados a textos dissertativos, como no caso do segundo parágrafo do texto nº. 76 ("Papel da imprensa e o valor da vida"). Num texto como a reportagem "Manifestantes enfrentam a polícia na Irlanda do Norte" (texto nº. 73) não se tem uma história porque, na verdade, a partir do segundo parágrafo, temos oito (08) pequenas narrativas que seriam constituintes da situação ou fato básico que aparece no primeiro parágrafo: "... viveu ontem um dia de intensos choques", e funcionam como uma especificação (de exemplos) confirmatória do comentário feito no título da reportagem, que, no seu todo, é um comentário da situação na Irlanda. Outro exemplo de texto narrativo que não é história seria o trecho das profecias de Isaías "Jerusalém corrompida será purificada" versículos 24 a 31 (texto nº. 82). Também são narrações não-história textos como o de nº. 34 no anexo (Duque de Caxias), citado no intercâmbio de tipos, para exemplificar uma descrição feita através de narração.

Os textos dissertativos só se distinguem em sub-tipos pelo cruzamento com outras tipologias como, por exemplo, científico/não-científico. Normalmente são dissertativos textos tais como monografias, dissertações, teses, artigos científicos ou de divulgação científica e uma gama de artigos jornalísticos. São exemplos de textos dissertativos os de nº. 36 a 45, no anexo.

Encontramos vários tipos de textos que normalmente são injuntivos. É o caso de horóscopos, receitas (de cozinha, médicas), manuais e instruções de uso e montagem de aparelhos eletro-eletrônicos e outros tipos de instrumentos e utensílios, textos de orientação (como recomendações de trânsito e direção), textos doutrinários, propagandas. Ver como exemplos os textos de nºs 46 a 55 no anexo e também trechos do texto nº. 88 .

A injunção inclui a optação, que seria o discurso da expressão do desejo. A optação é a injunção quando o enunciador/locutor não tem como determinar que a situação seja realizada ou porque não tem possibilidade de determinar ao alocutório que a realize (no caso de Deus, por exemplo) (Exemplos 4a, b) ou porque a situação é algo sobre o qual o alocutório não tem controle, como no caso dos verbos de acontecer (v. capítulo 3) (Exemplos 4c, d, e, f) ou porque não há um alocutário a quem determinar que realize certa situação como no caso dos fenômenos (v. capítulo 3), por exemplo. (Exemplos 4g, h).

- (4) a - Que Deus nos ajude!
 b - Tomara que João venha me visitar!
 c - Que você passe no concurso!
 d - Que todos estejam bem!
 e - Tomara que ele caia!
 f - Que sua casa desmorone!
 g - Tomara que chova!
 h - Que o parto transcorra sem problema!

Vê-se que a opção é um tipo de injunção em que o locutor e/ou o alocutório não têm controle sobre a realização da situação.

A opção, assim como o conselho, o pedido, a ordem e a prescrição são variedades ou subtipos da injunção cuja adequada distinção exige um estudo que não realizamos por fugir ao objetivo básico deste trabalho. Todavia pode-se propor alguns traços⁷⁷ capazes de ajudar na distinção:

- a) cada subtipo representa um ato de fala diferente, uma força ilocucionária distinta;
 b) na interação, as formações imaginárias do locutor sobre si e o alocutário variam em termos de hierarquia;
 c) a quem a realização da situação beneficia ou prejudica: locutor ou alocutário;
 d) quem é responsável pela realização da situação: locutor ou alocutário;
 e) o ato de fala implica que grau de polidez, preservando ou não a face⁷⁸ do locutor e alocutário.

O tempo de realização da situação não distingue os subtipos porque, como já dissemos, para a injunção o tempo referencial é sempre posterior ao da enunciação. No quadro 1 tem-se uma visão de como os traços caracterizam cada tipo.

Quadro 1

| | Ato de fala | Formação imaginária em termos de hierarquia | Beneficiado | Responsável pela realização da situação | Grau de polidez |
|--|-------------|---|-------------|---|-----------------|
| | | | | | |

⁷⁷ Alguns desses traços foram extraídos de KOCH (1981: 108 e ss.) em que a autora estuda o verbo poder.

⁷⁸ V. MARCUSCHI (1987: 3, 4).

| | | | | | |
|------------|--|--|--------------------------------|-----------------------------|--|
| Conselho | Diz qual/como é o melhor fazer | Locutor considera-se com maior experiência que o alocutário | Alocutário | Alocutário | + Polidez |
| Pedido | Solicita a realização de uma situação | Locutor se vê como igual ou inferior ao alocutário na organização social | Locutor | Alocutário | + Polidez |
| Ordem | Determina um fazer | Locutor considera-se como superior ao alocutário na organização social | Locutor ou Alocutário | Alocutário | - Polidez |
| Prescrição | Ensina fazer ou determina uma forma de fazer | Locutor considera-se com maior saber que o alocutário | Alocutário | Alocutário | Neutro |
| Optação | Deseja a realização de uma situação | Locutor se vê sem possibilidade de determinar a realização da situação | Locutor ou Alocutário ou ambos | Nem alocutário, nem locutor | + Polidez (conforme o que se deseja para quem) |

2.3.4 - Tipologia 2: Discurso da transformação e discurso da cumplicidade

Pela antecipação (que é o modo como os interlocutores representam as imagens que o outro faz de si, do interlocutor, do assunto, da situação, etc.) o enunciador/"locutor experimenta o lugar de seu ouvinte a partir de seu próprio lugar". É o que registra ORLANDI (1987: 126 e ss.) que afirma poder o locutor, neste caso, ter duas imagens básicas do alocutório ou este concorda ou não concorda com o locutor, ou é seu cúmplice ou seu adversário⁷⁹. Dessa forma são estabelecidas duas formas de interlocução que caracterizam dois tipos de discurso: o discurso da transformação e o discurso da cumplicidade.

No **discurso da transformação** o locutor vê o alocutário como não concordando com ele {seu adversário} , então assume uma posição de transformar o alocutório em seu cúmplice, buscando influenciar, inculcar, persuadir, convencer o interlocutor, fazendo-o crer em algo ou fazendo-o realizar algo ou agir de um certo modo. Portanto "procura levar o alocutório a aderir ao seu discurso"⁸⁰.

No **discurso da cumplicidade** o locutor vê o alocutório como concordando com ele, como adepto do seu discurso e assume a posição de cúmplice que identifica o locutor ao alocutório.

O discurso da transformação resulta no que tem sido chamado de texto **argumentativo "strictu sensu"**: são textos em que a argumentação se apresenta de

⁷⁹ Naturalmente esse é um aspecto da antecipação a qual não se reduz apenas ao concordar e ao discordar (Cf. ORLANDI 1987: 127).

⁸⁰ V. GUIMARÃES (1986).

maneira explícita e atinge o seu grau máximo”⁸¹ porque nele "se toma posição e se propõe a debater"⁸². Doravante chamamos de argumentativos⁸³ a este tipo de texto em oposição àqueles em que não se manifesta explicitamente o objetivo de convencer, persuadir, de fazer crer ou fazer fazer, pois, como se sabe, todo texto tem uma dimensão argumentativa.

Normalmente se coloca o tipo argumentativo como mais um tipo dentro da mesma tipologia juntamente com descrição, narração, dissertação e injunção. Pareceu-nos melhor propor a distinção argumentativo ("strictu sensu") X não argumentativo ("strictu sensu") como uma tipologia à parte, fundamentalmente por duas razões. A primeira é que, enquanto a tipologia de descrição, dissertação, injunção e narração se institui por modos de enunciação caracterizados pelas perspectivas em que o locutor/enunciador se coloca em termos de tempo e espaço por um lado e do fazer (e/ou acontecer) ou do conhecer por outro, em relação ao objeto do dizer; a tipologia do argumentativo se institui por modos de enunciação caracterizados por perspectivas do locutor/enunciador dadas pela antecipação que ele faz em termos da concordância ou discordância, adesão ou não do alocutário ao seu discurso. A segunda razão é que a argumentação é feita através de descrições, dissertações, injunções e narrações de diferentes formas. O texto argumentativo é mais freqüentemente uma dissertação em que podem figurar descrições, narrações e injunções como argumentos. Normalmente, a injunção aparece na argumentação como uma espécie de incitamento, de conclamação em que, com muita freqüência, o locutor usa a primeira pessoa do plural, incluindo-se, assim, entre aqueles que assumirão o que ele quer que se faça ou creia. Seria o caso de um deputado que em seu discurso a favor da aprovação de um projeto de lei, dissesse algo como (5).

(5) Companheiros, aprovemos esta lei! Acabemos com os casuísmos eleitorais!

Descrição e narração, enquanto argumentos, normalmente explicitam aspectos (descrição) e funcionam como exemplos ou fatos (narração) que justificam a aceitação pelo alocutário do que o locutor quer que ele faça ou creia. O texto argumentativo pode

⁸¹ V. KOCH e FÁVERO (1987: 9).

⁸² WERLICH (1975) apud NEIS (1984: 73).

⁸³ Sobre as marcas lingüísticas da enunciação e outras características dos textos argumentativos seria interessante ver GUIMARÃES (1986), KOCH (1984), KOCH e FÁVERO (1987) e ORLAN DI (1987).

também ser uma narração e há até alguns tipos de textos narrativos tradicionalmente institucionalizados como argumentativos. É o caso das fábulas, apólogos e parábolas. Descrições como a do texto nº. 3 (O Mulato) podem ser argumentativas, mas quase sempre dentro de um contexto, como o caso do exemplo, em que se aproxima a imagem do mulato descrito à imagem do branco com intenções claramente argumentativas. Não encontramos textos argumentativos que sejam injuntivos em termos de dominância.

KOCH e FÁVERO (1987: 7) citam alguns tipos de textos que normalmente são argumentativos: textos publicitários em geral (propagandas), peças judiciais (de defesa e acusação) matérias opinativas de um modo geral. Talvez pudéssemos acrescentar aí, além dos narrativos acima, os sermões. Vide como exemplos os textos de nºs 1 a 3, 90 e 91.

2.3.5 - Tipologia 3: preditivo e não-preditivo

KOCH e FÁVERO (1987: 8) propõem os textos preditivos ao lado dos descritivos, narrativos, dissertativos, injuntivos e argumentativos "strictu sensu". Em nossa pesquisa achamos conveniente separar a distinção preditivo/não-preditivo como uma tipologia distinta, porque notamos que os textos preditivos são sempre descrições, narrações ou dissertações futuras em que o locutor/enunciador está fazendo uma antecipação no seu dizer, está pré-dizendo. Assim, a predição, enquanto tipo de discurso, é uma antecipação pelo dizer de situações cuja realização terá ocorrência posterior ao tempo da enunciação, sendo pois uma previsão, um anúncio antecipado. Daí as formas verbais terem sempre valor prospectivo, de futuro, embora nem sempre o futuro seja marca de predição como no caso dos textos injuntivos, porque nestes há uma determinação de realizar a situação, incompatível com a antecipação, mesmo que virtual, que a predição faz da realização da situação. Esta predição pode ser feita a) através de uma programação (V. textos de nº. 78 - "Disney World" com carinho especial; nº. 81 - "Ibitinga incentiva produção rural" e nº. 83 - "Prêmio Mambembe em novo formato"); b) através de um cálculo científico, como nos boletins meteorológicos e astronômicos (V. textos de nº.80 - "Eventos do mês" e nº. 79 - "O eclipse"); c) através de uma espécie de adivinhação ou revelação, como nas profecias (V. textos de nº.82 - "Jerusalém corrompida será purificada", nº. 84 - "primavera", nº. 85 - "O Reino de Messias" e nº. 87 - "Ventura de Sião nos tempos messiânicos") e d) através de outros meios (como a imaginação) que possibilitem tal antecipação.

Certos tipos de textos normalmente são preditivos ou contêm partes preditivas. É o caso de "horóscopos, profecias, boletins meteorológicos, previsões em geral"⁸⁴, boletins astronômicos, textos sobre atividades e acontecimentos programados. Veja os textos de nº. s 77 a 87 no anexo.

* * *

Estes são os elementos tipológicos cuja consideração se revelou pertinente em nossa pesquisa. Nos capítulos da parte 3 deve ficar claro como e porque.

⁸⁴ V. KOCH e FÁVERO (1987: 8).

CAPITULO 3

DO VERBO

3.1 - PRELIMINARES

Nosso objetivo neste capítulo é expor alguns conceitos sobre o verbo e suas categorias que foram utilizados na pesquisa, permitindo a referência a eles sem perturbar a clareza do que se diz nos demais capítulos. Falamos aqui dos tipos de verbos e situações e das formas e categorias verbais.

No que respeita aos tipos de verbos e situações é evidente que se trata de uma tipologia proposta para atender aos objetivos da análise. Naturalmente são possíveis outras tipologias tais como:

a) a que classifica os verbos em transitivos (diretos, indiretos, bitransitivos, circunstanciais) e intransitivos;

b) a que classifica verbos em télicos e atélicos (V. CASTILHO-1967 e TRAVAGLIA-1981⁸⁵);

c) a que classifica as situações em: c.1: processos ou situações durativas, c.2: eventos ou situações pontuais (inceptivas, simples, terminativas) (V. TRAVAGLIA-1981);

d) a que classifica as situações em narradas e referenciais (V. TRAVAGLIA-1981).

A consideração de algumas dessas tipologias não se mostrou pertinente para nosso estudo, pelo menos para os fenômenos abordados.

Os tipos de verbos e situações aqui propostos já são, em parte, resultado do estudo textual-discursivo do verbo e, portanto, representam já a exposição de resultados de nossa pesquisa.

Quanto às formas e categorias verbais limitamo-nos à exposição das que foram consideradas na pesquisa, dizendo como vemos cada uma. Tem-se, pois, quase que só uma espécie de glossário, mais uma vez porque não é o objetivo desse estudo discutir tais formas e categorias verbais.

3.2 - TIPOS DE VERBOS E SITUAÇÕES

⁸⁵ 86 - Há uma segunda edição revisada de 1985.

3.2.1 - Tipos de verbos

No estudo textual dos verbos observamos que eles são basicamente de dois tipos:

a) verbos que expressam situações, funcionando como lexemas e podendo, por isso, ser chamados de **verbos lexicais**;

b) verbos cuja função primeira ou única não é expressar uma situação, mas carregar categorias verbais e/ou exercer funções ou papéis textuais determinados. Funcionam, pois, como uma espécie de gramemas, podendo ser chamados de **verbos gramaticais**.

3.2.2 - Tipos de situações

Como já alertamos na nota 69, o termo **situação** estará sendo usado neste estudo como um termo geral para processos, eventos, estados, ações, fatos, fenômenos, etc.

As situações podem ser **estáticas** ou **dinâmicas**. Entendendo-se por **fase** qualquer ponto no desenvolvimento de uma situação, isto é, qualquer ponto do tempo pelo qual ela se estende desde o momento de seu início até o momento de seu término⁸⁶, podemos definir situação estática e dinâmica como segue.

Temos uma **situação estática** quando suas fases são idênticas, assim ela é homogênea, uniforme durante o tempo de sua existência. Na **situação dinâmica** as fases da situação são diferentes, havendo, portanto, mudança de uma fase para outra. Essas mudanças são necessárias e obrigatórias⁸⁷.

As **situações dinâmicas** se subdividem em situações dinâmicas **de ação** e **de acontecer**.

A **ação** se caracteriza por ter um agente que realiza a situação por seu empenho próprio, portanto o sentido base pode ser representado por algo como "x faz y". O agente pode ser direto (exemplo 6) ou indireto, deduzido (exemplos 7 e 8), pode ser humano ou não. Como as ações são ou não tipicamente humanas, o uso de agentes não-humanos e humanos pode resultar em antropomorfização, reificação ou metaforização.

⁸⁶ Cf. TRAVAGLIA (1981: 55).

⁸⁷ Cf. TRAVAGLIA (1981: 56).

(6) **João falou**-me que escreveu o carta para a embaixada.

(7) O avião **aterrisou** às 18 horas.

(8) O carro **avançou** o sinal e quase me atropelou.

A ação pode ter realização no exterior (comprar, desenhar) ou no interior (pensar, refletir) do agente. Entre as ações incluímos os verbos causativos, funcionando eles como auxiliares ou não: causar (medo, prejuízo, desastres), provocar (discórdia, incêndios, pânico), fazer + infinitivo, obrigar + infinitivo, fazer de x, y (fazer de João um homem), fazer com que + pres. subj., desencadear (crise, onda de...), inspirar (atitudes, ações), levar a + infinitivo, tornar x, y (tornou-nos atentos), deixar x, y (=adjetivo ou particípio adjetivo: Deixou os habitantes apavorados)⁸⁸.

As situações de **acontecer** são as que ocorrem sem o empenho próprio de um agente. O sentido base é então "X acontece (com Y)". "Com Y" é opcional. Razões semânticas e sintáticas permitem propor alguns subtipos de situações de acontecer: as **transformativas**, os **fenômenos** e os **fatos**.

As situações **transformativas**, como o nome diz, implicam uma mudança: "Acontece que X muda". Alguns verbos seriam: amarelar (as folhas amarelaram com a geada), engordar, endurecer, congelar, enferrujar, ficar + estado ou qualidade (doente triste, azul, impressionado, com medo), tornar-se + estado, assumir (os incêndios assumem um ritmo acelerado - texto n.º. 42) passar de X para/a Y (a luz passou de verde a azul). Os **fenômenos** são sempre verbos que expressam fenômenos da natureza, sendo normalmente impessoais: relampejar, trovejar, chover, nevar, ventar. Chamamos de **fatos** as demais situações de acontecer das quais seriam exemplos: cair, crescer, nascer, morrer, desmaiar, esquecer, entender, ter (=ocorrer: crise de pressão alta), algo (a planta) desenvolver-se, aparecer, mostrar (=ter: o tomate rasteiro mostra melhor desempenho em regiões secas - texto n.º. 45), ver, ouvir, passar (no concurso, no vestibular), etc.

As situações **estáticas** também apresentam alguns sub-tipos: os **estados**, as **constantes**, os **localizadores**.

⁸⁸ Quase sempre os verbos listados foram retirados dos textos analisados.

Os **estados** já se definem pelo próprio nome e não são indicados por verbos, mas por nomes (adjetivos, participios adjetivos) correlacionados a um ser ou coisa por um verbo de ligação (V. adiante). Assim o estado é sempre um predicativo

Exemplos:

(9) João **está triste**.

(10) Maria **anda amargurada**.

(11) A casa **está destruída**.

Os **localizadores** indicam localização espacial: estar em, estar a (3 dias de Netuno), situar-se, ficar em, ficar a (3 km, 2 dias de viagem), distar, encimar (=ficar em cima), localizar-se em, etc. Às vezes a localização é temporal como no exemplo (12)

(12) ... quando estávamos no cafezinho. (texto n.º. 61).

As **constantes** são as demais situações estáticas indicadas por verbos como: ter (=possuir), saber, conter, pesar (=ter o peso de: a mesa pesa 30 kg); medir (=ter a dimensão X: A mesa mede 3 m), apresentar (=ter: "A lata não apresenta emendas" - texto n.º. 90), existir, haver (=existir), ser formado de, compor (três figuras compõem este sinal de trânsito), ocupar (posição) (É uma espécie de localizador indireto), ignorar conhecer (alguém ou algo), X constituir Y (Estas coisas constituem o dia-a-dia de João), guardar (=ter, conter: o desfiladeiro guarda preciosidades - texto n.º. 24), fazer parte, pertencer, referir-se (=ter a ver: o medo refere-se a um objeto definido - texto n.º. 44), trazer (=ter em si: fios que não trazem o código genético da calvície - texto n.º. 40), exhibir (=ter, apresentar: A face inferior das folhas exhibe este mesmo aspecto - texto n.º. 45), habitar, querer, desejar, pretender, corresponder, equivaler (estes dois podem ser auxiliares semânticos comparadores).

3.2.3 - Verbos gramaticais

Já definimos em 3.2.1 os verbos gramaticais. Antes de falar dos subtipos, gostaríamos de lembrar que muito freqüentemente eles indicam nuances, matizes de significado que os distinguem, como no caso dos verbos de ligação e dos auxiliares semânticos. Além disso, não é impossível um verbo ter dupla função, indicando uma situação e, ao mesmo tempo, exercendo um papel gramatical ou textual específico. Encontramos os seguintes tipos de verbos gramaticais:

- 1 - De relevância;
- 2 - Marcadores temporais;
- 3 - Ordenadores do texto;
- 4 - Marcadores conversacionais;
- 5 - "Carregadores" ou "suportes" de categorias:
 - 5.1 - verbos de ligação;
 - 5.2 - com situação indicada por um nome;
 - 5.3 - auxiliares: a - modais; b - temporais; c - aspectuais; d - de voz; e - semânticos;
 - 5.4 - expressões.

Os de **relevância** são verbos cuja função é indicar relevância temática através de seu sentido. Esse é seu papel no funcionamento textual, mas podem ser vistos como suportes de categorias: auxiliares semânticos (v. adiante) ou expressões (v. adiante). São exemplos desse tipo de verbo:

- a) auxiliares: *cumpre/urge/importa + infinitivo (importa notar que...)*;
- b) expressões: *vale a pena, é importante, é fundamental, é imprescindível, é significativo*. O verbo *ser* como expletivo é gramatical de relevância tanto ao nível da frase quanto do texto.

Os **marcadores temporais** são verbos que, em conjunto com um sintagma nominal, constituem uma espécie de adjunto adverbial de tempo indicando sobretudo o quando de uma situação ou sua duração. Às vezes podem ser substituídos apenas pelo sintagma nominal ou por um sintagma adverbial (V. exemplo 13). Sua substituição pode implicar a mudança de toda a estrutura da frase (V. exemplo 14).

- (13) a - "Bom, **chegô um dia** que faltô tinta..." (BERLINCK - 1987:16).
b - Bom **um dia** faltô tinta...
- (14) a - "Quase tão fascinante quanto as descobertas que graças a ele será possível realizar (V. quadro adiante) foi sua construção que **levou cinco anos**". (texto nº. 89).
b - Ele foi construído **em cinco anos** e sua construção é quase tão fascinante quanto as descobertas que graças a ele será possível realizar.

Muitos verbos podem atuar como marcadores temporais. Vejamos mais alguns exemplos.

- (15) **Durar**: "A operação **durou** um quarto de hora". (texto nº. 65).
- (16) **Ser**: a - "Aí **é hora** de buscar socorro médico": (texto nº. 44).
b - "...mas **é tempo** de reconhecer certos fatos". (texto nº. 2).
c - "**Foi de manhã**, ele estava catando minhoca para pescar, quando viu o bando chegar..." (texto nº.58).
d - "Não **é de hoje** que existem aparelhos para substituir mão de obra..." ("Perfeito manequim" - **Superinteressante** . Ano 3, nº. 11. São Paulo, Editora Abril, novembro/1989: 52-55).
e - **Eram três horas** quando ele chegou.
- (17) **Haver**:
a - **Há três dias** ele chora a morte do pai.
b - **Há três meses** ele esteve aqui.
- (18) **Fazer**: **Faz dias** que procuro por você.
- (19) **Passar**
a - (o cavalo) "**Passa dias** sem comer..." (texto nº. 25) .
b - "**Passaram meses** sem que o (menino) fosse convidado para festa alguma no bairro". (texto nº. 62).
- (20) **Levar**: "... os sinais de rádio da Voyager, ...**levam 4 horas** para chegar na terra". (texto nº. 43).

Os **ordenadores do texto** são verbos que ordenam elementos (situações, idéias, etc.) do texto em sua seqüência linear, ou seja, dentro do que chamamos, na nota 72, de tempo do texto. Um exemplo pode ser tirado do próprio texto deste capítulo, no primeiro parágrafo do item 3.2.2, que reproduzimos em (21).

(21) Entendendo-se por fase podemos definir situação estática e dinâmica como segue.

No capítulo 5, em que falamos de ordenação, retornamos este tipo de verbo.

Os verbos que funcionam como **marcadores conversacionais**⁸⁹ indicam fenômenos da interação entre os interlocutores, são usados para marcar relações interpessoais. Aparecem sobretudo nos textos orais, mas também nos escritos, em função da interação e das imagens que produtor e receptor fazem ou julgam que o outro faz de si, do outro, do assunto. Em 4.3.3.2 retomamos a questão dos verbos marcadores conversacionais. Abaixo temos dois exemplos.

⁸⁹ Sobre marcadores conversacionais V. MARCUSCHI (1985), (1986) e (1987).

(22) Aí ele chegou, **sabe?** e me deu um empurrão.

(23) "Ele tem um missão na vida, **digamos** assim: testar trajes " ("Perfeito manequim" **Superinteressante** . Ano 3, nº. 11. São Paulo, Editora Abril, novembro/1989: 52-55).

Os verbos "**carregadores**" de **categorias** são verbos que, apesar de expressarem certos significados, não indicam em si a situação. Esta é indicada por um outro verbo ou nome que vem atrelados aos carregadores. O nome pode ser sujeito, objeto ou predicativo e pode ser ou não uma nominalização de verbo como mostra o exemplo (24).

(24) a - João **começou** a **construir** sua casa em 1980.

b - A **construção** da casa de João **começou** em 1980.

c - A **festa começou** há duas horas.

A classificação dos carregadores de categorias que propomos abaixo serve mais como um indicador de diferenças sintáticas (sintagmáticas) e/ou de papéis do que como distinção de categorias nitidamente marcadas, separadas.

Os **verbos de ligação** são os que ligam, correlacionam um atributo, uma característica, um estado a um ser ou coisa, dando nuances sobre o modo como esse atributo é percebido pelo produtor do texto: permanente (ser), transitório (estar), aparente (parecer), durativo desde um certo tempo (andar), etc.

Além dos já citados (ser, estar, parecer, andar), outros verbos funcionam como verbos de ligação: ficar (=permanecer), apresentar-se (os frutos não amadurecem apresentando-se queimados por ficarem expostos ao sol - texto nº. 45), permanecer, passar (sua imagem não passa de um ponto para os telescópios - texto nº. 43), tratar-se (trata-se de uma resposta do organismo - texto nº. 44).

Os **carregadores de categorias com situação indicada por um nome** podem ser de dois subtipos:

a) a situação é indicada por nome que funciona ou como sujeito ou como objeto. Seriam exemplos desse tipo: continuar (A **luta continuou** feroz), acabar, começar, iniciar, prosseguir, acontecer, ocorrer (O **acidente ocorreu** à tarde), haver (= ocorrer, acontecer: Também **há** acentuada **redução** da produtividade), existir (= ocorrer: Não **existe rejeição** de órgãos);

b) a situação só é indicada com auxílio de nome que funciona como objeto, sendo freqüente a equivalência do conjunto a um outro verbo da língua (Exemplo: fazer esforço = esforçar-se). Seriam exemplos desse tipo: fazer (visita = visitar balanço,

algazarra, medo em = atemorizar, campanha), baixar (medida, confisco), realizar (operação, plantio = plantar, apresentações), causar (danos, prejuízos, dor, alteração), provocar (danos, ódio), correr (risco = arriscar-se), tomar (conhecimento, juízo), dar (ênfase = enfatizar, amor = amar)⁹⁰.

Como se pode observar, estes verbos normalmente expressam situações dinâmicas. Nos do, tipo b, o verbo não parece ser um mero carregador de categorias. Na verdade, parece ser um intermediário: o verbo indicaria uma situação que só se define com o nome objeto.

Os **auxiliares**⁹¹ são verbos que sempre acompanham outros que indicam as situações e estão nas formas nominais. Os auxiliares "carregam" as flexões verbais e sempre indicam ou ajudam a indicar as categorias verbais e/ou nuances semânticas. Estamos tomando a classe dos verbos auxiliares num sentido amplo: qualquer verbo que acompanhe outro que indica a situação e está numa forma nominal. Neste último sentido poder-se-ia talvez considerar como auxiliares até mesmo os verbos carregadores de categorias com a situação indicada por um nome.

Os **auxiliares modais**⁹² indicam modalidades diversas. Eis alguns exemplos:

- a) obrigação: **ter** + de/que + infinitivo, **obrigo** + a + infinitivo;
- b) necessidade: **precisar** + infinitivo, **dever** + infinitivo;
- c) volição: **querer/desejar/pretender** + infinitivo;
- d) possibilidade: **poder** + infinitivo.

Quanto aos **auxiliares temporais** só encontramos um indicador exclusivo de tempo: é o verbo **ir** que, acompanhado de infinitivo, marca futuro. Outros auxiliares marcam também outras categorias e nuances de significado. É o caso de:

a) **ter** (pres. do ind.) + particípio que marca passado até o presente e aspecto iterativo (meu filho **tem** me **visitado** todas as semanas);

b) **vir** + gerúndio que marca desenvolvimento gradual, progressivo da situação e tempo passado até o presente ou até outro ponto indicado do passado. (José **vem propondo** uma modificação na organização da firma / A planta **vinha crescendo** até que esqueceram de regá-la e ela morreu) .

⁹⁰ 91 - MAGALHÃES (1980) ao falar dos sintagmas semifixos lista um bom número de verbos desse tipo. Exemplo de sintagma semifixo seria "perder a cabeça" em frase como "João perdeu a cabeça e agrediu o irmão".

⁹¹ 92 - Seria interessante ver sobre os verbos auxiliares os estudos de LOBATO - 1975 e PONTES 1973.

⁹² 93 - V. BECHARA (1968: 136), GUIMARÃES (1979), MATEUS et al (1983: 152) e TRAVAGLIA (1981: capítulo 10).

Sobre os **auxiliares aspectuais** desenvolvemos um estudo que está no capítulo 8 (oito) de TRAVAGLIA (1981). Alguns exemplos de auxiliares aspectuais: **ter** ou **haver** + particípio (no presente indicativo - iterativo, nas demais flexões: perfectivo e acabado), **estar** + por + infinitivo (não-começado), **estar** + gerúndio (durativo e outros conforme a flexão verbal) , **andar** + gerúndio (iterativo), **viver** + particípio/gerúndio (habitual), **continuar** + gerúndio/particípio (começado), **terminar** + de + infinitivo (terminativo de acordo com a flexão verbal), **começar** + a + infinitivo (inceptivo de acordo com a flexão verbal).

O **auxiliar de voz** típico é o verbo ser + particípio. Alguns estudiosos como BECHARA (1968: 136) dão estar + particípio e ficar + particípio também como auxiliares de voz, dizendo que temos para estes três auxiliares respectivamente voz passiva de ação, de estado e de mudança de estado. Veja exemplos em (25).

- (25) a - O telescópio **foi construído** em cinco anos.
b - O Iraque **está cercado** pelas tropas ocidentais.
c - A atriz **ficou rodeada** de fãs.

Finalmente, temos os **auxiliares semânticos**, que chamamos assim porque, além de "carregarem" as categorias verbais acrescentam ao verbo que acompanham uma série de noções semânticas tais como: a) **repetição**: voltar/tornar + a + infinitivo; b) **comparação**: equivaler/corresponder + a + infinitivo; c) **início**: começar/iniciar/principiar/pôr-se + a + infinitivo; d) **tentativa**: procurar/tentar/buscar + infinitivo; e) **progressividade** vir/ir(-se) + gerúndio; f) **apresentação**: tratar-se + de + infinitivo; g) **resultado**: chegar/vir + a + infinitivo; acabar + gerúndio (este com a nuance de situação final de uma série); h) **continuação**: continuar + a + infinitivo; continuar/prosseguir + gerúndio; i) **atribuição**: caber, competir a X + infinitivo; j) **transformação, mudança**: passar + a + infinitivo; l) **consecução**: conseguir/lograr + infinitivo; m) **fim e cessamento**: parar/ deixar/acabar/terminar + de + infinitivo; n) **permissão**: deixar/permitir + infinitivo; o) **causação**: fazer/mandar + infinitivo; p) **limitação**: limitar-se + a + infinitivo; q) **superação**: ousar + infinitivo; atrever-se + a + infinitivo; r) **decisão**: resolver / decidir + infinitivo; s) **aparência**: parecer + infinitivo.

Muitos desses auxiliares às vezes funcionam como outros tipos de verbos gramaticais. É o caso, por exemplo, de "tratar-se" que pode ser de ligação, como vimos; de "continuar" que pode ser um carregador de categoria com situação indicada por nome, além de outros.

O último tipo de "carregadores" de categorias são as **expressões**. Como o próprio nome indica, não se trata propriamente de um verbo: tem-se um verbo de ligação (parece que apenas o verbo ser) acompanhado de um nome (parece que sempre um adjetivo), formando um predicado nominal que tem por sujeito uma oração (quase sempre reduzida de infinitivo), que se tornaram uma espécie de bloco (uma expressão fossilizada, uma lexia complexa, um sintagma semifixo - V. nota 91, p. 71, um predicado cristalizado) que funciona com papéis específicos tais como indicar modalidade e relevância. Eis alguns exemplos: a) **indicadoras de modalidade**: ser (é, era, foi) + possível, provável, necessário, certo, preciso; b) **indicadoras de relevância**: ser (é, era, foi) + importante, significativo, essencial, imprescindível, indispensável. Estas últimas são menos cristalizadas e às vezes indicam também modalidade.

Talvez se deva incluir aqui expressões como "**isto é**", "**ou seja**", "**a saber**" que, no texto, têm a função de introduzir respectivamente a reformulação e a enumeração (a saber). São expressões altamente cristalizadas em que o verbo quase nem e sentido como tal. No mesmo caso está "**a seguir**", que é um ordenador do discurso.

* * *

Pelos exemplos, deve ter-se evidenciado que um verbo pode indicar mais de um tipo de situação devido a variações de significado. Não é muito pertinente discutir aqui se temos vários sentidos do mesmo verbo ou diferentes verbos homônimos; interessa sim lembrar que a inclusão do verbo em um ou outro tipo tem que ser feita em função do co-texto. Veja exemplos (26) e (27).

- (26) a - João **passou** na casa de Tereza. (dinâmico de ação)
b - Sua imagem não **passa** de um ponto para os telescópios (gramatical de ligação) (texto nº. 43).
- (27) a - As folhas da samambaia **amarelaram** (dinâmico/transformativo).
b - João **amarelou** a folha de papel com fumaça para parecer antigo (dinâmico/ação).

Se um verbo é essencialmente de um tipo e é usado como de outro tipo, pode-se falar em uma espécie de metáfora.

Além disso, um verbo pode atuar como de vários tipos. É o caso do verbo **ser** que pode ser verbo de relevância, marcador temporal, marcador conversacional, de ligação indicando aspecto, auxiliar de voz, além de funcionar nas expressões. Ainda

pode ser usado com uma função que parece ser misto de indicador de relevância e de tempo como uma espécie de conjunção, como no exemplo (28). Tudo isto mostra que a classificação só pode ser feita observando o funcionamento do verbo no texto.

(28) a - "...**era** o menino **chegar** na varanda e gritar..... (o tuim vinha) . (Texto nº. 58).

b - **É** a avó **chegar** esse menino vira um demônio.

c - **Foi** você **falar** no passeio ele correu e se aprontou.

A possibilidade de um verbo funcionar como de diferentes tipos e a de ter simultaneamente vários papéis evidentemente dificulta a análise.

3.3 - FORMAS E CATEGORIAS VERBAIS

Em nosso estudo trabalhamos com as seguintes categorias verbais: tempo, aspecto, modalidade, voz e pessoa. Além disso, usamos o que denominamos de formas verbais que definimos abaixo.

3.3.1 - Formas verbais

Estamos chamando de **formas verbais** ao conjunto de flexões dos verbos que constituem o que se tem chamado de tempos do verbo e de formas nominais, que representam o paradigma de conjugação verbal. Assim, estaremos vendo essas formas verbais enquanto tais, independentemente das categorias verbais que possam veicular ou estejam veiculando. Isto porque, como sabemos, tais formas podem veicular, por si ou com o auxílio de outros elementos do texto, várias categorias. Assim, por exemplo, o presente do indicativo (um conjunto de seis formas divididas entre singular e plural e primeira, segunda e terceira pessoas) pode exprimir tempo presente ou futuro, além de poder expressar situações passadas e ontemporais, exprimir a modalidade de certeza e aspectos como imperfectivo/perfectivo, começado, cursivo, habitual/indeterminado/durativo/pontual. Além disso, pode ter uma espécie de uso modal para exprimir a certeza em oposição ao futuro do presente, usado para exprimir a dúvida e o futuro do pretérito, para exprimir a irrealidade⁹³.

⁹³ Cf. CÂMARA JR. (1970: 317 e 372) e MELO (1976: 163-165).

3.3.2 - Tempo

Entende-se por **tempo** a apresentação da situação como tendo realização anterior (passado), simultânea (presente) ou posterior (futuro) ao momento da produção do texto, ou seja, ao momento do ato de dizer. As formas verbais ainda podem fazer outras marcações de tempo apresentando a situação: a) com uma realização iniciada no passado e estendendo-se até o "presente; b) com realização iniciada no presente e estendendo-se para o futuro; c) com realização onitemporal, isto é, abrangendo todos os tempos. A onitemporalidade parece estar ligada aos aspectos indeterminado e habitual (4.3.3.3) que, com sua duração ilimitada, faz com que a situação enunciada no presente (às vezes também no futuro) seja vista como valendo para todos os tempos. Evidentemente, pode-se apresentar a situação sem qualquer marcação de tempo. Não encontramos a possibilidade **b** nos textos analisados, mas ela é possível como atesta o exemplo (32) da língua oral.

- (29) **Passado:** "Quando Aureliano Chaves **deixou** o Ministério das Minas e Energia, em dezembro de 88, já se **cogitava** a possibilidade de sua candidatura" (texto nº. 56)
- (30) **Passado até o presente:** "... imaginar que seja possível fiscalizar com eficiência a imensa região da floresta equatorial brasileira demonstra apenas o emocionalismo e a desinformação com que o debate **tem sido conduzido**". (texto nº. 42).
- (31) **Presente:** "...nada mais equivocado que fazer da preocupação com o meio ambiente o monopólio de iluminados do Primeiro Mundo que teriam de alguns advertir os selvagens abaixo da linha do Equador sobre os prejuízos que **estejam causando** à humanidade." (texto nº. 42) .
- (32) **Presente para o futuro:** Você **vai lavando e picando** as verduras aí, enquanto eu **vou preparando** o resto.
- (33) **Futuro:** Voyager 2 **encontrará** Netuno em dez dias. (texto nº. 43).
- (34) **Onitemporal:**
 - a) "Ter medo e ansiedade diante de coisas assim, dentro de certos limites, é normal". (texto nº. 44)
 - b) "Realmente, a ansiedade **diminui** a capacidade de pensar..." (texto nº. 44)

(35) **Não marcado para tempo**: ver os verbos **ter** e **pensar** nos exemplos de (34).

Algumas formas verbais têm em seu funcionamento textual papéis que têm levado os estudos sobre verbo a falarem em tempos relativos, em oposição aos tempos absolutos que seriam os tempos de que acabamos de falar. Os tempos relativos têm a ver com a ordenação das situações em sua sucessão cronológica no mundo real, como veremos no capítulo 5. Formas verbais tais como o pretérito mais-que-perfeito do indicativo, o futuro do pretérito e os chamados tempos compostos formados por "ter (exceto no presente do indicativo) + particípio" expressam tempos relativos. Quando falarmos em tempo como categoria verbal, estaremos nos referindo apenas aos tempos absolutos definidos aqui e exemplificados em (29) a (34).

3.3.3 - Aspecto

Adotamos aqui a teorização sobre aspecto de TRAVAGLIA (1981). Assim, entende-se aspecto como uma categoria verbal de TEMPO⁹⁴, não dêitica, através da qual se marca a duração da situação e/ou suas fases, sendo que estas podem ser consideradas sob diferentes pontos de vista, a saber: o da realização da situação, do seu desenvolvimento e o do seu completamento⁹⁵. Portanto o aspecto diz respeito ao tempo interno, de realização da situação. O quadro 2 dá o conjunto dos aspectos propostos e as noções aspectuais que os caracterizam. Para maiores detalhes de caracterização/expressão desses aspectos e exemplificação vide TRAVAGLIA (1981).

Quadro 2

| NOÇÕES ASPECTUAIS | | | ASPECTOS | |
|-------------------|--------------------------------|----------------|--------------|---------------|
| I. DURAÇÃO | 1. Duração | A. Contínua | a. Limitada | DURATIVO |
| | | | b. Ilimitada | INDETERMINADO |
| | | B. Descontínua | a. Limitada | ITERATIVO |
| | | | b. Ilimitada | HABITUAL |
| | 2. Não-Duração ou Pontualidade | | | PONTUAL |

⁹⁴ Com TEMPO estamos nos referindo à idéia geral e abstrata de tempo sem considerar sua indicação pelo verbo ou qualquer outro elemento da língua.

⁹⁵ 96 - O completamento não tem a ver com o fato de a situação ser apresentada ou não como acabada, mas sim com o fato de ela ser vista ou não, apresentada ou não em sua globalidade. (Cf. TRAVAGLIA - 1981).

| | | | |
|------------------|------------------------------------|--|-------------------------|
| II. FASES | 1. Fases de Realização | A. Por Começar | NÃO-COMEÇADO |
| | | B. Começado ou Não-Acabado | COMEÇADO OU NÃO ACABADO |
| | | C. Acabado | ACABADO |
| | 2. Fases de Desenvolvimento | A. Início (No ponto de início ou nos primeiros momentos) | INCEPTIVO |
| | | B. Meio | CURSIVO |
| | | C. Fim (Nos últimos momentos ou no ponto de término) | TERMINATIVO |
| | 3. Completamento | A. Completo | PERFECTIVO |
| | | B. Incompleto | IMPERFECTIVO |
| | Ausência de Noções aspectuais | | |

Sobre o aspecto no Português importa ver também CASTILHO (1967).

3.3.4 - Modalidade

Tem-se definido modalidade como a indicação da atitude do falante em relação ao que diz; a explicitação de sua atitude face à situação que exprime numa proposição; a expressão do julgamento do locutor sobre o que diz. É assim que se considera a modalidade neste estudo: uma categoria verbal que reflete a atitude do falante em relação ao que é dito, bem como a atitude de outrem, mas que o falante insere, por alguma razão, no que diz.

Utilizamos o quadro de modalidades abaixo que é um rearranjo das propostas de KOCH (1984: 74-88), GUIMARÃES (1979) e TRAVAGLIA (1981) face aos dados do corpus analisado e sempre em função dos objetivos de análise.

Quadro 3
Modalidades

| | | |
|--------------------|--------------|----------|
| Imperativas | Obrigação | |
| | Permissão | |
| | Ordem | Positiva |
| | | Negativa |
| Proibição | | |

| | |
|------------------------|------------------|
| | Prescrição |
| Deônticas | Obrigatoriedade |
| | Permissibilidade |
| Volitiva | Volição |
| Aléticas | Necessidade |
| | Possibilidade |
| Epistêmicas | Certeza |
| | Probabilidade |
| Ausência de modalidade | |

As **modalidades imperativas** marcam que o falante vê o que diz como algo cuja realização ou não por outrem ou por ele mesmo e algo que ele pode determinar. Ele encara o que é dito como uma situação sobre cuja realização ele tem controle ou poder. Na **obrigação**, **ordem** e **proibição** há uma determinação para que a situação seja realizada (obrigação, ordem positiva) ou não (proibição, ordem negativa). A ordem é neutra quanto à postura anterior do alocutário, isto é, não há em sua definição nenhum traço quanto à atitude do alocutário sobre a realização da situação, o que se tem é apenas a determinação pelo locutor de que o alocutário (que pode incluir o locutor) realize (ordem positiva) ou não (ordem negativa) a situação. No caso da **ordem negativa** há uma pressuposição, por parte do locutor, de que o alocutário tem intenção de realizar a situação, o que motiva essa ordem⁹⁶. A **proibição** é diferente da ordem negativa, pois em sua definição há o traço de que o alocutário explicitou sua intenção de realizar a situação e seu empenho neste sentido. Já na **obrigação**, o traço que aparece é de que o alocutário pretende ou prefere não realizar a situação, apesar da determinação exterior a ele (normalmente do locutor) para que a realize. Portanto a obrigação e a proibição se caracterizam por uma postura do alocutário quanto à realização da situação: na obrigação ele se recusa a realizá-la e na proibição ele se empenha na sua realização. Na **permissão**, o alocutário quer realizar a situação e o locutor determina a possibilidade. A determinação da não possibilidade é a não permissão ou um tipo de proibição. Na **prescrição**, o locutor determina a realização de situações por se ver e se apresentar como sabendo mais do que o alocutário. Daí a prescrição aparecer nos conselhos e em textos em que se ensina a fazer (receitas, manuais de instrução, etc.).

⁹⁶ Cf. WEINRICH (1981: 146).

Nas modalidades imperativas, a determinação para realizar a situação é externa a quem vai executá-la. Veja exemplos (36) a (40).

- (36) Eu te **obrigo** a me **ajudar**. (obrigação)
- (37) a - Eu **permito** que você o **veja** por cinco minutos. (permissão).
b - Papai **deixou-nos ir** ao cinema. (permissão relatada).
- (38) a - Joãozinho, **venha** aqui agora! Já! (ordem positiva)
b - Não **ponha** isto aí! Já disse! (ordem negativa).
- (39) Eu te **proíbo encontrar-se** com esse rapaz. (proibição)
- (40) a - **Tome** três comprimidos por dia. (prescrição)
b - **Bata** os ovos até o ponto de neve, **misture** na massa e **ponha** assar. (prescrição)
c - Não **faça** isto porque você pode ter problemas. (prescrição: conselho)

As **modalidades deônticas** têm a ver com a moral, o tratado dos deveres, das normas de conduta. Veja exemplos (41) e (42). Aqui a determinação de realização é apresentada como intrínseca à própria situação, como uma característica ou atributo dela. A ênfase é no que executar e não no executante.

- (41) **É obrigatório o uso** de crachá nas dependências da fábrica. (obrigatoriedade).
- (42) a - **É permitido fumar**. (permissibilidade)
b - **É proibido fumar** neste recinto. (não permissibilidade) .

Na **modalidade volitiva**, a "determinação" de realização da situação é interior ao locutor, originada em sua vontade, desejo, portanto em sua emotividade ou em elementos profundos da psique que cabe mais à psicanálise determinar. Veja exemplos em (43). A volição inclui a opção e a intenção.

- (43) a - **Quero** muito ir a sua casa. (volição)
b - Que ele **seja** bem sucedido em seu novo trabalho! (volição: opção).
c - **Hei de ajudar** meus irmãos. (volição: intenção).

As **modalidades aléticas** referem-se ao fato de o locutor ver a realização da situação como algo possível, viável (possibilidade) (V. exemplos de 44) ou necessário,

ou seja, como algo essencial, indispensável, inevitável (necessidade) (V. exemplos de 45).

- (44) a - Infelizmente não **posso ajudá-lo** neste caso.
b - "...o menor erro de cálculo **pode colocar** suas câmaras apontando para o espaço vazio. (texto nº. 43)
c - **É possível tirar** esta mancha?
- (45) a - **Eu preciso falar** com seu irmão.
b - **É necessário estar bem** consigo mesmo.
c - **É preciso limpar** o ferimento todos os dias.
d - "Antes de executar cada passo do programa eles **precisam receber** instruções completas do controle da missão". (texto nº. 43).
e - Para vencer a inflação é **preciso atacar** todas as causas e não apenas uma.

As modalidades aléticas podem aparecer combinadas às epistêmicas, como se pode ver pelos exemplos (46). Em (46a) o locutor toma a possibilidade como certa e em (46b) como provável.

- (46) a - Com esses recursos **é possível resolver** o problema. (possibilidade + certeza)
b - Com esses recursos **seria possível** (talvez **seja possível**) **resolver** o problema. (possibilidade + probabilidade).

A necessidade é uma modalidade que pode criar uma implicação de obrigatoriedade de realização, o que explicará sua ocorrência na injunção. As vezes ela é quase deôntica como em (45b) .

As **modalidades epistêmicas** têm a ver com "o comprometimento do falante a respeito do status factual do que ele está dizendo"⁹⁷, elas revelam "a crença do locutor na verdade do que diz, no momento da enunciação"⁹⁸. Se ele acredita na verdade, temos a certeza; se ele duvida da verdade, temos a probabilidade. É por isto que esta última inclui coisas como hipótese e dúvida. Veja exemplos (47) e (48).

- (47) a - João **veio** aqui ontem e **levou** seu livro. (certeza)
b - Ela **tem** 30 anos. (certeza)

⁹⁷ LYONS (1969: 307) apud KALMÁR (1982: 46).

⁹⁸ GUIMARÃES (1979: 67).

- (48) a - **Talvez** João **tenha vindo** aqui ontem e levado seu livro.
(probabilidade)
b - Ela **teria** uns 30 anos. (probabilidade)
c - **É provável** que José chegue hoje do exterior.

A certeza é a modalidade do saber e a probabilidade a modalidade do crer⁹⁹.

Como se pode ver pela caracterização das modalidades, elas se organizam em dois grandes grupos: de um lado as imperativas, as deônticas e a volitiva que têm a ver com a determinação de realização da situação, e de outro lado as epistêmicas e as aléticas que têm a ver com a própria realização da situação: a crença ou não do locutor na sua verdade (epistêmicas) e sua possibilidade ou necessidade (aléticas).

As modalidades podem ser expressas por uma série de recursos lingüísticos: a) por **verbos performativos**: ordenar proibir, permitir, obrigar, etc.; b) por **auxiliares modais**: poder, dever, querer, precisar, ter + que, haver + de, deixar necessitar, desejar, etc.; c) por **predicados** do tipo "é + **adjetivo**", que constituem o que chamamos de "expressões" (Cf. 3. 2.3), algumas mais cristalizadas outras menos: é certo, é preciso, é possível, é necessário, é provável, é permitido, e obrigatório, etc.; d) por **advérbios**: talvez, provavelmente certamente, necessariamente, possivelmente, etc.; e) por **modos e tempos verbais**: imperativo (modalidades imperativas), indicativo (certeza), subjuntivo (probabilidade, possibilidade); por usos modais de alguns tempos flexionais (V. 3.3.2); f) por **verbos de atitude proposicional**: eu creio, eu sei, eu duvido, eu penso, etc.; g) pela **entonação**: que permite distinguir uma ordem de uma prescrição, conselho ou pedido, por exemplo; h) pelo **sufixo "-VEL"**, formador de adjetivos, usados com o verbo ser no presente do indicativo, equivalendo ao auxiliar modal "poder": Este som é audível a dezenas de quilômetros/Este som pode ser ouvido a dezenas de quilômetros. Embora bastante completa, esta lista de modalizadores não pretende ser exaustiva.

3.3.5 - Voz

A **voz** é a categoria verbal através da qual se marca a relação entre o verbo e seu sujeito, que pode ser de atividade, passividade ou ambas. Em nosso estudo

⁹⁹ 100 - Sobre as modalidades do saber e do crer, V. KOCH (1984: 81-85), quando comenta colocações de Alexandrescu (1966).

consideramos a distinção de quatro vozes verbais: a **ativa**, a **passiva**, a **reflexiva** e a **medial**, embora se possa considerar a reflexiva como um tipo de medial¹⁰⁰.

Temos **voz ativa** quando a relação entre o sujeito e o verbo é de atividade, ou seja, o sujeito é agente. (Exemplo 49). Na **voz passiva**, a relação é de passividade porque o sujeito é, efetivamente, o objeto, o paciente do processo indicado pelo verbo (Exemplos 50). Na **voz reflexiva**, o sujeito é ao mesmo tempo o agente e o objeto do processo expresso pelo verbo. Normalmente se distingue uma **reflexiva recíproca** em que há uma espécie de reflexividade cruzada, porque o sujeito plural ou composto se desdobra em dois agentes que atuam um sobre o outro (exemplos 51). Na **voz medial**, como diz CÂMARA JR. (1970: 257 - 258), a noção gramatical "é a de uma integração do sujeito na ação que dele parte; ou em outros termos, a pessoa do sujeito, sob o aspecto de pronome adverbial átono incorporado no verbo, reaparece no predicado como - 1) o objeto de uma ação verbal transitiva, que parte dele (medial **REFLEXIVA**), 2) o centro de uma ação verbal transitiva, que parte dele mas não sai do seu âmbito, eliminando-se assim o objeto sobre que ela recairia (**medial dinâmica**) (Exemplo 52a), 3) o centro de uma ação verbal intransitiva, que dessa maneira fica mais intensamente relacionada ao sujeito de que parte (**medial expletiva**)" (Exemplo 52b). Considera-se também uma **medial pronominal** que ocorreria com os chamados verbos essencialmente pronominais em que o pronome que acompanha o verbo é dito fossilizado e considerado como parte do lexema verbal (Exemplo 52c).

(49) O urologista espanhol Aurelio Uson **desenhou, patenteou** e agora **começará a testar** em animais o mais novo contraceptivo masculino: o Dioid ..." (texto n.º. 36)

(50) a - " ... o Dioid **é introduzido** nos canais deferentes do pênis - " (texto n.º. 36)

b - Antônio **foi convidado** pelo Reitor da UFU para fazer uma série de conferências em agosto.

c - Não **se encontram** mais frutas silvestres nesta região.

(51) a - O rapaz **se feriu** para incriminar o colega. (reflexiva).

b - Paulo e Maria **se amam** de forma madura. (reflexiva recíproca)

(52) a - Eu **me levantei** emocionado quando ela entrou (medial dinâmica).

b - Ela **se ria** das tolices do namorado.

¹⁰⁰ V. CÂMARA JR. (1970), DUBOIS et al. (1978), JOTA (1981).

João **se foi** sem dar explicações. (medial expletiva).

c - A mulher **se queixou** ao síndico.

Ele **se atreveu** a desafiar-me. (medial pronominal)

3.3.6 - Pessoa

A pessoa gramatical é a categoria através da qual se marca, se faz referência, se indica, na enunciação lingüística, (a) os participantes da interação verbal: o(s) locutor(es) (1ª pessoa); o(s) alocutório(s) (2ª pessoa) e tudo o que é distinto de ambos (3ª pessoa). Como se vê, cada pessoa "é suscetível de um plural, quando o falante - a) se incorpora numa pluralidade; b) se dirige a uma pluralidade; c) se refere a uma pluralidade distinta de si próprio e do ouvinte"¹⁰¹. Tem-se considerado a partir de BENVENISTE (1976), a primeira e segunda pessoas como pessoas propriamente ditas em oposição à terceira que seria a não pessoa. As pessoas gramaticais são expressas em Português por desinências número~pessoais na flexão verbal e/ou pelos chamados pronomes pessoais entre os quais se incluem os chamados possessivos. Achamos desnecessário dar exemplos.

* * *

Neste capítulo e nos dois anteriores propusemos os fundamentos teóricos que servem de base para o estudo dos fatos de uso do verbo (suas formas e categorias) que expomos no capítulo 4, e que constituem, a nosso ver, o objeto de um estudo textual-discursivo desta classe de palavras.

¹⁰¹ CÂMARA JR. (1970: 304).

PARTE 2

FUNCIONAMENTO TEXTUAL-DISCURSIVO DO VERBO

CAPÍTULO 4

FENÔMENOS DO FUNCIONAMENTO TEXTUAL-DISCURSIVO DO VERBO

4.1 - PRELIMINARES

Neste capítulo buscamos expor nossa proposta do que deve constituir o estudo textual-discursivo do verbo, configurado pela hipótese e objetivos arrolados na introdução, nossa proposta do que se deve observar para fazer um estudo sobre o verbo que se enquadre dentro da perspectiva textual-discursiva que esboçamos. Evidentemente, os pontos que aqui vamos elencar (como objeto de estudo textual-discursivo do verbo) representam os fatos textuais-discursivos do uso das formas e categorias verbais que pudemos levantar não excluindo, pois, a possibilidade de detecção e inclusão de outros, sobretudo se se pensar no detalhamento de alguns tipos de fatos expostos em 4.2 e 4.3.

Consideramos que um fato tem algum papel no estabelecimento da textualidade, na constituição discursiva de um texto, quando ele se liga, de algum modo, a qualquer um dos elementos definidores da coerência, a qualquer um dos fatores de textualidade, inclusive a coesão. Utilizando esta perspectiva para a determinação do caráter textual-discursivo dos fatos consideramos que um uso do verbo é um fato com natureza textual-discursiva se ele depende de, ou é regulado ou determinado por um dos seguintes fatores:

1) constituição do texto enquanto tal:

- a) construção do texto para além da frase¹⁰²;
- b) estruturação do texto enquanto tal, independentemente e sua dimensão¹⁰³;

2) relação e interação entre os interlocutores (produtores e recebedores dos textos) em uma situação de comunicação, podendo o fato textual-discursivo no uso do verbo resultar:

¹⁰² É o caso, por exemplo, dos fenômenos de continuidade.

¹⁰³ Por exemplo, qualquer uso que se ligue à superestrutura de algum tipo de texto.

a) de determinações sócio-históricas em formações discursivas que podem ou não ser explicitadas em regras e convenções de comportamento e relacionamento social no uso da língua;

b) das intenções dos usuários da língua, o que resulta em todos os fatos de argumentação;

c) das imagens que os interlocutores fazem de si, do outro, do assunto, do objeto do dizer; e das imagens que eles julgam que os outros fazem de si, do outro, do assunto, do objeto do dizer;

d) da relação pessoal entre produtor e receptor do texto.

A consideração do fator **2d** acima é apresentada como hipótese de trabalho, mas achamos que este fator é pouco produtivo, pois as regularidades surgidas dele provavelmente terão explicação em termos dos fatores **2a, b, c**. Por exemplo, em termos de relações do tipo patrão X empregado, pais X filhos, professor X aluno, etc., já marcadas como lugares sociais ou posições de sujeito em formações discursivas bem estabelecidas.

Em 4.2 e 4.3 trataremos dos fatos do funcionamento textual-discursivo dos verbos (suas formas e categorias) ligados a cada um dos grupos de fatores acima.

Os fatos arrolados deverão ser objeto de estudo em nosso trabalho, enquanto funções do verbo, suas formas e categorias. Ao dizer isto, estamos levantando a hipótese de que é possível que estas funções, ou pelo menos algumas, sejam exercidas também por outros elementos da língua. Isto ficará bem evidenciado no capítulo 5, quando falamos do seqüenciamento ou ordenação temporal das situações no texto, pois ao estudar este fato tivemos de ver como o verbo interagiu com outros elementos nesta função textual.

Como nosso estudo se propõe ser essencialmente lingüístico, buscamos seguir no tratamento dos usos do verbo o que propõe CHAROLLES (1987) como tarefa da Lingüística Textual no sentido específico proposto em 1.2.

Também é interessante lembrar, sobretudo no estudo dos fenômenos de continuidade, as colocações de WEINRICH 1981: cap.VII) sobre transições, vistas como a passagem de um "signo" de um subsistema da língua a outro "signo" do mesmo subsistema (no caso interessa-nos o verbo: suas formas e categorias). Segundo ele, há uma tendência para transições homogêneas (passagem de um signo para outro da mesma natureza e tipo) que em seu conjunto constituiriam a textualidade de um texto (para nós seqüência lingüística) e em sua proeminência caracterizariam tipos de textos.

4.2 - FATOS DEVIDOS À CONSTRUÇÃO E ESTRUTURAÇÃO DO TEXTO

Dentre os fatos devidos à construção e estruturação do texto temos:

4.2.1 - Fenômenos de continuidade

Por continuidade entende-se a permanência de qualquer elemento ou a seqüência de elementos do mesmo tipo (aqui, formas e categorias verbais) no texto como um todo ou em partes dele.

4.2.1.1 - **O seqüenciamento ou ordenação temporal das situações** que pode ser de dois tipos: a) a indicação da ordem cronológica de realização das situações no mundo real, ou seja, a ordenação no tempo referencial; b) a ordem em que as situações se apresentam na linearidade do texto, ou seja, no que chamamos de tempo do texto (V. nota 72 e capítulo 5). Pode-se estudar cada um desses tipos de ordenação em si e ainda a interrelação entre eles.

Embora seja possível estudar a ordenação temporal nos quatro tipos de textos (descrições, dissertações, narrações e injunções) que tomamos como base para nosso estudo, todos os estudos que encontramos sobre o assunto tratam da ordenação no tempo referencial e somente para a narração. Assim COOPER (1986), utilizando a semântica de situação de Barwise e Perry (1981, 1983), com suas locações espaço-tempo, trata dos usos do presente do indicativo no inglês e da progressão do tempo no discurso (o que chamamos aqui de texto) narrativo. Para ele o tempo progride quando os acontecimentos (eventos) são vistos como seqüentes (ordenados). Isto ocorre se os verbos são dos tipos denominados "accomplishments" e "achievements"¹⁰⁴. Para

¹⁰⁴ COOPER (1986), como outros autores que citaremos, utiliza a classificação de VENDLER (1967). Abaixo estabelecemos uma equivalência entre a classificação dos tipos de situação propostas por VENDLER e a classificação que fizemos no capítulo 3 de TRAVAGLIA (1981) e, para uniformização, utilizaremos sempre nossa terminologia.

VENDLER

- a) States
- b) Activities
- c) Accomplishments
- d) Achievements

TRAVAGLIA

- a) Estados, incluídos no que chamamos de situação estática.
- b) Processos (situações dinâmicas durativas) atélicos.
- c) Processos télicos.
- d) Eventos (situações dinâmicas pontuais)

Para Vendler os "achievements" são eventos télicos. Preferimos falar só em eventos, já que não encontramos, no português, eventos atélicos.

ele, além do tipo de verbo, o conhecimento de mundo também atua na ordenação cronológica dos acontecimentos.

Para DOWTY (1986) as relações temporais inter-sentenças (ordenação) do discurso¹⁰⁵ narrativo em inglês são função de ou são determinadas por três fatores:

A) a análise da classe aspectual das sentenças como um todo. Para ele a classe aspectual é um dos quatro tipos de situações propostas por Vendler (V. nota 105, p.91), portanto algo diferente do que consideramos como aspecto (Cf. capítulo 3);

B) um princípio de interpretação das sentenças sucessivas no discurso narrativo que não faz referência à classe aspectual das sentenças envolvidas segundo o qual: "Dada uma seqüência de sentenças S1, S2,..., Sn, para que ela seja interpretada como um discurso narrativo, o tempo de referência de cada sentença Si (de tal modo que $1 < i \leq n$) deve ser interpretado:

a) como um tempo consistente com os adverbiais de tempo definidos em Si, se houver algum;

b) por outro lado, como um tempo que segue imediatamente o tempo de referência da sentença prévia Si-1" (pág. 45).

C) uma boa dose das implicaturas conversacionais de Grice e outras informações pragmáticas e de raciocínio de "senso comum" baseado no conhecimento de mundo do ouvinte.

Para Dowty, o "princípio de interpretação temporal do discurso" dado em B acima pode não operar em função da presença de advérbios temporais, do conhecimento do mundo real quando se tem sentenças que falam do mesmo acontecimento, quando as sentenças expressam acontecimentos simultâneos, ou então expressam sub-acontecimentos de outro dado anteriormente.

Quando o princípio opera, tem-se o seguinte: a) se uma sentença narrativa contém um predicado de processo télico ou um evento, e nenhum advérbio de tempo definido, aquela sentença é entendida como descrevendo um acontecimento que ocorre depois do acontecimento da sentença anterior (o teórico da literatura diria que o tempo da narrativa "move-se para frente" na segunda sentença); b) se a segunda sentença tem um predicado de situação estática (stative) ou de processo atélico, este é entendido

¹⁰⁵ DOWTY (1986), assim como outros autores, utiliza o termo discurso para se referir ao que definimos no capítulo 1 como texto.

como sobrepondo-se ao da primeira sentença, o que ocorre também com o verbo no "progressivo" independente do tipo do verbo.

DOWTY (1986) refere-se à proposta de KAMP (1979 e 1982) em que ele propõe que a relação temporal inter-sentenças (ordenação) no francês é função dos tempos (tenses) da seguinte forma: se a sentença tem o verbo no "passé simple", o acontecimento expresso é visto como seguindo o precedente; se o verbo está no "imparfait", é visto como sobrepondo-se ao acontecimento da sentença precedente.

HINRICHS (1986), em seu artigo sobre anáfora temporal, adotando a proposta de KAMP (1979), assinala que a ordem temporal dos acontecimentos na narrativa em Inglês não pode contradizer a ordem das sentenças se se tem uma seqüência de sentenças com o verbo no "past tense". Para ele, depende das "aktio-sarten" do verbo (se ele exprime um estado, um processo télico, um processo atélico ou um evento) se o acontecimento segue, precede ou se sobrepõe a outro. Assim, com verbos no "past tense" temos: a) se nas duas sentenças temos processos télicos, ou eventos, os acontecimentos se sucedem; b) os acontecimentos se sobrepõem, se nas duas sentenças tivermos estados ou processos atélicos ou se em uma tivermos estados ou processos atélicos e na outra processos télicos ou eventos; c) se os estados e processos atélicos forem referidos a pontos de referência em sucessão, eles são interpretados como estando em sucessão. Verbos no progressivo se comportam como os estados e processos atélicos. HINRICHS apresenta ainda uma proposta de ordenação de acontecimentos ligados por "when" (quando), que obedeceria ao seguinte princípio básico: a oração com "when" introduz um novo ponto de referência que é ordenado depois dos acontecimentos descritos no discurso precedente. HINRICHS sugere que o papel dos tempos verbais na ordenação se conjuga com a atuação de conjunções e adjuntos adverbiais de tempo.

Para NERBONNE (1986), a ordenação das situações depende dos tempos verbais (tenses) das frases de uma seqüência narrativa, porque eles se referem a uma seqüência temporalmente ordenada de tempos ("times"), de momentos.

HOPPER (1986) trabalha com seqüenciamento e não-seqüenciamento na língua malaia, dizendo que na narração o seqüenciamento cronológico é feito por verbos no aspecto perfectivo e o não seqüenciamento é dado por verbos de estado ou verbos no aspecto durativo. Já na narração em língua russa, o aspecto perfectivo daria ações seqüenciadas no tempo e o imperfectivo, ações não seqüenciadas. O seqüenciamento (perfectivo passado) e o não seqüenciamento (imperfectivo) de acontecimentos seria o valor discursivo básico do aspecto em algum sentido universal, do qual seriam

derivados e gramaticalizados outros valores, (v. quadro 4). Relacionando o seqüenciamento com os tipos de situação afirma que "eventos" são seqüenciáveis enquanto "estados", "processos em andamento" e "eventos repetidos" não são ordenáveis em seqüência.

RAFFERTY (1982), tratando da codificação dos aspectos perfectivo e imperfectivo no Indonésio, observa que, na narração, o perfectivo (os DI-verbos) cria seqüências de acontecimentos e, na conversação e no drama, só cria seqüências curtas de acontecimentos. O imperfectivo (os NG-verbos) marca a simultaneidade na narração.

Quadro 4

| Aspecto | Função discursiva central | Função semântica gramaticalizada adicional |
|--------------------|--|--|
| Perfectivo passado | Seqüenciar eventos | Valor aditivo: - sucesso dos eventos - completamento da ação |
| Imperfectivo | - Eventos não seqüenciados; estados; processos em andamento - Nenhum próximo evento asseverado ou implicado | - Valor conativo (= tentar) Ex.: Estou resolvendo o problema. - Valor de fato em direção ao qual os eventos estão se dirigindo. Ex.: Estamos explodindo a ponte. - Evento sem sucesso. - Ação de fim aberto (= não terminada) |

4.2.1.2 - **O seqüenciamento ou ordenação das fases ou etapas de uma situação** nos diferentes tipos de textos. Não encontramos estudos sobre este fato nem em línguas estrangeiras nem no Português. Ver capítulo 5.

4.2.1.3 - O seqüenciamento ou ordenação de tipos de situações. Aqui propomos a possibilidade da existência de seqüências do tipo exemplificado em (53), que seriam manifestações do mecanismo de coesão seqüencial por progressão com manutenção temática.

(53) a - situação (pontual) inceptiva → processo → situação (pontual) terminativa¹⁰⁶.

Exs: a.1 - partir → ir/vir → chegar

¹⁰⁶ Para os tipos de situação v. capítulo 3 e TRAVAGLIA (1981).

a.2 - decolar (inceptiva) → voar → aterrisar (terminativa) (pode intercambiar termos com a.l).

b - mudança de estado → estado.

Ex: engordar → estar gordo

c - estado → mudança de estado → (novo estado)

Ex: estar calmo → ficar nervoso → (estar nervoso).

d - processo → 7 situação (pontual) terminativa

Ex: procurar → achar.

O estudo deste tipo de seqüenciamento consistiria, pelo menos, da verificação do uso efetivo de tais seqüências, na construção de textos, através de um levantamento estatístico da ocorrência ou não de tais seqüências face às oportunidades de aparecimento das mesmas pela presença de um de seus membros. Parece ser pertinente fazer tal verificação para diferentes tipos de textos. É óbvio que seqüenciamentos de situações do tipo dos de (53) podem ser usados como uma estratégia auxiliar no tipo de ordenação temporal levantado em 4.2.1.1.

Como ordenadores e seqüenciadores de um modo geral os verbos (suas formas e categorias) seriam recursos de coesão seqüencial por progressão.

4.2.1.4 - Continuidade de tipos de verbos e situações face à tipologia textual.

A literatura sobre tipologia textual, ao buscar a caracterização dos tipos, tem sugerido a existência de continuidades dessa natureza, tais como a predominância de verbos de estado nas descrições e a predominância de verbos de situação dinâmica na narração. Pode-se verificar a realidade de existência dessas continuidades e seu uso efetivo e, naturalmente, pesquisar a existência de outras continuidades dessa natureza nesses tipos de textos e em outros, dando-lhes também um tratamento quantitativo.

Exceto as referências a esse tipo de continuidade em estudos de tipologia não encontramos estudos que tratassem da continuidade de tipos de verbos e situações.

4.2.1.5 - Continuidade de formas e categorias verbais (aspecto , modo, pessoa, tempo, voz) no texto como um todo, em relação com os tipos de texto. Aqui pode-se verificar se há correlações entre tipos de textos e formas e categorias verbais. Assim, por exemplo, a literatura lingüística tradicionalmente identifica o presente do indicativo à descrição e à dissertação; o pretérito imperfeito, à descrição e os pretéritos perfeito e mais-que-perfeito do indicativo à narração.

Quando WEINRICH (1981: capítulo VII) propõe o conceito de transição e a existência de transições homogêneas (de um elemento para outro do mesmo tipo) e heterogêneas (de um elemento de um tipo para um elemento de outro tipo), estabelecendo a predominância de transições homogêneas com relação aos vários elementos estudados (conjunções, preposições, artigos), inclusive os tempos verbais - com relação ao que ele definiu em WEINRICH (1968) como atitudes comunicativas (narrativa, comentário) e como perspectiva comunicativa (retrospectiva, prospectiva e grau zero) - ele estava de certa forma definindo a existência da continuidade, inclusive no plano gramatical. Isto vem configurar que a continuidade proposta em termos semânticos (continuidade de sentidos) por BEAUGRANDE e DRESSLER (1981) como fundamento da coerência é algo realmente definidor da coerência não só no plano semântico, mas também em outros planos da língua.

Quando WEINRICH (1968) dividiu os tempos verbais em tempos do mundo narrado e tempos do mundo comentado também estabeleceu continuidade dos tempos verbais com referência à atitude comunicativa para vários tipos de texto.

KOCH (1988 e 1989: 53, 54) inclui os aspectos e tempos verbais entre os recursos de coesão seqüencial por recorrência através das transições homogêneas de WEINRICH.

MARCUSCHI (1983: 15) inclui o tempo e o aspecto entre os fatores de conexão seqüencial (coesão) como seqüenciadores, mas fica apenas no esquema, pois não faz comentários nem dá exemplos de como funcionariam para tal.

LONGO (1987), estudando o valor coesivo do tempo verbal, conclui que este é dado pelo "princípio de permanência que prevê a repetição posicional do MR (momento de referência) em relação ao MF (momento da fala) ao longo do texto", ou seja, haveria continuidade (para ela permanência) do momento de referência (MR) , que seria então um recurso coesivo de repetição ou recorrência (dentro do modelo de coesão de HALLIDAY e HASAN-1976, que ela adota e propõe seja reformulado, para poder abrigar elementos gramaticais desse tipo e não apenas elementos lexicais).

As continuidades de todos os tipos, registradas aqui e em 4.2.1.4, podem, normalmente, ser vistas como recursos de coesão seqüencial por recorrência.

4.2.1.6 - Continuidade temática. Neste caso, em que o verbo seria um elemento de coesão seqüencial por reiteração (através do uso de sinônimos de um verbo, hipônimos

ou hiperônimos dele)¹⁰⁷ ou de coesão seqüencial por recorrência (repetição do próprio verbo) ou de coesão seqüencial por progressão com manutenção temática, é nossa hipótese que o verbo funciona como outro item lexical qualquer em função do conhecimento de mundo ativado por seu semantema. Assim sendo, não apresenta interesse relativamente ao objeto específico deste estudo.

4.2.1.7 - Fenômenos de concordância que têm a ver com a seqüência de categorias e elementos lingüísticos de um modo geral: o que pode ou tem de vir ao lado do (junto com o) que na cadeia lingüística. Alguns fenômenos de concordância parece que ficam restritos ao nível da frase, embora possam ter um papel textual -discursivo. É o caso, por exemplo, da concordância do verbo com o sujeito. Outros fenômenos ultrapassam o nível da frase, como a "consecutio temporum" se pensarmos, por exemplo, em termos de "tempos verbais" do mundo narrado e do mundo comentado propostos por WEINRICH (1968), que se combinam no texto como um todo. Toda a teoria de WEINRICH se baseia em um fenômeno de concordância de "tempos verbais" que permite dividir esses tempos, conforme a atitude comunicativa, em tempos do mundo comentado e do mundo narrado.

No estudo dos fenômenos de concordância, podemos observar dois tipos de fatos:

a) concordância entre as formas e categorias verbais (tempo, modo, aspecto, etc) dos verbos de orações encadeadas em um período composto e dos verbos de frases encadeadas no texto;

b) concordância entre as formas e categorias verbais e outras classes de palavras ou constituintes da cadeia lingüística, tais como advérbios e adjuntos adverbiais, conjunções, preposições, sujeito, etc.

HINRICHS (1986), falando de anáfora temporal, trata de alguns fatos de concordância para o Inglês. Partindo das idéias de PARTEE (1973) que, segundo ele, vê a anáfora temporal como a dependência semântica entre morfemas temporais (tense morphemes) e advérbios e conjunções temporais, ele discute a possibilidade de anáfora temporal em nove casos (v. 54 abaixo) e termina definindo-a como um uso não dêitico

¹⁰⁷ KOCH (1988) e (1989) não propõe coesão seqüencial por reiteração, mas coesão referencial por reiteração. Propomos essa terminologia, para identificar tais mecanismos de coesão envolvendo o verbo, onde parece que não se pode falar propriamente que os componentes da superfície textual remetem a um mesmo referente (coesão referencial).

dos morfemas temporais, caracterizado pela sua possibilidade de se relacionar com um ponto de referência independente, dado pelo discurso (Cf. nota 106 p. 92). Essa possibilidade de uso anafórico dos morfemas temporais seria compartilhada pelas conjunções temporais e alguns tipos de advérbios.

- (54) a - Advérbio de tempo - Morfema temporal.
b - Conjunção temporal - Morfema temporal.
c - Morfema temporal - Morfema temporal.
d - Morfema temporal - Advérbio de tempo.
e - Advérbio de tempo - Advérbio de tempo.
f - Advérbio de tempo - Conjunção temporal.
g - Morfema temporal - Conjunção temporal.
h - Conjunção temporal - Conjunção temporal.
i - Conjunção temporal - Advérbio de tempo.

No que respeita ao verbo, e nos interessa aqui, ele busca mostrar como advérbios e conjunções podem ou não ocorrer na anáfora temporal, concordando com os morfemas temporais.

Em TRAVAGLIA (1981), registramos alguns casos de concordância entre o aspecto verbal e os adjuntos adverbiais. Comentamos a relação entre aspectos durativo e pontual e adjuntos adverbiais de duração e pontualidade, e entre aspectos imperfectivo e perfectivo e adjuntos adverbiais indicadores de períodos de tempo indeterminados e/ou incompletos de um lado e períodos de tempo determinados e/ou completos por outro. Outros aspectos também selecionam adjuntos adverbiais, assim o iterativo e o habitual combinam-se com adjuntos adverbiais de frequência, mas o habitual seleciona aqueles que são interpretados com um sentido totalizador ou se aproximam deste (sempre, nunca, quase sempre, normalmente, todas as vezes, aos domingos, etc.) e o iterativo, os demais (várias vezes, três domingos, etc). Mostramos também a relação entre aspectos como o iterativo e a quantificação dos sintagmas nominais sujeito (se o verbo é intransitivo) e o objeto (se o verbo é transitivo): o iterativo exige que estes sintagmas sejam plurais, caso contrário as frases soam inaceitáveis (V. exemplos de 55) (V. TRAVAGLIA - 1981: item 8.2).

- (55) a - **Têm nascido muitos fi1hotes** ultimamente.
b - ***Tem nascido um fi1hote.**

c - Esse menino **tem engolido coisas estranhas.**

d - *Esse menino **tem engolido uma bolinha de gude.**

ILARI (1989) ao tratar da classe de advérbios que ele chama de aspectuais, trata de vários casos de concordância entre os aspectos e os adjuntos adverbiais. Além disso, apresenta um quadro de adjuntos adverbiais de tempo que tem apenas uso dêitico, apenas uso anafórico e uso dêitico ou anafórico, o que vai ter uma certa relação com a anáfora temporal de HINRICHS (1986).

FERNANDES JR. (1986) propõe um modelo de descrição pragmática dos verbos nos enunciados dos textos, como uma abordagem do verbo na gramática de texto a que ele denomina cronológica. Sua proposta parece ter aplicações no que diz respeito à concordância de tempos, portanto um fenômeno de continuidade, mas não explica vários fatos que ele tacha de inaceitáveis para validar o modelo, mas que têm uso corrente na língua.

Evidentemente enquadram-se aqui todos os estudos sobre a concordância do verbo em número e pessoa com o sintagma nominal sujeito e que são tradicionalmente tratados sob a designação de concordância verbal.

4.2.1.8 – A **progressão** é entendida como o avanço do assunto ou temática do texto. Assim, por exemplo, numa narração, o avanço da história através dos acontecimentos. Em contraposição à progressão temos a **elaboração de um ponto**. Pode-se estudar se ocorre a especialização ou preferência de formas e categorias do verbo em alguma das duas funções: de fazer progredir o texto ou de elaborar um ponto. Parece, pelo que pudemos observar, que a progressão e elaboração de um ponto se ligam diretamente a questões de relevância. (v. 4.2.2.1 e 4.2.2.2).

KALMÁR (1982) fez um estudo das funções dos modos verbais nos textos narrativos do inuktitut (apenas do dialeto Iglulingmiut), que ele diz ter limitado apenas aos modos primários, às narrativas e ao dialeto citado, por ser um estudo introdutório. Todavia, acha que os resultados encontrados são válidos, com algumas modificações, para outros dialetos esquimós e para outros tipos de texto. Segundo ele, entre outras funções (v. itens 4.2.2.1, 4.2.2.2 e 4.2.2.4), os modos no Inuktitut marcam a progressão (que ele chama de desenvolvimento) e a elaboração de um ponto com a seguinte distribuição:

a) modo **MOI** ("Main, optative, imperative"): desenvolvimento de informações essenciais;

b) modo **relativo**("relative"): desenvolvimento de informações secundárias;

c) modo **aposicional** ("appositional"): elaboração de um ponto (com foco nos eventos);

d) modo **participial** ("participial"): elaboração de um ponto (com foco nos participantes).

Como está tratando da narrativa, diz que "o desenvolvimento é sentido pelo falante como sendo o atributo de proposições que avançam a trama (o enredo) de um ponto para o próximo" (v. p. 57).

RAFFERTY (1982), nos seus estudos sobre o aspecto no Indonésio refere rapidamente que os verbos com DI-(formas perfectivas) avançam a narrativa (p. 74) a p. 83 registra que o imperativo no drama serve para avançar a história. Também para HOPPER (1982), o perfectivo faz progredir a narrativa.

4.2.1.9 - o uso do verbo como **pró-forma verbal**, ou seja, o seu uso como elemento de coesão referencial por substituição é uma possibilidade prevista em muitos estudos sobre coesão. Com frequência aponta-se o inglês "do" ("did") como exemplo típico de pró-forma verbal (Cf. HALLIDAY e HASAN - 1976: 112-129). No Português, MORAES (1986: 371) e KOCH (1989: 44) referem-se ao uso do verbo "**fazer**" como uma espécie de pró-forma verbal, mas que se usa sempre acompanhado de um pronome e substituindo todo um predicado e não só o verbo. KOCH também cita um uso substitutivo do verbo "ser". (v. verbos vicários da gramática tradicional).

4.2.2 - Fenômenos de relevância

4.2.2.1 - Estabelecimento de contraste entre **figura e fundo** entre **primeiro e segundo planos no texto**, como função de formas e categorias verbais. O objetivo aqui é buscar o mecanismo e elementos (formas, categorias) envolvidos nesse contraste que parece estar ligado à relevância temática.

Para a maioria dos autores vistos, o estabelecimento de figura ("foreground") e fundo ("background") é função do aspecto. LI, THOMPSON e THOMPSON (1982) (Mandarim) HOPPER (1982) (Malaio) e RAFFERTY (1982) (Indonésio) afirmam que a figura, o primeiro plano é dado pelas formas verbais do perfectivo e o segundo plano ou

fundo é dado pelas formas do imperfectivo. Rafferty diz que a função discursiva do aspecto é estabelecer fundo e figura, e que o perfectivo chama a atenção para pontos importantes na história, drama ou conversação, nos dois últimos marcando o envolvimento emocional, a crença em, o desejo pela ação expressa pelo verbo. FUCHS (1987 e 1987a) afirma que o papel do aspecto é marcar a relevância temática, a relação de uma predicação com um quadro temático compartilhado pelos interlocutores.

WEINRICH (1968) coloca o estabelecimento de figura e fundo como função dos tempos verbais. Função esta que estaria, nas línguas românicas, na base da distinção entre "passé simple" e "imparfait" (Francês), pretérito perfeito do indicativo e pretérito imperfeito do indicativo (Português e Espanhol). O pretérito perfeito (e seus correspondentes nas outras línguas) marcariam o primeiro plano e o imperfeito (e seus correspondentes) o segundo plano.

Para KALMÁR (1982), no Inuktitut, a figura e o fundo seriam dados pelos modos: o "MOI" daria a figura, por marcar as informações essenciais; e o "relativo" daria o fundo, por marcar informações secundárias.

O estabelecimento de figura e fundo foi observado por esses autores sobretudo na narração.

4.2.2.2 - Organização das informações em termos de informações essenciais e secundárias. Essa organização pode ser feita pelo verbo, como evidencia o trabalho de KALMÁR (1982). Ele verificou que, no Inuktitut, é o modo verbal que organiza as informações na narrativa, conforme elas sejam essenciais ou secundárias de acordo com o seguinte quadro:

- a) Informação essencial: modo "MOI" (foco nos acontecimentos);
- b) Informação secundária: modos "relativo" (foco nos acontecimentos e progressão), "aposicional" (foco nos acontecimentos e elaboração de um ponto), "participial" (foco no resultado que os acontecimentos têm no estado dos participantes da ação e elaboração de um ponto).

Portanto, o que se deve observar aqui é se o verbo através de suas formas e categorias, tem algum papel nessa organização das informações nos textos em Português. Assim, por exemplo, na narração, as formas e categorias verbais são usadas para distinguir entre fatos importantes ou não para o narrador? Na descrição, fazem alguma indicação das características que o produtor acha fundamentais sejam percebidas pelo receptor? Na dissertação, distinguem entre conceitos, relações, idéias,

argumentos, etc. principais e subsidiários? Na injunção, distinguem entre determinações de agir vistas como fundamentais, essenciais ou não?

4.2.2.3 - Indicação de **relevância pragmática de uma situação, de algo** no texto (acontecimento, estado, comentário) para a **situação presente** (o aqui e o agora) ou para um ponto de referência.

Para os que consideram como aspecto o que chamam de "perfeito" ("perfect" em inglês), essa indicação tem sido considerada uma função do aspecto. O "perfeito" identificaria uma situação do texto como relevante para a situação presente. LI, THOMPSON e THOMPSON (1982) estudam como o "perfect" marcado no Mandarim pela partícula "-LE", que é uma espécie de sufixo, dá a relevância para a situação atual ou para um ponto de referência que pode ser um momento qualquer da narrativa ou o momento da fala.

4.2.2.4 - Os **fatos de focalização** em que se observaria o relevo, o destaque dado a um tipo de elemento do texto. Os tipos de elementos que podem ser focalizados variam de acordo com o tipo de texto. Assim, na narrativa, onde este tipo de fato parece ser mais plausível poderíamos ter o foco:

- a) no participante e seus estados;
- b) nos acontecimentos;
- c) no próprio falante (narrador).

KALMÁR (1982) levantou o seguinte quadro de focalização:

a) foco nos acontecimentos: modos "MOI" (com informação essencial e progressão), relativo (com informação secundária e progressão) e aposicional (com informação secundária e elaboração de um ponto);

b) **foco** no resultado que os acontecimentos têm no **estado dos participantes da ação**: modo participial (com informação secundária e elaboração de um ponto).

É preciso fazer um estudo sobre os tipos de focalização possíveis em cada tipo de texto. Intuitivamente, é possível pensar em algumas focalizações. Na descrição: foco em características físicas ou foco nas psicológicas; focos em características permanentes ou transitórias. Na dissertação: foco em conceitos, ou em relações; foco em argumentos e não argumentos. Na injunção: foco na ação a executar ou no executante ou no ato de determinar.

Até onde pudemos observar, parece que o Português não marca essas diferentes focalizações, pelo menos através do verbo (suas formas e categorias). As continuidades de pessoa talvez sejam resultado de focalização do produtor do texto nele mesmo (1ª pessoa), no interlocutor (2ª pessoa) ou em algo distinto dos interlocutores (3ª pessoa) (v. item 6.3.4).

No nível da frase, o Português faz focalização de diferentes elementos, valendo-se de entonação ou de recursos sintáticos (topicalização, expletivos), dando relevância e alterando o sentido da frase como um todo. Veja exemplos de (56) onde o negrito marca o termo colocado em relevo pela entonação ou outro recurso.

- (56) a - **João** comeu o bolo.
b - João **comeu** o bolo.
c - João comeu **o bolo**.
d - Foi **o bolo** que João comeu.
e - **O bolo**, João comeu-o.
f - **João** é que comeu o bolo.

4.2.3 - Fenômenos ligados à organização de situações

Aqui pode-se observar a atuação do verbo no que se refere, por exemplo, à organização de episódios na narração; de conceitos, relações, argumentos, etc. na dissertação; de características na descrição e de determinações na injunção, buscando responder questões tais como:

a) a alternância de formas e/ou categorias verbais tem algum papel na organização de episódios na narrativa?

b) No texto dissertativo, a alternância de formas e/ou categorias verbais tem algum papel na organização das situações deste texto em termos de conceitos, relações, argumentos, especificações (como a exemplificação) generalizações etc.? Pode-se observar, por exemplo, se há alguma função na alternância, na seleção do presente do indicativo e das formas nominais, constituindo orações reduzidas?

c) As formas e/ou categorias verbais têm algum papel na organização das situações nos diferentes tipos de textos além dos papéis ligados à relevância (tal como separar informações essenciais de secundárias)?

d) Etc.

WOLFSSON (1979), estudando a alternância do chamado presente histórico com o pretérito perfeito simples em narrativas conversacionais no Inglês americano, conclui que essa alternância tem um caráter discursivo (=textual) com a função de organização da narrativa: a alternância serve para separar episódios na história, colocando os mais dramáticos para o falante no presente histórico, o que caracteriza subsidiariamente uma função de relevância. Como se pode observar, essa caracterização de maior dramaticidade fica de acordo com o que WEINRICH (1968: 161-164) propõe ao falar das metáforas temporais: o uso do presente do indicativo (tempo do comentário) para narrar "empresta ao relato maior tensão e dramatismo".

4.2.4 - Fenômenos ligados ao ponto de vista do produtor do texto

Os estudos de teoria literária têm trabalhado neste campo, quando estudam as diferentes características dos textos narrativos em função do ponto de vista do narrador, ou seja, "a posição do narrador quando vai contar a história" segundo PIRES (1981). Este autor diz que o narrador pode assumir uma posição dentro ou fora dos limites da história. Quando dentro, tem-se o ponto de vista interno, caracterizado pela primeira pessoa: o narrador assume então o ponto de vista do protagonista, de um personagem secundário ou de vários personagens ao mesmo tempo. Quando fora, tem-se o ponto de vista externo, caracterizado pela terceira pessoa: o narrador então pode ser onisciente (quando sabe tudo de todas as personagens até mesmo o que se passa em sua mente, intenções, etc.); limitado (sabe tudo só de um personagem e os demais são vistos apenas a "partir da relação com este"); testemunhal ou visual em que o narrador narra como apenas um observador dos acontecimentos (Cf. p. 129).

FILLMORE (1981), ao discutir a importância da pragmática para a descrição do discurso em termos de contextualização permitida pelas expressões lingüísticas, para mostrar como o tipo de texto afeta o uso de elementos lingüísticos, inclusive os tempos verbais, utiliza como exemplo justamente um tipo de texto dado pelo ponto de vista do narrador que ele chamou de texto narrativo onisciente seletivo. Temos então a discussão de fenômenos ligados ao ponto de vista do produtor do texto.

SMITH (1986), ao fazer uma abordagem do aspecto baseada no falante, tomando dados do Inglês e do Francês, propõe que a escolha aspectual pelo falante marca o ponto de vista do qual uma situação é apresentada. Assim, o aspecto da frase apresenta uma situação de um certo ponto de vista através: a) da situação tipo (evento,

processo télico ou atélico, estados) que dá o que ela chamou de "aspecto de situação" ("situation aspect"); b) da perspectiva que dá o que ela chamou de "aspecto de ponto de vista" ("viewpoint aspect"), configurando a distinção perfectivo e imperfectivo, que, no Inglês se manifestaria através do que ela chamou de aspecto simples e progressivo respectivamente. O ponto de vista do perfectivo e apresentar a situação como um todo e do imperfectivo e apresentá-la não de modo global, gerando valores como os de situação em andamento e continuidade entre outros.

4.2.5 - Fenômenos ligados à relação entre “tipos de verbos e situações e formas e categorias verbais” e superestruturas textuais”

Os fatos a serem estudados aqui mantêm uma relação com as continuidades que registramos em 4.2.1.4 e sobretudo com as registradas em 4.2.1.5, porque, quase sempre, essa continuidade vai ser afetada pela composição dos tipos básicos (narração, descrição, dissertação e injunção) para constituir diferentes partes de textos, tais como propagandas, receitas, romances, contos, novelas, etc.

BASTOS (1985: 74 e ss.) ensaia um relacionamento entre os tempos verbais (o que chamamos de formas verbais) e as partes da narrativa (passada), fazendo uma lista dos tempos verbais que aparecem em cada parte, mas sem procurar explicar o porquê da correlação, talvez porque seu objetivo primeiro não era este, mas estudar coesão e coerência nas narrativas escolares escritas e as transições homogêneas ou heterogêneas entre as partes em termos de WEINRICH (1981) com objetivos pedagógicos. Ela estabelece as seguintes relações:

- a) **resumo**¹⁰⁸: presente o indicativo e pretérito perfeito do indicativo;
- b) **estado inicial**: sobretudo o pretérito imperfeito do indicativo, mas também o pretérito perfeito do indicativo e o presente do indicativo;
- c) **orientação**: sobretudo o pretérito imperfeito do indicativo, mas também o presente do indicativo e o pretérito perfeito do indicativo que aqui apareceria mais que no estado inicial;

¹⁰⁸ 108 - As partes da narrativa que BASTOS (1985) considera são um elenco derivado das propostas de LABOV e WALETZKY (1967), LABOV (1972) e LARIVAILLE (1974).

d) **transformações** (complicação, resolução): sobretudo o pretérito perfeito do indicativo.

CASTRO (1980), estudando os tempos verbais na narrativa oral e utilizando a proposta de partes da narrativa oral de LABOV e WALETZKY (1967) e LABOV (1972), dá um tratamento quantitativo ao problema, chegando ao quadro reproduzido como quadro 5 abaixo, a partir do qual conclui que "o pretérito perfeito do indicativo pode ser considerado o tempo verbal básico ou característico da narrativa oral, uma vez que é o tempo típico da complicação e da resolução, seções essenciais do discurso narrativo. É ainda o tempo típico do resumo, seção que sintetiza o relato. O pretérito imperfeito do indicativo (e incluem-se aqui as perífrases do imperfeito estar + gerúndio e ter + particípio) pode ser identificado como o tempo característico da orientação. Já o presente do indicativo é o tempo da coda, seção que marca o retorno do discurso para a perspectiva da atualidade da enunciação (p. 82). A autora trabalha apenas com a narrativa passada.

WEINRICH (1968) diz que o pretérito imperfeito predomina na introdução e na conclusão dos textos narrativos das línguas que estudou, sobretudo o Francês.

Não encontramos estudos que vissem a relação entre formas e categorias verbais e superestruturas textuais relativamente a outros tipos de textos. Pode-se, é evidente, estudar essa relação nos grandes tipos textuais bem como nos seus subtipos.

Quadro 5
Ocorrência dos tempos verbais nas narrativas

| | Perfeito | Imperfeito | Presente | Futuro do Pretérito |
|-------------------------|----------|------------|----------|---------------------|
| Sumário | 74% | 12% | 14% | - |
| Orientação | 9,6% | 73,1% | 17,2% | - |
| Complicação e Resolução | 96,5% | 2,5% | 0,9% | - |
| Avaliação | 45,2% | 39,3% | 14,9% | 0,4% |
| Coda | 16,9% | 12,3% | 70,7% | - |
| TOTAL | 66,6% | 20,9% | 12,2% | 0,1% |

(CASTRO - 1980: 96)

4.2.6 - Fenômenos ligados à informatividade, à estrutura informacional do texto

Neste caso deve-se observar se o verbo, de algum modo, atua na marcação da oposição dado/novo, caracterizando assim, a distribuição da informação dentro do texto.

É nossa hipótese que as categorias e formas verbais no Português não têm qualquer papel na marcação da distinção dado/novo. Informacionalmente parece que só têm atuação em fenômenos como o de relevância especificado em 4.2.2.2, ou seja, organização das informações em essenciais e secundárias.

4.3 - FATOS DEVIDOS A RELAÇÃO E A INTERAÇÃO ENTRE OS INTERLOCUTORES (PRODUTORES E RECEPTORES DOS TEXTOS) EM UMA SITUAÇÃO

Entre esses fatos podemos incluir:

4.3.1 Fenômenos ligados à argumentação

Entende-se aqui a argumentação como intencionalidade em um sentido amplo, ou seja, abrangendo todas as maneiras como produtores usam textos e os elementos que os constituem para perseguir e realizar suas intenções e objetivos, construindo textos adequados à obtenção dos efeitos desejados pela utilização de marcas ou pistas que orientam os enunciados no sentido de determinadas conclusões¹⁰⁹. Vista dessa forma, a argumentação é o fator básico da textualidade e faz uso de qualquer forma e categoria verbal, dentro de qualquer fenômeno devido a estruturação do texto e à interação entre os interlocutores. Pode-se, pois, propor a hipótese de que todos os fenômenos de uso do verbo, arrolados neste capítulo ou não, têm sempre uma dimensão argumentativa. Assim, deve-se estar atento a esta dimensão em cada fenômeno com vistas a detectar e estabelecer regularidades argumentativas de caráter geral em termos de valores básicos dos quais podem derivar usos e valores particulares. Dessa forma, sempre que o estudo oportunizar, faremos comentários que explicitem a dimensão argumentativa.

GUIMARÃES (1979), estudando a modalidade e a argumentação lingüística através da análise de enunciados modalizados em Língua Portuguesa, inclusive no passado, demonstra que as modalidades são ilocucionais e apresentam uma orientação

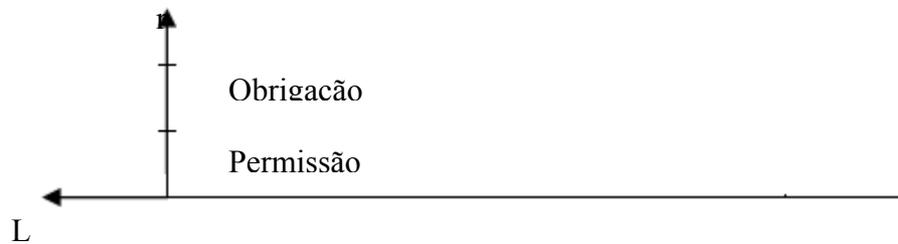
¹⁰⁹ Cf. KOCH e TRAVAGLIA (1989) e (1990).

argumentativa, organizando-se em escalas argumentativas (Cf. pp. 57 e ss. e 66 e ss.) que se integram numa estrutura mais ampla dada pelo que o autor chamou de requisito de sinceridade (RS). Constrói, assim, um modelo para análise semântica das modalidades em que ele propõe que a consideração do sentido pode ou deve ser feita em dois momentos, e que ela precisa ter um caráter intencional. Afirma ainda que se pode concluir que: "o sentido dos enunciados é função das intenções que o destinatário considera que o locutor tem quando os profere" (Cf. pp. XVIII e XIX).

Às páginas 66 e 67 apresenta as seguintes escalas argumentativas:

A) Exercitivas

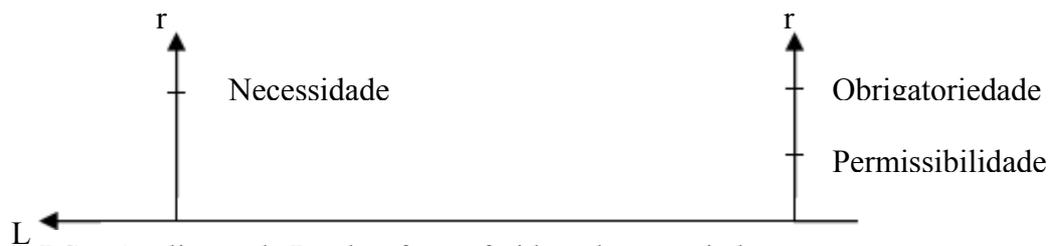
RS = Vontade do locutor (L)



RS = Vontade de L sobre ato futuro de alguém

B) Veredictivas

RS = Avaliação de L



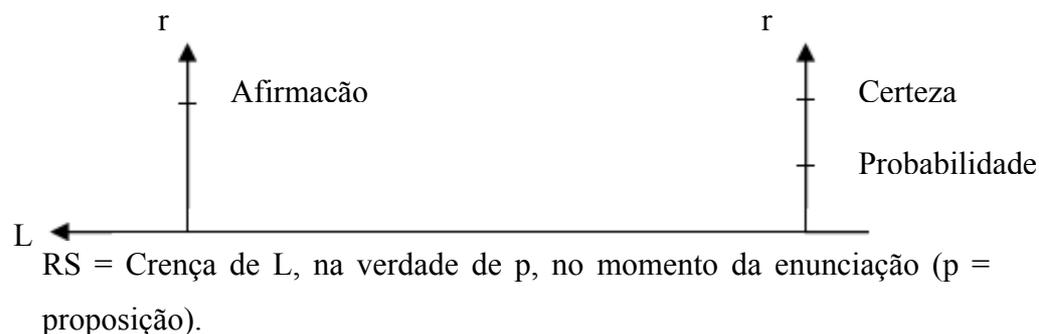
RS = Avaliação de L sobre fato referido pelo enunciado.

C) Expositivas

RS = Crença de L



RS = Crença de L no fato expresso pelo enunciado



LAVANDERA (1985: capítulo V, pp. 73-75 e capítulo VII, pp. 116-134) observa a alternância entre subjuntivo e indicativo em textos de entrevistas no Espanhol, mostrando como a ocorrência do primeiro funciona como uma estratégia argumentativa do falante que visa a dar maior credibilidade a uma ocorrência posterior do mesmo verbo no indicativo e a fazer com que o ouvinte encare o dito de uma certa forma e enverede na conversação por um caminho e não por outro.

4.3.2 - Fenômenos ligados à situação

Os fatos de uso do verbo (suas formas e categorias) ligados à situação configuram sua dimensão pragmática.

Aqui podem ser estudados vários fatos. O primeiro deles seria a questão dos **verbos que lexicalizam uma indicação dêitica**¹¹⁰, o que faz com que sua utilização e interpretação se ligue diretamente à situação, dando inclusive dados, por exemplo, sobre a posição relativa dos interlocutores no espaço. Seriam exemplos desses verbos que poderíamos chamar de **verbos dêiticos**: ir/vir, chegar, levar/trazer.

FILLMORE (1981), ao tratar da pragmática das expressões lingüísticas como necessária para explicar certos fatos que ocorrem no emprego das mesmas, delimitando suas possibilidades de interpretação, exemplifica este fato discutindo a contextualização (situacional) que as formas lingüísticas permitem. Entre os exemplos que dá "discute a pragmática dos verbos **ir** e **vir** que deixa bem evidenciada a relação com a situação.

Um outro tipo de fato que pode ser estudado aqui são os relacionados com as **categorias verbais dêiticas** - pessoa e tempo (no sentido definido no capítulo 3): todos os fatos ligados à sua ancoragem na situação de comunicação e a conseqüente

¹¹⁰ Cf. FUCHS (1987a).

ancoragem que fazem do texto na situação. A pessoa, através de indicações sobre os participantes da interação, e o tempo, através do relacionamento da situação referida com o momento da enunciação, com todas as implicações que possam advir desses dois valores básicos, não só em termos situacionais, mas também argumentativos, de imagens, etc.

Finalmente podemos lembrar o fato de que, com frequência, o sentido de muitos verbos só se define contextualmente a nível sintático (co-texto) e/ou pragmático (contexto de situação). No primeiro caso teríamos, Por exemplo, os fenômenos de regência com diferenças do tipo que existe entre, por exemplo, "implicar" e "implicar com". Um exemplo do segundo caso poderia ser o verbo "emprestar" no jogo entre dois sentidos (dar em empréstimo X tomar em empréstimo) que só se definem na/pela situação.

4.3.3 - Fenômenos ligados às imagens

4.3.3.1 - Fatos de uso do verbo devidos ao que chamamos de **valores discursivos básicos** que estão ligados à relação do falante com o que diz, a imagem que ele faz do assunto, do tópico ou a imagem que quer fazer acreditar que tem desse assunto ou tópico. Esses valores podem resultar em muitos outros subsidiários e se prestam fundamentalmente a usos argumentativos. Levantamos quatro desses valores que nos pareceram importantes para o funcionamento textual-discursivo do verbo no Português:

- a) determinado/indeterminado;
- b) realidade/irrealidade;
- c) comprometimento/não comprometimento (esses valores podem ser derivados de b);
- d) as modalidades (Cf. capítulo 3).

Quase todos os estudos sobre os modos (Cf. por exemplo, as gramáticas) e seu emprego dizem que o indicativo apresenta as situações como certas, reais, enquanto o subjuntivo as apresenta como incertas, duvidosas, irrealis, hipotéticas. Isto parece ser válido de maneira geral, mas é preciso aprofundar mais essa análise, pois nem sempre as coisas se passam dessa forma. Assim, por exemplo, em TRAVAGLIA (1987), mostramos que o pretérito imperfeito do indicativo, em muitos casos, pode ser usado para apresentar a situação como irreal.

SIQUEIRA (1987) relaciona o uso que o falante faz de tempos verbais com as idéias de "universo do locutor", "universo de crença" e "mundos possíveis"¹¹¹, o que parece produtivo para o estudo discursivo do verbo, sobretudo quando este se liga à oposição realidade/irrealidade.

4.3.3.2 - O uso de **verbos como marcadores conversacionais**, o que parece dever-se ao fato do produtor do texto fazer uma imagem:

a) do assunto como algo não totalmente definido, por exemplo, o que geraria o uso de verbos marcadores tais como: parece, eu acho que, digamos assim, etc. (que, neste caso são um tipo de modalizadores);

b) do interlocutor (mesmo que virtual como no texto escrito) em termos de sua provável reação ao que ele diz (aceitação ou não, compreensão ou não, por exemplo) de sua atenção ou não, de seu conhecimento ou não, etc., surgindo, então, verbos marcadores tais como: entendeu?, sabe?, veja bem, concorda?, não foi?, não é?, sabia?

Evidentemente também temos verbos funcionando como marcadores e produzidos pelo receptor do texto. Neste caso, eles funcionam como orientação para o produtor, revelando concordância, discordância, atenção, interesse, questionamento etc. Alguns exemplos seriam: sei, é, foi?, não diga, diga, continua, duvido, discordo, etc.

MARCUSCHI (1985, 1986, 1987), tratando dos marcadores conversacionais (tipos, funções, posições, formas, co-ocorrências), inclui vários verbos nas suas listas de marcadores conversacionais. CASTILHO (1987) também trata dos verbos que funcionam como marcadores conversacionais, mostrando que eles têm neste caso, diferentes funções discursivas ou textuais na interação: "veiculam avaliações do falante a respeito do que ele fez constar no núcleo, contêm instruções que orientam a interação e organizam as formas de desenvolvimento temático" (p. 7) Castilho observa que os verbos que funcionam como marcadores são basicamente de quatro tipos: cognitivos, emotivos, de percepção e copulativos. Não encontrou como marcadores verbos de movimento e de atividade prática.

¹¹¹ - Siqueira toma essas noções a MARTIN (1983). "O universo do locutor compreende as informações que possui, os conhecimentos adquiridos, os fatos memorizados; o universo de crença corresponde ao conjunto de proposições que o locutor tem por verdadeiras no momento em que se exprime; os **mundos possíveis** estão ligados às incertezas e suposições do locutor no momento enunciativo" (SIQUEIRA-1987: 421).

4.3.4 - **Fenômenos ligados a formações discursivas** que determinam o uso preferencial de certas formas verbais e de determinados valores delas em determinadas situações, em função de um certo tipo de relacionamento com a ideologia.

Apenas para deixar claro o tipo de fato que estamos considerando aqui, vejamos um caso que parece muito produtivo no Português do Brasil. Estamos nos referindo a todos os usos do verbo (suas formas e categorias) resultantes da regra de interação implícita em nossa sociedade segundo a qual deve-se na relação com outrem, evitar confrontação aberta, direta, ostensiva. Aqui vão se incluir todos os fatos conseqüentes ao princípio de preservação das faces (proposto por GOFMANN e citado por MARCUSCHI - 1987) e todos os usos advindos da polidez e da cortesia. Pode-se ver as gramáticas e manuais de estilo, que falando do emprego dos tempos e modos verbais, referem-se, por exemplo, a pretérito imperfeito e futuro do pretérito de cortesia; ao uso do imperativo com recursos de atenuação da ordem e ao uso da primeira pessoa do plural pela do singular, caracterizando o plural de modéstia ou uma espécie de impessoalização como nos textos dissertativos (Cf., por exemplo, o texto desta tese).

4.4 - ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

4.4.1 - Além dos estudos do verbo na perspectiva textual-discursiva, que se encaixam no quadro esboçado em 4.1, 4.2 e 4.3, e que ali arrolamos a título de exemplo, é possível encontrar **outros estudos** ligados a essa perspectiva e ao verbo, mas relacionados à constituição do texto de um modo diverso.

Estão neste caso as colocações de DRESSLER (1974: capítulo 2, sobretudo item 2.10.1) que, ao buscar explicar como o texto é “gerado”, coloca aspecto, tempo e modo como fazendo parte da base temática e semântica do texto entre os elementos do campo verbal, em sua proposta de que o texto seria derivado do tema.

BACH (1986) busca aplicar aos verbos a distinção contável X não-contável (massa), normalmente usada para os nomes, tentando criar princípios semânticos de interpretação. Ele considera como contáveis os processos télicos e os eventos e como não-contáveis (massa) os processos atélicos. Isto pode ter várias conseqüências no estudo textual do verbo em termos de fenômenos de continuidade e de concordância do verbo com outros elementos da frase/do texto.

GURPILHARES (1986) faz um estudo dos verbos de movimento, mostrando que a atualização ou não dos elementos de direcionalidade nestes verbos (lugar de onde,

por onde e para onde) depende de elementos pragmáticos tais como a intenção do locutor (o que é importante em dada situação comunicativa) e a relação entre os interlocutores (localização, grau de conhecimento do contexto de situação de fala, etc.).

Os trabalhos de Análise do Discurso normalmente fazem referência a formas e categorias verbais, tomando-as como marcas lingüísticas que comprovam um efeito de sentido que está sendo proposto para o(s) discurso(s) em análise. Normalmente, portanto, não são propostas teorizações sobre o verbo no discurso, mas apenas se utilizam teorizações já existentes. Exemplos desse uso analítico podem ser vistos, por exemplo: a) em ORLANDI (1987: 39-58) no artigo "A linguagem em revista: a mulher fêmea", quando fala em estilo subjuntivo; b) em COURDESSES (1971) que, a partir dos conceitos de "distância", "modalização", "tensão" e "transparência" que caracterizam a enunciação¹¹² analisa as pessoas (je, nous, vous), os verbos enunciativos (eu digo, eu falo, eu declaro, eu repito, etc.), a voz, a modalidade e o aspecto em função da postura ideológica que aponta nos políticos cujo discurso analisa. Embora esse tipo de análise não teorize sobre o verbo em seu funcionamento textual-discursivo, as indicações das análises feitas podem apontar caminhos, veios ou pontos importantes a serem levados em conta na teorização.

4.4.2 - Já ficou dito em 4.1 que pode haver outros tipos de fatos ou fatos específicos de uso textual-discursivo do verbo que não foram levantados e, portanto, arrolados aqui como objeto de estudo do verbo na perspectiva que estamos propondo. Além disso, a organização dada aos fatos que constituem itens para o estudo textual-discursivo do verbo não é a única possível, embora nos pareça feita por um bom critério: o próprio elemento caracterizador do fato de uso do verbo como um fenômeno de natureza textual-discursiva.

Os estudos que citamos trabalham com várias línguas (Francês, Português, Espanhol, Italiano, Inglês, Alemão, Malaio, Indonésio, Mandarim, Inuktitut e ainda referem-se a algumas línguas africanas e a línguas indígenas da América do Norte), e nos deixam a lição de que a mesma função pode, em línguas diferentes, ser exercida por formas, categorias gramaticais (do verbo ou não) e mesmo classes de palavras (verbo, partículas, nome, conjunções, advérbios) diferentes e ainda por recursos fonológicos,

¹¹² Cf. DUBOIS et al. (1973) verbete "énonciation".

morfológicas ou sintáticos. Isto fica como uma abertura para a abordagem dos problemas em nossa pesquisa ou qualquer outra pesquisa lingüística.

Pelas citações feitas, pode-se observar que os estudos sobre o verbo na dimensão textual-discursiva (sobretudo no Brasil e sobre o Português¹¹³, mas também fora do Brasil e sobre outras línguas) estão ainda no seu início (se comparados com outros tipos de abordagens) e longe de propor um arcabouço teórico que permita tratar de modo geral, dentro de um quadro estruturado, pelo menos alguns fenômenos do uso do verbo nesta dimensão. A pesquisa neste campo ainda está numa fase exploratória, o que justifica inteiramente o estudo que nos propusemos realizar como tese de doutorado.

O que fizemos até agora, neste trabalho, foi justamente buscar estruturar um quadro que sirva de base e que oriente o estudo textual-discursivo do verbo, constituindo um programa de trabalho de pesquisa neste campo.

4.4.3 - Certamente, já deve ter ficado claro que o campo é muito vasto e que a questão do funcionamento textual-discursivo do verbo é objeto para um grande e longo projeto de pesquisa com material para realização de bem mais que uma tese. Por esta razão, limitamos a pesquisa realizada para este trabalho aos fatos devidos à construção e estruturação do texto (Cf. 4.2) e dentro desses concentramos a atenção nos seguintes fenômenos de continuidade (Cf. 4.2.1):

a) o seqüenciamento ou ordenação temporal das situações (Cf. 4.2.1.1) e apenas subsidiariamente aos tipos de seqüenciamento ou ordenação referidos em 4.2.1.2 e 4.2.1.3 (v. capítulo 5);

b) a continuidade de tipos de verbos e situações face à tipologia textual (Cf. 4.2.1.4) (v. capítulo 6) e

c) a continuidade de formas e categorias verbais no texto como um todo em relação com os tipos de textos (Cf. 4.2.1. 5) (v. capítulo 6).

Evidentemente, em função da constituição do quadro a que nos referimos em 4.4.2, tivemos que observar, embora menos detidamente, os demais fatos ligados ao funcionamento textual-discursivo do verbo, elencados neste capítulo. Dos resultados dessa observação só expomos, além do que ficou dito neste capítulo, o que se refere ao

¹¹³ Não tivemos acesso a nenhum estudo que tenha sido realizado em Portugal. No Brasil tem-se utilizado com diferentes propósitos a proposta de WEINRICH (1968) e (1981).

fato registrado no item 4.2.5, por ter relação direta com os fatos de 4.2.1.4 e 4.2.1.5 (V. capítulo 6).

PARTE 3
ORDENACÃO E CONTINUIDADE NO
FUNCIONAMENTO TEXTUAL-DISCURSIVO DO VERBO
NO PORTUGUÊS DO BRASIL

CAPITULO 5

ORDENACÃO

5.1 - ORDENACÃO E TEMPO

A ordenação é um fato de seqüenciamento que caracteriza o que poderíamos chamar de dimensão temporal do discurso e do texto e é por ela caracterizada. Essa dimensão temporal é estruturada em três planos distintos de relações temporais a que já nos referimos na nota 72 no capítulo 2 e que designamos de: a) tempo referencial; b) tempo do texto e c) tempo da enunciação¹¹⁴.

O **tempo referencial** - que também pode ser chamado de tempo cronológico ou das situações¹¹⁵ ou da história (se se estiver pensando mais especificamente na narração)¹¹⁶ - é o tempo de ocorrência ou de realização das situações no mundo real dado como "momentos" da sucessão cronológica. Esse tempo dá a ordem (cronológica) em que as situações se dão e se sucedem no mundo real.

O **tempo do texto** indica relações temporais entre segmentos (orações, frases, etc.) da seqüência lingüística que constitui o texto em sua linearidade. Refere-se, pois, ao que vem em primeiro, segundo, terceiro lugar, etc. na linearidade textual, dando a ordem em que as situações abordadas aparecem no texto, como elas estão distribuídas na superfície linear do texto.

O **tempo da enunciação** - também chamado de tempo da fala - é o tempo, o "momento" em que a formulação lingüística (palavras, sintagmas, orações, frases, etc.) e produzida (falada, escrita) ou recebida (ouvida, lida) pelos usuários do texto. No caso da escrita ou de gravações o intervalo de tempo entre a produção e a recepção do texto não altera as relações temporais.

O tempo da enunciação se relaciona com o tempo referencial. Nessa relação, as situações são apresentadas como anteriores (passadas), simultâneas (presentes) ou posteriores (futuras) ao momento da enunciação. Essa relação é que nos levou a distinguir no capítulo 2 entre descrições, dissertações e narrações passadas, presentes e

¹¹⁴ 115 - Esses três planos equivalem em parte aos propostos por SCHIFFRIN (1987: 228) com nomes distintos: tempo de referência (= enunciação), do evento (= referencial) e do discurso (= do texto) e se relacionam com a proposta de REICHENBACH (1947).

¹¹⁵ 116 - Os que estão preocupados apenas com a narrativa falam em tempo dos eventos (= acontecimentos).

¹¹⁶ 117 - Cf. NEIS (1984: 74).

futuras e a registrar que cada tipo tinha relações preferidas ou de uso mais freqüente no Português: descrição passada e presente; dissertação presente e narração passada e presente (sobretudo quando se refere a fatos passados como simultâneos ao momento da enunciação para produção de diferentes efeitos de sentido: vivacidade, dramaticidade, etc.). A relação entre o tempo da enunciação e o tempo referencial é marcada por elementos dêiticos como os tempos verbais e alguns advérbios (hoje, agora, etc.).

O tempo da enunciação se relaciona também com o tempo do texto, marcando segmentos da seqüência lingüística como anteriores, simultâneos ou posteriores na cadeia lingüística a um outro ponto da mesma seqüência e ao "momento" em que este é utilizado (produzido/recebido) pelos usuários da língua. Essa relação é marcada por diversos elementos ordenadores entre eles os tempos verbais (sobretudo de verbos enunciativos: falar, dizer, replicar, etc., mas também de outros, como aqueles cujo sentido tem a ver com formas de desenvolver ou encarar um tópico: considerar, tratar, retomar etc.) numa espécie de uso anafórico (veja exemplos 57 a 59) e alguns outros elementos quase sempre de valor temporal (antes, depois, anteriormente, etc.)¹¹⁷. Ao falarmos da ordenação no texto, retomaremos o uso desses marcadores.

- (57) Já **falamos** que as formas e categorias verbais podem ter diferentes papéis. (Isto é, essa idéia já foi apresentada num ponto deste texto anterior - passado - ao "momento" em que se formula este segmento. Essa relação é reforçada pelo advérbio "já").
- (58) **Estamos considerando** as alternativas econômicas para o Brasil e não os erros do passado. (Isto é, na fala ou escrita que se produz no atual - presente - "momento" de enunciação o assunto é X e não Y).
- (59) **Trataremos** desta questão no próximo capítulo. (Isto é, este assunto será abordado em um ponto deste texto posterior -- futuro -- ao "momento" em que se formula este segmento).

O verbo "**retomaremos**" no final do parágrafo que antecede os exemplos (57) a (59) tem o mesmo uso de "trataremos" no exemplo (59) .

Temos também a relação entre o tempo referencial e o tempo do texto. O que se observa, nos textos em que aparece uma ordenação referencial das situações (como na

¹¹⁷ 118 - Veja os recursos de coesão seqüencial por progressão com encadeamento por justaposição (KOCH - 1988, 1989).

narração), é uma tendência para que a ordem das situações no texto reproduz a ordem de ocorrência das mesmas no mundo real¹¹⁸, estabelecendo-se uma isomorfia entre o tempo referencial e o do texto, naturalmente via mediação do usuário (Cf. KOCH e TRAVAGLIA - 1989 : 78) que estabelece um mundo textual a partir da sua perspectiva. Quando talisomorfia é rompida por qualquer razão, aparecem no texto marcas e pistas (formas e categorias verbais; elementos adverbiais: advérbios, adjuntos adverbiais; preposições; conjunções) e outros elementos como datas e o próprio conhecimento de mundo que permitem ao usuário do texto restabelecer a correspondência entre a ordem das situações dada pelo tempo referencial e a ordem em que elas são apresentadas no texto, dada pelo tempo textual.

O jogo entre ordem referencial das situações e ordem das situações no texto é muito importante no processo de produção e compreensão do mesmo, portanto em seu funcionamento discursivo, sendo um dos elementos a ser considerado no estabelecimento da coerência e, portanto, do efeito de sentido que se produz entre usuários. A importância dessa relação é tal que chega a merecer comentários dos usuários dos textos como o que faz SARAMAGO (1986: 14) em seu romance "A Jangada de Pedra" sobre a problemática lingüística para representar a relação entre as duas dimensões temporais que resulta na relação entre as ordenações referencial e textual das situações e os diferentes efeitos conseqüentes às diferentes maneiras de registrar no texto essa relação:

“Difícilimo acto é o de escrever, responsabilidade das maiores, basta pensar no extenuante trabalho que será dispor por ordem temporal os acontecimentos, primeiro este, depois aquele, ou, se tal mais convém às necessidades do efeito, o sucesso de hoje posto antes do episódio de ontem, e outras não menos arriscadas acrobacias, o passado como se tivesse sido agora, o presente como um contínuo sem presente nem fim, mas por muito que se esforcem os autores, uma habilidade não podem cometer, pôr por escrito, no mesmo tempo, dois casos no mesmo tempo acontecidos. Há quem julgue que a dificuldade fica resolvida dividindo a página em duas colunas,

¹¹⁸ 119 - Talvez seja por isso que LABOV (1972: 359-360) define a narrativa como "um método de recapitular experiência passada pela equiparação de uma seqüência verbal de orações à seqüência de acontecimentos que (se infere) ocorreu realmente".

lado a lado, mas o ardil é ingênuo, porque primeiro se escreveu uma e só depois a outra, sem esquecer que o leitor terá de ler primeiro esta e depois aquela, ou vice-versa, quem está bem são os cantores de ópera, cada um com a sua parte nos concertantes, três quatro cinco seis entre tenores baixos sopranos e barítonos, todos a cantar palavras diferentes, por exemplo, o cínico escarnecendo, a ingênua suplicando, o galã tardado em acudir, ao espectador o que lhe interessa é a música, já o leitor não é assim, quer tudo explicado, sílaba por sílaba e uma após outra, como aqui se mostram. Por isto é que, tendo-se falado primeiro de Joaquim Sassa, só agora se irá falar de Pedro Orce, quando lançar Joaquim uma pedra ao mar e levantar-se Pedro da cadeira foi tudo obra de um instante único, ainda que pelos relógios houvesse uma hora de diferença, é o resultado de estar este em Espanha e aquele em Portugal.”

Como se vê, quando se fala em correspondência entre ordem referencial e ordem textual não se trata de equivalência cronométrica, mas de uma apresentação tal das situações no texto que seja possível perceber o mundo textual como comparável ao mundo real que foi transformado no texto pela atuação comunicativa de seus usuários.

Neste capítulo tratamos mais detidamente: a) dos fatos ligados à **ordenação referencial**, à ordem cronológica de ocorrência das situações no mundo real tal como representada no mundo textual, lembrando que elas podem ser seqüentes (anteriores ou posteriores uma às outras) ou simultâneas; b) dos fatos ligados à **ordenação no texto**, à ordem em que as situações aparecem na seqüência linear da superfície do texto; e c) dos fatos ligados à relação entre estas duas ordenações. Para facilitar a exposição separamos os comentários sobre os dois tipos de ordenação. Todavia, como eles aparecem inextricavelmente ligados no texto, é comum nos referirmos a um deles quando estamos falando do outro.

5.2 - PRINCIPIO GERAL DE ORDENAÇÃO REFERENCIAL DE SITUAÇÕES

5.2.1 - O princípio

O princípio que vamos propor aqui pretende dar conta do mecanismo geral e básico de ordenação referencial das situações expressas em um texto que rege tanto a produção quanto a recepção/compreensão dos textos no que respeita à utilização de marcas que realizam a ordenação, tornando o texto coerente quanto a este fato em particular.

Antes de expor o princípio, gostaríamos de registrar que a ordenação referencial em Português se faz pela ação conjunta ou isolada de diferentes elementos: a) formas e categorias verbais (o aspecto e o tempo); b) elementos adverbiais: advérbios, adjuntos adverbiais; c) as datas; d) o conhecimento de mundo que utilizará elementos como os modelos cognitivos globais tais como os esquemas, planos e scripts¹¹⁹; tipos e situações; relações entre situações tais como causa e consequência, meio e fim, etc.; conhecimento de mundo em geral ativado pelos semantemas verbais; etc.; e) outros elementos capazes de fazer ordenação quase sempre com valor ou implicações temporais: preposições: antes de, depois de, após, etc.; conjunções: enquanto, depois que, antes que, etc.); partículas ou expressões como: primeiro, por último.

Esses elementos estabelecem a ordenação, reforçam ordenações estabelecidas por outros, contrariam ou anulam o efeito ordenador de outro, permitem recuperar a ordenação referencial (cronológica) quando ela foi rompida pela ordenação no texto.

O que é ordenado são as situações. Sabemos que elas são expressas por verbos, mas também por nomes. Assim sendo, no caso dos verbos, consideram-se só os que expressam situações e os gramaticais em que a situação é dada por um nome (verbos de ligação e aqueles com situação indicada por nome sujeito ou objeto). Os demais verbos gramaticais (V. capítulo 3) não são considerados no levantamento das situações ordenáveis e, portanto, não contam no funcionamento do princípio de ordenação que propomos.

O princípio geral de ordenação referencial de situações pode ser explicitado da forma proposta em (III) a (XII). Aqui expomos apenas o princípio geral e em 5.3 mostramos seu funcionamento através de exemplos.

- (III) 1 - Dada uma seqüência de situações em um texto duas situações contíguas na linearidade textual:
- a) serão seqüentes, se o aspecto do verbo das orações ou frases que as expressam for perfectivo;

¹¹⁹ Cf. KOCH e TRAVAGLIA (1989) e (1990).

b) serão simultâneas, se o aspecto do verbo de pelo menos uma das orações ou frases que as expressam for imperfeito;

c) se forem seqüentes, a ordem referencial (cronológica) será aquela em que aparecem no texto, a não ser que haja instruções em contrário dadas por qualquer um dos elementos ordenadores apontados em (IV) a (XII);

d) a simultaneidade estabelecível por **b** pode transformada em seqüência pelos elementos ordenadores de (IV) a (X);

2 - se tivermos duas situações seqüentes e uma delas tiver aspecto acabado em combinação com tempo relativo de anterioridade (cf. V.a) ou com o advérbio "já", ou com tempo passado em relação a presente ou futuro, a situação com aspecto acabado será anterior à outra, mesmo que esteja depois no texto.

(III) contém o princípio ordenador básico cuja atuação é complementada pelos princípios de (IV) a (XII).

(IV) O **tempo verbal** (passado, presente, futuro), portanto o tempo absoluto, ordena as situações do seguinte modo:

a) situações no passado são vistas como anteriores a situações no presente e no futuro;

b) situações no presente são vistas como posteriores a situações no passado e anteriores a situações no futuro;

c) situações no futuro são vistas como posteriores a situações no passado e no presente.

(V) O **tempo relativo** também faz ordenação referencial da seguinte forma:

a) o tempo relativo representado pelo pretérito mais-que-perfeito do indicativo e pelos tempos compostos constituídos por "ter ou haver (exceto no presente do indicativo) + particípio", em conjunto com o aspecto acabado, marca uma situação como anterior a um momento indicado por adjunto adverbial ou a uma situação ou grupo de situações no perfeito;

b) o tempo relativo representado pelo futuro do pretérito marca uma situação como posterior¹²⁰ a outra situação com a qual se relaciona no texto ou marca a situação expressa pelo verbo no futuro do pretérito como tendo ocorrência num momento posterior ao ponto da seqüência cronológica em que ela é apresentada no texto, ocorrendo pois uma espécie de antecipação.

(VI) Também atuam na ordenação referencial, funcionando como ordenadores diversos elementos lingüísticos de valor temporal ou com implicações temporais, a saber:

a) elementos adverbiais: adjuntos adverbiais representados por advérbios e sintagmas adverbiais, orações subordinadas adverbiais, sobretudo as temporais;

b) datas;

c) preposições (após, antes de, depois de, etc.);

d) conjunções (enquanto, depois que, antes que, logo que, etc.);

e) verbos (iniciar, começar, terminar, etc.) (Cf.XII);

f) outros elementos ordenadores que implicam ordem como "primeiro", "segundo", "último", "penúltimo", "aí", "daí", etc.

Estes elementos podem marcar anterioridade, posterioridade e simultaneidade;

(VII) o **conhecimento de mundo** atua como ordenador através:

a) do conhecimento de esquemas, planos e "scripts" que trazem em si ordens já estabelecidas de ocorrência de situações, que em seu conjunto constituem uma outra globalizante;

b) de relações semânticas entre orações e períodos, que expressam situações, tais como causa e consequência ou efeito, meio e fim, condição e condicionado, ação e resultado, possibilidade e realização, etc., que têm implicações ordenativas cronológicas;

c) da ordenação de tipos de situações (Ver XI);

d) do próprio valor do semantema de certos verbos como preceder, seguir (-se), acompanhar, etc. quase sempre com as situações indicadas por nomes.

¹²⁰ Como se verá, esse valor de marcador de posterioridade na ordenação referencial e o valor base do futuro do pretérito, do qual derivam os seus demais valores.

(VIII) Certos elementos do conhecimento de mundo funcionam especificamente como instruções em contrário a (III.1.a).

Isto quer dizer que esses elementos farão com que duas situações contíguas na linearidade textual e com aspecto perfectivo não sejam percebidas como seqüentes, mas como simultâneas ou sem a possibilidade de se estabelecer uma ordem referencial entre elas. Este fato ocorre:

a) quando várias situações constituem outra, são partes constituintes de uma outra situação. Neste caso as constituintes e a constituída não são vistas como seqüentes. As situações constituintes da outra podem formar uma seqüência de situações à parte, com ordenação própria;

b) as fases de realização e sobretudo as de desenvolvimento de uma situação (Cf. capítulo 3) também são partes constituintes dela, valendo neste caso o mesmo que se propôs em **a**. As fases de realização são ordenadas pelo aspecto e pelo tempo (Ver XII);

c) se dois verbos, que expressam situações no perfectivo, contíguas no texto ou não, indicam a mesma ocorrência de uma situação, por serem sinônimos ou se referirem à mesma situação ou porque se tem a repetição do mesmo item lexical com o mesmo sujeito, ou se usa um verbo vicário (que pode ser um resumitivo, condensador ou de sentido mais amplo, etc.), normalmente tendo por sujeito um termo genérico (classificatório ou não). O que temos, pois, são elementos de coesão referencial por reiteração (mesmo item lexical, sinônimos) ou de coesão seqüencial por recorrência (nos demais casos).

(IX) Se o conhecimento de mundo diz que duas ou mais situações com o mesmo sujeito e no imperfectivo não podem ter realização simultânea, isto funciona especificamente como instrução em contrário a (III.1.b) e assim as situações serão vistas como seqüentes.

(X) Algumas relações entre situações funcionam como instruções em contrário a (III.1.a) e (III.1.c) porque não permitem afirmar se as situações são seqüentes ou simultâneas, nem estabelecer uma ordem para as situações. Isto ocorre quando:

a) uma ou mais situações aparecem ligadas a uma só e, embora não sejam partes ou fases desta, representam, em relação a ela, exemplos, conseqüências, reações, especificação, etc.;

b) uma ou mais situações aparecem englobadas no período de tempo de realização de outra ou em um período de tempo especificado no texto, constituindo uma espécie de efeito lista, quando se tem mais de uma situação. A(s) situação(ões) ficam como uma espécie de conteúdo num continente que é o período de tempo, deixando de ter valor sua dimensão temporal que dá a ordenação referencial.

Nos casos de (X) cria-se uma espécie de comentário no sentido de WEINRICH (1968).

5.2.2 - ORDENAÇÃO DE TIPOS DE SITUAÇÃO

Em (VII) incluímos a ordenação de tipos de situação como um dos meios através do qual o conhecimento de mundo atua na ordenação referencial. Em 4.2.1.3 já expusemos o que seria essa ordenação, que é sempre feita de acordo com (XI) abaixo.

(XI) Alguns tipos de situações mantêm entre si uma relação que resulta em ordenação referencial porque:

a) representam o início (situação pontual inceptiva) ou término (situação pontual terminativa) de uma outra situação durativa (processos)¹²¹,

b) sua ocorrência (verbos transformativos ou de mudança de estado) implica ao mesmo tempo o término de uma situação prévia (estado ou outra característica) e o início de uma nova situação (estado ou outra característica)¹²²; de tal modo que são sempre percebidas como ocorrendo na ordem dada em **c** e **d** abaixo independentemente da ordem em que aparecem no texto;

c) situação pontual inceptiva → processo → situação pontual terminativa.

d) estado ou característica → mudança de estado/transformativo → novo estado ou característica.

¹²¹ Sobre esses tipos de situações cf. TRAVAGLIA (1981: capítulo 3).

¹²² Sobre esses tipos de situações cf. TRAVAGLIA (1981: capítulo 3).

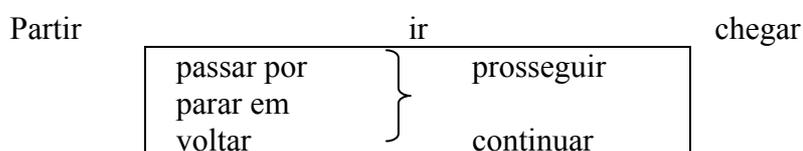
Em (60) temos exemplos dos tipos de situações referidos em (XI.a) e que geram ordenação referencial (cronológica) pelo proposto em (XI.c).

(60)

| início | meio | fim | | | | | | | | |
|-------------------------------------|---|--|-----------|---|--------|---|-----------|---|-----------|--|
| a) partir/sair | ir/vir/viajar/seguir/levar | chegar | | | | | | | | |
| b) começar a procurar | procurar | achar/acabar, terminar ou deixar de procurar | | | | | | | | |
| c) adormecer | dormir | acordar | | | | | | | | |
| d) nascer | viver | morrer | | | | | | | | |
| e) zarpar | navegar | atracar | | | | | | | | |
| f) começar a (chorar, limpar, etc.) | chorar/limpar, etc. | terminar de (chorar, de limpar, etc.) | | | | | | | | |
| g) principiar a estudar | estudar | terminar ou acabar de estudar | | | | | | | | |
| h) começar a disputar | disputar | vencer | | | | | | | | |
| i) começar ou; iniciar a luta | <table border="0" style="display: inline-table; vertical-align: middle;"> <tr> <td style="font-size: 2em; vertical-align: middle;">{</td> <td style="padding: 0 10px;">lutar com</td> <td style="font-size: 2em; vertical-align: middle;">→</td> <td style="padding: 0 10px;">vencer</td> </tr> <tr> <td style="font-size: 2em; vertical-align: middle;">}</td> <td style="padding: 0 10px;">lutar por</td> <td style="font-size: 2em; vertical-align: middle;">→</td> <td style="padding: 0 10px;">conseguir</td> </tr> </table> | { | lutar com | → | vencer | } | lutar por | → | conseguir | |
| { | lutar com | → | vencer | | | | | | | |
| } | lutar por | → | conseguir | | | | | | | |
| j) tomar conhecimento/aprender | saber | _____ | | | | | | | | |
| l) _____ | analisar/observar/ refletir/procurar | entender | | | | | | | | |
| m) decolar/levantar vôo | voar/seguir/ir/vir | aterrissar/pousar | | | | | | | | |
| n) começar a pensar o que fazer | pensar o que fazer/refletir | decidir | | | | | | | | |

Algumas situações destas seqüências podem ter outras que estão embutidas nelas ou as constituem e que podem ser explicitadas ou não. No caso de serem explicitadas, sua ordenação referencial se dará pelos princípios já vistos aplicados recorrentemente. Veja exemplo em (61).

(61)



Em (62) temos exemplos dos tipos de situações referidas em (XI.b) e que geram ordenação referencial (cronológica) pelo proposto em (XI.d).

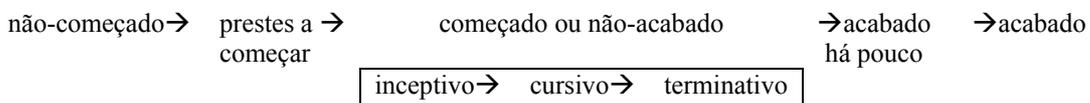
(62)

| estado ou característica | mudança | novo estado ou característica |
|---------------------------------|--------------------------|--------------------------------------|
| a) estar ou ser doente | sarar/ficar bom | estar ou sadio ou ser estar bem/bom |
| b) estar bem, sadio | adoecer/ficar doente | estar ou ser doente |
| c) estar ou ser alegre | entristecer/ficar triste | estar ou ser triste |
| d) estar duro | amolecer | estar mole |
| e) estar morto | ressuscitar | estar vivo |

5.2.3 - Ordenação das fases ou etapas de uma situação

A ordenação referencial das fases ou etapas de uma situação é feita pelos aspectos caracterizados pelas fases de realização e de desenvolvimento (V. capítulo 3) e complementarmente pelas noções temporais de "futuro muito próximo" ou "iminência" (de realização da situação) e de "passado recente", de tal modo que, independentemente da ordem em que aparecem na seqüência linear da superfície textual, as fases serão percebidas como ocorrendo no mundo real na ordem registrada em (XII) de acordo com o aspecto e as duas noções temporais especificadas há pouco.

(XII)



Como essas fases também podem ser dadas por verbos como: iniciar, começar, principiar, estar, continuar, terminar acabar; que podem vir como auxiliares ou com a situação indicada por um nome, tais verbos podem também atuar na ordenação das fases, quase sempre porque ajudam na expressão dos aspectos.

Em (63) temos um exemplo em que se pode perceber a ordenação das fases da situação "fazer estudos" = "estudar" pelos aspectos.

(63) **Repórter:** O senhor poderia nos explicar o que, está causando este problema e que providências serão tomadas?

Prefeito: Quando assumimos a prefeitura não sabíamos a natureza nem a extensão do problema. Então implementamos estudos que **estavam por fazer**. Quando **estávamos começando os estudos**, pensamos em várias causas. **Estamos estudando** a questão há dois anos e nossas hipóteses estão se confirmando. Todavia só poderemos fazer afirmações mais seguras quando **estivermos terminando de fazer** os estudos e só tiraremos conclusões definitivas quando os estudos **estiverem feitos**. Só então poderemos saber que providências efetivas tomar. Porque você há de convir que esta é uma questão em que não adianta tomar providências impensadas e sem base que terminam por não resolver nada¹²³.

Análise dos aspectos: S.R.: Situação referencial; S.N.: situação narrada¹²⁴

a) estavam por fazer

S.R.: estavam por fazer: imperfectivo, cursivo não-acabado, durativo.

S.N.: fazer (estudos): **não começado**.

b) estávamos começando (os estudos): imperfectivo, **inceptivo, começado**, durativo.

c) estamos estudando: imperfectivo, **começado, cursivo**, durativo.

d) estivermos terminando de fazer (os estudos): imperfectivo, **não-acabado, terminativo**, durativo.

e) (os estudos) estiverem feitos:

S.R.: estar feito: imperfectivo, cursivo, não-acabado, durativo.

S.N.: fazer (estudos): **acabado**.

¹²³ Este exemplo é reprodução imediata da resposta de um prefeito em entrevista a telejornal. Não foi feita gravação. A entrevista era sobre os constantes desabamentos da pista de uma grande avenida construída sobre um rio canalizado, o que estava mobilizando a opinião pública por ter causado grandes perdas durante uma recente tempestade.

¹²⁴ V. TRAVAGLIA (1981: capítulo 3).

Parece não ser muito comum a apresentação em um texto de todas ou de muitas fases de uma situação como no texto de (63). O mais comum parece ser a apresentação de alguma das fases ficando as demais pressupostas. Em (63), o detalhamento das fases tem claramente um propósito argumentativo: o prefeito pela especificação detalhada das fases dos estudos, se apresenta como alguém criterioso, merecedor de credibilidade, porque não toma providências infundadas e assim se esquivava de especificar a causa e a natureza do problema, bem como de dizer as providências que irá tomar e que lhe estão sendo cobradas na pergunta do repórter. Temos aqui, portanto, um exemplo de uso argumentativo dos fenômenos ligados ao funcionamento textual-discursivo do verbo a que nos referimos em 4.3.1. A ordem referencial das fases coincide com a ordem em que elas aparecem no texto, mas a ordem referencial continuaria a mesma, mesmo que invertêssemos a ordem textual.

Parece que a apresentação de fases de uma situação é mais freqüente na narração, mas isto precisa ser confirmado por uma pesquisa que trate especificamente deste ponto.

A seguir, remetemos a alguns exemplos de especificação de fases de situação em textos. No capítulo 10 versículo 4 do Livro de Isaías na Bíblia Sagrada, temos:

- "Apesar de tudo, sua cólera não se aplacou e sua mão **está** prestes a **precipitar-se**".

No texto nº. 89 (Um espelho para o cosmo) são dadas fases de cinco situações a saber:

1) A construção do telescópio:

a - "foi sua **construção** que **levou** cinco anos" (p.37)

b - "Quando o telescópio **ficou pronto**" (p.37)

c - "Até o momento em que se **começou a construir** o Hubble." (p.37)

d - "Lembrando os anos de agonia para **construí-lo**" (p.41)

2) A manufatura do espelho (p.37)

a - "pela **manufatura** de seu espelho principal."

b - "para **executar** o projeto do espelho do Hubble."

c - "A **manufatura** do espelho **havia começado** alguns anos antes em 1977".

3) o polimento do espelho

- "Quando **terminarmos**, vocês se lembrarão dela como uma verruga no ombro de um mulher bonita" (p.40)

- 4) "Em seguida, a equipe de Kurdock **começou a rodar** o espelho devagar." (p.41)
- 5) "Três minutos depois de **iniciada a operação**, tudo **estava terminado**." (p. 41)

Em FOUCAULT (1971) lê-se:

- "... os discursos que, indefinidamente, além de sua formulação, **são ditos, permanecem ditos e estão por dizer**". Considerando-se a situação de "**dizer**" temos as três fases de realização como se pode ver pela análise aspectual abaixo:

a) estão por dizer:

S.R.: estar por dizer: imperfectivo, começado, cursivo, durativo.

S.N.: dizer: **não-começado**.

b) são ditos: imperfectivo, **começado**, habitual.

c) permanecem ditos:

S.R.: permanecer dito: imperfectivo, não-acabado, cursivo, durativo.

S.N.: dizer: **acabado**.

5.3 - APLICAÇÃO E FUNCIONAMENTO DO PRINCÍPIO DE ORDENAÇÃO REFERENCIAL NOS DIFERENTES TIPOS DE TEXTOS

5.3.1 - Preliminares

Antes de falarmos de como o princípio de ordenação referencial se aplica e funciona nos diferentes tipos de textos é preciso deixar claro que estaremos nos referindo aos tipos que propusemos no capítulo 2: descrição, dissertação, narração e injunção em sua caracterização discursiva e, portanto, como tipos que podem ser separados e isolados dentro dos textos reais que, como vimos, raramente são puros. Assim, não estamos nos referindo a textos de tipos como, por exemplo, romances, propagandas, etc. Sabe-se, por exemplo, que um romance normalmente é feito de narração + descrição + dissertação distribuídos por diferentes partes e sua superestrutura¹²⁵, não considerando os diálogos. Assim, ao tornarmos um romance como exemplo de narração para análise, consideramos apenas suas partes narrativas. As partes descritivas e dissertativas foram analisadas à parte como tal. O mesmo aconteceu com a propaganda (normalmente descrição e/ou narração e/ou dissertação + injunção)

¹²⁵ Cf. capítulo 6, item 6.4, quando falamos da relação entre formas e categorias verbais e superestruturas textuais.

(Cf. nota 125, p. 139) e todos os demais textos analisados. Ainda comentamos à parte os textos preditivos (sobretudo as narrações futuras, apesar da possibilidade teórica das descrições e dissertações futuras).

Antes de mais nada é preciso registrar que o princípio de ordenação referencial constituído por (III) a (XII) é recorrente, isto é, ele pode se aplicar a seqüências de situações encaixadas umas nas outras dentro de um texto. Além disso, os elementos ordenadores não têm uma hierarquia de preferência de aplicação. Isto significa que eles podem agir isolados ou em conjunto, reforçando ou anulando o efeito do(s) outro(s) na ordenação referencial das situações de acordo com a(s) necessidade(s) do produtor do texto em função de sua intenção em uma dada situação de interação comunicativa.

5.3.2 - A ordenação pelos aspectos

Com relação ao princípio ordenador básico proposto em (III) (perfectivo estabelecendo seqüência; imperfectivo, simultaneidade e acabado, anterioridade) e tendo em vista os aspectos presentes ou não nos diferentes tipos de textos (cf. capítulo 6), verifica-se o que expomos a seguir.

Nas **narrações passadas e presentes**, em que as situações aparecem sempre com aspecto perfectivo (cf. capítulo 6) elas são interpretadas como seqüentes e como ocorrendo na ordem em que aparecem no texto, salvo se no texto houver, instruções em contrário. Essas podem ser marcas ou pistas que aparecem porque a ordem das situações no texto não corresponde a sua ordem referencial de ocorrência. As situações são seqüentes no tempo referencial se o texto narrativo é uma história. Nos textos narrativos que não são histórias, há sempre instruções em contrário e não ocorre o seqüenciamento das situações em uma ordem referencial.

Nas **descrições e dissertações** em que as situações aparecem com aspecto imperfectivo (cf. capítulo 6), elas são interpretadas como simultâneas, criando-se com isso uma espécie de apagamento do tempo referencial e, portanto, da ordem, referencial. Se algumas situações são seqüenciadas em uma ordem referencial, isto só ocorre localmente, isto é, em pequenas passagens do texto, e por atuação dos outros elementos ordenadores vistos em (IV) a (XII) ou por atuação do aspecto acabado (III.2).

Na **injunção**, o aspecto não é atualizado por causa do futuro e das modalidades imperativas, da volição e da necessidade, que não permitem a atualização do aspecto¹²⁶. Assim, exceto poucos casos de ordenação local pelo aspecto, a ordenação referencial, quando ocorre, se deve à atuação dos elementos ordenadores de (IV) a (XII).

Também nos **textos preditivos** (descrições e dissertações futuras, mas sobretudo narrações futuras que são mais freqüentes), o aspecto não se atualiza por causa do tempo futuro e assim as situações não são marcadas nem como simultâneas, nem como seqüentes. Assim, exceto em alguns casos em que o aspecto se atualiza apesar do futuro, qualquer ordenação referencial em textos preditivos ficará por conta da atuação dos elementos de (IV) a (XII).

Portanto, o que se observa é que, com relação a (III), para qualquer tipo de texto, o aspecto estabelece seqüenciamento (seqüência ou simultaneidade de situações), criando ordenação referencial da forma apontada em (XIII).

(XIII) a - perfectivo + perfectivo +...+ perfectivo-) → situações em seqüência na ordem que aparecem no texto.

b - perfectivo + imperfectivo ou imperfectivo + perfectivo → situações simultâneas.

c - imperfectivo + imperfectivo +...+ imperfectivo → situações simultâneas.

d - imperfectivo + não-aspecto ou não-aspecto + imperfectivo → situações simultâneas.

e - perfectivo ou imperfectivo ou não-aspecto + acabado (+ tempo relativo ou advérbio ou passado) ou acabado (...) + perfectivo ou imperfectivo ou não-aspecto → a situação com acabado é anterior à outra.

Evidentemente os seqüenciamentos de (XIII) valem se não houver instruções em contrário. Vejamos alguns exemplos.

No texto nº.61 (Passeio Noturno), (XIII.a) é exemplificado pela seqüência de todos os verbos no pretérito perfeito do indicativo, portanto com aspecto perfectivo, que indica uma série de situações (ações) seqüentes, cuja ordem referencial coincide quase

¹²⁶ Cf. TRAVAGLIA (1981: capítulo 10).

totalmente com a ordem textual, já que praticamente não há instruções em contrário. Veja no anexo, após o texto, a ordenação feita de suas situações.

Em (64) temos um exemplo de (XIII.a) com verbos no presente do indicativo e aspecto perfectivo.

- (64) "A enfermeira **dá** um grito de horror e **começa a chorar** nervosamente. O monstro, exultante, **espeta**-lhe a espada na barriga e brada:
- Eu sou o Demônio do deserto!" (perfectivo + perfectivo + perfectivo + perfectivo - texto n°.65)

Outros exemplos como os de (64) podem ser vistos no próprio texto n°.65 (O médico e o monstro) e também nos textos de n°.64 (A farsa e os farsantes), 66 (Oito reféns em 12 dias de ação) e 67 (A última crônica) e nas ordenações referenciais de suas situações que apresentamos no anexo.

Em (65) transcrevemos alguns exemplos de (XIII.b).

- (65) a - "**Cheguei** em casa **carregando** a pasta cheia de papéis, relatórios, estudos, pesquisas, propostas, contratos". (perfectivo + imperfectivo - Texto n°. 61).
b - "Quando Aureliano Chaves **deixou** o ministério das Minas e Energia, em dezembro de 1988, já se **cogitava** a possibilidade de sua candidatura". (perfectivo + imperfectivo - Texto n°.56).
c - "De máscara preta e espada, Mr. Hyde **penetra** no quarto, onde a doce enfermeira **continua a brincar** e desfaz com uma espadeirada todo o consultório:" (perfectivo + imperfectivo + perfectivo - Texto n°.65).
d - "E antes de qualquer resposta, **abre** os braços para receber a filha que **vem caindo**, aos pedaços, o rosto vermelho, duas lágrimas súbitas **correndo**, pelas gordas bochechas:..." (perfectivo + imperfectivo + imperfectivo - Texto n°.64).
e - João **almoçou** enquanto a mãe **passava** sua roupa (perfectivo + imperfectivo).

É preciso esclarecer que a simultaneidade não exige que o tempo de duração de uma situação equivalha ao da(s) outra(s). Na verdade, nos casos de simultaneidade de (XIII.b) (perfectivo + imperfectivo), exemplificados em (65), o normal é que a situação

no perfectivo tenha uma duração que é vista como sendo apenas um momento ou parte da duração da situação no imperfectivo (v. também no exemplo 66 a simultaneidade entre "cheguei", "entrei" e "perguntei" e as demais situações no pretérito imperfeito do indicativo).

Exemplos de (XIII.c) são todas as seqüências de situações que aparecem no presente do indicativo ou pretérito imperfeito do indicativo nos textos descritivos (ver anexo) e no presente do indicativo nos textos dissertativos (ver anexo). Em textos narrativos podemos ter seqüências como as de (66), em que as situações no pretérito imperfeito do indicativo são simultâneas por terem aspecto imperfectivo e constituem um pano de fundo para acontecimento(s) no pretérito perfeito do indicativo.

- (66) a - Quando cheguei em casa era grande a movimentação: mamãe, na cozinha, **preparava** delícias para a ceia, vovó e tia Lúcia **ajudavam-na**; papai, na sala, **enfeitava** a árvore para o que meus irmãos mais novos **davam** mil palpites. Tereza **escutava** música e procurava os discos de Natal. Raquel e o marido **arrumavam** a mesa. Entrei na cozinha e perguntei a mamãe se podia fazer algo para ajudar.
- b - "João **preocupava-se**. **Perdia** o sono, envenenado em intrigas de colegas invejosos. **Odiava-os**. **Torturava-se** com a incompreensão do chefe. Mas não **desistia**. Passou a trabalhar mais duas horas diárias". (Texto nº.68).

Em (67) temos exemplos de (XIII.d)

- (67) a - "**Junte** o leite aos poucos, **mexendo** sem parar" (não-aspecto + imperfectivo - Texto nº.55).
- b - "Deixar ferver e se **estiver grosso**, **colocar** mais ou menos 1 copo de água, e em seguida, o frango desfiado". (imperfectivo + não-aspecto - Texto nº. 50).
- c - "O que restar de Sião os sobreviventes de Jerusalém, **serão chamados** santos todos os que estiverem computados entre os vivos em Jerusalém. (não-aspecto + imperfectivo - Bíblia Sagrada - Livro de Isaías, cap.4, vers.3).
- d - "esperar que o pássaro entre na gaiola e quando **estiver** lá dentro **fechar** lentamente a porta com o pincel". (imperfectivo + não-aspecto - Texto nº. 54).

Finalmente vejamos em (68) alguns exemplos de (XIII.e)¹²⁷

(68) a - "Bata muito bem as gemas. **Adicione** à mistura de leite **já esfriada**. (não-aspecto + acabado e advérbio - Texto nº.55).

b - Quando você **chegar** a sua casa, ela **já terá contado** tudo a sua esposa (não-aspecto + acabado e tempo relativo).

c - Quando **tiver picado** o tomate e o pimentão **junte-os** ao molho (acabado e tempo relativo + não aspecto).

d - "Quando o telescópio **ficou pronto**, cinco anos e 1,5 bilhão de dólares depois, **estava preparado para enxergar** o espaço com uma nitidez sete vezes maior do que qualquer outro equipamento semelhante **já construído** pelo homem". (perfectivo/imperfectivo + acabado e advérbio - Texto nº.89).

e - "Por um instante **deteve** em mim os grandes olhos verdes ou azuis, talvez porque **lesse** em meus olhos o que eu **acabava de passar**". (perfectivo/imperfectivo + acabado e tempo relativo). (BRAGA - 1980 36).

f- 4 "Quando o Senhor **tiver lavado** a imundície das filhas de Sião, e **apagado** de Jerusalém as manchas de sangue pelo sopro do direito e o vento devastador,

5 o Senhor **virá estabelecer-se** sobre o monte Sião e em suas assembléias, de dia como uma nuvem de fumaça, e de noite como um fogo flamejante." (acabado/acabado e tempo relativo + não aspecto) (Bíblia Sagrada, Livro de Isaías, cap.4, vers. 4 e 5).

g - "À tarde, **já reparado** o defeito do helicóptero **fretado** pelo governo de Goiás, o piloto Roni: Pigetti Sputo exige que os seqüestradores abandonem as armas para decolar". (acabado, advérbio e tempo relativo + perfectivo - Texto nº.66).

h - "**Lanço** então um último olhar fora de mim, onde vivem os assuntos que merecem uma crônica".

Ao fundo do botequim um casal de pretos **acaba de sentar-se**, numa das últimas mesas de mármore de ao longo da parede de espelhos". (perfectivo + acabado e passado recente - Texto nº.67).

¹²⁷ - Cf. Travaglia (1981: item 7.8.3)

Sabemos que o particípio normalmente se liga à expressão do aspecto acabado. Foi o que vimos nos exemplos (68 a., d, g). Todavia é preciso lembrar que a situação com aspecto acabado pode ser a referencial ou a narrada¹²⁸. Em (68 a, d, g) os particípios correspondem a uma oração de voz passiva no pretérito perfeito do indicativo: "que já foi esfriada" e "que já foi construído"; ou no pretérito mais-que-perfeito do indicativo: "quando já fora reparado" e "que fora fretado". É o mesmo que se verifica nos exemplos de (69).

(69) a-"O grau dos prejuízos **causados** ao meio ambiente pelas atividades industriais das grandes potências econômicas..." (= que foram causados). (Texto nº. 42).

b - "Os resultados da pesquisa **realizada** entre assinantes deste jornal, **divulgados** neste domingo, vêm avalizar de forma expressiva a estratégia de cobertura das eleições presidenciais seguida pela Folha". (= que foi realizada e que foram divulgados). (Texto nº.37).

Nestes casos, o particípio corresponde a uma oração adjetiva¹²⁹ que indica uma situação anterior a outra(s) (exemplo 68 a, d) ou a um momento como em (69 a, b), em que as situações são anteriores ao momento da enunciação e têm um caráter narrativo. Aqui o valor passado dos particípios é fundamental para a ordenação.

O particípio pode equivaler a uma oração de voz passiva no presente do indicativo, como no caso do exemplo de (70) e do particípio "**seguida**" (=que é seguida) em (69 b), e aí, então, não marcam anterioridade, mas simultaneidade, pois vale o aspecto imperfectivo da perífrase. O caráter aqui é dissertativo.

(70) "No entanto, a época mais favorável e de maior pico de plantio, compreende os meses de maio e junho, isso por que os plantios realizados de março a abril correm o risco de ser prejudicados por fortes chuvas". (= que são realizados). (Texto nº.45).

Quando não são adjetivos e representam estados presentes resultantes da conclusão de uma situação dinâmica, com o verbo de ligação elíptico, vale o aspecto imperfectivo deste verbo e temos simultaneidade para o estado em relação à(s) outra(s) situação(ões) . Já a situação dinâmica de cuja conclusão resulta o estado é a situação

¹²⁸ Cf. TRAVAGLIA (1981: capítulo 3).

¹²⁹ Observamos que as orações adjetivas têm a capacidade de introduzir em um tipo de texto, um segmento de outro tipo, embora nem sempre o façam. Nos exemplos de (69) introduzem uma oração narrativa em textos dissertativos.

narrada (S.N.) e tem aspecto acabado, sendo anterior à outra situação, quando for o caso.

- (71) a - **Abraçada** com o filho, Raquel **chorou** muito. (=Raquel que estava abraçada com o filho chorou muito).

S.N.: abraçar - acabado.

S.R.: estado de abraçada - imperfectivo, não-acabado, cursivo, durativo.

- b - **Sitiada** pelo inimigo, a cidade não se **rende** (=Embora esteja sitiada pelo inimigo...).

S.N.: sitiar - acabado

S.R.: estado de sitiada - imperfectivo, não-acabado, cursivo, durativo¹³⁰.

- c - "Em ambas as margens elevam-se montanhas escarpa das **cobertas** por lindíssimas orquídeas suspensas e demais vegetação luxuriante". (= que são ou estão cobertas). (Texto n.º.20).

são cobertas - imperfectivo, não-acabado, cursivo, indeterminado.

Uma evidência a favor do que foi proposto em (III.1.c), onde se afirma que as situações no perfectivo são seqüentes e ocorrem na ordem em que aparecem no texto, salvo se houver instruções em contrário, é o fato de que nas narrações tipo história, se invertermos as orações narrativas, ou seja, se modificamos a ordem no texto das situações, sem colocar instruções (pistas, marcas) que permitam recuperar a ordem cronológica original, as situações passam a ser interpretadas como tendo ocorrido na nova ordem em que aparecem no texto. Esse fato já fora observado por LABOV (1972: 360) ao dizer que as orações de uma narrativa são ordenadas temporalmente e que "uma mudança em sua ordem resultará numa mudança na seqüência temporal da interpretação semântica original". Isto é exemplificado por CASTRO (1980: 14 e 15) com as seqüências que reproduzimos em (72) e (73) em que se pode ver que a alteração da ordem no texto faz com que tenhamos duas interpretações diferentes porque mudam as relações entre as situações. Assim, por exemplo, como observa CASTRO (1980: 15), em (72) "o ato de apertar o peixe é causa do ferimento na mão", já em (73) "seria uma conseqüência, uma "vingança" contra o mandi".

- (72) g "ele (o mandi) ficô pulano assim (na vara),
h eu toquei a mão com tudo a força assim
i e apertei assim

¹³⁰ Exemplos (71 a, b) apud TRAVAGLIA (1981: item 7.8.3).

j e furô (a minha mão)."

- (73) “j (o mandi) furô (a minha mão),
h eu toquei a mão nele com tudo a força,
i e apertei assim,
g ele ficô pulano assim (na vara)."

LABOV e CASTRO não observaram que essa alteração da ordem no texto só implica em mudança na interpretação se não forem utilizadas instruções (marcas e pistas) que permitam recuperar a ordem referencial original. Talvez não o tenham feito porque trabalharam com narrativas orais, onde a tendência para a isomorfia entre a ordem referencial e a textual é quase absoluta, utilizando-se pouco tais marcas e pistas.

Correspondendo as junturas temporais¹³¹ a pontos da seqüência narrativa que separam orações narrativas¹³² e que não podem ser deslocadas de sua posição na superfície textual porque acarretam alterações na interpretação original dos fatos narrados, elas são importantes no que refere ao aparecimento de pistas e marcas que permitem recuperar a ordem cronológica das situações não coincidente com a ordem textual, pois é nas junturas temporais que essas marcas e pistas aparecem.

Vê-se, pois, que (III.1.c) coloca a ordem textual como um poderoso fator de ordenação referencial das situações, a ponto de, em não funcionando nenhum dos elementos ordenadores de (III) a (XII), a ordem textual fazer a ordenação referencial quando ela é básica para um determinado tipo de texto como os textos narrativos que são histórias. Isto ocorre, por exemplo, no texto nº.63 (O show) que narra uma história apenas através de nomes em uma certa ordem¹³³.

Além das narrações (histórias) orais, a tendência para a isomorfia entre a ordem referencial e a textual das situações é muito forte em outros tipos de narrativa. Assim, por exemplo, NEIS (1984: 79) registra que, nas histórias infantis, os casos em que as duas ordens não coincidem são poucos. Naturalmente isto deve ser causado pela busca de simplicidade neste tipo de texto narrativo. Também nas narrativas presentes, a isomorfia entre as duas ordenações é muito grande. Quase não há inversões e as poucas que ocorrem não são violentas. Isto acontece por duas razões. Em primeiro lugar, na

¹³¹ Conceito de LABOV e WALETZKY (1967) apud CASTRO (1980: 14-21), BASTOS (1985) e SILVA CORVALÁN (1983). Cf. LABOV (1972).

¹³² Conceito de LABOV e WALETZKY (1967) apud CASTRO (1980: 14-21), BASTOS (1985) e SILVA CORVALÁN (1983). Cf. LABOV (1972).

¹³³ Cf. KOCH e TRAVAGLIA (1990: 12-14).

narração presente - seja ela real (como na irradiação de um jogo de futebol) ou apenas figurada (por exemplo, a narração de fatos passados como se fossem presentes, lembre-se o presente histórico) - o momento da enunciação coincide com o momento do acontecimento e, portanto, ela vai sendo feita à medida que as situações ocorrem (o narrador presencia os acontecimentos e os relata no momento da sua ocorrência) e, por isso, torna-se difícil fazer avanços ("flashforwards") ou recuos ("flashbacks") na seqüência de acontecimentos. Em segundo lugar, parece que na narração presente os recursos para indicação da ordem referencial (cronológica) não coincidente com a ordem textual são muito reduzidos. Impossível, por exemplo, ter formulações do tipo "no dia anterior chega o pai". Seria interessante, neste momento, observar as ordenações que fizemos das situações em narrativas presentes (Veja no anexo os textos de nºs 64, 65 66, 67).

Às vezes, na narração presente, ocorrem "flashbacks" com o pretérito perfeito do indicativo (Veja exemplos no texto nº.65, "O médico e o monstro" com os verbos "que **escorreu**" e "**foram pintados**") ou com o pretérito mais-que-perfeito do indicativo simples ou composto (Veja exemplo no texto nº.64, "A farsa e os farsantes" com o verbo "**havia dado**").

Em textos narrativos futuros (preditivos) em que (III) praticamente não opera, não há problemas em inverter a ordem das situações no texto, exceto em trechos ordenados por recursos previstos em (IV) a (XII). Isto pode ser constatado nos seguintes textos, onde há uma certa liberdade de inversão de situações ou de blocos delas: a) versículos 24 a 31 de ", "Jerusalém corrompida será purificada" (texto nº.82); b) soneto XIX de Guilherme de Almeida (texto nº.86); c) trecho no futuro do presente de "O Cavaleiro da Esperança" de Jorge Amado ,(texto nº.77) e d) trechos no futuro do presente de "Ibitinga incentiva produção rural" (texto nº.81). Evidentemente, uma ordenação diferente das situações no texto pode acarretar mudanças de sentido por mudar outras relações lógicas e discursivas entre as orações e períodos que expressam as situações, mas não por modificar as relações de seqüência temporal entre elas. Isto porque, nas narrativas futuras, em que não operam os princípios de (III) a (XII), só há um seqüenciamento referencial potencial, se se tratar de uma história, mas não uma ordem já dada (mesmo que apenas prevista) porque, nesse caso, o princípio de ordenação referencial teria operado (Veja o texto nº. 71-c).

Até aqui comentamos fatos ligados à expressão de situações como seqüentes. Vejamos alguns fatos ligados à sua expressão como simultâneas.

Nas narrações passadas, o produtor do texto pode utilizando o pretérito imperfeito do indicativo com aspectos imperfectivo, habitual, não-acabado, dar uma série de ações ou fatos habituais que ocorrem num certo período de tempo. Apesar de cada ocorrência da situação ser completa (e portanto perfectiva), não é possível dar uma seqüência às diferentes situações que são apresentadas como imperfectivas e, por isso, interpretadas como simultâneas, não só entre si, mas também a situações não habituais, mas cursivas, presentes no texto. (V. exemplo 74-c). Isto acontece porque o conjunto de ocorrências da situação habitual é visto em bloco como uma única situação imperfectiva. Com isso normalmente se obtêm descrições, por exemplo, de como era a vida de alguém em um certo período de tempo. É o que temos, por exemplo, em vários trechos do conto "O arquivo" (Texto nº.68) que transcrevemos em (74). Com freqüência, o que temos é uma seqüência de situações que é habitual (cf. 5.3.8).

(74) a - "Agora João **acordava** às cinco da manhã. **Esperava** três conduções. Em compensação **comia** menos".

b - "**Chegava** em casa às onze da noite, **levantava-se** às três da madrugada. **Esfarelava-se** num trem e dois ônibus para garantir meia hora de antecedência".

c - "Aos sessenta anos, o ordenado **equivalia** a dois por cento do inicial. O organismo acomodara-se à fome. Uma vez ou outra, **saboreava** alguma raiz das estradas. **Dormia** apenas quinze minutos. Não **tinha** mais problemas de moradia ou vestimenta. **Vivia** nos campos, entre árvores refrescantes, cobria-se com os farrapos de um lençol adquirido há muito tempo.

O corpo era um monte de rugas sorridentes. Todos os dias, um caminhão anônimo **transportava-o** ao trabalho."

É interessante observar em (74-c) que o pretérito mais-que-perfeito do indicativo aparece na descrição em vez do pretérito imperfeito do indicativo que devia ser usado. Isto acontece porque o autor expressa a situação narrada ("acomodara-se") já acabada e não o estado (o organismo **estava acomodado** à fome) que, e a situação referencial resultante da narrada (V. nota 128, p.146) e que deveria aparecer no texto, se se atendessem às continuidades de formas e categorias verbais características da descrição (cf. capítulo 6). Trata-se, pois, de uma espécie de uso metafórico.

O imperfectivo que marca simultaneidade pode ser da situação narrada e não da referencial (V. nota 128, p. 146). Isto pode ser constatado, por exemplo, no texto nº. 67

(A última crônica). Ali, no início do terceiro parágrafo, o autor diz."Passo a observá-los". Analisando os aspectos teríamos:

S.R.: Passo a observá-los: perfectivo, pontual

S.N.: observar: começado, imperfectivo.

A situação de "observar" executada pelo narrador começa neste ponto e continua até o final do texto sendo simultânea a tudo que é dito depois e que é objeto da narração. Tanto é assim que ela reaparece no parágrafo cinco no verbo "veja" (resultado da observação) e com o mesmo verbo "observar" no aspecto imperfectivo nos parágrafos cinco ("ninguém mais os **observa** além de mim") e seis ("De súbito dá comigo a **observá-lo...**"). O mesmo ocorre com, "põe-se a bater palmas" e "põe-se a comê-lo" no parágrafo 5. A situação narrada "bater palmas" é simultânea a "cantando", enquanto a situação narrada "comer" é simultânea às demais situações até o final do parágrafo (Veja exemplo 86 adiante).

Como o gerúndio está ligado à expressão dos aspectos imperfectivo, não-acabado, cursivo e durativo¹³⁴, é usado, com frequência, marcando situações como simultâneas em diferentes tipos de textos. Veja exemplos em (65d), (67a), (75) e (76).

(75) a - "O Guarani **joga** hoje, às 16 horas, diante do Bragantino, em Bragança Paulista, **pensando** exclusivamente numa vitória..." ("Guarani busca a liderança em Bragança" in **Diário do Povo**, Ano 78, nº. 23.499, 16/04/89, p.1 - Campinas/SP).

b - "De repente, o médico diz que está com sede e **corre** para a cozinha **apertando** o pincenê contra o rosto." (Texto nº. 65).

c-"...e dessa música **surgiam** meninas -a alvura mesma -/**cantando**. (Texto nº. 19).

(76) a - "Os dançantes **continuavam** no compasso marcial da polaca, **executando** variadas figuras, ora **desenhando** meias luas, ora **separando-se** em alas, **marchando** frente a frente, ora **fazendo evoluções** de homens e mulheres, separados, para se reunirem depois de diferentes voltas". (Texto nº. 4).

b - "Outras (borboletas) **voam** mais alto, **entrefechado** e **abrindo**/ A asa, ..." (Texto nº. 10).

¹³⁴ Cf. TRAVAGLIA (1981: item 7.8.2).

c - "Até a curva quase hiperbólica do vidro **foi obtida aquecendo-se e moldando-se** o ar na forma de um telhado de cogumelo". (Texto nº. 89).

d - "apagar uma a uma todas as grades **tendo** o cuidado de não tocar numa única pena do pássaro". (Texto nº. 54).

Em exemplos como os de (76) o gerúndio, além de dar a simultaneidade pelo aspecto, indica ou o modo como a outra situação é realizada ou situações em que ela se subdivide ou de que é composta.

Situações que indicam o modo de ocorrência ou de realização de outra são sempre simultâneas a esta. Isto ocorre não só no presente, mas também no passado (Veja exemplos 76a, c). Embora a situação que indica o modo de realização da outra quase sempre esteja no gerúndio, nem sempre este é o caso, como bem se pode ver no exemplo (77a), onde "Limitou-se a sorrir, a agradecer" especifica o como ele agiu ao "não se mostrar orgulhoso". Evidentemente essa relação é feita pelo conhecimento de mundo. Em (77b) o modo é dado por "preposição + infinitivo".

(77) a - "João era moço. Aquele era seu primeiro emprego. Não se **mostrou** orgulhoso, embora tenha sido um dos poucos contemplados. Afinal esforçara-se. Não tivera uma só falta ou atraso. **Limitou-se a sorrir, a agradecer.**" (Texto nº. 68).

b - "Minha mulher, jogando paciência na cama, um copo de uísque na mesa-de-cabeceira, **disse, sem tirar**, os olhos das cartas, você está com um ar cansado". (Texto nº. 61).

Às vezes, sobretudo na narrativa presente, o gerúndio serve para marcar não a simultaneidade com outra situação, mas a simultaneidade ao momento da enunciação. É o que vemos no exemplo (78), onde "**aplicando**" é simultânea não a qualquer outra situação do texto, mas ao primeiro momento de observação e enunciação.

(78) "Avental branco, pincenê vermelho, bigodes azuis ei-lo, grave, **aplicando** sobre o peito descoberto duma criancinha um estetoscópio, e depois a injeção que a enfermeira lhe passa". (Texto nº. 65).

Na narrativa presente, como o presente do indicativo aparece com aspecto perfectivo seqüenciando as situações, a simultaneidade entre situações ocorrerá em função da presença de elementos como os especificados abaixo e que fazem com que seja o imperfectivo o aspecto atualizado:

a) o uso do gerúndio - veja exemplos (65d) (correndo) , (75b) (apertando) e (79).

- (79) a - “A mulher **suspira**, **olhando** para os lados, a reassegurar-se da naturalidade de sua presença ali.” (Texto nº. 67).
- b - “**Apontando** armas para os reféns e nervosos, os seqüestradores **dão** prazo à polícia até às 15h do dia seguinte - dia 12, sábado.” (Texto nº. 66).
- c - “Quando a outra **chega**, **encontra** a irmã **gemendo** sobre a cama, e o pai, apreensivo e corrupto, **abaixando** o termômetro com grandes solavancos para ver se a febre já tinha passado.” (Texto nº. 64).

Em (79a) temos “a reassegurar-se” com o mesmo valor do gerúndio. “A + infinitivo” pode ter as mesmas funções que apontamos até aqui para o gerúndio, embora seja de uso menos freqüente no Português do Brasil. No final do quinto parágrafo do mesmo texto nº. 67 (A última crônica), há outro exemplo de “a + infinitivo” marcando imperfectivo e não-acabado e criando simultaneidade: “De súbito, **dá** comigo **a observá-lo...**”.

b) o uso de qualquer elemento marcador de duração da situação no presente do indicativo, o que faz com que esta forma marque o imperfectivo, já que toda vez que ela é perfectiva tem que ser pontual¹³⁵.

Alguns desses elementos seriam:

b.1 - "Enquanto"+ presente do indicativo. Veja no exemplo (80) o uso de "enquanto" que além de marcar as situações como durativas, é também um marcador de simultaneidade em qualquer caso.

- (80) a - “Enquanto **trabalham** a enfermeira **presta** informações:
- Esta menina é boba mesmo, não gosta de injeção, nem de vitamina, mas a irmãzinha dela adora.” (Texto nº. 65).
- b - "Sem mais nada para contar curvo a cabeça e **tomo** meu café, enquanto o verso do poeta **se repete** na lembrança..." (Texto nº.67).
- b.2 - Locuções verbais marcadoras de duratividade. No exemplo (65d) temos a locução "vem caindo". Em (65c) temos "continua a brincar". Veja também os exemplos de (81).
- (81) a - "Já **estamos** a esta altura, como não podia deixar de ser, **presenciando** a metamorfose do médico em monstro." (Texto nº.65).
- b - "... o monstro **vai espalhando** o terror ao seu redor". (Texto nº.65).

¹³⁵ Cf. TRAVAGLIA (1981).

b.3 - o presente do indicativo de verbos que indicam situações que não podem ser pontuais. Veja os exemplos de (82) retirados do texto nº.64 (A farsa e os farsantes).

(82) a - "A menor **fica** pelos cantos, a cara amarrada, **rosnando**" (Este exemplo talvez pudesse ser de b. 2, se se tomar "fica rosmando" como locução).

b - "E a outra **faz o seu papel** de dor e impotência. As lágrimas secam, mas a perna ainda **dói** - e ele descobre um vermelhão perto dos joelhos e teme".

b.4 - em construções com verbos estáticos, sobretudo os de estado. Este caso pode ser reunido ao de b.3. (Veja exemplo 82-a). Um outro exemplo deste caso é a construção com o verbo "ser" no presente do indicativo + nome que vemos no exemplo (83).

Neste caso é importante a presença da conjunção temporal "quando".

(83) "Até que, de repente, quando maior **é a comilança, ouvem** o barulho do elevador que pára no andar." (Texto nº.64).

Este tipo de construção aparece também em narrações passadas com o verbo ser no pretérito imperfeito do indicativo: "Quando maior **era** a comilança, **ouviram**".

Às vezes, apesar da presença do durativo, não temos simultaneidade porque outros elementos levam à criação de seqüência. É o caso do exemplo (84) onde apesar da locução marcadora de duração ("ficam vendo") não se estabelece nenhuma simultaneidade devido a atuação da conjunção "e" (normalmente criadora de seqüência), do advérbio "depois" (marcando posterioridade) e do conhecimento de mundo que diz não ser possível neste texto "ficar vendo figuras" e "jogar batalha naval" ao mesmo tempo e nem "deitar na cama" e "ficar vendo" (a simultaneidade ocorreria com "ficam deitados na cama vendo figuras").

(84) "Agora é tratar de passar a tarde juntos, como há muito tempo não passavam. Desencavam velhas revistas, deitam-se na cama e **ficam vendo** figuras, depois **jogam** batalha naval, A6, F7, D8 - água." (Texto nº. 64).

Casos como este deixam bem claro que os elementos do princípio ordenador de (III) a (XII) atuam numa interação constante e complexa e que o comentário do funcionamento ordenador de todos eles, em um só texto que seja, será sempre longo.

não importando a ordem em que aparecem no texto. Evidentemente, se houver várias situações em um mesmo tempo elas serão ordenadas pelos outros elementos ordenadores.

Antes de darmos exemplos da ordenação pelo tempo (passado, presente, futuro), é preciso comentar a questão do onitemporal. Inicialmente levantamos a hipótese de que esta marcação temporal fazia as situações serem simultâneas a outras. Todavia, como se observa que toda situação com marca de onitemporal tem aspectos imperfectivo e indeterminado ou habitual, não valendo o contrário, pareceu-nos pouco pertinente, e mesmo desnecessário, incluir no princípio de ordenação referencial um mecanismo ligando a onitemporalidade ao estabelecimento de simultaneidade de situações. A razão da não postulação de tal mecanismo parece clara: a simultaneidade que ele estabeleceria pode ser também estabelecida pelo imperfectivo (Cf. III.1.b), que é um mecanismo mais abrangente e geral e, portanto, mais econômico em termos descritivos e explicativos.

Vejamos alguns exemplos de ordenação pelo tempo em diferentes tipos de texto. Em (87), um exemplo criado por nós, observa-se que, independente da ordem em que os tempos aparecem no texto, sempre se terá a seqüência de (XIV).

- (87) a - Ele sempre **falou, fala e falará** contra os desmandos da diretoria.
- b - Ele **fala**, sempre **falou e falará** contra os desmandos da diretoria.
- c - Ele sempre **falará, falou e fala** contra os desmandos da diretoria.

É comum, nos textos em que ocorre ordenação pelo tempo, termos uma mistura de tipos de textos. Evidenciamos isto ao comentar os exemplos que damos a seguir.

- (88) "9 A respeito dos montes **erguerei** gemidos; **entoarei** cânticos fúnebres sobre as planícies do deserto, porque o fogo **devorou** estes lugares e ninguém **passa** por eles.

Nem mais se **ouve** o mugir do gado.

Tanto os pássaros do céu como os animais, todos **fugiram e desapareceram**.

10 **Farei** de Jerusalém um amontoado de pedras, um covil de chacais; e das cidades de Judá um deserto, onde ninguém mais habitará".

(Bíblia Sagrada, livro de Jeremias, cap. 9, vers. 9 e 10).

Em (88) pode-se propor a seguinte ordenação:

| 1 | 2 | 3 |
|---------------------|-------|---------------------|
| 1.1 – devorou | passa | erguerei |
| 1.2 – fugiram | ↕ | entoarei |
| 1.3 – desapareceram | ouve | Farei |
| | | [farei] } →habitará |

As situações no passado (grupo 1) formam uma seqüência na ordem indicada pela numeração (1.1 → 1.2 → 1.3). A seguir vem as situações no presente que são simultâneas por terem aspecto imperfectivo. Em último lugar na seqüência temos as situações no futuro. Entre "farei" e "habitará" cria-se uma seqüência pelo conhecimento de mundo já que se tem uma relação de causa → conseqüência (cf. VII.b). Em 1 teríamos uma narração passada, em 2 uma narração presente e em 3 uma narração futura (trecho preditivo).

Na descrição, parece que só temos ordenação pelo tempo quando nela se inserem pequenos trechos ou passagens narrativos. Veja os verbos e trechos indicados do texto n°. 26:a) "foi planejada" (Aspectos gerais) é anterior a todas as demais situações que dão características atuais de Belo Horizonte; b) "construída" e "existia" são anteriores a "abriga" (Catedral de N. Sra. da Boa Viagem). Como o conhecimento de mundo torna seqüentes as duas situações no passado, apesar do imperfectivo em "existia", temos a seguinte seqüência cronológica :existia → [foi] construída → abriga.

No texto n°. 41 (Propaganda), que é basicamente dissertativo, teríamos uma ordenação feita pelo tempo que é apresentada em (89), onde os números 1, 2 e 3 indicam a seqüência.

(89)

| 1 | 2 | 3 |
|--------------|------------------|----------------------------------|
| foi proibida | tenha | será |
| | ↕ | |
| | Informa | for comunicada → serão retirados |
| | ↕ | |
| | Cabe fixar | |
| | [estão] afixados | |

Aqui a S.N. "afixou" de cuja realização resultou a S.R. "[estar] afixados" ficaria em 1. Em 3, as situações "for comunicada" e "serão retirados" foram seqüenciadas pelo conhecimento de mundo porque entre elas há uma relação de condição → condicionado (Cf. VII .b) .

No texto nº. 40 (Microtransplante do próprio cabelo) também se pode ordenar situações pelo tempo: passado (atingidas, foram trazidos, transplantados, foram retirados); futuro (crescerão, voltarão a cair, será, preocupe) e presente (demais situações). As situações no presente e "será" constituem trechos dissertativos, as no passado e no futuro (exceto será e preocupe), são narrativos e "preocupe" é injuntivo.

É interessante observar que, nas descrições presentes e nas dissertações presentes, os enunciados com verbos no passado normalmente constituem trechos ou inserções narrativas, mesmo que não constituam uma história. Além do exemplo do texto nº. 40 (Microtransplante do próprio cabelo) isto pode ser observado no texto nº. 2 (A dimensão do Brasil), que é argumentativo e no texto nº. 89 (Um espelho para o cosmo). Nos dois primeiros, as partes narrativas não constituem uma história, no terceiro sim. Em "Um espelho para o cosmo" pode-se dizer que as situações estão distribuídas como proposto abaixo:

a) **passado**: narração da construção do telescópio e dissertação (com frequência um discurso indireto livre) dos raciocínios feitos a cada passo da construção.

b) presente: dissertação. Quase sempre explicações sobre o funcionamento do telescópio.

c) futuro: narração quando diz o que será feito, o que acontecerá e dissertação quando dá explicações sobre o funcionamento futuro do telescópio.

Vejamos ainda alguns exemplos de futuro marcando posteridade em textos dissertativos. No texto nº. 36 (Um contraceptivo parecido com o DIU. Só que para homens), temos três futuros dissertativos (Exemplos 90 a-c) e um narrativo (90-d). No texto nº. 44 (Medo, ansiedade e pânico) temos um futuro (Exemplo 91). Os futuros de (90 a, b) e (91) têm valor onitemporal e são futuros em relação a outras situações, portanto uma espécie de futuro relativo apenas marcando posterioridade e não futuros em relação ao momento da enunciação como em (90 c, d). Em (90c) o futuro do presente é usado para indicar um futuro mais remoto, posterior a um futuro mais imediato dado pelo presente do indicativo (começa) e o adjunto adverbial (A partir do próximo mês).

- (90) a- "...o homem que o **utiliza sabe** que **poderá voltar** a ter filhos no momento que quiser".
- b - "... o Dioid é **introduzido** nos canais deferentes do pênis..., e a bola "testemunha" sempre **permanecerá** fora dos canais para indicar a localização do Dioid".
- c - "A partir do próximo mês o Dioid **começa a ser testado** em cachorros no Hospital Clínico de Madri A experiência em cachorros **servirá** para definir o grau de eficácia e de tolerância do organismo"
- d - "O urologista espanhol Aurelio Uson **desenhou, patenteou** e agora **começará** a testar em animais o mais novo contraceptivo masculino".
- (91) "Nessas ocasiões, porém, **ficam reconfortados**" pois os exames que **são obrigados a fazer resultam** normais. Só que as **crises continuarão**, até que o diagnóstico seja estabelecido.

Observe-se que em (90 a, b) o futuro do presente pode ser substituído pelo presente do indicativo, sem problemas, devido à onitemporalidade. Em (90 d) a substituição pode ser feita, mas permanece o valor futuro. Em (90 a, b) o valor se torna de presente, mas a mesma ordenação poderia ser feita pelo conhecimento de mundo.

Também em textos injuntivos ocorre ordenação referencial pelo tempo. Veja exemplos (92) e (93), em que atuam o futuro e o passado.

(92) Você **obterá** assim, rapidamente, um corte liso e uniforme, sem rebarbas. (Texto nº. 46).

Neste exemplo usou-se o futuro para marcar a situação de "obter" como posterior a todas as ações prescritas anteriormente pelo imperativo. Como este implica uma espécie de futuro imediato e o futuro do presente um futuro mais remoto, estabelece-se a posterioridade que é dada também pelo fato de "obter" ser o resultado da execução de todas as ações anteriores (Cf. VII. b).

(93) "Segure a lata e levante novamente a alavanca para soltá-la do abridor. A tampa que **ficou presa** ao imã, poderá também ser facilmente **retirada**".
(Texto nº. 46)

Em (94) temos alguns exemplos de ordenações pelo tempo (passado → presente) em narrativas presentes.

(94) a - "O médico **apanha** o pincenê que **escorreu** de seu nariz,...." (Texto nº. 65).

b - "No trajeto da sala para o quarto **lembra** noites antigas, em que a menina **acordava** e **pedia** colo, ele **ficava** a noite inteira com o pequenino corpo nos braços, andando pelo escuro com sua preciosa carga feita de amor, medo e duas mãozinhas que o **agarravam** quando tentava **deitá**-la outra vez na cama.

Agora o corpo **cresceu**, **pesa** em seus braços, mas a fragilidade da menina é a mesma". (Texto nº. 64).

c-“O pai depois de **contar** o dinheiro que discretamente **retirou** do bolso, aborda o garçom inclinando-se para trás, na cadeira e aponta no balcão um pedaço de bolo sob a redoma”. (Texto nº. 67) . d - “Mais um telefonema à casa dos Angel e a policia **consegue identificar** o telefone público de onde **partiu**”. (Texto nº. 66).

5.3.4 - Ordenação pelo tempo relativo

Em (V) propusemos que os **tempos relativos** marcam anterioridade e posterioridade. Talvez devêssemos incluir entre os tempos relativos o pretérito imperfeito do indicativo que marcaria simultaneidade a um momento ou a outra situação no passado, criando uma espécie de presente relativo¹³⁶. Todavia, como toda simultaneidade feita com o pretérito imperfeito do indicativo pode ser atribuída ao aspecto imperfectivo, ficamos com este mecanismo explicativo por ser mais geral.

Quanto à **anterioridade** marcada pelo pretérito mais-que-perfeito do indicativo e pelos tempos compostos formados de “ter (exceto no presente do indicativo) + particípio”, já vimos alguns exemplos em (68b) (terá contado → chegar); (68 c) (tiver picado → junte) de texto injuntivo; (68e) (acabara,) de passar → deteve) em trecho narrativo; (68f) (tiver lavado/[tiver] apagado → virá estabelecer) em narração futura (preditivo); (68g) (já reparado → exige) e (79-c) (tinha passado → chega/encontra/gemendo/abaixando) em narrações presentes. Vejamos mais alguns

¹³⁶ Cf. TRAVAGLIA (1981: item 7.3) onde se fala em presente no passado; CUNHA (1975: 432) que diz que o pretérito imperfeito do indicativo é o tempo que usamos "quando, pelo pensamento, nos transportamos a uma época passada e descrevemos o que então era presente", BECHARA (1977:274) que diz o mesmo praticamente da mesma forma e GUIMARÃES (1979:XVII) que propõe que o pretérito imperfeito do indicativo não seria um tempo do passado, mas um parâmetro para outros tempos.

exemplos, lembrando antes que a anterioridade é marcada não só com relação a uma situação, mas com relação também a momentos dados da seqüência cronológica.

Em textos descritivos só encontramos essa anterioridade em trechos narrativos que apresentam situações dinâmicas de cuja realização resultou uma característica atual do objeto da descrição que então não é expressa, mas fica pressuposta. É este fato que comentamos em (74c) ao falar do uso do verbo "acomodara-se". Este marca anterioridade ao momento dado pelo adjunto adverbial "Aos sessenta anos". Veja-se também os exemplos (95) e (96).

(95) "Um grande tapete de verdura fresca e úmida parecia **ter descido** do céu e **coberto** como um manto misterioso, o campo..." (Texto n°. 6).

(96) "Espremida entre o mar e a montanha, a cidade de fato lembra o Rio, não de hoje; e como se, nos anos 50 o nosso Rio **tivesse dado** uma guinada de rumo, **contido** sua expansão, **preservado** seus casarões, **crescido** sim mas com medo de se deformar. (Texto n°. 28).

Em (95) "ter descido" e "[ter] coberto" são anteriores a todas as situações no pretérito imperfeito do indicativo e sua realização resulta no estado que é simultâneo a estas "o campo estava coberto por um tapete de verdura fresca e úmida". Em (96), "tivesse dado" e "[tivesse] contido, preservado e crescido" são anteriores ao momento da enunciação (que é o mesmo momento das situações no presente do indicativo e que constituem a descrição) e colocados num momento preciso pelo adjunto adverbial "nos anos 50". E sua ocorrência hipotética (daí o subjuntivo) caracteriza São Francisco de modo que se poderia dizer: "São Francisco tem hoje a aparência do Rio da década de 50, com casarões..."

Outros exemplos podem ser observados nos seguintes textos:

a) texto n°. 91 (Propaganda do Yázigi): "havam formulado" anterior à situação "colocavam em prática"; e "havia formado" anterior ao momento dado pelo adjunto adverbial "No final da década";

b) texto n°. 74 (Sem apoio, Botha renuncia na África do Sul): "havia expressado" anterior a "lembrou" e "decidiram viajar". Cf., no anexo, a ordenação referencial ou cronológica que fizemos das situações deste texto;

c) texto n°. 60 (Morre Shockley, pai do transistor) "havia feito" anterior a "retirou".

Entre os tempos relativos marcadores de anterioridade, o pretérito mais-que-perfeito do indicativo (simples ou composto: tinha ou havia + particípio), marca

anterioridade da situação que expressa: a) à situação imediatamente anterior na linearidade do texto; b) a um momento indicado anteriormente no texto ou c) a um bloco de situações imediatamente anterior na linearidade do texto. Se a situação expressa no pretérito mais-que-perfeito é anterior a outra situação, a um momento ou a um bloco de situações vai ser dado pelo conhecimento de mundo, inclusive do mundo textual. Assim, por exemplo, no texto n.º 66 (Oito reféns em 12 dias de ação) a situação expressa, no trecho "12 de agosto (sábado)" pelo verbo "fretado" (=fora fretado - Cf. exemplo 68 g) é anterior às situações de "enguiça", "decolar", "é alugado", "cede", "dão prazo" e "reparado", pois aparece como primeira situação realizada em "11 de agosto (sexta-feira)". Outros exemplos:

a) no texto n.º 89 (Um espelho para o cosmo), no terceiro parágrafo, "havia pensado" dá uma situação anterior ao "momento em que se **começou a construir** o Hubble" e portanto anterior a todos os fatos da construção do Hubble relatados até este ponto do texto.

b) no trecho de BERLINCK (1987:44 e 45) transcrito em (97) nota-se que a situação de "tinha feito dez... dez dias de... disciplina com ele" é anterior a "comecei a.../elaborei", "me bateu", "falei", "fui", "concordô", "passei" e também as situações no perfectivo que vêm após "tinha feito" no texto mas aí a ação não é mais do tempo relativo e sim do perfectivo. Neste exemplo ainda temos "tinha sido lançada" anterior à situação de "fiz o exame de seleção".

(97) " Então, eu terminei o curso em final de setenta e nove, em dezembro de setenta e nove eu fiz o mes/ fiz o exame de seleção. Né? Tanto que eu fiz o exame de seleção condicional, porque algumas disciplinas a nota, a média não... não **tinha sido lançada** ainda, sabe? Aí, comecei o mestrado. Oitenta... Aí fui fazendo crédito, né? Aí, oitenta, no começo de oitenta e um eu comecei a.../ elaborei o projeto de tese e tal, aí quando chegô em setembro me bateu essa.../ dá aqueles sete minutos, falei: não vô fazê isso. Aí fui pra Brasília conversá com ele. Aí ele concordô e tal, aí eu passei lá janero e feiverero de oitenta e dois. Tá? Porque eu só **tinha feito** dez ... dez dias de... de disciplina com ele. Né? Aí eu fiquei no laboratório, estudando, fazendo um monte de prática, vendo como é que mexia com isso, com aquilo, fazendo uma... uma série de técnicas, né? Aí voltei pra Curitiba e comecei a montá o laboratório."

Parece que, normalmente, a situação no pretérito mais-que-perfeito do indicativo vem, no texto, após a(s) situação(ões) a que ela é anterior na seqüência referencial. Se ela vier antes também na linearidade da superfície textual, parece que haverá uma marca qualquer que torne isto possível. Assim no exemplo (98-b) temos a relação causa → consequência e no exemplo (98-c) o advérbio "já" que parece freqüente nestes casos. Em (68-g) temos outro exemplo em que o advérbio "já" funciona como em (98-c) e em que "reparado" equivale a "quando já fora (ou tinha sido) reparado". Para verificar esta hipótese é preciso fazer um estudo, inclusive quantitativo, da ocorrência das duas possibilidades, sobretudo da segunda, que parece ser a forma mais marcada, porque seria a posição menos natural¹³⁷.

(98) a - "Por exemplo, um dia **quebrei** a cabeça duma escrava, porque me **negara** uma colher do doce de côco que estava fazendo..." (Machado de Assis - apud OLIVEIRA - 1965: 218).

b - Por exemplo, um dia, porque uma escrava me **negara** uma colher do doce de coco que estava fazendo, **quebrei**-lhe a cabeça. "A polícia de Goiás segue o carro à distância. Mais de 15 horas depois, quando **já haviam passado** por Itumbiara (GO), Frutal (MG) e Presidente Prudente (SP), os sequestradores **são interceptados** às 16h 30, por uma barreira policial na localidade paulista de Itororó do Paranapanema, município de Pirapazinho, na divisa entre São Paulo e Paraná." (Texto nº. 66).

c) Quando há vários pretéritos mais-que-perfeito em seqüência no texto, como no exemplo (99), eles indicam que a situação que expressam é anterior a outra, a um momento ou a um bloco de situações e entre si são ordenados pelo aspecto perfectivo de acordo com (III).

(99) "Porque ele/ passô um dia, passô dois, ninguém aparecia, ninguém/eles não voltavam, daí o Seu Almir, que é o pai dos menino, começô a procurá. Aí começô a ficá desesperado, porque eles só **tinham ido** para vol/ Qué dizê, alguma coisa de ruim **tinha acontecido** com eles porque eles não **tinham dado** sinal de vida." (Texto nº. 59) .

Nos casos em que o pretérito mais-que-perfeito do indicativo marca a anterioridade da situação que expressa a outra(s), nem sempre é possível, com ou sem o auxílio de outros elementos, determinar a posição exata da situação no pretérito mais-

¹³⁷ Para vários falantes consultados, alguns dos quais lingüistas, (98-a) soaria mais natural que (98-b).

que-perfeito dentro da seqüência constituída pela ordem referencial. E: o que se verifica, por exemplo, com a situação "tinha acontecido" do exemplo (99) (Veja, no anexo, o texto n°. 59 e a ordenação que fizemos de suas situações). Parece que, como o sintagma "alguma coisa de ruim tinha acontecido" funciona como um elemento de coesão seqüencial por recorrência através de termos genéricos mais verbo vicário (alguma coisa acontecer) em relação a "mataram, bateram, judiaram, maltrataram, mataram, rasgaram"; tinha acontecido ocuparia na seqüência a mesma posição destes.

Vimos em (V.b) que o futuro do pretérito é uma forma verbal que expressa o tempo relativo marcador de posterioridade sendo, portanto, essencialmente um seqüenciador. Como ele indica sempre uma situação posterior a um momento (representado ou não por uma situação), deriva daí o significado de situação não real neste momento e também a idéia de probabilidade que às vezes parece ser a única presente, como no exemplo (100) abaixo, onde todavia, se pode dizer que teria surgido" é posterior a situação da "explosão". Nestes casos é comum o futuro do pretérito ter um uso polifônico.

(100) "No fim da década de 20, o astrônomo americano Edwin Hubble (1889-1953) comprovou que o Universo conhecido não é estático, mas continua a se expandir desde que **teria surgido** de uma explosão inicial que espalhou partículas elementares por todos os lados." (Texto n°. 89) .

O uso desse tempo relativo é mais freqüente nas narrações e dissertações. Nas narrações a idéia de posterioridade e sempre mais patente do que nas dissertações, onde o valor derivado de probabilidade fica mais evidente, esmaecendo-se ou praticamente apagando-se a idéia de posterioridade, já que a vocação da dissertação é para a simultaneidade. As descrições com futuro do pretérito parecem não ser muito freqüentes, mas nelas ocorre o mesmo que nas dissertações.

Muitos exemplos em narrações podem ser vistos em textos como os de número 56 (Candidatura sempre teve dificuldades); 66 (Seqüestradores fogem para o Paraná e são cercados: oito reféns em 12 dias de ação); 74 (Sem apoio, Botha renuncia na África do Sul). Nestes, a posterioridade é a uma outra situação. No exemplo (101), a posterioridade é ao momento dado pelo adjunto adverbial "No final da década", embora se possa considerar "entenderiam" e "iria acontecer" como posteriores a "havia formado", inclusive devido à relação de causa e conseqüência que se pode ver entre estas situações.

(101) "No final da década, o Yázigi já havia formado algumas centenas de jovens que **entenderiam** muito melhor tudo o que **iria acontecer** nos anos 60". (Texto nº. 91).

Quanto ao futuro do pretérito na dissertação, já vimos o exemplo de (100). No mesmo texto nº. 89 (Um espelho para o cosmo) temos vários exemplos, nos quais às vezes a idéia de posterioridade é mais patente (nos trechos mais narrativos) e às vezes a de probabilidade é que ressalta (nos trechos mais dissertativos). No exemplo (102) abaixo, nos dois futuros do pretérito (seria e teriam de advertir), a idéia de probabilidade é mais forte que a de posterioridade que, todavia, é mais perceptível no caso de "teriam de advertir" (posterior a "estar causando prejuízos").

(102) "**Seria** puro suicídio investir numa política de "a devastação é nossa"; do mesmo modo, nada mais equivocado que fazer da preocupação com o meio ambiente o monopólio de alguns iluminados do Primeiro Mundo, que **teriam de advertir** os selvagens abaixo da linha do Equador sobre os prejuízos que estejam causando à humanidade." (Texto nº. 42).

Um uso do futuro do pretérito como o que temos com "teriam de advertir" no exemplo (102) evidencia que não é conveniente descrever o futuro do pretérito como uma forma verbal que marca futuro em relação a um momento do passado. Na verdade, ele marca é posterioridade, seja em relação a um momento do passado (veja o exemplo 101 e os exemplos dos textos narrativos a que remetemos antes de 101); do presente (veja "teriam de advertir" no exemplo 102 e o exemplo 103a), ou do futuro (veja exemplo 10 3b).

(103) a - Se Pedro **estivesse nos enganando** eu o **puniria** pessoalmente.

b - Se João **viesse** amanhã me **ajudaria** a organizar festa.

Importante ainda anotar que, na dissertação, a posterioridade, embora só possa ser cronológica, funciona mais em termos de noções como "causa →conseqüência", "condição → condicionado" (Cf. VII.b) e não em termos de "datas" como na narração. Em (102) temos uma relação de causa e conseqüência entre "estar causando prejuízos" e "ter de advertir". Em (103), temos a relação entre condição e condicionado.

Já dissemos que, nas descrições, o futuro do pretérito tem funcionamento semelhante ao que tem nas dissertações. Vejam-se os exemplos (104) e (105). Em (104)

"lembrariam" dá a idéia de probabilidade, e a marca de posterioridade praticamente se anula, embora se possa postular a posterioridade de "lembrariam" a "dando-lhe pernas cambaias e uns pés deformados". Em (105), uma descrição hipotética, todas as situações constituintes da descrição que se encontram no futuro do pretérito são posteriores a "tivesse morrido".

- (104) "Embora se lhe estampasse na boca o quanto fosse preciso para fazer aquela criatura a culminância da ascosidade, a natureza malvada fora além, dando-lhe pernas cambaias e uns pés deformados que nem remotamente **lembrariam** a forma de um pé humano. (Texto nº.15).
- (105) Se meu filho não **tivesse morrido**, **teria** 20 anos, **seria** um belo rapaz. Provavelmente **seria** alto como o pai, seus olhos seriam azuis, claros como sua alma. Ele **sorriria** sempre com um sorriso largo. **Gostaria** de tudo o que é belo, como eu. **Teria** um coração bom e por isso sempre **ajudaria** os outros. Seria um bom e belo ser, o meu filho.

Como o futuro do pretérito marca posterioridade, é comum ele ser acompanhado por elementos indicadores de posterioridade, sobretudo expressões temporais tais como "depois", "mais tarde", etc. Veja exemplo em (106).

- (106) "O primeiro confronto com forças policiais, em 21 de novembro de 1896, sacudiu a Canaã nordestina, que **nos próximos 11 meses se transformaria** num campo de guerra. Armados de pedaços de paus, facões e espingardas de caça, os sertanejos derrotaram as tropas da polícia. **Dois meses depois venceriam** também uma expedição militar com quase 600 soldados." ("Canudos, uma guerra sem vencedores" in **O Estado de São Paulo: Caderno 2 - Suplemento Especial**. Ano 110, nº. 35.119, 15/08/89: p.3).

Talvez seja pertinente fazer um estudo quantitativo da ocorrência ou não deste tipo de expressão, que reforça o valor de posterioridade do futuro do pretérito, verificando se há ou não algum fator que favorece ou inibe seu aparecimento.

O futuro do pretérito composto (= "futuro do pretérito de ter ou haver + participio") enquanto futuro do pretérito, tem o mesmo papel ordenativo do futuro do pretérito simples com os mesmos valores derivados, e o mesmo funcionamento de acordo com os tipos de texto, com a diferença de só funcionar para o passado. Todavia, já vimos que, sendo um tempo composto, ele marca anterioridade e o que se observa é

que o futuro do pretérito composto indica simultaneamente anterioridade e posterioridade a momentos distintos representados ou não por outras situações e que podem ou não estar explicitados no texto. Veja exemplos de (100), (107) e (108).

(107) "Se o Senhor dos exércitos não nos **tivesse deixado** alguns da nossa linhagem, nos **teríamos sido** como Sodoma, e **ter-nos-íamos tornado** tais como Gomorra". (**Bíblia Sagrada**, livro de Isaías, cap.1 vers.9)

(108) "Ele gostava da névoa e tentava agarrar os fiapos brancos, esgarçados, sabia que haveria de chegar atrasado ao mercado, mas não conseguia fugir ao encantamento, a fêria do dia seria insignificante, os caranguejos, nas latas, faziam um barulho rascante e metálico, outros concorrentes já **teriam vendido** os bichos, para ele pouca coisa haveria de sobrar."BORBA FILHO - 1974: 37).

Em (100) o tempo composto marca anterioridade da situação ao momento da enunciação e o futuro do pretérito marca posterioridade em relação à explosão. Em (107) o tempo composto dá as três situações como anteriores ao estado atual de Sião, que se verifica no momento da enunciação e os futuros do pretérito dão as duas situações como posteriores à situação de "não nos tivesse deixado". Em (108), "teriam vendido" dá esta situação como posterior ao momento em que ele tem estes pensamentos enunciados em discurso indireto livre e anterior ao momento da situação de "chegar ao mercado". Os outros três verbos no futuro do pretérito simples marcam as situações como posteriores ao momento em que ele tem os pensamentos.

Já vimos que o futuro do pretérito indica sempre uma situação posterior a um momento X (representado ou não por outra situação). Assim sendo, a situação é sempre vista como não realizada em X, derivando daí um valor de irrealidade da situação neste momento. No passado, a situação pode ser irreal em X, mas realizada posteriormente e antes do momento da enunciação e portanto real neste momento (Veja 106, por exemplo). Se a situação não pode ser real no momento da enunciação ou porque uma condição anterior não se realizou (Veja exemplo 105 e no texto nº. 74, "Sem apoio, Botha renuncia na África do Sul", as situações de "seria válida" e "nomearia") ou porque sua realização é posterior a esse momento (Veja exemplos 102 e 103a, b), o valor, de probabilidade, aparece. É o que acontece principalmente nas dissertações e descrições. Quando o futuro do pretérito dá a situação como não realizada ou realizável em qualquer momento temos a impossibilidade. Isto acontece sempre nas construções

em que o futuro do pretérito composto se associa a uma condição no pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo, como em (109).

(109) Se João **tivesse** me **pedido**, eu **teria dado** o emprego a ele.

* * *

Até aqui falamos da atuação de formas e categorias do verbo na ordenação referencial (cronológica) de situações. A seguir, falamos dos ordenadores não ligados às formas e categorias do verbo e referidos no princípio de ordenação de (VI) a (X).

5.3.5 - Ordenação por elementos lingüísticos (adjuntos, adverbiais, datas, preposições, conjunções, verbos, numerais, etc.) de valor temporal ou com implicações temporais.

Os elementos ordenadores de (VI), sobretudo os elementos adverbiais, podem ter vários papéis na ordenação referencial:

- a) estabelecer uma seqüência quando o aspecto dá as situações como simultâneas, ou o não-aspecto não estabelece qualquer seqüência;
- b) reforçar ou estabelecer a simultaneidade (enquanto isso, ao mesmo tempo, entretantes, neste ínterim, etc.);
- c) reforçar uma seqüência já estabelecida por outro (s) elemento(s);
- d) permitir a recuperação da seqüência cronológica das situações, quando esta não está em isomorfia com a ordem textual;
- e) oportunizar a colocação de uma nova cadeia ou seqüência de situações.

Os ordenadores de (VI) podem atuar localmente ou globalmente. Vejamos alguns exemplos de sua atuação.

Um exemplo do papel citado em "e" pode ser visto no texto nº. 89 (Um espelho para o cosmo - p.38 3ª coluna). Ali o adjunto adverbial "Alguns anos antes" possibilita a narração constituída pelas situações "fora escolhida para fazer", "tiveram de transportá-lo", "tropeçou", "caiu espalhando". Neste mesmo texto vários elementos adverbiais, incluindo a própria data da revista (11/11/1989), participam da ordenação referencial das situações: "Em 1981", "em 1977", "num dia cinzento de novembro de 1981" (p.37), "Em seguida", em novembro de 81", "mais tarde" (p.41). Em (110) temos outros

exemplos retirados desse texto. Em (110a) o advérbio "depois" ordena duas situações não ordenadas pelas formas e categorias verbais num trecho preditivo e em (110b) reforça uma ordenação feita pelo conhecimento de mundo.

(110) a - A começar pela manufatura do seu espelho principal, cuja superfície **refletirá** e **focalizará** a luz dos astros, que **será depois transmitida** à Terra como uma emissão de TV." (Texto nº. 89).

b - "A luz que **entra** pela abertura **bate** no espelho principal e se **reflete** num outro menor, o secundário. **Depois volta** e **atravessa** o orifício do espelho principal para se concentrar na câmara e outros instrumentos científicos." (Texto nº. 89).

Nas reportagens, em que normalmente a ordem referencial de ocorrência das situações é subvertida na ordem textual em função da relevância, por exemplo, os elementos adverbiais e a data do periódico são fundamentais para recuperação dessa seqüência cronológica. Veja-se para exemplo o texto nº. 74 (Sem apoio, Botha renuncia na África do Sul), o texto nº. 60 (Morre Shockley, o pai do transistor), o texto nº. 66 (Seqüestradores fogem para o Paraná e são cercados / Oito reféns em 12 dias de ação) e as ordenações referenciais que fizemos de suas situações no anexo.

No exemplo (94c) temos a locução prepositiva "depois de" que ordena as situações da seguinte forma: "contar o dinheiro" → "aborda o garçom". Em (111) abaixo a locução prepositiva e "antes de" que dá a seguinte seqüência: "atiraram uma pedra" → "partir".

(111) "**Antes de partir** com a criança, os seqüestradores **atiraram** uma pedra dentro da casa com um bilhete, dizendo que entrariam em contato nos próximos cinco dias." (Texto nº. 66).

No exemplo (97), observa-se que o elemento "aí", equivalente a "então", participa da ordenação referencial das situações, seqüenciando-as e reforçando a ordenação dada pelo aspecto ou pelo tempo relativo.

Nos exemplos (80a, b), a conjunção "enquanto" estabelece a simultaneidade das situações. A mesma conjunção aparece em (112), também marcando simultaneidade.

(112) "E **enquanto** ele **serve** a coca-cola, o pai **risca** o fósforo e acende as velas". (Texto nº. 67)

A expressão "enquanto isso" com a mesma conjunção aparece no texto nº. 91 (Propaganda do Yázigi) reforçando a simultaneidade, já marcada pelo imperfectivo, e

separando dois blocos simultâneos: o que descreve o que acontecia no mundo, do bloco que descreve o que faziam os fundadores do Yázigi.

No texto n.º. 35 (A festa de Santa Efigênia), a descrição de como a festa acontecia é dividida em três blocos que são seqüenciados cronologicamente pelos adjuntos adverbiais "Dias antes da festa", "No dia da festa" e "Ao fim da cerimônia".

Como a vocação da descrição é a simultaneidade das situações, parece que nela os ordenadores de (VI) ou fazem ordenações locais ou de blocos descritivos simultâneos (com objetos diferentes) ou de blocos descritivos do mesmo objeto em momentos diferentes. O mesmo pode ocorrer na dissertação cuja vocação é também a simultaneidade. Em (113), temos um exemplo de ordenação local por adjunto adverbial: "em outubro", em confrontação com a data em que a nota foi publicada, dá ao presente do indicativo "estréia" um valor futuro, que coloca a situação como posterior às demais, que são presentes.

(113) "Na prática, a coordenação de ópera vinha sendo feita por Bruno Furlanetto, que jura estar tudo certo com o *Eugen Onegin* que estréia em outubro." ("Buraco no Teatro" in **Jornal do Brasil, Caderno B**, Seção "Contrapontos" (de Luiz Paulo Horta) - Ano XCIX, n.º. 129 , 3ª feira, 15/08/89: p.2).

No texto n.º. 81 (Ibitinga incentiva produção rural) os adjuntos adverbiais "Dentro em breve", "em seguida", "depois" e "hoje" exemplificam a atuação de elementos adverbiais na ordenação de situações em textos preditivos.

Em textos injuntivos, os elementos de (VI) também atuam. Veja-se, por exemplo, no texto n.º. 54 (Para pintar o retrato de um pássaro) o uso de "primeiro", "depois" (quatro vezes) e "então", além das orações subordinadas adverbiais temporais ("quando o pássaro chegar" e "quando já estiver lá dentro"). Veja também o exemplo (114). (

114) "**Por último** colocar o milho verde e retirar do fogo, para não ferver." (Texto n.º. 50).

Como nosso objetivo primeiro é o estudo textual discursivo do verbo, não fizemos um levantamento exaustivo dos elementos ordenadores de (VI) e de seu funcionamento em cada tipo de texto.

Nos itens seguintes abordamos as diferentes formas pelas quais o conhecimento de mundo atua na ordenação referencial (cronológica) de situações (Cf. VII a X) .

5.3.6 - Ordenação pelo conhecimento de mundo

5.3.6.1 - Ordenação pelos modelos cognitivos globais

Como ficou dito em (VII.a), o **conhecimento de mundo** através os **esquemas, planos** e **“scripts”**¹³⁸ atua na ordenação referencial de situações, porque nestes modelos cognitivos as situações aparecem em ordens já estabelecidas de ocorrência que permitem ordená-las mesmo que outros ordenadores não atuem. O conhecimento de mundo pode estabelecer a ordenação referencial, reforçar a ordenação dada, por exemplo, por (III) ou funcionar como instrução em contrário à atuação de (III) ou outro elemento do princípio de ordenação.

Assim, por exemplo, no texto nº.67 (A última crônica), pode-se aplicar a parte das situações do texto o esquema de "ir a restaurante, lanchonete, botequim, etc. (para comer)". Este esquema teria basicamente os passos especificados a seguir na sua ordem de ocorrência: entrar → escolher mesa → sentar → escolher o que vai pedir (através de um cardápio ou não) → fazer o pedido → aguardar → ser servido → comer → pedir a conta → pagar. Este esquema básico pode sofrer alterações de acordo com o tipo do estabelecimento, o nível social a que serve, a situação (aniversário, festa programada, o ir comer fora sem razão especial, etc.). O texto só citará os passos pertinentes para o que se pretende dizer, os outros ficam pressupostos. No texto “A última crônica” aparecem quase todos os passos acima, com especificações e desdobramentos de alguns, mas a ordem das situações no texto obedece à ordem do esquema que é a ordem referencial. Desse modo, o conhecimento de mundo, através desse esquema, reforça a ordem estabelecida, de acordo com (III), pelo aspecto perfectivo e pela ordem das situações no texto (CL III.c).

No conhecimento de mundo, os **esquemas** estabelecem uma infinidade de seqüências de situações que às vezes ficam de tal forma interligadas que basta mencionar uma, porque as outras ficam pressupostas. Vejamos alguns exemplos:

a) nos textos injuntivos de receitas é freqüente a seqüência "quebrar ovos → separar gemas e claras → bater claras em neve". Com freqüência só se explicita o último passo deixando os outros dois pressupostos. Desnecessário dizer que esta, como outras

¹³⁸ Sobre estes modelos cognitivos globais, V. KOCH e TRAVAGLIA (1989: 63-65 e 1990: 60-63).

seqüências, podem aparecer em outros tipos de textos, distintos daquele que tomamos em cada caso;

b) a seqüência "tomar a decisão de fazer algo → fazer algo" foi usada, por exemplo, no texto n°. 74 (Sem apoio, Botha renuncia na África do Sul). Aí temos "renunciou" (fazer algo) que aparece como primeira situação na linearidade textual e "tomou a decisão de renunciar" que aparece como oitava situação nessa mesma linearidade. Na ordenação referencial da narrativa principal da reportagem, "tomar a decisão de renunciar" fica como oitava situação da seqüência e "renunciou" como nona, atendendo ao esquema acima. A ordenação referencial das situações da reportagem como um todo é auxiliada pelo esquema de uma crise política, resultando na renúncia de um governante.

Mais alguns exemplos desse tipo de seqüência podem ser vistos em (115), onde os parênteses indicam opcionalidade de ocorrência.

(115) a - dormir → (sonhar)

b - tocar o telefone → atender → conversar → (cortar ou cair a ligação) →
(três passos iniciais dessa seqüência b ou da seqüência c abaixo).

c - discar (o telefone) → esperar tocar e atender → conversar → (cortar ou cair a ligação) → (três primeiros passos das seqüências b ou c);

c) no texto n°. 89 (Um espelho para o cosmo) no quadro da p.39 que é descritivo e dissertativo, temos, no trecho reproduzido no exemplo (110-b), a seqüência de situações "entra → bate → reflete → volta → atravessa → concentra" que são ordenadas nesta ordem pelo esquema de funcionamento do telescópio com o auxílio do advérbio "depois" e da relação meio → fim entre "atravessa" e "concentra";

d) no texto n°. 12 (Manhã na roça), a seqüência cronológica (a ordem referencial) de situações, especificada abaixo, é estabelecida pelo conhecimento de mundo:

recorta → esbate → aponta



cobre

e) no texto n°. 70 (Brasiliense acerta sozinho Sena recorde), a ordenação referencial é feita pelo conhecimento de mundo (esquema de jogar e ganhar na Sena),

inclusive funcionando como instrução em contrário de acordo com (III.1.c), já que temos situações com aspecto perfectivo que são seqüentes, mas não na ordem em que aparecem no texto. No texto temos a ordem de (116.a) e a ordem referencial das situações dada pelo conhecimento de mundo (com o auxílio do aspecto acabado: "feita", e do tempo presente em oposição ao passado: "não quer se identificar") é a de (116. b) .

(116) a - acertou, ganhou, jogou, feita, não quer se identificar, aplicou.

b - feita, jogou, acertou, ganhou, aplicou, não quer se identificar.

Os chamados pares adjacentes da conversação permitem ordenação referencial que se pode atribuir ao conhecimento de mundo, porque são uma espécie de esquema conversacional, uma vez que são dois turnos ordenados como uma primeira parte e uma segunda parte, ou seja, ordenação com seqüência pré-determinada¹³⁹. Estão neste caso seqüências como pergunta → resposta; dizer → replicar/protestar; convidar → aceitar/recusar; pedir/exigir → concordar/aceitar/recusar/atender, etc. Veja exemplos (117) e (118).

(117) "Eles ameaçam matar os reféns e **exigem** um helicóptero para a fuga. A polícia do Paraná se **recusa** a deixá-los entrar no estado e a de São Paulo **diz** que não vai permitir que eles voltem.

11 de agosto (sexta-feira) - O governador de Goiás freta um helicóptero para **atender** à exigência dos seqüestradores, ... " (Texto nº. 66).

(118) 6 "Um homem se aproximará de outro e **dirá**:

Tu tens um manto na casa de teu pai,
é mister que sejas nosso príncipe,
toma sob teu poder esta ruína."

7 O outro, então, **protestará**:

"Eu não posso curar estas chagas;
e em minha casa não há nem pão nem manto,
não me façais príncipe do povo."

(Bíblia Sagrada - Livro de Isaías - cap.3, vers.6e7)

Em (118) o advérbio "então" reforça a ordenação do par adjacente. No exemplo (117) o par adjacente corrobora a ordenação feita pelo perfectivo e pelas datas. No texto nº. 61 (Passeio noturno), no quarto parágrafo, ocorre o mesmo: o par adjacente

¹³⁹ Cf. LEVINSON (1983: 303-308) e MARCUSCHI (1986: 34-37).

corrobora a ordenação feita pelo perfectivo entre "convidei" e "minha mulher respondeu".

Os **planos** estabelecem uma seqüência ordenada de situações que conduzem a uma meta pretendida. Neste sentido, alguns textos injuntivos são planos: neste caso estão as receitas culinárias e os manuais de instrução em geral, como os de uso e montagem de aparelhos elétrico-eletrônicos e outros tipos de objetos, inclusive brinquedos. As receitas e manuais de instrução ordenam as situações, pode-se dizer, numa ordem pragmática ou prática, porque a ordem em que são apresentadas representa a melhor seqüência de execução das situações (normalmente ações) para atingir o fim pretendido. A ordem nestes tipos de textos que atendem a um "plano" é quase uma ordem necessária. Dessa forma, inversões sempre causam problemas. Veja no anexo os textos injuntivos ou seus trechos enumerados a seguir: texto n°. 54 (Para pintar o retrato de um pássaro), que é a instrução para fazer algo, portanto uma espécie de manual de instrução em linguagem literária; textos n°. 46 (Abridor afiador automático Arno: como usar o abridor de latas), n°. 52 (Manual de instruções do TV Philips 14 CT 6401/UV: Ligação das antenas externas), n°. 50 (Falso vatapá) e n°. 55 (Sufilé de cenoura).

Esse tipo de ordenação dada por um plano aparece nas receitas, mesmo quando elas não são formuladas injuntivamente, mas o falante explica como faz algo ou descreve suas ações ao executar uma receita. É o que vemos abaixo nos exemplos (119) e (120)¹⁴⁰, onde E - entrevistador, F - falante, I - intrometido e ... (reticências) indica pausa e o parênteses trecho em que o transcritor ficou em dúvida.

(119) E - Então, como é que faz esse bife?

F - Eu?

E - É.

F - Eu **boto** a banha ... a banha... a frigideira na banha, **jogo** o bife lá dentro e **boto** uma tampa em cima e **saio** de (rindo) perto. (risos) Depois de um tempinho que Tchiii, eu **volto** lá, **tiro** a frigideira tapada, **espero parar de pular, desviro** o bife, **boto** a tampa (rindo) e **boto** no fogo de novo (Riso E).

I - Não, é um cozinheiro corajoso! (Riso E)

¹⁴⁰ 139 - Estes exemplos nos foram gentilmente cedidos pelo projeto de pesquisa da UFRJ "Programa de Estudos sobre o uso da língua. Amostra censo da variação lingüística no Estado do Rio de Janeiro" através da Profa. Nelize Pires de Omena. Utilizamos a transcrição feita pelo projeto em grafia oficial com algumas adaptações, o que não causa problemas, já que se está observando a ordem das situações e não outros elementos.

(Informante: José Vasco, casa 26, 32 anos, 8ª ginásial completa, vendedor. 08/06/88 pp. 22 e 23, linhas 563-574).

(120) E - (Falando rindo) Como é que faz arroz? Eu não sei fazer arroz.

F - Não, eu não, não, não (faz sai) aquele negócio (meio unidos venceremos) mas dá para comer.

E - Mas como é que faz? Eu não sei fazer.

F - Ah! **Põe** óleo, não é? **Toca** lá uns temperos (no) negócio, **põe** o arroz, não é? Lavado, **deixa ficar** assim, um pouco no tempero, depois **põe** água, de acordo com o número de xícaras, não é? de de ... arroz.

E - Mas de... e esse lance de botar água, e que eu acho difícil, não é?

F - É? Não, eu costumo botar assim: para duas xícaras, por exemplo, de arroz, eu ponho uma xícara de água, por exemplo.

(Informante: Mariza, casa 22, 17 anos, 2º colegial em curso, estudante. 21/06/88. P.52, linhas 1327- 1342).

Os "scripts", que são planos estabilizados e estereotipados, atuam na ordenação referencial da mesma forma que os planos comuns. Seria, por exemplo, o caso de um texto que falasse sobre um casamento religioso e/ou civil. A ordenação referencial das situações, independente do tipo de texto que se produzisse, certamente seria feita pela atuação do conhecimento de mundo representado pelo "script" ou pelo menos contar-se-ia com seu auxílio ao fazer a ordenação referencial das situações.

5.3.6.2 - Ordenação por relações semânticas entre orações e períodos

Segundo (VII.b), várias relações entre orações ou períodos que expressam situações são capazes de estabelecer ordem referencial entre essas situações porque têm implicações cronológicas. Assim, uma situação que é causa de outra ocorre antes da que lhe é conseqüência, e assim por diante de tal modo que teremos as ordens referenciais especificadas em (XV) em função da relação entre as situações.

(XV) a - causa → conseqüência ou efeito.

b - condição → condicionada.

c - meio → fim.

d - ação → resultado.

e - possibilidade de realização → realização.

f - etc.....

CERVONI (1989: 66 e nota 43), falando de modalidade, aborda a questão de cronologias e propõe seqüências tais como: a) aprender → saber (que podemos dizer que é uma seqüência do tipo "ação → resultado"); b) potência → efeito (poder comprar → comprar); c) subjuntivo (probabilidade) → indicativo (certeza).

Em alguns dos exemplos já dados encontramos casos dessas relações estabelecendo ordenação referencial. A relação de causa e conseqüência aparece em (88) entre "farei" → "habitará" e em (102), entre "prejuízos que estejam causando" → "teriam de advertir". A relação de condição e condicionado aparece em (89) entre "for comunicada" e "serão retirados" e em (103) bem como entre as situações das orações condicionais dos tipos de (103) ou de outros tipos. A relação de meio e fim aparece em (90-c) entre "começa a ser testado" (a experiência) e "para definir"; em (93), entre "segure" e "levante" (meios) e "para soltá-la" (fim). A relação entre ação e resultado aparece em (91) entre "os exames que são obrigados a fazer" (ação) e "resultam normais" (resultado). É bom observar que o conjunto dessas duas situações funciona como causa para "ficam reconfortados" (conseqüência). Um outro exemplo de ação e resultado pode ser visto no texto n°. 46 (Abridor afiador automático Arno: como usar o abridor de latas): ali a situação "obterá" é resultado de todas as ações anteriores: "coloque", "levante", "coloque", "Abaixe", "encoste", "Apóie", "possa segurá-la", "pressiona", "acionar", "mantendo-a pressionada". Neste mesmo texto, a relação meio → fim aparece entre várias situações: "Apoie" → "para que possa segurá-la", "pressiona" → "para acionar", "segure e levante" → "para soltá-la", "utilize" → "para abrir".

Ainda no mesmo texto n°. 46, temos um exemplo da relação de possibilidade de realização e realização. Ela se verifica entre as duas situações em negrito nos trechos do texto transcrito em (121).

(121) - "Apóie o imã sobre a tampa da lata, para que este **possa segurá-la** depois do corte." (possibilidade de realização).

- A tampa que **ficou presa** ao imã poderá também ser facilmente retirada. (realização).

Um outro exemplo da relação "possibilidade de realização → realização" pode ser visto no trecho dissertativo de FOUCAULT (1986: 133) transcrito em (122) abaixo.

(122)# "Não se trata de *fundar*, de direito, uma teoria - e antes de **poder** eventualmente **fazê-lo** (não nego que lamento não ter ainda chegado a tanto) - mas sim, no momento, de *estabelecer* uma possibilidade.

Esta relação é lexicalizada em verbos que, funcionando normalmente como auxiliares modais (poder) ou semânticos (tentar / buscar → conseguir), estabelecem seqüências como as especificadas em (123-a) e exemplificadas em (123-b).

(123) a - tentar, buscar + infinitivo → conseguir + (infinitivo)
b - João tentou falar com o Papa e conseguiu, (falar com o Papa).

Também a relação "ação → resultado" pode aparecer através do semantema de certos verbos como se pode observar em (124) a (126), onde se vê que "buscar", "pelejar" e "disputar" são sempre situações que representam ações que necessariamente deságuam num resultado. As seqüências de (123-a) também podem ser interpretadas como tendo este valor.

(124) a - Buscar X → $\left\{ \begin{array}{l} \text{conseguir X} \\ \text{alcançar X} \end{array} \right.$

b - João buscou a glória e a alcançou, buscou amor, mas não o conseguiu.

(125) a - Pelejar para + infinitivo → $\left\{ \begin{array}{l} \text{conseguir + (infinitivo) /} \\ \text{Verbo que acompanha pelejar.} \end{array} \right.$

b - João pelejou para consertar o liquidificador e conseguiu (consertar) (ou e consertou).

(126) a - disputar → vencer

b - O Brasil disputou a copa de noventa, mas não venceu.

Casos Como o de (126) resultam em tipos de situação referidos em (VII.c) (Cf. 60-h).

Talvez se possa ver em alguns usos dos verbos causativos um lexicalização da relação entre causa e conseqüência. Veja-se o exemplo (127).

(127) a - Um tornado **causou** grandes prejuízos no Sul dos Estados Unidos ontem.

b - Um tornado varreu o sul dos EUA ontem **provocando** enchentes, desabamentos e deixando milhares de dos desabrigados.

Como a noção de finalidade estabelece uma possibilidade de realização podemos ter seqüências Como as especificadas e exemplificadas em (128).

(128) a - meio \rightarrow $\left\{ \begin{array}{l} \text{fim} \\ \text{possibilidade de realização} \end{array} \right\} \rightarrow$ realização ou não

b - Fazer X \rightarrow para Y \rightarrow atingir, conseguir, alcançar Y

c - João estudou muito para passar no vestibular

e $\left\{ \begin{array}{l} \text{conseguiu (passar).} \\ \text{alcançou sua meta.} \\ \text{atingiu seu objetivo.} \end{array} \right.$

No texto nº. 59 (BERLINCK - 1987: Inquérito nº. 5 trecho das pp. 20 a 24) observa-se urna seqüência desse tipo entre si-tuações de "ir" e "voltar": foram \rightarrow prá volta \rightarrow não voltaram (Veja, no anexo, na ordenação feita das situações da narrativa 3 deste texto, os momentos III.1 e III.7).

Para finalizar, observe-se que, no texto nº. 84 (primavera) , que é todo preditivo, a ordem em que as situações aparecem no texto parece ter a ver com sua ordem referencial, que seria dada por um encadeamento dos acontecimentos previstos em termos de causa e conseqüência. Apenas o versículo 19 parece não participar desse encadeamento, mas na própria Bíblia há uma nota de rodapé dos editores e tradutores em que se diz que ele parece deslocado.

5.3.6.3 - Ordenação pelos tipos de situação

A ordenação referencial de situações pelo seu tipo segue o que foi especificado em (XI) e exemplificado em (60) (61) e (62) (Cf. item 5.2.2). Vimos também, com o exemplo (126) nos comentários sobre (VII.b) -, que os tipos de situações as vezes podem ser resultado da lexicalização de algum tipo de relação entre situações, sobretudo a relação entre ação e resultado. O levantamento estatístico sugerido em 4.2.1.3 fica para estudos posteriores, já que nosso interesse na ordenação de tipos de situações se restringe aqui ao seu uso como um mecanismo da ordenação referencial de situações.

Resta-nos, pois, apenas dar alguns exemplos da atuação de (XI) na ordenação referencial de situações, o que fazemos em (129) a (131).

(129) "A distância é tão grande que os sinais de rádio da Voyager, **viajando** à velocidade da luz (300 mil quilômetros por segundo), levam 4 horas para **chegar** na Terra." (Texto n°. 43) (Cf. 60-a).

(130) 18 "Se vossos pecados **forem escarlates, tornar-se-ão brancos** como a neve!

Se **forem vermelhos** como a púrpura, **ficarão brancos** como a lã!

(Bíblia Sagrada, Livro de Isaías, cap.1, verso 18).

(131) "O aparelho foi seqüestrado pouco depois de **decolar** de Bancóc, capital da Tailândia, com destino a Kuwait (capital do país do mesmo nome). Pelo menos cinco homens, falando árabe, obrigaram o piloto a desviar sua rota para o Irã. O Boeing **pousou** às 8h (11h 30 de Brasília) em Meshed, a 900 Km a nordeste de Teerã (capital iraniana) ("Avião com 112 a bordo é desviado para o Irã" in **Folha de São Paulo**, ano 68, n°. 21.553, 06/04/1988: primeira página).

A mesma série de situações exemplificada em (131) (Cf. 60-m) aparece no texto n°. 66 (Seqüestradores fogem para o Paraná e são cercados: oito reféns em 12 dias de ação): veja "decola" e "aterriça" no trecho "13 de agosto (domingo)" e "decola" e "segue" no trecho "14 de agosto (segunda-feira)".

5.3.6.4 - Ordenação pelo valor do semantema do verbo

Em (VII.d) dissemos que o conhecimento de mundo também atua na ordenação referencial de situações através do semantema de certos verbos. É preciso lembrar que é o semantema do verbo que se está levando em conta: a) na lexicalização de relações (Cf. VII.b); b) na ordenação de tipos de situações (Cf.VII. c); c) no caso dos verbos indicadores de fases da situação (Cf. 5.2.3). Além desses casos, o semantema de alguns verbos pode implicar ordenação de situações representadas quase sempre por nomes. É o caso dos verbos "preceder", "seguir(-se)" e "acompanhar", marcando respectivamente anterioridade, posterioridade e simultaneidade. Parece que este tipo de ordenação é mais freqüente na dissertação e descrição, mas isto é algo a verificar. Veja exemplos (132) a (134). Confronte-se (133a) com (133b).

- (132) "O leitor ou ouvinte do texto tem arquivada em sua memória uma espécie de modelo do que seja um show uma **apresentação** artística. (normalmente de cantores, músicos, bailarinos), que é **precedida** de uma **divulgação** (por cartazes e/ou anúncios na imprensa: jornais, rádio, televisão, etc.) " (KOCH e TRAVAGLIA 1990: 13).
- (133) a - A festa de são João de ontem foi ótima. Rezaram o terço e à **reza seguiram-se as danças** e os **comes e bebes**.
- b - A festa de são João de ontem foi ótima. Primeiro **rezaram** o terço depois todos **dançaram** e **comeram** a vontade.
- (134) "Além da sensação de angústia, eles podem ter crises de pressão alta, batedeiras, falta de ar, náuseas, dores no peito e na cabeça, muitas vezes **acompanhadas** de sensações de morte iminente." (Texto nº. 44) .

Pode-se incluir aqui o que MAINGUENEAU (1987:62), ao falar do discurso relatado e citando Charolles, chama de pressupostos dos verbos de comunicação ("dicendi") sobre a posição cronológica. Ou seja, certos verbos dicendi têm implicações cronológicas quanto à posição da fala que introduzem em relação a outras falas. Seria o caso de verbos como "replicar", "repetir", "concluir", "perguntar/responder" (um par adjacente).

5.3.6.5 - Ainda a ordenação pelo conhecimento de mundo

Para finalizar, gostaríamos de anotar que o conhecimento de mundo ainda pode atuar na ordenação referencial através do conhecimento ativado por verbos ou nomes e que se relaciona com o tempo referencial (cronológico) de alguma forma. Assim, no exemplo (94b), o verbo "lembrar" e o sintagma nominal "noites antigas" remetem ao passado e, portanto, a uma anterioridade das situações lembradas em relação ao momento em que ele carrega a filha para o quarto (Cf. texto nº. 64: A farsa e os farsantes). Isto inclusive explicaria o uso do passado neste texto para marcar anterioridade em relação ao presente. No exemplo (135) abaixo, o substantivo "prenúncio" remete ao futuro e, portanto, a uma posterioridade em relação ao momento da história em curso, posterioridade essa que é assinalada pelo futuro do pretérito.

- (135) "Mal sabia, quando o sinal finalmente abriu e consegui vencer os 200 metros que vão até o semáforo do cruzamento da rua Canadá, que se

tratava do **prelúdio** do milagre de que **seria** testemunha" (BRANCO, Frederico "Milagre Vespertino" in **Jornal da Tarde** ano 24, nº. 7.283, são Paulo, 16/08/1989: p.4).

5.3.7 - Instruções em contrário à sequencialidade estabelecida pelo aspecto perfectivo (III.1.a).

Vimos em (VIII) que alguns elementos do conhecimento de mundo funcionam especificamente como instruções em contrário a (III.1.a). Vejamos alguns exemplos.

(VIII. a) (Várias situações são constituintes de outra) pode ser observado, por exemplo, no texto nº. 64 (A farsa e os farsantes), onde as situações do trecho transcrito em (136b) são constituintes da situação do trecho transcrito em (136a) e, portanto, não lhe são seqüentes.

(136) a- "... depois **jogam** uma partida de batalha naval, A6, F7, D8 - água".

b - "Acerta uma parte do cruzador. Água. Ela ganha por dois submarinos e um pedaço de avião".

No texto nº. 67 (A última crônica) as situações "a mãe **remexe** na bolsa" e "**retira** qualquer coisa", "o pai se **mune** de uma caixa de fósforos, e **espera**" e "a filha **aguarda**" são constituintes de "obedecem ... a um discreto ritual" e portanto não lhe são seqüentes apesar do perfectivo. As ações dos três personagens são simultâneas entre si, pois, tal como no exemplo (86), temos três cadeias de situações simultâneas. No texto nº. 74 (Sem apoio, Botha renuncia na África do Sul) as situações expressas por "informou", "explicou", "lembrou", "disse", "[informou]" "reconheceu", "esclareceu", "denunciou", "acrescentando" são to das partes da situação "anunciar minha renúncia". (Cf. no anexo, a ordenação feita das situações deste texto). O texto não oferece elementos para ordenar as situações constituintes que fazem parte do anúncio da renúncia. Pode-se supor que sua ordem de ocorrência seja a de aparecimento no texto, mas nada permite garantir isto. No texto nº. 89 (Um espelho para o cosmo), as situações de "começou a rodar" e "Foram ligados" são partes da operação referida em "Três minutos depois de iniciada a operação tudo estava terminado" (Cf. p.41 do texto). Há outros exemplos neste texto.

Podemos incluir aqui os casos em que uma situação indica o modo de realização da outra, como no exemplo (77), pois neste caso pode-se considerar aquela como constituinte desta. Veja ainda no texto nº. 68 (O Arquivo), e na ordenação de suas situações no anexo, que a situação 43 (transformou-se) é constituída pelas situações 43.A.1 a 43.A.7 da ordenação (estendeu, enrijeceu, ficou liso, regrediu, fundiu, desumanizaram-se, havia e tornou-se).

No texto nº. 89 (Um espelho para o cosmo) podem ser observados exemplos de (VIII.b) (fases de realização e desenvolvimento são constituintes da situação). Ali se pode ver, por exemplo, que as fases de construção do telescópio: "se começou a construir", "ficou pronto" não são seqüentes à referência à própria construção do telescópio: foi sua **construção** que **levou** cinco anos", "lembrando os anos de agonia para **construí-lo**". Veja-se 5.2.3.

Vejamos alguns exemplos de (VIII.c) (dois verbos indicam a mesma situação por serem "sinônimos" ou referirem-se a mesma situação, ou por repetição do mesmo item lexical, ou por uso de um verbo vicário). No texto nº. 59 (Trecho de BERLINCK 1987), de linguagem oral, a repetição do mesmo item lexical ocorre, por exemplo, com "ir" (3 vezes): "foram" (linhas 671 e 673) e "tinham ido" (linhas 686-687)¹⁴¹; e com "matar" (5 vezes): "mataram" (linhas 674, 677 e 678), "tinham matado" (linha 682) e "foram mortos" (linha 697). Entre eles não há seqüência, porque indicam a mesma ocorrência da mesma situação. O uso de sinônimo para esse fim acontece nesse mesmo texto onde todas as ocorrências de "matar", que acabamos de registrar, retomam a situação expressa por "foram assassinados" (linha 668). O uso de verbo vicário (um condensador), tendo por sujeito um termo genérico, também ocorre aqui, onde "tinha acontecido" (linhas 687-688) corresponde a "bateram, judiaram, maltrataram, mataram, rasgaram" ou simplesmente às demais ocorrências de "matar". No exemplo (97), temos a repetição do mesmo item lexical: "**fiz** o exame de seleção" e "**fiz** o exame de seleção condicional".

Em textos escritos, também temos casos de (VIII. c) Em (137), a repetição do mesmo item lexical; em (138), o uso de verbos que se referem à mesma situação e em (139), o de termo genérico classificatório mais verbo vicário.

¹⁴¹ Nos textos orais é comum a repetição da mesma situação para elaborar um determinado ponto, da narrativa por exemplo, pelo acréscimo de informações de que o falante se lembrou num momento posterior do texto. É o que temos com a repetição de "foram": da primeira vez se diz com quem foram e da segunda o prazo previsto para o passeio.

(137) **1º parágrafo**

"A enfermeira M.J.S., de 39 anos, detida pela Polícia Ferroviária na Estação D. Pedro II (Central do Brasil) quando tentava pular uma roleta que segundo ela, havia enguiçado, **foi espancada, estuprada** e roubada pelos dois guardas fardados, sexta-feira à noite, de acordo com o seu depoimento na 2ª DP.

3º parágrafo

M. diz que **foi espancada e estuprada** sob a ameaça de um revólver."

("Mulher pode reconhecer estupradores" in **Jornal do Brasil**. Ano XCIX, nº. 129. Caderno "Cidade" - p.5. Rio de Janeiro, 15/08/89).

- (138) "**Anápolis (Sucursal)** - o protético Jurandir Júlio da Costa, que estava desaparecido desde o dia 9 último **foi encontrado morto**, pela polícia às margens do Rio Capivari, próximo à BR-414, no sentido Anápolis / Corumbá. A polícia **chegou à vítima** através do seu próprio assassino, Tercílio Souza Maia, 19, pedreiro que o apunhalou no dia 9, quando saíram juntos, já que cultivavam grande amizade."

("Cadáver de protético é encontrado no mato" in **O Popular**. Ano L, nº. 13.232. Goiânia, 15/08/89, p.16).

- (139) "José Francisco Filho (21 anos) **matou** a tiros Luís Carlos Oliveira (20 anos) e **feriu** o soldado da PM reformado Celso Delbem com um balaço nas nádegas. **O fato aconteceu** na madrugada de ontem, na rua Catinguá, no bairro do Tatuapé, Zona Leste da cidade". ("Executou inimigo e ainda queimou um PM reformado" in **Notícias Populares** nº. 9.307. São Paulo, 24/10/89, p.6).

No texto nº. 75 (Seqüestradores fogem para o Paraná e são cercados) temos o uso de sinônimos e repetição do mesmo item lexical. Os sinônimos são "aterrissou" e "havia pousado" (Vejam nº. I.14 na ordenação feita no anexo) e "seguia" e "acompanhava" (Veja nº. I.13.b da mesma ordenação) A repetição do mesmo item lexical aparece com "seguia" e "estar sendo seguido" (Veja o mesmo nº. I.13.b da mesma ordenação).

5.3.8 - Instrução em contrário à simultaneidade estabelecida pelo aspecto imperfectivo (III.1.b)

Segundo (IX), o conhecimento de mundo também pode funcionar como instrução em contrário a (III.1.b), fazendo com que a simultaneidade estabelecida pelo imperfectivo não prevaleça.

Isto pode ser observado nos exemplos (74a) (74b) e (94-b), onde, o conhecimento de mundo, apesar do imperfectivo, nos leva a estabelecer as seguintes seqüências habituais de situações:

- a) Em (74a): acordava → esperava
- b) Em (74b): chegava → levantava-se → esfarelava-se.
- c) Em (94b): - acordava → pedia colo → ficava.
- tentava deitá-la -) agarravam.

Em casos como estes, parece estranho o fato de termos ao mesmo tempo seqüência e simultaneidade de situações. Acontece que a situação que se repete pode ter um aspecto em cada uma de suas realizações (aqui perfectivo), tendo a situação representada pelo conjunto das repetições, com duração descontínua ilimitada, outro aspecto (aqui imperfectivo, habitual), o que explica a dupla possibilidade.¹⁴².

Por tais razões, a ocorrência do previsto em (IX) é comum em trechos de situações habituais, mas também acontece em outros casos como o do exemplo (140), onde temos uma situação no perfectivo ("construída") e outra no imperfectivo (existia) e as duas situações não são simultâneas, como previsto neste caso por (III.1.b). Ali temos a seqüência existia → [foi] construída. No exemplo (76 a) o conhecimento de mundo mostra que "desenhando", "separando-se", "marchando" e "fazendo evoluções" não podem ser simultâneos, o que inclusive é marcado linguisticamente pela alternativa "ora". Apesar de serem seqüentes não se pode determinar a sua ordem por causa de (X.a):

(140) **"Catedral de N. Sra. da Boa Viagem**

Construída em estilo gótico, no local onde **existia** a matriz barroca de N. Sra. da Boa Viagem do antigo Arraial do Curral D'EL Rey. Abriga vitrais de grande beleza e altar-mor em mármore Carrara trabalhado. (Texto nº. 26).

5.3.9 - Instruções em contrário à seqüencialidade (III.1.a) e à ordem referencial (III.1.c) estabelecidas pelo aspecto perfectivo.

¹⁴² Cf. TRAVAGLIA (1981: item 4.2.7).

Finalmente temos as instruções em contrário a (III.1. a) e (III.1.c) de (X). (X.a) (Situações que representam exemplos, conseqüências, reações, especificação em relação a outra) ocorre, por exemplo, no texto de (76a), como comentamos em 5.3. 8. Mas ali as situações não estão no perfectivo. Exemplos da ocorrência de (X.a) com o verbo no perfectivo podem ser vistos nos seguintes textos:

- a) Texto nº. 73 ("Manifestantes enfrentam a policia na Irlanda do Norte") em que temos várias pequenas narrações que especificam como o enfrentamento aconteceu, dando exemplos dos intensos choques vividos (Cf. comentário feito no capítulo 2).
- b) Texto nº. 34 ("Duque de Caxias") em que de um certo modo é especificada uma série de ações que caracterizam o Duque de Caxias, exemplificando o seu caráter por ser resultado dele.

Em (141), temos um exemplo de (X.a) em que "escreveu", "pintou" e "fez" especificam o trabalho artístico que cada um fez. Não se pode dizer se os fizeram simultaneamente ou em seqüência e neste caso em que ordem.

(141) Pedi a meus filhos que **fizessem** um trabalho artístico. João **escreveu** um poema, Paulo **pintou** um quadro e Maria **fez** uma estátua.

Talvez se pudesse considerar (X.b) (efeito lista de situações englobadas em um período de tempo) um subcaso de (X. a), já que sempre temos uma espécie de especificação, de lista de situações, englobadas no tempo de realização de outra ou num período de tempo dado, sem que elas constituam uma cadeia de acontecimentos.

Temos exemplos de (X.b):

a) no texto nº. 69 (Propaganda do BANESTADO), em que "fez história", "influiu", "propiciou" e "participou" especificam as ações importantes do banco no período dado por "de lá para cá";

b) no segundo parágrafo do texto nº. 76 (Seqüestradores fogem para o Paraná e são cercados/ Papel da imprensa e valor da vida), em que "emocionou", "tornou solidária", "provocou" "esteve assistindo", "pareceu", e "permaneceram" especificam uma série de acontecimentos ocorridos no período de duração do seqüestro;

c) no texto nº. 68 (O Arquivo), em que as situações "ficou mais esbelto", "tornou-se menos rosada", "aumentou" "prosseguiu" e "aconteceu" estão englobadas no período de "nos quatro anos seguintes" que é caracterizado neste trecho, inclusive através de vários verbos no imperfectivo. (Cf.: parágrafos 9 a 12 do texto).

No exemplo (142), temos a especificação de ações acontecidas durante um "Reveillon", sem a preocupação com seu encadeamento em uma seqüência. Em (143), vê-se que (X.b) inclui mesmo a não possibilidade de ordenação de duas situações quando uma está contida no tempo de realização da outra.

(142) No Thalia. Teve um, R. que, olhe que eu... que eu... eu... eu.../(Porque) cê fica dançando, cê fica su/, né?, sua pra burro, então cê bebe bebe bebe. Olha eu **bebi** a noite intera, mas eu não **fui** uma vez; sequer no banheiro. De tanto que eu **suei**. Eu não **parei de dançá**. (BERLINCK - 1987: pp.3 e 4 linhas 78 a 83).

(143) a - João **falou** comigo, quando **veio** aqui.

b - Seu pai veio a Uberlândia, mas não me **procurou**.

(144) José **viveu** 5 anos aqui. Neste tempo **casou-se**, **fez** urna casa, **deu** aula no colégio, **teve** dois filhos, conquistou muitos amigos. Mas depois fugiu abandonando tudo.

Em (144) observa-se que "casou", "fez", "deu", "teve", e "conquistou" são situações ocorridas nos "5 anos que João viveu aqui" e que não podemos seqüenciar. A seqüência ocorre entre "viver" e "fugiu". As outras situações, como já dissemos (Cf. cap.2 e X em 5.2.1), constituem uma espécie de comentário, elaborando um ponto da narração. Em (142), as situações não seqüenciáveis elaboram um ponto da dissertação.

Como se pode observar, nos dois casos de (X), as situações não seqüenciáveis elaboram um ponto do texto, constituindo um comentário ou constituem o próprio texto como uma espécie de comentário.

5.3.10 - Considerações finais sobre a ordenação referencial

No que diz respeito à ordenação referencial, observa-se que a simultaneidade das situações é característica da dissertação e da descrição, portanto do comentário, enquanto o seqüenciamento das situações em uma ordem é característica e caracterizadora da narrativa tipo história. Mesmo se a narrativa tipo história é preditiva (futura) e então não aparece o aspecto para marcar a seqüência ou a simultaneidade das situações, a possibilidade de ordenação existe, ainda que apenas potencialmente, o que não ocorre na dissertação e descrição. De tal forma isso é básico que, quando as situações de um texto narrativo não podem ser ordenadas por alguma razão, ele ou constitui uma dissertação ou descrição, portanto um comentário, ou faz parte de uma

dissertação ou descrição ou mesmo uma narração, elaborando um ponto de diferentes modos. Tem-se, neste caso, um intercâmbio de tipos textuais como ficou sugerido no capítulo 2. Ainda como consequência dessas regularidades, observa-se que, quando se quer ordenar referencialmente situações nas dissertações ou descrições, lança-se mão da combinação desses tipos de textos com uma narração tipo história como se pode ver no texto nº. 89 (Um espelho para o cosmo), criando-se uma seqüência cronológica para as situações do comentário. Às vezes isto é obtido usando recursos ordenadores como os elementos adverbiais (Veja o texto nº. 35: A festa de Santa Efigênia e o texto nº. 78: Roteiro de excursão a Disneyworld).

Quanto à injunção, observa-se que, devido às modalidades, o aspecto quase sempre não se atualiza e temos a não-ordenação das situações, que, assim, não são dadas nem como seqüentes nem como simultâneas. Se o texto injuntivo incita à realização de várias situações, elas só serão ordenadas em uma seqüência cronológica por razões pragmáticas, ou seja, se elas tiverem de ser executadas numa determinada ordem para atingir uma meta, portanto, se constituírem um plano.

É preciso lembrar que um texto pode ter mais de uma cadeia de situações, ordenáveis referencialmente em uma seqüência cronológica. Ou seja, um texto narrativo pode conter mais do que uma história. Veja, no anexo, a ordenação feita das situações de alguns textos narrativos onde esse fato se evidencia pela divisão em narrativa 1, narrativa 2, etc¹⁴³.

Como se viu, a ordenação referencial é basicamente feita pelas categorias verbais (aspecto e tempo), mas a interferência de outros elementos ordenadores com a atuação ordenadora das categorias do verbo nos obriga a comentar sobre estes últimos, embora eles não sejam estritamente ligados ao objeto de nosso estudo que é o verbo. Passemos, a seguir, a algumas considerações sobre a ordenação no texto.

5.4 - ORDENAÇÃO TEXTUAL

¹⁴³ Neste ponto seria interessante observar a ordenação referencial que fizemos das situações de vários tipos de textos narrativos. No anexo apresentamos a ordenação referencial das situações dos seguintes textos: a) Candidatura sempre teve dificuldades (texto nº. 56); b) BERLÍNCK (1987) - Trecho do Inquérito nº. 3, p.20 linha 573 a p.24 linha 709 (texto nº. 59); c) Morre Shockley, pai do transistor (texto nº. 60); d) Passeio Noturno (texto nº. 61); e) A Farsa e os Farsantes (texto nº. 64); f) O Médico e o Monstro (texto nº. 65); g) Seqüestradores fogem para o Paraná e são cercados/Oito reféns em 12 dias de ação (texto nº. 66); h) A Última Crônica (texto nº. 67); i) O Arquivo (texto nº. 68); j) Sem apoio, Botha renuncia na África do Sul (texto nº. 74); l) Seqüestradores fogem para o Paraná e são cercados (texto nº. 75).

5.4.1 - Preliminares

Já dissemos em 5.1 o que se entende por ordenação textual. Ela é ligada ao tempo do texto e é a ordem em que as situações aparecem na seqüência linear da superfície textual. Aqui vamos focar sobretudo duas questões relativas à ordenação textual. A primeira diz respeito às razões pelas quais as situações são apresentadas em uma dada ordem no texto. A segunda se refere à presença no texto de elementos lingüísticos, de marcas que se relacionam com a ordenação textual.

5.4.2 - Razões e princípios da ordenação textual

A ordem textual das situações é determinada por diferentes tipos de razões que podem atuar isoladamente ou em conjunto. Essas razões, de acordo com sua natureza, podem ser dadas por questões ligadas a fatos:

- a) de indicação da cronologia de realização das situações no mundo real (ordenação referencial);
- b) de relevância;
- c) de busca de determinados efeitos que poderíamos chamar de estilísticos;
- d) de argumentação;
- e) de cognição;
- f) de natureza pragmática ou prática;
- g) de percepção das situações expressas no texto.

O que se observa é que, independente do tipo de razão que leve até ela, a ordem, a seqüência em que as situações se apresentam na linearidade textual sempre se estabelece em função da intencionalidade em sentido amplo¹⁴⁴, ou seja, de uma certa forma todas as razões se subordinam a razões de argumentatividade que, pelo menos no atual estágio, parecem difíceis de organizar em leis gerais, em regularidades. Todavia, algumas diretrizes ou princípios já podem ser esboçados.

No que se refere à indicação da **ordem referencial** nos textos em que ela é possível (sobretudo os narrativos), vimos que a tendência é para haver isomorfia entre a

¹⁴⁴ Cf. KOCH e TRAVAGLIA - 1989 e 1990.

ordem referencial das situações e sua ordem textual. Quando esta isomorfia não acontece, normalmente isto se deve à interferência de um outro tipo de razão, como a busca de efeitos estilísticos ou questões de relevância, por exemplo. Assim, o princípio básico para a ordenação textual em função da cronologia das situações deve ser algo como (XVI).

(XVI) Apresente as situações no texto na mesma ordem cronológica de ocorrência real ou potencial das situações reais. Se, por alguma razão, não atender este princípio, deixe marcas/pistas no texto que permitam recuperar a ordem de ocorrência das situações.

Vimos que tal princípio é altamente operante nos textos narrativos tipo história.

A **relevância** das situações é um fator importante na ordenação textual das mesmas e sua atuação se rege por um princípio que poderíamos expressar como em (XVII).

(XVII) Coloque em primeiro lugar no texto o que for mais importante ou relevante.

VAN DIJK (1986), estudando as notícias de jornal e sua estrutura, diz, às pp.170 e 171, que a ordenação dos acontecimentos no relato das notícias não é cronológica, mas de relevância, ao contrário dos outros tipos de história. Para ele, isto é válido não só para a reportagem como um todo, mas também para suas partes, o que cria uma estrutura temática parcelada e em zig zag. Um dos traços do que é mais importante para a reportagem é o fato de a situação ser bem recente, o que faz com que o que vem em primeiro lugar no texto sejam as últimas situações de uma seqüência cronológica. Observe-se, no anexo, que na ordenação referencial das situações do texto nº. 74 (Sem apoio Botha renuncia na África do Sul) a primeira situação no texto (renunciou) é a nona na ordem cronológica, mas vem em primeiro, lugar no texto por ser a mais importante informação da notícia. Veja também a ordenação do texto nº. 60 (Morre Shockley, pai do transistor), em que a primeira situação da notícia (morreu) é a décima terceira e última da ordem referencial.

A relevância parece ser fundamental na ordem: textual de textos injuntivos que não constituem um plano. Esse é o caso em textos educativos como o texto nº. 53 (Neblina na pista: redobre a atenção), onde os conselhos parecem ser dados em ordem

de importância na medida em que devem ser lembrados. Roteiros de turismo (normalmente uma combinação de dissertação, descrição e injunção) dizem primeiro o que é mais importante ver e fazer e depois outras opções. Isto pode ser observado também em reportagens de turismo como "Bali" (texto nº. 88) e "Lição sobre o futuro" (texto nº. 28) que dão a idéia básica do passeio e depois seus desdobramentos. Em "Bali" há também ordenação cronológica, pois sugere-se a distribuição do que ver e fazer pelos dias da viagem.

Em textos dissertativos também atua a relevância na ordenação textual. Veja-se, por exemplo, o texto "A questão ecológica" (texto nº. 42), que inclusive começa por uma expressão estabelecadora de relevância: "Tem especial interesse" no texto nº. 45 (Tomate industrial: o cuidado com as pragas), na parte que fala das pragas, a ordem de comentários de cada uma parece ser a do mais para o menos relevante em função do quanto prejudicam a lavoura.

Embora seja difícil comprovar, parece que nas descrições podemos levantar a hipótese de que o texto apresenta primeiro o que é mais relevante para o produtor, porque lhe chama mais a atenção sendo percebido primeiro. Para ORLANDI (1988:48), como na descrição o enunciador se coloca na perspectiva do espaço (ao contrário da narração onde a perspectiva é a do tempo referencial), a ordenação que fica é só a do discurso (talvez seja, melhor dizer do texto) porque na descrição o tempo é só o da enunciação: já que as situações são simultâneas "o que vem depois é só o que é dito depois". Mas, por que é dito depois? Parece que é porque é percebido depois, porque chama menos a atenção, sendo menos importante para o produtor do texto. Assim fica a hipótese de que a ordenação textual na descrição é basicamente resultado de um misto de relevância e **percepção das situações**, sem excluir outras causas, mesmo a cronológica como no texto nº. 35 (A Festa de Santa Efigênia).

DOWTY (1986: 50) propõe que, em trechos descritivos inseridos na narração, a ordem em que as situações (para ele estados sobrepostos no tempo referencial) são registradas no texto é determinada pragmaticamente pela ordem em que um hipotético observador (que pode ser o narrador ou o personagem de cujo ponto de vista a narrativa é construída) as percebe. DOWTY dá o exemplo que reproduzimos traduzido em (145) (Veja as situações sublinhadas).

(145) Maria entrou no gabinete do presidente. Uma cópia do orçamento **estava** sobre a escrivaninha do presidente. O conselheiro financeiro do

presidente **permanecia de pé** ao lado dela. O presidente **estava sentado olhando** admirado para ambos. O conselheiro falou.

No trecho descritivo de "Passeio Noturno" (texto nº. 61), transcrito em (146), podemos tomar como evidência de que a percepção funciona como elemento que determina o registro de uma determinada situação no texto e em uma certa ordem, o fato de que o narrador (que é o protagonista), na montagem da descrição introduzida por "vi", repete a mesma situação, utilizando sinônimos (caminhava apressadamente e andava depressa), como se por duas vezes, ele tivesse notado (percebido, registrado) o mesmo fato por ele ser importante para o que pretendia fazer atropelar a mulher.

(146) "Então vi a mulher, ... Ela **caminhava** apressadamente, **carregando** um embrulho de papel ordinário, coisas de padaria ou de quitanda, **estava** de saia e blusa, **andava** depressa, **havia** árvores na calçada de vinte em vinte metros, ... "

A ordem de percepção é importante também na narração presente, já que aí o tempo da enunciação coincide com o referencial do acontecimento relatado. Neste caso, temos um misto de cronologia e percepção, já que os acontecimentos são relatados à medida que vão ocorrendo e sendo percebidos.

Pode-se propor, como hipótese de estudo, um princípio de ordenação textual como o de (XVIII).

(XVIII) Apresente as situações no texto na ordem de sua percepção.

Este princípio teria efeito semelhante a (XVI), uma vez que se postule que situações são percebidas à medida que ocorrem no tempo. Todavia (XVIII) é mais amplo, porque não se refere apenas a situações seqüenciadas cronologicamente, mas se aplica também a situações referencialmente simultâneas (Cf. descrições e dissertações). A ordem de percepção pode ser a real ou aquela que o produtor do texto quer fazer crer que seja a ordem de percepção e, neste caso, já estaríamos passando para um plano mais ligado à argumentatividade.

Apenas como exemplo de ordenação textual para produção de certos efeitos que estamos chamando de estilísticos, podemos citar a inversão de situações ou de blocos

delas na narração para criar suspense na história. Talvez se possa incluir aqui as figuras de linguagem por transposição estudadas pela teoria literária, quando a transposição ou inversão se dá entre situações¹⁴⁵. Aqui pode-se estudar, por exemplo, se, nas narrações, há regularidades entre formas de inversão das situações e certos efeitos, como o suspense ou se perguntar, por exemplo, que efeitos pode produzir a antecipação de situações no tempo referencial da história dentro do texto.

A **argumentação** pode influir na ordenação textual das situações segundo um princípio como o de (XIX).

(XIX) Apresente as situações na ordem que melhor conduza à conclusão **r**.

Assim, por exemplo, em relatos jornalísticos ou, em narrativas orais é muito provável a apresentação das situações numa ordem que favoreça ou prejudique interessados no relato. Em textos dissertativos e argumentativos "stricto sensu", (XIX) e aplicado com frequência. Observe-se, por exemplo, no texto n°. 2 (A dimensão do Brasil), como o autor dispõe as situações de modo a convencer o leitor do potencial brasileiro apesar da "sinistrose" que toma conta do povo: parte-se da exposição desse estado de espírito e apresentam-se argumentos para mudá-lo em termos da consciência do papel que podemos e temos de representar no cenário mundial. No texto n°. 37 (O dever da imprensa), as situações são apresentadas de modo a comprovar a imparcialidade e isenção com que o jornal estava fazendo a cobertura da eleição presidencial de 1989.

Razões ligadas à **cognição** podem influir na (ordenação textual, quando se leva em conta o fato de que a expressão de certas idéias é pré-requisito para o entendimento de outra(s). Assim, aquelas que são pré-requisito terão de aparecer em primeiro lugar no texto.

Isto pode ser observado, por exemplo, no texto n°. 27 (Jogo geométrico para crianças e adultos), onde a descrição das peças do jogo no primeiro parágrafo é necessária ao entendimento da explicação de como se joga no segundo parágrafo e por isso mesmo vem antes, no primeiro parágrafo.

Aqui podemos postular, como hipótese, um princípio de ordenação textual, tal como proposto em (XX)

¹⁴⁵ Cf. TAVARES (1974: 338-340).

(XX) Se X é pré-requisito para compreensão de Y, X deve vir antes no texto.

Finalmente, temos as **razões de natureza pragmática ou prática** influenciando na ordenação textual de situações. Já vimos, ao comentar (VII. a) que, nos textos injuntivos que constituem um plano (como receitas culinárias e manuais de instrução para montagem e uso de aparelhos), as situações têm uma ordem referencial prática de realização para a consecução do plano e atingimento da meta, que é traduzida na ordem textual, onde as possibilidades de inversões são mínimas. Em roteiros de turismo por exemplo, podemos ver que, com frequência, as situações constituintes do passeio ou viagem são ordenadas no texto em função da facilidade de locomoção e/ou localização de lugares a serem visitados, portanto uma ordenação de caráter essencialmente prático e pragmático. Um exemplo disso pode ser visto sobretudo nos parágrafos quatro e cinco do texto nº. 31 (Pelas ruelas e ladeiras de São Luís).

5.4.3 - Marcadores da ordenação textual

Tratemos agora dos elementos lingüísticos ou marcas que aparecem no texto em função da ordenação textual, do tempo do texto. Estes elementos são fatores de coesão seqüencial por progressão, com encadeamento por justaposição através de partículas seqüenciadoras ou continuativas de frases ou seqüências textuais, pois dizem respeito à linearidade e à ordenação de partes do texto.

Embora nos interesse particularmente o uso do verbo (suas formas e categorias) como elemento de ordenação textual, referiremos outros elementos que se relacionam com o verbo ou porque agem em conjunto com ele ou porque são capazes de substituí-lo. Já referimos este assunto em 5.1, ao falar da relação entre o tempo da enunciação e o tempo textual.

Terão particular interesse na atuação dos elementos de ordenação textual dois tipos de verbo. Os primeiros são os que chamamos de **enunciativos**, por se referirem ao próprio ato de dizer. Estão neste grupo verbos como: falar, dizer, perguntar, responder, afirmar, citar, expor, replicar, protestar, murmurar, sussurrar, etc. No segundo grupo, temos os verbos que indicam que um tópico é enfocado, tratado ou dão modos ou formas de desenvolvê-lo ou encará-lo: ver, discutir, provar, apontar, colocar,

exemplificar, especificar, esquematizar, explicar, analisar, considerar, tratar, demonstrar, resumir, retomar, levar em conta, referir, contar, relatar, descrever, etc. Podemos chamar este grupo de **verbos de tratamento de tópico**.

O verbo atua na ordenação textual de duas maneiras:

- a) através dos tempos: passado, presente, futuro;
- b) através do valor do seu semantema.

O tempo verbal de verbos enunciativos e de verbos de tratamento de tópico marca segmentos da seqüência linear da superfície textual como anteriores (o passado), simultâneos (o presente) ou posteriores (o futuro) a um outro ponto da mesma seqüência e ao "momento" em que este é utilizado - produzido (falado, escrito)/recebido (ouvido, lido) - pelos usuários da língua, ou seja, ao momento da enunciação deste segundo da seqüência lingüística. Esta função dos tempos verbais ponto foi exemplificada em (57) a (59), com comentários em 5.1. O texto deste trabalho, está cheio de exemplos. No final do segundo parágrafo anterior a este, usamos "Já referimos" (o passado indica: anteriormente neste texto). Vejamos em (147) e (148) alguns exemplos colhidos na introdução.

(147) a - "Neste estudo, portanto, **estaremos entendendo** função como... **Estaremos admitindo** também que cada forma e/ou categoria verbal pode ter mais de uma função..." (O futuro indica: nas partes posteriores deste texto).

b - "Como se **verá**, é impossível fazer um estudo textual-discursivo do verbo sem falar" (O futuro indica: nas partes posteriores deste texto).

c - "**Dissemos** que o corpus é constituído, pela natureza mesma do estudo, por textos" (O passado indica: anteriormente neste texto).

(148) **Estamos propondo** neste item um princípio de ordenação referencial das situações. (O presente indica nesta parte do texto em desenvolvimento agora).

Alguns verbos remetem, pelo valor de seu semantema a partes do texto ou a partes de unidades de composição do texto (parágrafos, itens ou seções, capítulos, etc.). Neste papel de ordenadores textuais, estes verbos vêm sempre acompanhados por verbos enunciativos ou de tratamento de tópico. Assim temos:

a) verbos que remetem ao início do texto ou de partes deste: começar, iniciar, principiar;

b) verbos que remetem ao meio do texto ou de partes deste: seguir, prosseguir, continuar;

c) verbos que remetem ao final do texto ou de partes deste: acabar, terminar, finalizar, fechar, concluir.

Vejam os alguns exemplos:

(149) a - **Começamos** este capítulo **propondo** nossa hipótese, **prosseguimos demonstrando** suas vantagens e desvantagens e **concluimos** pela sua validade (ou **terminamos dizendo** que se pode concluir pela sua validade).

b - **Início fazendo**-lhes uma proposta, **seguirei expondo** as razões que a motivaram e **terminarei dizendo**-lhes o quanto ganharemos pondo em prática que proponho.

c - **Comecei contando**-lhes o que fez este rapaz, **prossigo perguntando** se sua ação não foge a todas os princípios morais e da lei e **finalizarei pedindo** sua condenação.

Os exemplos de (149) foram montados para exemplificar a atuação ordenadora destes verbos de forma bem sucinta e mostrando como podem se combinar com os tempos. Nos textos reais, podemos ter referências só ao início, ao meio ou ao final do texto ou de partes dele.

Estes mesmos verbos podem ser usados desacompanhados de verbos enunciativos, indicando a ordem de apresentação no texto de certos elementos ou idéias. Neste caso, acrescenta-se aos verbos indicadores de posições intermediárias no texto, o verbo "passar" ao lado de "seguir", "prosseguir" e "continuar". Vejam os alguns exemplos.

(150) "Quase tão fascinante quanto as descobertas que graças a ele será possível realizar foi sua construção que levou cinco anos. **A começar** pela manufatura de seu espelho principal" (Texto n°. 89).

(151) "A cumplicidade do Estado é manifesta **desde** a indiferença das autoridades na manutenção física das estradas e vias públicas e no desprezo pela educação e repressão, **passando** pela impunidade

avaliada pela legislação ultrapassada e condescendente que submete os infratores a penalidades mínimas, com direito a sursis e multas irrisórias **até** a ineficiência da Justiça que não dispõe de um órgão que centralize esse tipo de delito, tornando moroso e oneroso o andamento do processo" (MAGALHÃES - 1989).

- (152) "Com todas as vantagens, que **começam** na finíssima chapa de alumínio, um prodígio da tecnologia nacional" (Texto nº. 90).

No exemplo (151) as preposições "desde" e "até" poderiam ser substituídas respectivamente pelos verbos "começar" e "terminar". Então teríamos: "A cumplicidade do Estado **começa** na (com a) indiferença... **passando** (ou **passa**)... multas irrisórias e **termina** na (com a) ineficiência da Justiça...". Isto mostra que os verbos ordenadores textuais podem atuar em combinação com outros tipos de ordenadores que elencamos mais adiante. No exemplo (152), a propaganda continua dando as vantagens, mas sem usar ordenadores. Todavia os redatores poderiam ter escrito: "**continuam** na (ou **passam** pela) sua leveza (apenas 18 g), no (pelo) fato de permitir gelar a bebida mais rápido e não apresentar emendas e **terminam** na sua propriedade de não enferrujar".

Dois outros verbos atuam como ordenadores textuais "**preceder**" e "**seguir**". Referem-se a partes do texto que vêm indicadas. Quando não há indicação das partes, referem-se ao texto imediatamente anterior ou posterior. Veja o exemplo (21) no capítulo 3 para o verbo "seguir" e os exemplos de (153). No lugar desses verbos, é mais comum o uso dos adjetivos deles derivados: "seguinte" e "precedente". No lugar de "precedente", usa-se também "anterior". O adjetivo "posterior", que substituiria "seguinte", não tem a mesma distribuição que este, equivalendo mais à preposição "após". O adjetivo "seguinte" equivale mais ao adjetivo "próximo". Veja exemplos de (154).

- (153) a - Veja o comentário feito no trecho que **precede** o exemplo (38).
b - Nos capítulos que **seguem** expomos nossas descobertas sobre essa questão.
- (154) a-? Veja o comentário feito no trecho **precedente** ao exemplo (38).
b - Veja o comentário feito no trecho **anterior** ao exemplo (38).

c - Nos capítulos **seguintes** expomos nossas descobertas sobre essa questão.

d - Nos **próximos** capítulos expomos nossas descobertas sobre essa questão.

e - Nos capítulos **posteriores** ao quarto expomos nossas descobertas sobre esta questão.

f - No capítulo **precedente** delineamos um quadro das possíveis causas deste fenômeno.

Além do tempo e dos verbos ordenadores textuais pelo valor de seu semantema, vários elementos atuam como marcas de ordenação textual. Além das preposições (Veja "desde" e "até" no exemplo 151), e dos adjetivos vistos em (153) e (154), temos outros elementos de ordenação textual, como vários elementos adverbiais e numerais, todos com usos que implicam em ordenação textual, principalmente quando acompanhados de sintagmas que especificam trechos dos textos e/ou de verbos enunciativos ou de tratamento de tópico. A seguir, buscamos esboçar um quadro desses ordenadores em (155). A especificação de partes do texto pode ocorrer antes ou depois dos ordenadores, conforme o caso. O verbo enunciativo ou de tratamento de tópico aparece em quase todos os casos após os ordenadores.

| | |
|---|---|
| (155) a) No início, no começo, inicialmente, de início; | Verbo enunciativo ou de tratamento de tópico e/ou especificação de partes do texto. |
| b) Em seguida, a seguir; | |
| c) Finalmente, no final, no fim; | |
| d) -Seguinte, posterior, próximo, - Precedente, anterior; | |
| e) - Primeiro, segundo, terceiro, etc.; - Em primeiro, segundo, terceiro, etc. | |
| f) - Antes, agora, depois; lugar; - Anteriormente, posteriormente; | |
| g) -Desde, até, após. | |

Ainda se podem ligar à ordenação textual certos numerais (Veja exemplo 156 a) e pronomes demonstrativos (Veja exemplo 156 b), que alguns classificam como "aposto distributivo".

- (156) a - João tem dois filhos Pedro e Paulo. O **primeiro** é marceneiro, o **segundo** músico.
- b - Pedi uma ajuda a Tereza e Raquel. **Esta** me ajudou; **aquela** se desculpou dizendo que estava muito ocupada.

As marcas de ordenação textual parecem ser mais utilizadas nos textos dissertativos, mas atuam também em outros tipos de texto, como os narrativos (Veja exemplo 157) e os injuntivos (Veja exemplo 158).

- (157) **Começaremos** nossa história **dizendo** quem era o nosso herói e porque ele se tornou o guardião do cristal encantado... A **seguir contaremos** como nosso herói se apaixonou pela princesa.
- (158) a - "Para ligar a antena externa é preciso primeiro conectar o plugue que acompanha o televisor ao cabo da antena, procedendo do **seguinte** modo: ..." (Texto nº. 52).
- b - "Para isto é necessário eliminar o adaptador usualmente ligado à extremidade do cabo de antena e proceder conforme **explicação a seguir**:..." (Texto nº. 52).

Casos como o do exemplo (151), onde temos preposições e verbo ordenador, mostram que os diferentes tipos de ordenadores textuais inclusive o tempo, podem se combinar de diferentes maneiras, estabelecendo várias séries de ordenadores atuando na ordenação textual e marcando a ordem de situações e outros elementos no texto.

* * *

Como se pode observar, o estudo da ordenação referencial foi mais aprofundado que o da ordenação textual, apesar de termos delineado as duas questões básicas envolvidas na segunda. Todavia, falta ainda estudar a ordenação textual de forma a encontrar regularidades dentro dos princípios que esboçamos como, por exemplo, se há uma hierarquia de aplicação dos mesmos. É preciso também aprofundar o estudo das marcas de ordenação textual, observando mais de perto sua atuação por tipo de texto e por tipo de ordenador textual, inclusive em termos quantitativos.

CAPÍTULO 6

FENÔMENOS DE CONTINUIDADE ESTABELECIDOS PELO VERBO EM DIFERENTES TIPOS DE TEXTOS

6.1 - PRELIMINARES

Expomos aqui o resultado de nossos estudos sobre os fatos do funcionamento textual-discursivo do verbo especificados em 4.2.1.4 (continuidade de tipos de verbos e situações face à tipologia textual) e em 4.2.1.5 (continuidade de formas e categorias verbais no texto como um todo em relação com os tipos de textos). Tratamos também dos fenômenos ligados à relação entre formas e categorias verbais e superestruturas textuais, porque, como já dissemos em 4.2.5, eles mantêm uma estrita relação com as continuidades de 4.2.1.4 e 4.2.1.5.

Fizemos um estudo quantitativo das continuidades de 4.2.1.4 e 4.2.1.5, em que trabalhamos com os oito tipos de textos mais freqüentes: a dissertação presente, a descrição passada e presente, a narração passada e presente e o injuntivo. Na descrição ainda consideramos a distinção entre descrição estática e dinâmica, o que resultou na consideração de quatro subtipos de descrição¹⁴⁶. Dessa forma, não trabalhamos quantitativamente com as continuidades de tipos de situação e de formas e categorias verbais na descrição e narração futuras e na dissertação passada e futura.

Para cada tipo, trabalhamos com textos o mais possível puros ou com trechos de textos que representam o tipo focalizado. Muitas vezes o texto apresentado como de um tipo (Cf. sobretudo os descritivos) é, na verdade, um trecho de outro texto maior que foi isolado (por nós ou por outrem) e considerado como uma unidade textual. Abaixo listamos, para cada tipo, os textos usados no estudo das continuidades e damos seu número no anexo, onde marcamos os trechos considerados, quando este for o caso e sublinhamos os verbos considerados na análise. Assim, pois, para as continuidades de que falamos neste capítulo estamos levando mais em conta o tipo de discurso realizado

¹⁴⁶ Normalmente se entende por descrição estática também chamada de "quadro", as descrições de pessoas, animais, vegetais, objetos, paisagens, cenários, ambientes, etc. em seus aspectos físicos e/ou psicológicos, quando for o caso. A descrição dinâmica é aquela que se faz de seres em ação (uma dança, por exemplo) ou vistas e quadros animados (uma tempestade no mar, por exemplo). (Cf. capítulo 2).

em texto, por buscarmos separar neste apenas os trechos que são do tipo em foco. (Cf. no capítulo 2 a questão da pureza tipológica).

1) Textos descritivos

1.1 - Descritivos dinâmicos passados:

- a) A dança dos colonos alemães (texto nº 4);
- b) Luz e calor (texto nº 5);
- c) O milagre das chuvas do nordeste (texto nº 6);
- d) Noite joanina (texto nº 7);
- e) Os passarões (texto nº 8);
- f) A vila da praia (texto nº 9);

1.2 - Descritivos dinâmicos presentes:

- a) As borboletas (texto nº 10);
- b) O estouro da boiada (texto nº 11);
- c) Manhã na roça (texto nº 12);
- d) O saci-pererê (texto nº 13);
- e) O salto do Guaira (texto nº 14);

1.3 - Descritivos estáticos passados:

- a) Bocatorta (texto nº 15);
- b) A casa da fazenda (texto nº. 16);
- c) A cascavel (texto nº. 17);
- d) A cela do religioso (texto nº. 18);
- e) Evocação mariana (19 e 29 versos) (texto nº. 19);
- f) O milagre de Machu Picchu (texto nº. 20) (trechos);
- g) Olhai os lírios do campo (fragmento do capítulo III) (texto nº. 21) (trechos);
- h) Quarto de moça (texto nº. 22) (trecho);
- i) Uma rua como aquela (texto nº. 23);

1.4 - Descritivos estáticos presentes:

- a) O milagre de Machu Picchu (texto nº. 20) (trechos);
- b) O "canyon" gaúcho de Fortaleza (texto nº. 24) (trechos);
- c) O cavalo sertanejo (texto nº. 25);
- d) Folheto do 219 Festival de Inverno da UFMG (texto nº. 26) (trechos);
- e) Jogo geométrico para crianças e adultos (texto nº. 27);

- f) Lição sobre o futuro (texto n.º. 28) (trechos);
- g) O Marechal Floriano (texto n.º. 29);
- h) Pelas ruelas e ladeiras de São Luís (texto n.º. 31) (trechos);
- i) O tamanduá-bandeira (texto n.º. 32); j) Q vale amazônico (texto n.º. 33);

2) Textos dissertativos:

- a) Um contraceptivo parecido com o DIU. Só que para homens. (texto n.º. 36);
- b) O dever da imprensa (texto n.º. 37);
- c) Microtransplante do próprio cabelo (texto n.º. 40);
- d) A questão ecológica (texto n.º. 42);
- e) Voyager encontrará Netuno em dez dias (texto n.º. 43) ;
- f) Medo, ansiedade e pânico (texto n.º. 44);
- g) Tomate industrial: o cuidado com as pragas (texto n.º. 45);

3) Textos injuntivos:

- a) Abridor afiador automático Arno / Como usar o abridor de latas (texto n.º. 46);
- b) Bolinhos de batata (texto n.º. 47);
- c) Falso vatapá (texto n.º. 50);
- d) Horóscopo de Jean Perrier (texto n.º. 51);
- e) Ligação das antenas externas (texto n.º. 52);
- f) Para pintar o retrato de um pássaro (texto n.º. 54) ;
- g) Suflê de cenoura (texto n.º. 55);

4) Textos narrativos:

4.1 - Narrativos passados:

- a) Candidatura sempre teve dificuldades (texto n.º. 56);
- b) A crise cardíaca (texto n.º. 57);
- c) História triste de tuim (texto n.º. 58);
- d) BERLINCK-1987: Inquérito 3 - p. 20, linha 573 a p.24, linha 709 (texto n.º. 59);
- e) Morre Shockley, pai do transistor (texto n.º. 60);
- f) Passeio noturno (texto n.º. 61);
- g) Piada do menininho (Ziraldo) (texto n.º. 62);

4.2 - Narrativos presentes:

- a) A farsa e os farsantes (texto n.º. 64);

- b) O médico e o monstro (texto nº. 65);
- c) Seqüestradores fogem para o Paraná e são cercados / Oito reféns em 12 dias de ação (texto nº. 66) ;
- d) A última crônica (texto nº. 67).

O número de textos de cada tipo utilizado no estudo das continuidades varia, mas o que procuramos garantir foi que, para cada tipo ou subtipo, se tivesse pelo menos 100 (cem) verbos. Não consideramos os verbos elípticos. Estes são numerosos na descrição (sobretudo na estática), onde apresentam uma freqüência bastante alta (principalmente os verbos estáticos).

Nas narrações não foram computados os verbos dos trechos em discurso direto, indireto e indireto livre, a não ser que eles fossem a própria narração ou contivessem partes da narrativa, como acontece com freqüência nas reportagens.

Nosso estudo revelou várias correlações entre tipos de verbos e situações e formas e categorias verbais por um lado, e as funções e propriedades discursivas de cada tipo de texto por outro, podendo estas representar categorias semânticas e pragmáticas (Cf., por exemplo, item 6.3.1, quando falamos das continuidades da categoria aspecto). Preferimos falar em "correlação" ou em "harmonização" entre tais tipos de verbos e situações, formas e categorias verbais e as funções e propriedades discursivas de cada tipo de texto, porque esses termos sugerem uma relação de mão dupla, onde os elementos relacionados se interdeterminam na constituição discursiva do texto, sem qualquer idéia de hierarquia que seria dada, se usássemos um termo como "seleção". Isto fica de acordo com o que propusemos no capítulo 1, ao dizer que o lingüístico e o discursivo se interdeterminam. Seria, pois, incoerente dizer, por exemplo, que um texto descritivo seleciona aspectos como imperfectivo e não-acabado.

Antes de passarmos à exposição dos resultados do estudo das continuidades, é preciso esclarecer que o número de verbos para cada tipo de texto e o número de verbos com determinada categoria nem sempre coincidem porque, por exemplo, não há modalidade específica para os gramaticais de relevância e carregadores de categorias. Para cada caso faremos as indicações necessárias.

Na análise, usamos três tipos de instrumentos, representados por fichas:

- a) um para fazer o levantamento dos tipos de verbos e situações, que aparecem em cada tipo ou subtipo de texto;

b) um para fazer o levantamento referente às formas verbais e a cada categoria verbal, ou seja, quais os aspectos, modalidades, tempos, vozes e pessoas que aparecem em cada tipo ou subtipo de texto;

c) um em que se cruzam os tipos de verbos e situações com as formas verbais e com cada uma das categorias verbais para cada tipo ou subtipo de texto.

Esse terceiro instrumento tinha o objetivo de verificar a ocorrência de fatos como o seguinte, por exemplo: se o aparecimento de ações numa descrição estava condicionado, por exemplo, ao verbo que expressa a ação ter um determinado aspecto, modalidade, etc.

Os dois primeiros tipos de instrumentos resultaram sempre em tabelas que serão apresentadas e comentadas nas partes seguintes. Os resultados do terceiro tipo não justificam a montagem de tabelas e alguns fatos interessantes revelados por eles são apresentados oportunamente, ao comentarmos as tabelas.

6.2. CONTINUIDADE DE TIPOS DE VERBOS E SITUAÇÕES

Em nosso estudo observamos não só os tipos de situação, mas também os tipos de verbos de um modo geral, buscando determinar sua distribuição pelos tipos e subtipos de textos, estabelecendo ou não uma continuidade. Os números obtidos na análise quantitativa constituem as tabelas 1, 1.1 e 2.

As tabelas 1 e 1.1 constituem uma só tabela dividida em duas partes para facilidade de disposição no papel. Na tabela 2 reunimos os subtipos de verbos nos três grandes tipos. Nestas tabelas, o número total de verbos não inclui: a) o número de verbos de ligação, porque eles foram computados também entre os verbos de estado ou entre os outros gramaticais, tais como marcadores temporais ou conversacionais, de relevância e expressões; b) o número de verbos gramaticais carregadores de categorias com situação indicada por nome, porque eles foram computados também entre os verbos de situação dinâmica.

Nestas tabelas e em todas as demais, reunimos nos verbos estáticos de estado todos os verbos de ligação que relacionam não só estados, mas atributos e características em geral a um ser ou coisa. Assim, quando falarmos em verbos de estado, estaremos nos referindo a todos esses verbos de ligação e não só aos estados tais como definidos no capítulo 3. Dessa forma, na tabela 2, os números referentes aos verbos gramaticais não incluem os verbos de ligação utilizados para relacionar estados, atributos e

características a seres e coisas. Só incluem os verbos de ligação usados nas expressões, marcadores temporais e conversacionais e de relevância que na tabela 1.1 identificamos como "só gramaticais" em oposição aos primeiros identificados como "de estado".

Observando as tabelas 1 (1.1) e 2, nota-se que nenhum tipo de verbo ou situação é exclusivo de nenhum tipo de texto. Os ordenadores de texto que, na tabela 1, só aparecem para os injuntivos, na verdade, aparecem em outros tipos de textos como pudemos ver nos capítulos 3 e 5. É preciso ainda registrar que esse único exemplo em texto injuntivo é do verbo "seguir" na locução "a seguir" que não é a rigor um verbo. Observando outros textos que não os utilizados na construção das tabelas, percebe-se que os ordenadores de discurso aparecem sobretudo em textos dissertativos.

Outras tendências podem ser constatadas através da tabela 1 (1.1) e 2.

Como os marcadores conversacionais são característicos de textos orais, eles aparecem em maior número para as narrativas passadas onde trabalhamos com duas narrativas orais. Nas narrativas presentes, apareceu um único marcador conversacional no texto n°. 65 (O médico e o monstro): "como não podia deixar de ser". Isto evidencia que verbos marcadores conversacionais podem aparecer em textos escritos em certos casos. (Veja exemplo 159).

(159) a - "Ele tem uma missão na vida, **digamos** assim: testar trajes..." ("Perfeito Manequim" in **Superinteressante**. Ano 3, n°. 11, novembro/1989:52).

b - "O que estaríamos dizendo agora do goleiro chileno Rojas, se fosse ele (e não Taffarel) quem entregasse a bola nas mãos, **digamos**, do brasileiro Bebeto?" (texto n°. 1).

Observa-se que os subtipos dos verbos dinâmicos e estáticos seguem, para a maioria dos textos, uma escala correspondente à sua frequência e/ou quantidade na língua: a) ações > fatos > transformativos e fenômenos; b) estados > constantes > localizadores. O mesmo se verifica para os grandes tipos de verbos: dinâmicos > estáticos > gramaticais.

Nos textos **dissertativos**, os verbos de situação dinâmica predominam (55,01%). Os estáticos (22,25%) e os gramaticais (22,74%) aparecem equilibrados entre si. Importa anotar que é nos textos dissertativos que se tem a maior porcentagem de verbos gramaticais. Entre estes cabe registrar que os auxiliares modais aparecem na dissertação numa porcentagem alta (7,33%) se comparada com a dos demais tipos de textos,

fazendo dos auxiliares modais uma característica dos textos e do discurso dissertativo, onde temos auxiliares modais das mais diferentes modalidades, ao contrário da injunção, onde os modais são sempre de modalidades imperativas, sobretudo a obrigação (ter de) e a prescrição (dever). Também as expressões parecem ser uma marca dos textos dissertativos, pois no texto injuntivo onde elas também apareceram (texto nº. 52 - Ligação das antenas externas) isto ocorreu em trechos de explicação (Ver 6.4.4) que podem ser vistos como dissertativos.

TABELA 1

Tipos de Verbos e Situações/Tipologia Textual

| Tipos de verbos e situações Tipos de texto | Indicativo | | | | Estáticos | | | Gramaticas | | | | TOTAL |
|---|-------------------|-----------------|----------------|------------------|------------------|------------------|-----------------|----------------|----------------------|----------------------|------------------|-----------------|
| | Ação. | Transf | Fenôm. | Fatos | Estado | Constante | Lo calizador | Relevância | Marcadores Temporais | Ordenadores Do texto | Marcadores conv. | |
| Dissertação | 128/409 31,30% | 13/409 3,18% | | 84/409 20,54% | 48/409 11,74% | 37/409 9,05% | 6/409 1,47% | 7/409 1,71% | 3/409 0,73% | | | 409/409 100% |
| Descrição estática presente (de comentário) | 87/233 37,34% | 3/233 1,29% | | 46/233 19,74% | 37/233 15,88% | 37/233 15,88% | 11/233 4,72% | | 1/233 0,43% | | | 233/233 100% |
| Descrição estática passada (de comentário) | 44/113 38,94% | 4/113 3,54% | | 20/113 17,70% | 17/113 15,04% | 21/113 18,58% | 3/113 2,65% | 1/113 0,89% | | | | 113/113 100% |
| Descrição dinâmica presente (de comentário) | 98/150 65,34% | | | 42/150 28% | 3/150 2,0% | 5/150 3,33% | | | | | | 150/150 100% |
| Descrição dinâmica passada (de narração) | 80/123 65,04% | 3/123 2,44% | | 28/123 22,76% | 7/123 5,69% | | | | | | | 123/123 100% |
| Narração presente | 249/349 71,35% | | | 37/349 10,60% | 3/349 0,86% | 2/349 0,57% | | 6/349 1,72% | 4/349 1,15% | | 1/349 0,29% | 349/349 100% |
| Narração passada | 244/404 60,40% | 6/404 1,48% | 1/404 0,25% | 71/404 17,57% | 2/404 0,5% | 5/404 1,24% | 5/404 1,24% | 2/404 0,5% | 9/404 2,23% | | 10/404 2,47% | 404/404 100% |
| Injunção | 131/160 81,87% | | | 13/160 8,12% | 5/160 3,12% | 1/160 0,62% | 1/160 0,62% | | | 1/160 0,62% | | 160/160 100% |

TABELA 1.1
Tipos de Verbos e Situações

| Tipos de verbos e situações | Gramaticais/Carregadores de Categorias | | | | | | | | | | TOTAL |
|---|--|-----------------|-----------------|-----------------|-----------------|-----------------|-----------------|-----------------|-----------------|----------------|-----------------|
| | De ligação | | Auxiliares | | | | | Expressões | Situação Nome | | |
| | de estado | só gramaticais | Aspectuais | Modais | Voz | Temporais | Semânticos | | Tipo A | Tipo B | |
| Dissertação | 48/409 11,74% | 11/409 2,69% | 30/409 7,33% | 8/409 1,96% | 24/409 5,87% | 3/409 0,725% | 15/409 3,67% | 3/409 0,725% | 19/409 4,65% | 8/409 1,96% | 409/409 100% |
| Descrição estática presente (de comentário) | 37/233 15,88% | 1/233 0,43% | 1/233 0,43% | | 8/233 3,43% | 1/233 0,43% | 1/233 0,43% | | | 3/233 1,29% | 233/233 100% |
| Descrição estática passada (de comentário) | 17/113 15,04% | 1/113 0,89% | | | | 1/113 0,89% | 2/113 1,77% | | 1/113 0,89% | | 113/113 100% |
| Descrição dinâmica presente (de comentário) | 3/150 2,0% | | | | | | 2/150 1,33% | | | 2/150 1,33% | 150/150 100% |
| Descrição dinâmica passada (de narração) | 7/123 5,69% | | | | | | 5/123 4,07% | | 2/123 1,63% | | 123/123 100% |
| Narração presente | 3/349 0,86% | 6/349 1,72% | | 12/349 3,44% | 18/349 5,15% | 1/349 0,29% | 16/349 4,58% | | 3/349 0,86% | | 349/349 100% |
| Narração passada | 1/404 0,25% | 2/404 0,5% | 3/404 0,74% | 19/404 4,70% | 7/404 1,73% | 2/404 0,5% | 18/404 4,45% | | 2/404 0,5% | | 404/404 100% |
| Injunção | 4/160 2,5% | 2/160 1,3% | 5/160 3,12% | | 1/160 0,62% | | | 2/160 1,3% | | | 160/160 100% |

TABELA 2
Tipos de Verbos e de Situações/Tipologia Textual

| Tipos de verbos e situações | Dinâmicos | Estáticos | Gramaticais | TOTAL |
|---|-------------------|------------------|------------------|-----------------|
| Tipos de texto | | | | |
| Dissertação | 225/409 55,01% | 91/409 22,25% | 93/409 22,74% | 409/409 100% |
| Descrição estática presente (de comentário) | 136/233 58,37% | 85/233 36,48% | 12/233 5,15% | 233/233 100% |
| Descrição estática passada (de comentário) | 68/113 60,18% | 41/113 36,28% | 4/113 3,54% | 113/113 100% |
| Descrição dinâmica presente (de comentário) | 140/150 93,34% | 8/150 5,33% | 2/150 1,33% | 150/150 100% |
| Descrição dinâmica passada (de narração) | 111/123 90,24% | 6/123 4,88% | 6/123 4,88% | 123/123 100% |
| Narração presente | 286/349 81,95% | 5/349 1,43% | 58/349 16,62% | 349/349 100% |
| Narração passada | 322/404 79,70% | 12/404 2,97% | 70/404 17,33% | 404/404 100% |
| Injunção | 144/160 90% | 7/160 4,375% | 9/160 5,625% | 160/160 100% |

Nos textos **descritivos estáticos**, nossa análise ao mesmo tempo confirmou e contrariou a afirmação tradicionalmente feita de que na descrição predominam os verbos de estado (para nós, verbos estáticos). Isto porque, na verdade, é nos textos descritivos estáticos que temos, mesmo sem contar os verbos elípticos, as maiores porcentagens de verbos estáticos de todos os tipos de textos: 36,48% (descrição presente) e 36,28% (descrição passada). Todavia, mesmo na descrição estática, a porcentagem de verbos dinâmicos é superior à de estáticos (Cf. tabela 2) e nas **descrições dinâmicas** o número de verbos dinâmicos é quase total: 93,34% (descrição dinâmica presente) e 90,24% (descrição dinâmica passada), contra mais ou menos 5% (Cf. tabela 2) de verbos estáticos. O número de verbos gramaticais na descrição em geral é pequeno, ficando entre 1% e 5% do total (Cf. tabela 2).

Nas **descrições estáticas**, embora os verbos dinâmicos sejam numericamente superiores, é preciso observar que eles apresentam um valor estático e, com frequência, podem ser substituídos por um verbo estático. É preciso verificar se essa possibilidade de substituição ocorre sempre e, se não, o que a determina ou regula. Veja exemplos (160) a 162): em **a** temos o verbo dinâmico e em **b** a forma estática possível.

(160) a - "A tiririca **sitia** o canteiro." (BANDEIRA - 1970)

b - O canteiro é (**está**) **cercado** de tiririca.

(161) a - "Seu cabelo **vai** até às costas."

b - ? Seu cabelo é **comprido** até às costas. Seu cabelo **mede** 50 cm.

(162) a - "E olhos vivíssimos, que **pulavam** das órbitas empapuçadas, veitados de sangue na esclerótica amarela." (texto nº. 15)

b - E olhos vivíssimos que, **ficavam** fora das órbitas empapuçadas, veitados de sangue na esclerótica amarela.

Além disso, é comum, na descrição estática sobretudo, mas também na dinâmica, o verbo dinâmico aparecer como um particípio adjetivo (Veja os particípios "empapuçadas" no exemplo 162a e "encardida" no exemplo 163) ou como um particípio, que indica um estado resultante da realização da situação dinâmica expressa pelo verbo, como os particípios "pendurada" e "alvejadas" do exemplo (163). Neste caso pode ou não haver um verbo de estado, elíptico ou não.

(163) "Era a casa mais velha da rua e contrastava com as outras tão limpinhas, como roupa **encardida, pendurada** entre peças **alvejadas**." (texto nº. 23)

Os verbos de situação dinâmica na descrição podem aparecer também no gerúndio, indicando modo de ação (nas descrições dinâmicas) (V. exemplo 76-b) ou características subsidiárias, secundárias (V. exemplo 164).

(164)# "Quase nunca aparece em público e, quando o faz, **veste** sempre a sua farda de marechal do Exército, **trazendo** ao peito as medalhas de campanha ganhas no Paraguai." (texto n°. 29)

Quanto aos **verbos gramaticais**, observa-se que a grande maioria dos que aparecem na descrição são de ligação, ou seja, exatamente aqueles que relacionam estados, características ou atributos a um ser ou coisa e, portanto, exatamente aqueles que se harmonizam com a propriedade discursiva básica do texto descritivo que é caracterizar. O texto descritivo estático apresenta bem mais verbos de ligação (em torno de 16%) do que o descritivo dinâmico (2,0% o presente e 4,88% o passado). Marcadores conversacionais não aparecem, mas só trabalhamos com textos descritivos escritos. Também não aparecem ordenadores do discurso, expressões e auxiliares aspectuais. O único auxiliar modal que apareceu está no texto n°. 26 (Folheto do 219 Festival de Inverno da UFMG) em um trecho que consideramos parte da descrição, mas que é uma frase dissertativa inserida: "Em Sabará, ainda hoje **pode** ser revivido o ciclo do ouro de Minas Gerais". Os auxiliares de voz só apareceram no descritivo estático presente, porque quase sempre o auxiliar de passiva "ser" vem elíptico, ficando apenas o particípio indicando uma espécie de estado. Os auxiliares temporais e semânticos aparecem pouco. Estes últimos apresentaram, para os textos descritivos dinâmicos passados, uma porcentagem de 4,07%, quase igual à dos textos narrativos. Isto porque aí usamos textos descritivos de um tipo que poderíamos chamar de descritivos "de narração" ou "narradores", em oposição a descritivos "de comentário" ou "comentadores", usados na análise dos textos descritivos dinâmicos presentes e estáticos presentes e passados. Assim, essa porcentagem de auxiliares semânticos semelhante à da narração seria mais uma evidência a favor dessa distinção dos textos descritivos em narradores e comentadores que propomos ao falar das continuidades do aspecto no item 6.3.1. O único verbo gramatical de relevância apareceu no texto n°. 23 (Uma rua como aquela): "**sendo** que sua largura nunca alguém teve a curiosidade de medir" (trecho com elementos narrativos, numa espécie de intercâmbio de tipos). O único marcador temporal apareceu no texto n°. 25 (O cavalo sertanejo): "**Passa** dias sem comer, quase sem beber".

Nos textos **narrativos**, confirma-se a afirmação de que predominam os verbos de situação dinâmica (por volta de 80%). O número de verbos estáticos é reduzido (Cf. tabela 2) e eles sempre aparecem em trechos que servem de pano de fundo no pretérito imperfeito do indicativo ou em

formas nominais, sobretudo o gerúndio. Veja-se para exemplo os verbos estáticos de "Passeio Noturno" (texto nº. 61) e de "Seqüestradores fogem para o Paraná e são cercados / Oito reféns em 12 dias de ação" (texto nº. 66). Estes trechos de pano de fundo são descritivos ou dissertativos, o que praticamente elimina a situação estática da narração em si. (Cf. 6.4.5).

Quanto aos verbos gramaticais na narração, observa-se que eles aparecem numa porcentagem alta (média de 17%) como nos textos dissertativos. Na narração, cresce a porcentagem de marcadores temporais, o que é coerente com a perspectiva temporal em que o enunciador se coloca na narração. Cresce também a porcentagem de auxiliares aspectuais que ajudam a marcar aspectos e, portanto, se relacionam com a estrutura temporal interna das situações. Não aparecem ordenadores do texto e expressões. Os marcadores conversacionais apareceram mais na narração passada, porque aí trabalhamos com duas narrativas orais onde eles têm mais possibilidade de ocorrer. Os auxiliares semânticos ocorrem mais do que nos outros tipos de textos, talvez pela necessidade de dar nuances de realização das situações. Os demais verbos gramaticais, salvo os auxiliares de voz, têm ocorrência limitada.

Na **injunção**, o predomínio dos verbos de situação dinâmica é total, o que se explica pelo fato de que a injunção é sempre o incitamento para que algo seja feito, portanto para que uma situação dinâmica seja realizada, sobretudo ações: trazem em si um certo equilíbrio entre os tipos de verbos e 227 observe-se na tabela 1 que a injunção é o tipo de texto que tem a maior porcentagem de ações (81,87%). Os verbos estáticos são poucos e seu aparecimento está condicionado quase sempre à indicação de um estado que: a) deve ser modificado, o que leva à realização de uma situação para este fim (v. exemplo 165) ou b) é razão ou causa para cessar a realização de uma situação (v. exemplo 166b). Pode ser parte de uma condição para realizar uma situação dinâmica (v. exemplo 165) ou de uma indicação temporal: momento de realizar a situação dinâmica ou período de tempo em que se deve realizá-la, etc. (v. exemplos 166).

(165) "... e se **estiver** grosso, colocar mais ou menos um copo de água..." (texto nº. 50)

(166) a - ...quando **estiver** frio, acrescente o creme de leite.

b - "Raspe as cenouras e cozinhe até que **estejam** macias". (texto nº. 55).

Quanto aos verbos gramaticais na injunção, observa-se que eles são sobretudo auxiliares modais de modalidades imperativas ou expressões que marcam necessidade, o que também tem a ver com o incitar a fazer algo (veja "é necessário", "é preciso" no texto nº. 52: ligação das antenas externas). Já vimos que o único ordenador de discurso apareceu neste mesmo texto e deve ser considerado não como verbo, mas como locução adverbial: "a seguir".

De um modo geral, portanto, observa-se que os textos dissertativos, que comentam sobre todos os tipos de situação, situações, se lembrarmos que os verbos dinâmicos aparecem em maior número por serem mais numerosos na língua. É o tipo de texto com maior porcentagem de verbos gramaticais, entre os quais parecem ser característicos da dissertação os auxiliares modais, as expressões, os verbos de relevância e os ordenadores do texto.

Nos **textos descritivos**, que também comentam, mas apenas caracterizando, é preciso separar as descrições estáticas das dinâmicas. Nas **descrições estáticas**, temos a maior porcentagem de verbos estáticos (em média 36%), sem contar verbos elípticos e, embora os verbos dinâmicos apareçam em maior número (em média 60%), talvez se possa falar em predomínio dos estáticos, pois, como vimos, aí os verbos dinâmicos têm geralmente um valor estático, podendo inclusive ser substituídos por verbos estáticos. Dessa forma eles constituem uma espécie de metáfora verbal¹⁴⁷. Nas **descrições dinâmicas**, o predomínio é de verbos dinâmicos: acima de 90% do total dos verbos. O número de verbos gramaticais é pequeno e parece que nenhum tipo de verbo gramatical (excetuados os de ligação na descrição estática) é característica ou caracterizador da descrição.

A **narração** é essencialmente constituída de verbos dinâmicos, uma vez que, como vimos, os estáticos pertencem a trechos descritivos ou dissertativos utilizados como pano de fundo. A porcentagem de verbos gramaticais é alta (em torno de 17%), sendo que alguns tipos parecem característicos da narração: os auxiliares aspectuais e semânticos, que dão detalhes ou nuances dos acontecimentos narrados e os marcadores temporais, que se relacionam com a perspectiva temporal do enunciador na narração.

A **injunção** também é essencialmente constituída por verbos dinâmicos (90%-cf. tabela 2), mas sobretudo de ações. Os estáticos só aparecem como estados que levam à realização de ações para modificá-los e os gramaticais (auxiliares modais e expressões) só aparecem marcando modalidades imperativas que, como veremos, caracterizam a injunção.

Observa-se que os verbos gramaticais parecem ser caracterizadores de tipos de textos, mas há a necessidade de refinar a análise por subtipos, o que poderá ser feito como um passo seguinte na análise. Os vários tipos em que há o predomínio de verbos dinâmicos são diferenciados, por exemplo, pela simultaneidade (descrição e dissertação) ou não-simultaneidade (narração) das

¹⁴⁷ Derivado do conceito de metáfora temporal de WEINRICH (1968), falamos de metáfora verbal como um conceito mais abrangente: entende-se por metáfora verbal o uso de um tipo de verbo como de outro tipo (o que quase sempre se confunde com as metáforas semântico-lexicais em geral) ou o uso de uma forma ou categoria verbal onde se deveria usar outra ou onde se esperaria o uso de outra, face às características textuais-discursivas do contexto (inclusive o co-texto).

situações, como vimos ao tratar da ordenação, ou por continuidades de formas e categorias do verbo, como veremos nos itens seguintes.

Antes de passarmos às continuidades de formas e categorias verbais, é interessante registrar que, em cada tipo de texto, aparecem ou podem aparecer **verbos ligados à situação enunciativa** que cria o tipo de texto em questão, instaurando o produtor e/ou o receptor em uma determinada posição. Assim, na **descrição** aparecem verbos ligados à visão, já que ela instaura o "voyeur" do espetáculo (Cf. capítulo 2): ver, perceber, notar, observar, admirar, avistar (todos em seu sentido sensorial). Na **narração**, em que o receptor é o assistente e o produtor, o contador, aparecem verbos como: presenciar, assistir, ver (tudo / o que acontecer/suceder/ocorrer); contar, relatar, falar/dizer (tudo / que acontecer / suceder/ ocorrer); narrar. Já na **dissertação**, onde se instaura o ser pensante, que raciocina, temos verbos como: pensar (penso que), achar (acho que), saber (eu sei que), parecer (parece-me que), etc. Na **injunção**, este tipo de verbo ligado à situação enunciativa aparece mais no discurso indireto. Lembrando que na injunção o produtor é o que incita ao fazer e o receptor é o potencial executor, teremos verbos como: mandar, ordenar, determinar, pedir, suplicar, sugerir, recomendar, etc. (verbos performativos na 1ª pessoa do singular) e verbos auxiliares como dever/ter de ou que precisar, etc. + infinitivo na 2ª pessoa (com tu/vós ou você/vocês) ou na 1ª pessoa do plural, marcando modalidades imperativas ou ainda verbos como desejar, querer, nos textos optativos. É preciso fazer um estudo mais extensivo sobre este tipo de verbo ligado ao tipo de situação enunciativa de cada tipo de texto. Para isto será necessário trabalhar com um número maior de textos para cada tipo e sub-tipo.

6.3.-CONTINUIDADES DE FORMAS E CATEGORIAS DO VERBO

Ao apresentar as continuidades de formas e categorias verbais, colocamos, para as categorias do verbo, duas tabelas. A primeira, identificada apenas por um algarismo arábico, contém porcentagens calculadas sobre o total dos verbos presentes nos textos de cada tipo que, potencialmente, podiam ter a categoria marcada. A segunda, identificada pelo mesmo algarismo arábico mais a letra maiúscula A, contém porcentagens calculadas apenas para o total dos verbos em que a categoria realmente foi marcada.

6.3.1.- Continuidades de aspecto

No estudo das continuidades de aspecto, é preciso lembrar que o aspecto não se atualiza para alguns tipos de verbos gramaticais: os de relevância, os auxiliares e as expressões. No caso dos

auxiliares, considera-se as categorias atualizadas, às vezes pelos próprios auxiliares, como categorias do verbo principal. Também marcadores temporais (**há** x anos) ou marcadores conversacionais (né?) totalmente gramaticalizados não atualizam aspecto. Nos verbos para os quais o aspecto pode ser atualizado, quando isto não ocorre é pela atuação de um dos seguintes fatores: a) presença do futuro ou de certas modalidades, pois estes bloqueiam a atualização do aspecto na maioria dos casos¹⁴⁸; b) quando temos um particípio ou gerúndio¹⁴⁹ usados como adjetivos; c) com o infinitivo; d) com o gerúndio formando orações de valor condicional, final e modal¹⁵⁰.

Na análise quantitativa obtivemos as tabelas 3 e 3-A.

Nota-se, pelas tabelas, que temos três grupos de tipos de textos que se caracterizam pelas continuidades aspectuais: a dissertação e as descrições formam um grupo, as narrações outro e a injunção outro.

A **dissertação** e a **descrição** são caracterizadas pelos aspectos imperfeito, começado ou não-acabado e cursivo, que apresentam as maiores porcentagens de ocorrência: descontados os verbos em que o aspecto não se atualizou, pode-se dizer, pela tabela 3-A, que estes aspectos estão presentes na totalidade dos verbos (a menor porcentagem é 98,75%) das dissertações e descrições.

Os poucos casos de perfeito e acabado que temos nestes tipos de textos (uma média de 1,00%) são, na verdade, de pequenos trechos narrativos (às vezes orações) inseridos na dissertação (veja 167) ou na descrição (veja 168 e 169).

(167) "Quem já não **tomou** conhecimento (perfectivo, pontual) das terríveis conseqüências do infarto cardíaco? E a AIDS então? Quantos já não sentiram (perfectivo) o temor de sua presença ao aparecerem sintomas inesperados?" (texto n°. 44)

(168) "..., a natureza malvada fora além **dando-lhe** (quando lhe dera: perfectivo, acabado) pernas cambaias e uns pés deformados que nem remotamente lembrariam a forma de um pé humano" Texto n°. 15)

¹⁴⁸ Cf. TRAVAGLIA (1981).

¹⁴⁹ Encontramos um único exemplo de gerúndio adjetivo no corpus analisado. Foi no texto n°. 5 (Luz e calor) no trecho transcrito abaixo. O gerúndio adjetivo equivale ao antigo particípio presente e pode ser por ele substituído: no exemplo abaixo "ofegando"="ofegante".

- "À sombra dos tejupás da raça cães arquejantes modorravam e as galinhas, de asas frouxas, bico aberto, **ofegando**, paradas, pareciam hipnotizadas pela irradiação deslumbrante".

"Aberto" e "paradas" são exemplos de participios adjetivos.

¹⁵⁰ Cf. TRAVAGLIA (1981).

TABELA 3

Categorias Verbais: Aspecto/Tipologia Textual

| Aspectos | DURAÇÃO | | | | | Fases de Realização | | | Fases de Desenvolvimento | | | Complemento | | | |
|---|------------------|-------------------|----------------|------------------|-------------------|---------------------|-------------------|-----------------|--------------------------|-------------------|-------------|-------------------|-------------------|-------------------|-----------------|
| | Durativo | Indeterminado | Iterativo | Habitual | Pontual | Não-cometido | Cometido | Acabado | Inceptivo | Cursivo | Terminativo | Perfectivo | Imperfectivo | Não aspecto | TOTAL |
| Dissertação | 22/312 7,05% | 204/312 65,38% | 5/312 1,60% | 9/312 2,88% | 1/312 0,32% | | 239/312 76,60% | | | 239/312 76,60% | | 2/312 0,65% | 239/312 76,60% | 77/312 22,75% | 312/312 100% |
| Descrição estática presente (de comentário) | 1/221 0,45% | 167/221 75,57% | | 19/221 8,60% | | | 187/221 84,62% | | | 187/221 84,62% | | | 187/221 84,62% | 34/221 15,38% | 221/221 100% |
| Descrição estática passada (de comentário) | 7/109 6,42% | 64/109 58,72% | | 8/109 7,34% | | | 79/109 72,48% | 1/109 0,92% | | 79/109 72,48% | | 1/109 0,92% | 79/109 72,48% | 29/109 26,60% | 109/109 100% |
| Descrição dinâmica presente (de comentário) | | 49/148 33,11% | | 67/148 45,27% | | | 116/148 78,38% | 1/148 0,67% | | 116/148 78,38% | | 1/148 0,67% | 116/148 78,38% | 31/148 20,95% | 148/148 100% |
| Descrição dinâmica passada (de narração) | 66/117 56,41% | 4/117 3,42% | 9/117 7,69% | 9/117 7,96% | | | 88/117 75,21% | | | 88/117 75,21% | | | 88/117 75,21% | 29/117 24,79% | 117/117 100% |
| Narração presente | 75/296 25,34% | 1/296 0,33% | 3/296 1,01% | 6/296 2,03% | 156/296 52,70% | | 46/296 15,54% | 11/296 3,72% | | 46/296 15,54% | | 206/296 69,59% | 46/296 15,54% | 44/296 14,86% | 296/296 100% |
| Narração passada | 64/353 18,13% | | 3/353 0,85% | 21/353 5,95% | 36/353 10,20% | | 76/353 21,53% | 23/353 6,52% | | 76/353 21,53% | | 224/353 63,46% | 76/353 21,53% | 53/353 15,01% | 353/353 100% |
| Injunção | 5/152 3,29% | | | | | | 5/152 3,29% | 1/152 0,66% | | 5/152 3,29% | | 1/152 0,66% | 5/152 3,29% | 146/152 96,05% | 152/152 100% |

TABELA 3

A Formas e Categorias Verbais: Aspecto/Tipologia Textual

| Aspectos | DURAÇÃO | | | | | Fases de Realização | | | Fases de Desenvolvimento | | | Complemento | | TOTAL | |
|---|------------------|-------------------|----------------|------------------|-------------------|---------------------|-------------------|-----------------|--------------------------|-------------------|-------------|-------------------|-------------------|-----------------|-----------------|
| | Durativo | Indeterminado | Iterativo | Habitual | Pontual | Não-cometado | Começado | Acabado | Inceptivo | Cursivo | Terminativo | Perfectivo | Imperfectivo | | Não aspecto |
| Dissertação | 22/241 9,13% | 204/241 84,66% | 5/241 2,07% | 9/241 3,73% | 1/241 0,41% | | 239/241 99,17% | | | 239/241 99,17% | | 2/241 0,83% | 239/241 99,17% | | 241/241 100% |
| Descrição estática presente (de comentário) | 1/187 0,54% | 167/187 89,30% | | 19/187 10,16% | | | 187/187 100% | | | 187/187 100% | | | 187/187 100% | | 187/187 100% |
| Descrição estática passada (de comentário) | 7/80 8,75% | 64/80 80,00% | | 8/80 10,00% | | | 79/80 98,75% | 1/80 1,25% | | 79/80 98,75% | | 1/80 1,25% | 79/80 98,75% | | 80/80 100% |
| Descrição dinâmica presente (de comentário) | | 49/117 41,88% | | 67/117 57,27% | | | 116/117 99,15% | 1/117 0,85% | | 116/117 99,15% | | 1/117 0,85% | 116/117 99,15% | | 117/117 100% |
| Descrição dinâmica passada (de narração) | 66/88 75% | 4/88 4,54% | 9/88 10,23% | | | | 88/88 100% | | | 88/88 100% | | | 88/88 100% | | 88/88 100% |
| Narração presente | 75/252 29,76% | 1/252 0,39% | 3/252 1,19% | 6/252 2,38% | 156/252 61,90% | | 46/252 18,25% | 11/252 4,36% | | 46/252 18,25% | | 206/252 81,75% | 46/252 18,25% | | 252/252 100% |
| Narração passada | 64/300 21,33% | | 3/300 1,00% | 21/300 7,00% | 36/300 12,00% | | 76/300 25,33% | 23/300 7,67% | | 76/300 25,33% | | 224/300 74,67% | 76/300 25,33% | | 300/300 100% |
| Injunção | | | | | | | | | | | | | | 146/146 100% | 146/146 100% |

(169) "Um carro atropetado de mandioca, **arrancadas** (=que foram arrancadas: perfectivo, acabado) de fresco, ..." (texto nº. 12)

Em (168) temos um caso de intercâmbio de tipos semelhante ao do verbo "acomodara-se" no exemplo (74-c) no capítulo 5: coloca-se a situação narrada de cuja realização resulta a característica que é a situação referencial que se deveria esperar no texto descritivo. No caso de (168) deveríamos ter: "... tinha pernas cambaias...".

Face ao explicitado com (167) a (169), pode-se afirmar que os aspectos imperfectivo, começado ou não acabado e cursivo caracterizam a descrição e a dissertação, sendo contínuos nestes tipos de textos em 100% dos verbos marcados para a categoria, quando não há inserção ou intercâmbio de outros tipos.

Quanto aos aspectos ligados à duração da situação, observa-se que na dissertação a quase totalidade das situações (88,39% - Cf. tabela 3-A) tem aspectos caracterizados pela duração ilimitada contínua (indeterminado) ou descontínua (habitual).

No que refere à descrição, é preciso registrar um fato que nos levou a distinguir dois subtipos de descrição, a que já nos referimos em 6.2, a saber: a **descrição de comentário** ou **comentadora** e a **descrição de narração** ou **narradora**. Com esses nomes não se deve entender que a comentadora só apareça em textos de comentário dissertativo e a narradora, em textos narrativos. Por esses nomes é preciso entender que temos dois tipos de descrição: um que é mais próximo da dissertação (do comentário) e outro que é mais próximo da narração, isto em termos, pelo menos, das continuidades de aspecto. Em 6.2, já dissemos que os textos analisados para o estudo da continuidade na descrição dinâmica passada são descrições de narração (cf. tabelas); já os textos de descrição estática presente e passada e de descrição dinâmica presente utilizados são de descrição de comentário. Outros exemplos de descrição de narração podem ser vistos nos exemplos de (66), no capítulo 5 e no texto nº. 91 (Propaganda do Yázigi). Um exemplo de descrição dinâmica passada de comentário são os textos nº. 19 (Evocação Mariana) a partir do terceiro verso até o último, e nº. 35 (A festa de Santa Efigênia). Não temos um exemplo de descrição dinâmica presente de narração, todavia o texto nº. 12 (Manhã na roça) poderá ser classificado como tal, se considerarmos que a intenção do autor foi de descrever apenas uma manhã na roça e não as manhãs na roça em geral, como acreditamos, para incluir o texto entre as descrições de comentário¹⁵¹. Essa dubiedade é potencial em vários textos descritivos retirados do seu contexto e nasce de uma

¹⁵¹ Não conseguimos localizar o texto (encontrado em ANDRÉ - 1978:81 e OLIVEIRA - 1965:59 e 60) no seu original, porque nenhuma das fontes apresenta a referência bibliográfica. Só assim poder-se-ia dirimir a dúvida.

característica que ajuda a distinguir os dois tipos de descrição: a narradora se refere sempre a um exemplar único de um acontecimento e a comentadora se refere sempre a uma classe de acontecimentos ou a como algo costuma acontecer em suas diversas realizações. Falamos em acontecimentos, portanto em descrições dinâmicas. No caso das descrições estáticas, a oposição se dá entre o como algo ou alguém está em um momento (descrição narradora) e o como é sempre (descrição comentadora). Uma descrição estática de narração seria algo como o trecho de (170) (produzido por nós por não termos encontrado texto de outrem, e que pode ser passado para o presente):

(170) Tereza estava (está) linda. Trajava (Traja) um vestido de seda azul, longo, que fazia (faz) destacar a negritude de seus cabelos. Trazia (Traz) na cabeça um chapéu da mesma cor, enfeitado com minúsculas flores em buquê. Usava (Está usando) jóias prateadas que ressaltavam (ressaltam) no azul de sua roupa. Além disso, estava (está) sorridente e cordial como nunca, o que fazia (faz) ressaltar sua beleza.

A distinção desses dois tipos de descrição se deu, porque foi possível observar que, com referência aos aspectos caracterizados pela duração da situação, a descrição narradora tem predominância de aspectos de duração limitada (durativo e iterativo) numa porcentagem de 85,25% (V. tabela 3-A, comparando com a narração adiante), enquanto na comentadora predominam os de duração ilimitada (indeterminado e habitual), com uma porcentagem média para os três tipos de 96,20% (V. tabela 3-A, comparando com a dissertação já comentada).

Dessa forma observa-se que:

a) na **descrição de comentário**, o verbo **ser** seria típico. Nela temos verbos estáticos com aspecto indeterminado e verbos dinâmicos com aspecto indeterminado (sobretudo nas estáticas - Cf. tabelas 3 e 3-A) ou habitual (sobretudo nas dinâmicas - Cf. tabelas 3 e 3-A);

b) na **descrição de narração**, o verbo típico seria **estar**. Nela temos verbos estáticos com aspecto durativo e verbos dinâmicos com aspectos durativo ou iterativo.

Talvez tenha sido a descrição narradora que levou ORLANDI (1988:47) a dizer que se pode ter descrições que se aproximam do narrativo.

Como o único caso de aspecto pontual que apareceu na dissertação foi em trecho narrativo (V. exemplo 167) e não tivemos um só caso nas descrições, pode-se dizer que dissertação e descrição são incompatíveis com o aspecto pontual.

A distinção entre descrições de narração e de comentário foi uma das fortes razões pelas quais preferimos, como foi dito no capítulo 2, manter descrição e dissertação como dois tipos

distintos, e não reuni-las em um tipo único (o comentário). A proximidade entre descrição e dissertação é todavia incontestável, inclusive pela semelhança de muitas marcas, como as continuidades de aspecto que acabamos de ver. Às vezes fica difícil saber se temos um ou outro tipo, como no caso do trecho do texto n.º. 89 (Um espelho para o cosmo) reproduzido no exemplo (110b).

Freqüentemente, o que distingue uma narração (passada ou presente) de uma descrição dinâmica (passada ou presente) são os aspectos caracterizados pelas fases, sobretudo o fato de a narração ser impossível sem o perfectivo e a descrição sem o imperfectivo e, conseqüentemente, as situações na descrição serem simultâneas e na narração seqüentes (Cf. capítulo 5). Observe-se que, em textos como o n.º. 35 (A festa de Santa Efigênia) e o n.º. 7 (Noite joanina), se substituirmos adequadamente os pretéritos imperfeitos do indicativo (aspecto imperfectivo) pelo pretérito perfeito do indicativo (aspecto perfectivo), teremos narrações tipo história.

É interessante observar que, em casos onde temos um intercâmbio de tipos e a descrição é feita através de narração, como no caso do texto n.º. 34 (Duque de Caxias), apesar de termos o perfectivo, tem-se o aspecto não-acabado ou começado (característico da descrição) e o habitual (característico da descrição de comentário), sendo esse o único caso em que o perfectivo co-ocorre com o aspecto não-acabado¹⁵². Em (171) damos outros exemplos deste fato, retirados de Lispector (1974).

(171) a - "A velha **sempre fora** um pouco vazia, bem, um pouquinho." (p.22)

b - "Como Dona Maria Rita **sempre fora** uma pessoa comum, achava que morrer não era coisa normal." (p.23).

Esse caso de intercâmbio de tipos, com a continuidade de aspecto não-acabado passando de um tipo para outro, parece dever-se ao uso, com formas perfectivas, de adjuntos adverbiais de frequência com valor totalizador tais como "nunca", "sempre", "jamais".

Já dissemos que a **narração** é caracterizada pelo aspecto perfectivo. Considerando apenas os verbos para os quais a categoria é atualizada (Cf. tabela 3-A), temos 81,75% de perfectivo para a narração presente e 74,67% para a narração passada. Acontece que os 18,25% de imperfectivo para a narração presente e os 25,33% para a narração passada ocorrem em trechos de pano de fundo, que, já dissemos, são descritivos ou dissertativos. Portanto, na narração em si, o aspecto é o

¹⁵² Cf. TRAVAGLIA (1981: itens 5.2.4 e 5.2.5)

perfectivo, pode-se dizer, em 100% das situações que compõem a narrativa. As mesmas porcentagens de 18,25% e 25,33% de situações com aspectos começado e cursivo também são dessas situações que constituem o pano de fundo. Os aspectos inceptivo, terminativo e não-começado, embora não tenham ocorrido nos textos analisados, podem aparecer sobretudo em trechos de pano de fundo. O aspecto acabado, embora as porcentagens de ocorrência sejam baixas, é também característico da narração.

Quanto aos aspectos ligados à duração, em textos narrativos, é preciso lembrar, antes de mais nada, que com as formas perfectivas eles não são necessariamente atualizados, pois elas fazem abstração da duração ou pontualidade¹⁵³. Assim, para a narração passada, esta distinção aspectual só se atualizou para 124 verbos em 300 com aspecto atualizado (V. tabela 3-A) de um total de 353 (V. tabela 3). Na narração presente, é bem maior o número de verbos em que os aspectos de duração são atualizados: 241 verbos em 252 com aspecto atualizado (V. tabela 3-A) de um total de 296 verbos (v. tabela 3). Isto se explica porque, quando o perfectivo é expresso pelo presente do indicativo, o aspecto pontual quase sempre é atualizado¹⁵⁴. Se considerarmos apenas os verbos em que a distinção aspectual da duração se atualiza, teremos os números da tabela 3-B.

TABELA 3-B

| Aspectos Tipo de texto | Durativo + iterativo + pontual | Indeterminado + habitual |
|---------------------------|--------------------------------|--------------------------|
| Narração presente | 234/241 97,10% | 7/241 2,90% |
| Narração passada | 103/124 83,06% | 21/124 16,94% |

Estes números revelam que, na narração, a continuidade é dada pelo predomínio dos aspectos de duração limitada (durativo e iterativo) ou não-duração (pontual) numa média de 90,08%, contra uma média de 9,92% dos aspectos de duração ilimitada (indeterminado e habitual). Isto é de se esperar, já que a narração é caracterizada pelo perfectivo, que apresenta a situação em sua totalidade, em sua globalidade e é pouco provável que o usuário da língua veja uma situação com duração ilimitada como completa, em sua totalidade¹⁵⁵. Esta correlação é reforçada pelo fato que observamos de que todos os habituais e o único indeterminado apareceram em trechos de pano de fundo e, portanto, não propriamente narrativos (V. exemplos 94b e 172). Mesmo que retiremos

¹⁵³ Cf. TRAVAGLIA (1981: item 5.2.5).

¹⁵⁴ Cf. TRAVAGLIA (1981: itens 4.2.8 e 7.2).

¹⁵⁵ Cf. TRAVAGLIA (1981: itens 4.2.2 e 5.2.5).

dos durativos e iterativos os que aparecem em trechos de pano de fundo ligados ao imperfeito, começado e cursivo, isso não altera a proporção porcentual.

- (172) a - "... quando maior é a comilança (indeterminado), ouvem o barulho do elevador que pára no andar." (texto nº. 64).
- b - "**Vivia sendo expulso** (habitual) das festinhas de aniversário a que comparecia, matando a mãe de desgosto." (texto nº. 62).
- c - "...comecei a ficar tenso, isso sempre **acontecia**, eu até gostava." (texto nº. 61)
- d - "**Passava** o dia solto, esvoaçando em volta da casa da fazenda, comendo sementinha de imbaúba. Se **aparecia** uma visita fazia-se aquela demonstração..." (texto nº. 58).

De tudo isso se pode afirmar que os aspectos durativa, iterativo e pontual (duração limitada e não duração) característicos da narração (passada e presente), enquanto são os aspectos indeterminado e habitual (duração ilimitada) são característicos do comentário (descrição comentadora e dissertação). Os aspectos durativo e iterativo são característicos também da descrição narradora.

Gostaríamos aqui de registrar que, da mesma forma que não achamos pertinente reunir dissertação e descrição em um só tipo (comentário), desconsiderando diferenças entre os dois tipos, também achamos problemático o que faz WEINRICH (1968), quando considera a descrição ora como parte do comentário, ora como parte da narração, conforme ela contenha tempos verbais (tal como definidos por ele) do mundo narrado ou do mundo comentado. A distinção que propusemos com os nomes de descrição de narração (ou narradora) e descrição de comentário (ou comentadora) poderia até reforçar a proposição de Weinrich, mas não é o que acontece, pois, como vimos, "de narração" e "de comentário" não significa que só apareçam nestes tipos de textos, mas que têm características em termos de continuidades aspectuais que se aproximam das características de um ou de outro tipo. Na verdade, descrições narradoras ou comentadoras aparecem tanto em narrações quanto em dissertações (o comentário por excelência). Além disso, embora a descrição quase sempre apareça combinada a outros tipos, ela pode aparecer independentemente (Para exemplo veja texto nº. 19: Evocação Mariana). WEINRICH (1968) descartou o aspecto como categoria verbal. Por isso não anotou as continuidades de aspecto (que para ele seriam transições homogêneas) que caracterizam a descrição, aproximando-a mais da dissertação (portanto do comentário) e distinguindo-a completamente da narração. Esta só ocorre com "perfectivo", enquanto a descrição em si (não considerando o intercâmbio de tipos) só ocorre com "imperfeito, cursivo e

começado", independentemente de ser presente ou passada e de ser construída no presente do indicativo (o que para Weinrich a colocaria como comentário) ou no pretérito imperfeito do indicativo (o que para Weinrich a colocaria como narração). Esta distinção de Weinrich é também problemática na medida em que se admite que há narrações no presente e dissertações (portanto comentário) no passado, possibilidades que ele parece não ter levado em conta a não ser como metáforas temporais. Cabe perguntar se, em textos como o do exemplo (173), um trecho de diálogo, onde temos descrição com o pretérito imperfeito do indicativo, é o mundo narrado ou comentado que se faz presente.

(173) - Como era seu primeiro marido, Adelaide?

-Ah, Rô, ele era um cara legal, gostava de tudo o que era bom, vivia alegre e sabia valorizar a gente, ser atencioso, carinhoso... As únicas coisas que eu detestava nele é que ele fumava muito e roncava terrivelmente.

Em suma, o que defendemos é que a descrição é um tipo distinto de outros, com certas marcas próprias, apesar de quase sempre funcionar combinada a outros tipos.

Consideremos, finalmente, as continuidades de aspecto na **injunção**. Pela tabela 3, observa-se que neste tipo de texto o aspecto quase não se atualiza, o que era de esperar já que na injunção temos modalidades (cf. 6.3.2) com as quais o aspecto não se atualiza. Os poucos casos de aspecto atualizado que ocorreram nos textos analisados são todos de verbos de estado que, como vimos em 6.2, indicam situações que levam a realização ou ao cessamento de outras (V. exemplos 165 e 166). Este é o caso dos aspectos imperfectivo, começado, cursivo e durativo (com porcentagem de 3,29% na tabela 3). Quanto ao único verbo com aspectos perfectivo e acabado que ocorreu, observa-se que ele aparece numa oração reduzida de particípio subordinada adjetiva, que insere a situação de esfriar (V. exemplo 174) como uma oração narrativa ou como uma situação narrada para a qual valem estes aspectos, conforme se interprete o particípio de esfriar respectivamente como "que já foi esfriada" ou como "que está esfriada". Em qualquer caso, o perfectivo e o acabado são ligados à narração e não à injunção. Pode-se, pois, dizer que a injunção em si é marcada pela não atualização do aspecto e, embora os textos analisados sejam todos de prescrição, cremos que isto é válido também para as ordens e a opção.

(174). "Bata muito bem as gemas. Adicione à mistura de leite já **esfriada**." (perfectivo, acabado) (texto n°. 55)

Pelos comentários dos números reveladores das continuidades, pode-se perceber que, com frequência, as porcentagens das categorias caracterizadoras dos tipos e subtipos não é de 100%, porque quase sempre há mistura desses tipos ou sub-tipos pela combinação e inserção de trechos que tanto podem ser longos como representados até mesmo por uma oração apenas. Esse fato dificulta a análise, mesmo que se escolha textos o mais possível puros. Esta observação é válida não só para as continuidades de aspecto, mas para todas as demais de que tratamos aqui.

Para finalizar, gostaríamos de evidenciar que essas continuidades de aspecto são resultado de uma correlação, de uma harmonização, de uma interdeterminação entre as noções caracterizadoras dos aspectos e propriedades e funções discursivas de cada tipo de discurso e de texto, dadas pelo modo interação entre os interlocutores que cada tipo estabelece de e representa (cf. capítulo 2). Para tanto, basta observar as especificações abaixo.

| Noções caracterizadoras dos aspectos | Propriedades e funções textuais dos tipos |
|--|--|
| <p>1) O imperfectivo apresenta a situação como incompleta, vista em uma de suas fases de desenvolvimento, portanto vista de dentro, em suas partes, e por isso, sem focar o seu todo, a sua globalidade.</p> | <p>1)a - A descrição busca dizer como é, como se constitui a coisa descrita em suas partes, de dentro: não há como apresentar o ser, a coisa ou situação descrita em sua globalidade em seu todo, daí a presença obrigatória de formas verbais imperfectivas.</p> <p>b - A dissertação dá a conhecer os elementos do mundo através da análise e síntese conceitual de representações, portanto as situações de que trata são vistas de dentro: daí o uso de formas imperfectivas.</p> <p>c - Como descrição e dissertação vêm as situações de dentro, explica-se a continuidade do começado nas fases de realização e o cursivo nas de desenvolvimento por dar a situação em plena realização e portanto vista de dentro¹⁵⁶</p> |

¹⁵⁶ Quanto aos outros aspectos caracterizados por fases de desenvolvimento (o inceptivo e o terminativo), embora eles não tenham ocorrido no corpus (V. tabelas 3 e 3-A), é nossa hipótese, através de exemplos fora do corpus, que são característicos da descrição narradora e da narração (neste caso quando indicam o exato momento de início ou término - Cf. TRAVAGLIA: 1981).

| | |
|--|---|
| <p>2) O perfectivo apresenta a situação como completa, em sua totalidade. Não se busca dividir a situação em fases de desenvolvimento. É como se a situação fosse vista de fora.</p> | <p>2)-A narração relata os acontecimentos, diz o acontecer. Há uma espécie de distanciamento que permite ver cada situação que constitui o acontecimento em sua globalidade, em seu todo, e apresentá-la assim, como se vista de fora: daí o uso de formas perfectivas. - O que é visto em sua globalidade, em sua completude pode ser facilmente visto como acabado. Daí ser este aspecto característico da narração¹⁵⁷.</p> |
| <p>3) O durativo e o iterativo apresentam a situação com duração limitada, o indeterminado e o habitual apresentam-na com duração limitada e o pontual apresenta-a sem duração.</p> | <p>3)a - Na descrição, o produtor pode ver e apresentar as características do que é descrito: a) como transitórias e/ou mutáveis, daí o uso sobretudo do durativo, mas também do iterativo (descrição narradora;) b) como permanentes, válidas sempre, daí a presença do indeterminado e do habitual (descrição comentadora). b - A dissertação diz conceitualmente como são as coisas, seres, situações. O "ser" é permanente (=duração ilimitada), daí a presença dominante do indeterminado do habitual. A duração ilimitada destes aspectos cria um valor de verdade do qual deriva um valor argumentativo básico da dissertação, que pretende sempre veicular informações que sejam aceitas pelo receptor como verdadeiras. c - na narração, em que as situações têm de aparecer sua globalidade, predominam os aspectos durativo, iterativo e pontual, por serem mais compatíveis com a visão das situações em sua globalidade. (o perfectivo).</p> |
| <p>4) O não-aspecto.</p> | <p>4) Quando só interessa a situação em si, sem uma visão de dentro ou de fora da mesma, mas a sua pura existência ou realização, não há atualização de aspecto. Isto ocorre em todos os tipos de textos, através dos fatores que elencamos no início deste item. Na injunção, em que interessa a pura realização da situação, a não atualização do aspecto é característica.</p> |

Essas continuidades são regularidades fundamentais, mas se o produtor quer, por exemplo, apresentar uma descrição com uma visão de globalidade (perfectivo), pode lançar mão de um

¹⁵⁷ O começado é característico da descrição e dissertação e o acabado, da narração. O não-começado, que não apareceu no corpus (Cf. tabelas 3 e 3-A), parece ser característico da descrição, quando o não-começado aparece junto com o imperfectivo, e da narração, quando vem junto do perfectivo (Cf. TRAVAGLIA - 1981: itens 4.2.9, 5.2.3 e 5.2.4). são hipóteses a verificar.

intercâmbio de tipos. É o que vimos, por exemplo, no texto nº. 34 (Duque de Caxias). Observa-se, todavia, neste caso, que a narração não tem seqüenciamento das situações que lhe é característico e o perfectivo aparece combinado ao não-acabado próprio da descrição. O estudo das possibilidades de intercâmbio de tipos, de como ele se dá e se implica sempre em trânsito de características de um tipo para o outro, marcando que houve intercâmbio e como esse trânsito de características ocorre, são pontos por pesquisar.

6.3.2 - Continuidades da modalidade.

Na análise das modalidades, obtivemos as tabelas 4 e 4-A. A modalidade não se atualiza, para os seguintes tipos de verbos gramaticais; os de relevância, as expressões e os verbos auxiliares. Para estes, a modalidade atualizada, às vezes pelo próprio auxiliar, é vista como do verbo principal. Parece não ser pertinente considerar a modalidade dos verbos marcadores conversacionais, mas devido à pouca ocorrência no corpus, este um estudo a ser feito à parte. Para os onze (11) marcadores conversacionais que ocorreram, consideramos a modalidade de certeza. Nos verbos para os quais a modalidade pode ser atualizada, isto não ocorre se o verbo estiver no infinitivo, às vezes no gerúndio ou se tivermos um particípio ou um gerúndio funcionando como adjetivo. Com o verbo no infinitivo ou no gerúndio, embora a modalidade não esteja marcada, é sempre possível atribuir uma modalidade ao verbo pelo contexto, justamente em função da continuidade.

A **dissertação** é, sem dúvida, o tipo de texto com maior gama de modalidades. Sendo o tipo de texto do conhecer conceitual, era de esperar o predomínio das modalidades epistêmicas. Considerando só os verbos em que a modalidade foi atualizada (V. tabela 4-A) temos: certeza (83,70%), probabilidade (4,08%) - total (87,78%). Embora a certeza tenha predominado nos textos analisados (71,07% na tabela 4 e 83,70% na tabela 4-A), a porcentagem de probabilidade pode aumentar se tivermos um texto dissertativo hipotético como os trechos dissertativos do texto nº. 1 (Bola na marca).

Como a dissertação analisa seres, coisas, situações, fenômenos, etc., tratando da sua constituição, funcionamento, etc., buscando explicá-los, fazer deles um julgamento de valor, etc., podem aparecer nela as modalidades, que são apresentadas como elementos constitutivos ou características daquilo de que o texto dissertativo trata. Por esta razão aparecem na dissertação;

a) as modalidades aléticas pelas quais as situações são apresentadas como de realização necessária ou possível. Pelas tabelas 4 e 4-A, observa-se que a frequência da possibilidade (V. exemplo 44-b) foi bem maior que a da necessidade, que só teve uma ocorrência (V. exemplo 45-d);

b) as modalidades deônticas que apresentam a determinação de realizar a situação como intrínseca a essa situação, como uma característica desta (Cf. capítulo 3) e, portanto, algo analisável, objeto ou tópico da dissertação. Ver exemplos (41) , (42) e (175) abaixo.

(175) a - "Nessas ocasiões, porém, ficam reconfortados pois os exames que **são obrigados a fazer** resultam normais". (Texto n°. 44).

b - "Dan Gray, diretor da equipe de navegação da Voyager disse que o grande número de experiências que a nave **deve executar** faz com que esta missão seja mais difícil que os encontros anteriores com os planetas Júpiter, Saturno e Urano. A nave **deve fotografar** vários objetos diferentes no sistema de luas de Netuno e..." (Texto n°. 43) (deve = tem de).

TABELA 4

Categorias Verbais: Modalidade/Tipologia Textual

| Tipos de texto | Modalidade | | Imperativa | | | | Deôntica | | Volitiva | Alética | | Epistêmica | | Ausência de Modalidade | TOTAL |
|--|----------------|-----------|------------|----------|-----------|-------------------|-----------------|------------------|----------------|----------------|-----------------|-------------------|-----------------|------------------------|-----------------|
| | Obrigação | Permissão | Ordem | | Proibição | Prescrição | Obrigatoriedade | Permissibilidade | Volição | Necessidade | Possibilidade | Certeza | Probabilidade | | |
| | | | Positiva | Negativa | | | | | | | | | | | |
| Dissertação | | | | | | | 3/318 0,94% | | 1/318 0,31% | 1/318 0,31% | 28/318 8,81% | 226/318 71,07% | 11/318 3,46% | 48/318 15,10% | 318/318 100% |
| Descrição estática presente (de comentário) | | | | | | | | | | | 2/222 090% | 188/222 84,69% | | 32/222 14,41% | 222/222 100% |
| Descrição estática passada (de comentário) | | | | | | | | | | | | 73/109 66,97% | 1/109 0,92% | 35/109 32,11% | 109/109 100% |
| Descrição dinâmica presente (de comentário) | | | | | | | | | | | | 123/148 83,11% | | 25/148 16,89% | 148/148 100% |
| Descrição dinâmica passada (de narração) | | | | | | | | | | | | 98/117 83,76% | | 19/117 16,24% | 117/117 100% |
| Narração presente | | | | | | | | | | | | 257/296 86,82% | 1/296 0,34% | 38/296 12,84% | 296/296 100% |
| Narração passada | 1/353 0,28% | | | | | | | | | | 3/353 0,85% | 307/353 86,97% | | 42/353 11,90% | 353/353 100% |
| Injunção | | | | | | 109/152 71,71% | | | 2/152 1,31% | 5/152 3,29% | 2/152 1,31% | 7/152 4,61% | 1/152 0,66% | 26/152 17,11% | 152/152 100% |

TABELA4-A

Categorias Verbais: Modalidade/Tipologia Textual

| Tipos de texto | Modalidade | | | | | | Deontica | Volitiva | Alética | | Epistêmica | | Ausência de Modalidade | TOTAL | | | | |
|--|----------------|-----------|-----------|----------|----------|-------------------|----------------|----------|----------------|-----------------|------------------|-------------------|------------------------|-----------------|-------------|---------------|---------|---------------|
| | Imperativa | Obrigação | Permissão | Ordem | | Proibição | | | Prescrição | Obrigatoriedade | Permissibilidade | Volição | | | Necessidade | Possibilidade | Certeza | Probabilidade |
| | | | | Positiva | Negativa | | | | | | | | | | | | | |
| Dissertação | | | | | | | 3/270 1,11% | | 1/270 0,37% | 1/270 0,37% | 28/270 10,37% | 226/270 83,70% | 11/270 4,08% | 270/270 100% | | | | |
| Descrição estática presente (de comentário) | | | | | | | | | | | 2/190 1,05% | 188/190 98,65% | | 190/190 100% | | | | |
| Descrição estática passada (de comentário) | | | | | | | | | | | | 73/74 98,65% | 1/74 1,35% | 74/74 100% | | | | |
| Descrição dinâmica presente (de comentário) | | | | | | | | | | | | 123/123 100% | | 123/123 100% | | | | |
| Descrição dinâmica passada (de narração) | | | | | | | | | | | | 98/98 100% | | 98/98 100% | | | | |
| Narração presente | | | | | | | | | | | | 257/258 99,61% | 1/258 0,39% | 258/258 100% | | | | |
| Narração passada | 1/311 0,32% | | | | | | | | | | 3/311 0,97% | 307/311 98,71% | | 311/311 100% | | | | |
| Injunção | | | | | | 109/126 86,51% | | | 2/126 1,59% | 5/126 3,97% | 2/126 1,59% | 7/126 5,55% | 1/126 0,79% | | | | | |

As modalidades imperativas e a volitiva (que vão ser características da injunção) só aparecem na dissertação referidas através de expressões (é aconselhável, é proibido) (V. exemplos 176) ou de verbos que expressam situações ligadas a essas modalidades, tais como: desejar, querer (volição); obrigar (obrigação); ordenar, mandar, determinar (ordem); proibir (proibição); aconselhar, prescrever (prescrição); permitir (permissão) (V. exemplos 177). Estes verbos aparecem sempre na terceira pessoa¹⁵⁸ com modalidades epistêmicas ou aléticas.

Dessa forma, não se pode dizer que as modalidades a que tais verbos se ligam são atualizadas, mas apenas, que se faz uma referência a elas.

(176) a - Em muitas culturas **é proibido** às mulheres fazer coisas como dirigir, frequentar bares, gerir negócios. (referência à proibição).

b - **É aconselhável** que você não vá a esse encontro. (referência à prescrição).

(177) a - "... o homem que o utiliza sabe que poderá voltar a ter filhos no momento que **quiser**." (Texto n.º. 36) (referência à volição + probabilidade).

b - É possível proibir essas manifestações, mas isto será antidemocrático. (referência à proibição + possibilidade).

c - Todo homem **deseja** segurança. volição + certeza).

d - O ritual tem várias partes. Na última delas o chefe **ordena** aos guerreiros que se lancem ao solo como sinal de sua submissão a ele. (referência à ordem + certeza).

e - Normalmente são os pais que **permitem** ou **proíbem** que os filhos tomem certas atitudes. Se isto não acontece, eles ficam perdidos. (referência à permissão e à proibição + certeza).

Pode-se, pois, afirmar que as modalidades características da **dissertação** são as epistêmicas, as aléticas e as deônticas.

Quanto à **descrição**, observa-se que a predominância quase total é das modalidades epistêmicas. Considerando só os verbos para os quais a categoria foi atualizada (V. tabela 4-A), teríamos 100% para as descrições dinâmicas presente passada e para a descrição estática passada e 98,95% para e a estática presente. Só tivemos dois verbos com a modalidade de possibilidade (V. exemplos 178), sendo que um aparece em trecho que, como já dissemos em 6.2, é dissertativo (V. exemplo 178a).

¹⁵⁸ Em certos dialetos podem aparecer também na segunda pessoa, Assim poderíamos ter: "Tu desejas segurança, mas nada fazes para obtê-la."

(178) a - "Em Sabará, ainda hoje **pode ser revivido** o ciclo de ouro de Minas Gerais."
(Texto n°. 26).

b - "E, bem ao longe, também **é possível avistar** litoral." (Texto n°. 24).

Tivemos um único verbo com a modalidade de probabilidade: veja o verbo "lembrariam" no texto n°. 15 (Bocatorra), trecho transcrito no exemplo (104). Embora a porcentagem desta modalidade seja praticamente nula nas descrições do corpus (uma média de 0,38%, se considerarmos os quatro sub- tipos), tal porcentagem será bem maior se tivermos descrições hipotéticas, como a do exemplo (105), no capítulo 5. Pode-se, pois, afirmar que as modalidades características da descrição são as epistêmicas (certeza e probabilidade), o que era de esperar, uma vez que a descrição é o tipo de texto do conhecer "visual".

Na **narração**, as modalidades características são também as epistêmicas. Na narração presente, tivemos 100% dessas modalidades, e na passada, 98,71% (V. tabela 4-A). Observa-se, também na narração, o predomínio quase total da certeza. Tivemos apenas um verbo com modalidade de probabilidade no texto n°. 67 (A última crônica): veja exemplo (179).

(179) "A mãe limita-se a ficar olhando imóvel, vagamente ansiosa, como se **aguardasse** a provação do garçom."

Todavia, tal como na descrição e dissertação, se tivermos uma narração hipotética (v. no anexo o texto n°. 72-c), a modalidade de probabilidade terá certamente uma porcentagem maior do que a com que aparece para a narração presente nas tabelas 4 e 4-A, em função da ocorrência registrada em (179).

Em (180) temos os três casos de possibilidade ocorridos na narração passada (V. tabela 4 e 4-A).

(180) a - "Ali não **pude** mais **trabalhá**..." (Texto n°. 57).

b ... "Os carros dos meninos bloqueavam a porta da garagem impedindo que eu tirasse o carro." (Texto n° 61).

c - "Ainda **deu para ver** que o corpo todo desengonçado da mulher havia ido parar, colorido de vermelho, em cima de um muro desses baixinhos de casa de subúrbio."
(Texto n°. 61).

Na narração, as modalidades imperativas, a volitiva e as aléticas podem, tal como na dissertação, aparecer apenas referidas, mas não atualizadas. Ou seja, elas não são atualizadas

porque apenas se "conta" ou "relata" que: a) alguém "obrigou", "permitiu", "ordenou", "proibiu", "aconselhou", "desejou", "precisou", "necessitou", "possibilitou"; ou b) algo "foi necessário", "foi possível". Essa referência a tais modalidades na narração pode ser feita:

a) por expressões (ser necessário, ser possível, etc.) (Veja exemplo 182a);

b) por verbos como permitir, ordenar, proibir, aconselhar, desejar, etc., usados como verbos "dicendi" nos discursos direto, indireto e indireto livre, fazendo referência a modalidade que caracterizou a fala (Veja exemplos 182b, c);

c) pelos mesmos verbos e ainda mais alguns (obrigar, precisar, ter de/que, poder, etc.) usados como verbos auxiliares ou como verbos de uma oração principal cuja subordinada (reduzida de infinitivo ou não) contém a situação a que a modalidade relatada se aplicou (Veja exemplos 180a, 181 e 182 d-h).

(181) "Na última (festa) a que comparecera, tinha armado uma brincadeira tão safada no banheiro, que em meia hora a mãe do aniversariante **teve que devolvê-lo** para casa."
(Texto n°. 62)

(1982) a - Foi preciso cortar a lataria do carro para tirá-lo de lá.

b - O feitor **ordenou-lhe** que buscasse água no ribeirão.

c - O pai **aconselhou-lhe** que não casasse.

d - Aí então o pai **obrigou-o** a pedir desculpas ao irmão.

e - O diretor **permitiu** que suspendêssemos as aulas para participar do seminário.

f - Eu **precisei** falar com o presidente para conseguir resolver este problema.

g - Naquele momento Maria **desejou** ser forte. Assim não precisaria da ajuda de quem detestava.

h - Ele **proibiu** a esposa de falar com seus colegas de trabalho.

Quando à **injunção**, pode-se dizer que tem como modalidades características as imperativas, a volição e a necessidade, quando implica uma obrigatoriedade de realizar a situação (Cf. capítulo 3), o que explica o aparecimento desta alética na injunção porque, então, tem-se uma espécie de incitamento à realização de uma situação que é intrínseco ao falante ou à própria situação. Estas modalidades caracterizam a injunção, distinguindo-a, enquanto tipo, da descrição, dissertação e narração, que têm as modalidades epistêmicas como característica comum. Vimos que as modalidades imperativas, a volição e a necessidade podem aparecer apenas referidas em outros tipos de textos: a) na dissertação, como característica analisável de algo, elemento constituidor desse algo; b) na narração, como um acontecimento. Mas, na injunção, tais modalidades aparecem atualizadas, marcadas, de tal forma que os verbos usados na dissertação e narração, para referir as

modalidades, constituem um dos meios de expressão das mesmas na injunção, funcionando como verbos performativos na "primeira pessoa do singular: eu ordeno, eu mando, eu permito, eu obrigo, eu proíbo, eu preciso, eu desejo, etc.

No corpus analisado, a modalidade predominante foi a prescrição, em função do tipo dos textos analisados: manuais de instrução, receitas, horóscopo (V. tabelas 4 e 4-A). Modalidades como obrigação, permissão, ordem, proibição, necessidade, evolição aparecem mais em textos curtos (quase sempre de extensão igual a uma frase), que podem ou não estar combinados com outros tipos de textos. Além disso, são mais freqüentes em textos orais, com os quais não trabalhamos muito em nosso estudo, ou em textos escritos que reproduzam fala, como os diálogos em textos narrativos ou textos dramáticos. É preciso, pois, selecionar, nestes tipos de texto, os trechos injuntivos e analisar nestes as modalidades. Certamente encontraremos trechos como os de (183).

- (183) a - Eu te **proíbo tocar** neste assunto nesta (proibição).
b - Que eles **vençam** esta luta: (volição).
c - Eu **permito** que você namore minha filha. (permissão).
d - Você **tem de falar** com ele. (obrigação).
e - Eu te **obrigo a falar** com ele. (obrigação).
f - **Venha** cá, menino! Já! (ordem)
g - Não **saia** daqui, enquanto eu não mandar! (ordem)
h - **Preciso achar** meus documentos. (necessidade)
i - Não me **abandone**, por favor. (pedido =volição + incitamento) casa:
j - **Desejo** que me digas a verdade. (volição)

Observando as tabelas 4 e 4-A, nota-se que nos textos injuntivos aparecem as modalidades epistêmicas e a possibilidade. Analisando os textos percebe-se que, na verdade, estas modalidades aparecem sempre em partes da superestrutura do texto injuntivo que chamamos de "elenco e/ou descrição" e "explicação/justificativa e/ou incentivo"¹⁵⁹. A "descrição", quando ocorre, é, como o próprio nome diz, composta de descrição e a "explicação" é composta ou de descrição, dissertação, narração ou pela combinação de dois ou três desses tipos. Portanto, as modalidades epistêmicas e a possibilidade, quando aparecem em textos injuntivos, na verdade, não estão ligadas à injunção, mas à descrição, à dissertação e à narração de que são características. Isto tem a ver com a relação entre

¹⁵⁹ Ver em 6.4.4 a superestrutura que propomos para os textos injuntivos.

superestrutura e formas e categorias verbais de que falamos em 6.4. Em (184) temos o único verbo com probabilidade que aparece no corpus analisado, em (185) exemplo de possibilidade e em (186) exemplos de certeza, todos em trechos descritivos ou dissertativos que compõem a parte chamada explicação de textos injuntivos (Cf. 6.4.4).

(184) "Deixar ferver e se **estiver** grosso, colocar mais ou menos um copo de água." (Texto n°. 50)

(185). "Apóie o imã sobre a tampa da lata, para que este **possa segurá-la** depois do corte." (Texto n°. 46)

(186) a - Carneiro/Amor: "Setor neutro, organize uma reunião amigável que **será** muito agradável." (Texto n°. 51)

b - "...esperar que o pássaro entre na gaiola/e quando já **estiver** lá dentro/fechar lentamente a porta com o pincel." (Texto n°. 54)

c - "Você **obterá** assim, rapidamente, um corte liso e uniforme, sem rebarbas." (Texto n°. 50)

d - "Asse em forno moderado, pré-aquecido, por 30 a 40 minutos, até que **esteja crescido e dourado**." (Texto n°. 55)

Resumindo, pode-se dizer que as **modalidades epistêmicas**, com predomínio absoluto da certeza sobre a probabilidade (que é mais freqüente na dissertação), caracterizam a descrição e dissertação e a narração. As **modalidades deônticas** são características da dissertação. Quanto às **modalidades aléticas**, a possibilidade também ocorre na descrição, dissertação e narração, mas caracteriza sobretudo a dissertação. Já a necessidade caracteriza a dissertação, quando, como a possibilidade, é vista como característica da(s) situação(ões) de que o texto fala e caracteriza a injunção, quando se enfatiza a implicação de obrigatoriedade de realização da situação que ela cria. As **modalidades imperativas** e a **volitiva** caracterizam a injunção, mas podem ser referidas na dissertação (como característica analisável de algo) e na narração (como acontecimento).

6.3.3 - Continuidades de tempo

Na análise dos tempos, consideramos que eles não se atualizam para nenhum tipo de verbo gramatical, exceto os de ligação que unem características, atributos e estados a um ser ou coisa. Para os verbos indicadores de situação, consideramos que o tempo não era atualizado quando eles apareciam no infinitivo, gerúndio e particípio, e também em gerúndio e particípio funcionando

como adjetivos. Contudo, nas formas nominais, apesar da não atualização do tempo, quase sempre se pode atribuir um tempo à forma em função do contexto. A análise dos tempos resultou nas tabelas 5 e 5-A.

Na **dissertação**, apareceram todos os tempos com exceção do "presente até o futuro". Todavia a predominância é do onitemporal, o que está de acordo com a propriedade discursiva desse tipo de texto: enunciador na perspectiva do conhecer, abstraído do tempo. Em segundo lugar, temos os não -marcados (68/311: 21,86%), predominando o infinitivo (45/68; 66,18%), seguido do gerúndio (16/68: 23,53%) e o particípio (7/68: 10,29%). Os quatro casos de passado que apareceram estão em trechos (às vezes orações) narrativos inseridos, como é o caso do exemplo (167), onde temos também perfectivo. Naturalmente esse passado atua na ordenação, (Cf. capítulo 5), marcando anterioridade às situações não passadas. A marcação temporal de presente até o passado aparece na dissertação e só nela, pois não detectamos exemplos dessa marcação temporal em outros tipos de texto, no corpus ou fora dele.

Os poucos casos de presente se devem normalmente ao uso do verbo "estar", que indica estado transitório e, portanto, parece ser incompatível com o aspecto indeterminado e com a onitemporalidade. Este verbo pode estar elíptico ou não (v. exemplos 187).

- (187) a - "A Folha não apóia Collor ou qualquer outro candidato; não **está** em campanha contra ele nem contra qualquer de seus concorrentes;..." (texto n°. 37)
b - Esperar de um país **atolado** (= que está ato lado) na mais séria crise econômica que disponha de recursos próprios para uma exploração cuidadosa de seu próprio território,..." (texto n°.42)

Às vezes o presente é usado com aspectos imperfectivo e durativo, para ressaltar a simultaneidade específica de uma situação em relação a outra, face à simultaneidade de todas as situações (V. exemplo 188).

- (188) "Como ele não **entende** o que **está acontecendo** (presente), julga **estar enlouquecendo e perdendo** (presente) o autocontrole." (texto n°. 44)

TABELA 5

Formas e Categorias Verbais/Tipologia Textual

| Tempos Tipos de texto | Passado | Passado até o Presente | Presente | Presente até o Futuro | Futuro | Onitemporal | Não marcado para tempo | TOTAL |
|---|-------------------|------------------------|-------------------|-----------------------|------------------|-------------------|------------------------|-----------------|
| Dissertação | 4/311 1,29% | 5/311 1,61% | 10/311 3,21% | | 13/311 4,18% | 211/311 67,85% | 68/311 21,86% | 311/311 100% |
| Descrição estática presente (de comentário) | | | | | | 159/221 71,95% | 62/221 28,05% | 221/221 100% |
| Descrição estática passada (de comentário) | 68/109 62,39% | | | | | | 41/109 37,61% | 109/109 100% |
| Descrição dinâmica presente (de comentário) | | | | | | 86/148 58,11% | 62/148 41,89% | 148/148 100% |
| Descrição dinâmica passada (de narração) | 71/117 60,68% | | | | | | 46/117 39,32% | 117/117 100% |
| Narração presente | 28/291 9,62% | | 191/291 65,64% | | 4/291 1,37% | | 68/291 23,37% | 291/291 100% |
| Narração passada | 262/333 78,68% | | 4/333 1,20% | | | | 67/333 20,12% | 333/333 100% |
| Injunção | | | | | 85/151 56,29% | | 66/151 43,71% | 151/151 100% |

TABELA 5-A

Formas e Categorias Verbais/Tipologia Textual

| Tempos Tipos de texto | Passado | Passado até o Presente | Presente | Presente até o Futuro | Futuro | Onitemporal | TOTAL |
|---|-------------------|------------------------|-------------------|-----------------------|-----------------|-------------------|-----------------|
| Dissertação | 4/243 1,65% | 5/243 2,06% | 10/243 4,11% | | 13/243 5,35% | 211/243 86,83% | 243/243 100% |
| Descrição estática presente (de comentário) | | | | | | 159/159 100% | 159/159 100% |
| Descrição estática passada (de comentário) | 68/68 100% | | | | | | 68/68 100% |
| Descrição dinâmica presente (de comentário) | | | | | | 86/86 100% | 86/86 100% |
| Descrição dinâmica passada (de narração) | 71/71 100% | | | | | | 71/71 100% |
| Narração presente | 28/223 12,56% | | 191/223 85,65% | | 4/223 1,79% | | 223/223 100% |
| Narração passada | 262/266 98,50% | | 4/266 1,50% | | | | 266/266 100% |
| Injunção | | | | | 85/85 100% | | 85/85 100% |

O futuro aparece ou em trechos preditivos (V. exemplos 189) ou para marcar posterioridade (V., no capítulo 5, os exemplos 90 e 91, bem como os comentários sobre os mesmos).

- (189) a - "O encontro da nave com o penúltimo planeta sistema solar **acontecerá** na madrugada do dia do 25 de agosto." (texto n°. 43).
b - "Ao passar por Netuno a Voyager **usará** a gravidade do planeta como fonte de impulso para alcançar Tritão." (texto n°. 43)
c - "No ponto de aproximação máxima com Netuno a nave **vai passar** a apenas 5 mil quilômetros da atmosfera de Netuno." (texto n°. 43)

Portanto, pode-se dizer que o tempo característico básico da dissertação é o onitemporal e a marcação do "passado até o presente". Como trabalhamos com dissertações presentes, o onitemporal se estabelece a partir do presente, pois a situação é válida para o momento da enunciação, mas também para antes e depois dele. Como o aspecto é indeterminado ou habitual, temos a duração ilimitada em consonância com a onitemporalidade. Parece que dissertação passada ou futura só são usadas em pequenos trechos. Nelas, o tempo será passado ou futuro respectivamente, mas permanecerá a duração ilimitada dos aspectos próprios da dissertação. Essas são hipóteses a serem comprovadas por um estudo empírico. Além de trechos já vistos, (190) é exemplo de trecho de dissertação futura em texto onde se combinam ainda dissertação presente, narração passada e descrição presente. Veja também os trechos preditivos do texto n°. 80 (Eventos do mês). Os textos n°. 38 (Indez I) e n°. 39 (Indez II) seriam exemplos de **dissertação passada**, bem como os exemplos de (191). Não estamos colocando aqui os casos de comentário no passado, através do intercâmbio de tipos, usando narração com as situações sem seqüenciamento referencial a que já fizemos referência nos capítulos 2 e 5.

- (190) "O novo produto **será voltado** para o público jovem de classe média alta entre nove e 20 anos de idade." ("Maguary lança suco pronto para atrair público jovem" in **Jornal do Brasil**, 1º caderno ano XCIX n°. 129- Rio de Janeiro, 15/08/89: p. 17.
(191) a - "**Foi** uma tarefa exaustiva e irritante." (texto n°. 89)
b - "Mas, quando se lembra do grande espelho do Hubble, nem ele consegue acreditar que **tenha sido** capaz de executar tamanha maravilha." (texto n°. 89)
c - "Com 73 anos de idade, Botha **foi** o chefe de estado mais poderoso do país e sua permanência no poder só não **superou** a do seu predecessor Balthazar Johannes Vorster... .." (texto n°. 74)

d - "Foi uma alegria na casa que **foi** uma beleza,..... (texto nº. 58)

No que respeita à **descrição**, observa-se que, na descrição comentadora presente (estática ou dinâmica), temos o onitemporal em 100% dos verbos para os quais o tempo foi utilizado (Cf. tabela 5-A). Já para a descrição estática passada de comentário e para a descrição dinâmica passada de narração, temos o passado em 100% dos verbos para os quais o tempo foi atualizado (Cf. tabela 5-A). Há fortes evidências de que temos o mesmo para a descrição dinâmica passada de comentário. É preciso todavia fazer a análise quantitativa para este subtipo. Assim, pois, pode-se levantar a hipótese de que o tempo para a descrição será dado sempre pela relação entre o tempo referencial e o da enunciação: passado para as descrições referencial passadas, onitemporal para as descrições presentes de comentário, presente para as descrições presentes de narração (v. exemplo 192) e futuro para as descrições futuras. Naturalmente isto terá que ser comprovado por uma pesquisa para os subtipos que não constam das tabelas 5 e 5-A, alguns dos quais parecem ser apenas tipos teóricos ou pelo menos, de realização pouco comum no Português como tipos naturais.

(192) O céu está azul, a relva onde me deito está úmida e um vento suave está soprando.

Na **narração**, o tempo predominante será dado pela relação entre o tempo referencial e o da enunciação que, como vimos, dá os subtipos passada, presente e futura. Assim, na **narração presente**, o tempo predominante é o presente: 85,65% dos verbos para os quais o tempo foi atualizado (V. tabela 5-A), enquanto na **narração passada** é o passado: 98,50% dos verbos com a categoria atualizada (V. tabela 5-A). Não fizemos a pesquisa para a narração futura, mas a observação de textos como os de nº. 77 (O cavaleiro da esperança); 81 (Ibitinga incentiva produção rural); 82 (Jerusalém corrompida será purificada); 83 (Prêmio Mambembe em novo formato); 85 (O Reino do Messias); 86 (Soneto XIX), em suas partes narrativas preditivas, mostra que o tempo predominante é o futuro.

Observa-se que na narração presente aparece também o passado. Neste caso, o passado terá dois papéis textuais básicos: a) marcar anterioridade (Cf. capítulo 5) e b) fazer "flashback". Como trabalhamos com quatro textos de presente histórico, a porcentagem de passado foi alta: 12,56% (V. tabela 5-A). É nossa hipótese que, em narrações presentes simultâneas (como a de um jogo de futebol) a porcentagem de passado será bem menor. O futuro aparece na narração presente para marcar posterioridade. Apenas um caso do corpus, no texto nº.64 (A farsa e os farsantes) (veja exemplo 193), é de futuro propriamente dito. Os outros três casos são de futuro relativo no passado (com o futuro do pretérito) no texto nº. 66 (Seqüestradores fogem para o Paraná e são cercados /

Oito refêns em 12 dias de ação), onde temos um jogo entre passado e presente: veja os verbos "entrariam" (trecho "3 de agosto"), "levaria" (trecho "9 de agosto") e "seriam seguidos" (trecho "10 de agosto").

(193) "O pai penteia a menor que **vai** ao colégio.". (texto nº.64)

Na **narração passada**, aparece o presente. Isto ocorre para indicar relevância, porque o presente marca sempre o trecho como uma passagem de maior dramaticidade, com maior envolvimento emocional. Tivemos quatro verbos com tempo presente no texto nº. 59 (BERLINCK - 1987, Inquérito 3, página 20, linha 573; a página 24, linha 709) com as funções que acabamos de indicar: veja os verbos "chama" (linha 665), "mostra" (linha 666), "chego" (linha 695) e "vem me dizê" (linha 696).

Na **injunção**, o tempo característico é o futuro: 100% se considerarmos apenas os verbos para os quais o tempo foi atualizado (V. tabela 5-A). Não importa a forma em que está o verbo (imperativo, futuro do presente, presente do indicativo), o tempo será o futuro, exceto quando temos o infinitivo com uma modalidade imperativa. Neste caso, o tempo é não-marcado (Veja texto nº. 50 - Falso vatapá - e nº. 54 - Para pintar o retrato de um pássaro). Todavia, mesmo com o infinitivo, há um futuro deduzido do fato de que a situação terá realização posterior à enunciação (v. exemplo 194).

(194) Ao sair, **apagar** as luzes e **fechar** a porta. (placa em uma repartição pública).

Finalizando, podemos dizer que as continuidades de tempo têm a ver com os subtipos textuais dados pela relação entre o tempo da enunciação e o tempo referencial. Como na injunção só há uma relação possível, temos sempre o futuro.

6.3.4. Continuidades de pessoa verbal

Na análise das pessoas verbais, consideramos que esta categoria não se atualiza apenas com os verbos auxiliares, pois se considera que a pessoa atualizada é do verbo principal. Para os demais tipos de verbo, a pessoa se atualiza, exceto quando eles estão no infinitivo não flexionado, no gerúndio, no particípio e no particípio e gerúndio com valor de adjetivo. Todavia, pelo contexto, é sempre possível atribuir uma pessoa às formas nominais, em função das relações e sujeitos subtendidos, apesar de ela não estar marcada. A análise das pessoas nos deu as tabelas 6 e 6-A.

Segundo BASTOS (1985:67), para WEINRICH (1979) há uma afinidade entre 1ª. e 2ª. pessoas e os tempos do comentário de um lado e uma atração dos tempos da narração pela 3ª. pessoa de outro". Isto parece difícil de sustentar face ao que pudemos observar.

Como se pode ver pelas tabelas 6 e 6-A, a terceira pessoa foi dominante em todos os tipos de textos, para o corpus analisado, o que parece levar à conclusão de que a categoria de pessoa não distingue tipos de textos uns dos outros. Todavia cabem algumas considerações.

Na **dissertação**, em virtude da busca de objetividade por razões argumentativas, observa-se uma tendência para usar pessoas que dêem a impressão de máxima objetividade, afastando a imagem do produtor do texto, do enunciador. Temos então, sobretudo, a terceira pessoa e a primeira do plural em passagens como as de (195), em que o produtor se inclui naquilo de que fala, ou então em trechos em que o produtor do texto usa o que se convencionou chamar de "plural de modéstia".

TABELA 6

Categoria Verbal: Pessoa/Tipologia Textual

| Tipos de texto | Pessoas | | | | TOTAL |
|--|------------------|----|-------------------|------------------|-----------------|
| | 1ª | 2ª | 3ª | Sem pessoa | |
| Dissertação | 10/323 3,09% | | 232/323 71,83% | 81/323 25,08% | 323/323 100% |
| Descrição estática presente (de comentário) | 3/223 1,35% | | 157/223 70,40% | 63/223 28,25% | 223/223 100% |
| Descrição estática passada (de comentário) | | | 68/109 62,39% | 41/109 37,61% | 109/109 100% |
| Descrição dinâmica presente (de comentário) | 1/148 0,67% | | 84/148 56,76% | 63/148 42,57% | 148/148 100% |
| Descrição dinâmica passada (de narração) | | | 71/117 60,68% | 46/117 39,32% | 117/117 100% |
| Narração presente | 8/297 2,69% | | 221/297 74,41% | 68/297 22,90% | 297/297 100% |
| Narração passada | 55/355 15,49% | | 233/355 65,63% | 67/355 18,87% | 355/355 100% |
| Injunção | | | 88/154 57,14% | 66/154 42,86% | 154/154 100% |

TABELA 6-A

Categoria Verbal: Pessoa/Tipologia Textual

| Tipos de texto | Pessoas | | | TOTAL |
|--|------------------|----|-------------------|-----------------|
| | 1ª | 2ª | 3ª | |
| Dissertação | 10/242 4,13% | | 232/242 95,87% | 242/242 100% |
| Descrição estática presente (de comentário) | 3/160 1,88% | | 157/160 98,12% | 160/160 100% |
| Descrição estática passada (de comentário) | | | 68/68 100% | 68/68 100% |
| Descrição dinâmica presente (de comentário) | 1/85 1,18% | | 84/85 98,82% | 85/85 100% |
| Descrição dinâmica passada (de narração) | | | 71/71 100% | 71/71 100% |
| Narração presente | 8/229 3,49% | | 221/229 96,51% | 229/229 100% |
| Narração passada | 55/288 19,10% | | 233/288 80,90% | 288/288 100% |
| Injunção | | | 88/88 100% | 88/88 100% |

(195) a - "Ter medo e ansiedade diante de coisas assim, dentro de certos limites, é normal. Trata-se de uma resposta do organismo diante de uma ameaça objetiva à própria existência. **Sabemos** o que nos ameaça e **reagimos**." (texto nº. 44).

b - "Mas afinal por que **temos** ansiedade em excesso? Provavelmente, esse sentimento é uma manifestação de conflitos não resolvidos ou porque **conhecemos** o problema e não **temos** segurança ou clareza para resolvê-lo ou porque **trazemos**, inconscientemente, problemas não resolvidos de infância em relação a emoções como hostilidade, insegurança, etc." (texto nº. 44)

Em casos como os de (195) pode-se, sem problemas, usar a terceira pessoa do singular mais o pronome **se** indeterminando o sujeito.

A primeira pessoa do singular (e também a segunda) parece que podem ocorrer na dissertação apenas com verbos ligados à situação enunciativa (Cf. final de 6.2) na introdução da dissertação ou de trechos dela: eu (tu/vós) sei (sabes/sabeis), penso, acho, etc.

Na **descrição**, a pessoa predominante é também a terceira, porque normalmente o produtor do texto descreve algo diferente de si mesmo e do seu interlocutor. Mas podemos ter a primeira pessoa predominando se o produtor do texto descrever a si mesmo e a segunda, se o produtor descrever o interlocutor para este. Como estas situações são raras, também o são as descrições em primeira e segunda pessoas, que tendem a aparecer apenas na linguagem oral. Assim não se pode dizer que a terceira pessoa caracteriza a descrição, como a dissertação, pois a predominância da terceira na descrição é resultado do que se descreve e não de uma propriedade discursiva do tipo de texto. Assim sendo, parece que a pessoa predominante na descrição depende de para onde o produtor do texto dirige seu foco: para si mesmo, para seu interlocutor ou para algo distinto dos interlocutores (Cf. 4.2.2.4). Seria assim uma focalização global do texto.

Em nosso corpus ocorreram algumas primeiras pessoas na descrição. Todavia, observa-se que esses casos de primeira pessoa ocorreram em três tipos de casos: a) com verbos relacionados à situação de enunciação (Cf. final de 6.2), introduzindo a descrição (v. exemplo 196), onde o autor poderia ter usado também a terceira (vê-se); b) com verbos localizadores, com o produtor considerando-se na localização dada (V. 197); c) em trechos de caráter mais dissertativo, quase sempre em orações subordinadas adjetivas (que já dissemos têm a propriedade de inserir um tipo no outro) com o verbo na primeira do plural (Cf. o que dissemos acima ao falar da dissertação) (v. 198).

- (196) "**Vejo** às vezes passar o fugitivo bando Várzea ao longe, estendendo o vôo prolongado." (texto nº. 10)
- (197) "No entanto, **estamos** a cinco horas de vôo de Nova Iorque, em pleno Pacífico, o Japão a oito horas dali." (texto nº. 28)
- (198) a - "O tamanduá-bandeira, assim chamado por causa da cauda, coberta de pêlos compridos, bastos e dispostos em forma de leque, é um dos animais de mais força que **temos** em nossas matas." (texto nº. 32)
- b - "Los Angeles, com suas ruas desertas tomadas por engarrafamentos, parece não começar nunca; a sensação é a de que **estamos** eternamente em trânsito rumo à cidade que nos escapa." (texto nº. 28)

Esses três casos de possibilidade de ocorrência da primeira pessoa, na descrição em terceira, são hipóteses a serem verificadas, já que o número de ocorrências é pequeno para permitir uma generalização.

Também a **narração** não tem uma pessoa verbal característica. A pessoa que predomina na narração está diretamente ligada ao ponto de vista do produtor do texto, do narrador (Cf. 4.2.4):

- a) se o ponto de vista é interno, predomina a primeira pessoa como no texto nº. 61 (Passeio Noturno);
- b) se é externo, predomina a terceira pessoa, como na maioria das narrações do corpus;
- c) às vezes, temos uma combinação dos dois pontos de vista e aí alternam-se primeira ou terceira pessoas, conforme tenhamos um ou outro ponto de vista. É o que se pode ver nos textos nº. 67 (A última crônica), nº. 59 (BERLINCK - 1987, Inquérito nº. 3 p. 20 linha 573 a p. 24 linha 709) e nº. 57 (A crise cardíaca).

No texto nº. 65 (O médico e o monstro), temos uma primeira pessoa do plural de um verbo ligado à situação de enunciação (Cf. final de 6.2), com que o narrador explicita a posição de assistente em que a narração coloca o receptor do texto. A primeira pessoa aí não tem ligação com o ponto de vista, mas com o narrador e receptor diretamente (V. exemplo 199).

- (199) "Já **estamos** a essa altura, como não podia deixar de ser, **presenciando** a metamorfose do médico em monstro."

É possível uma narração na segunda pessoa. Ela ocorreria numa situação em que, por alguma razão, o narrador contasse a seu interlocutor algo que aconteceu com este. Por exemplo, porque ele não se lembra de algo que fez uma vez que estava bêbado. Esse tipo de narração é raro.

Pode-se dizer que o ponto de vista narrativo tem a ver com a focalização, na medida em que o produtor do texto se identifique com um narrador que focaliza acontecimentos ocorridos com ele (1ª. pessoa) - ponto de vista interno -; com seu interlocutor (2ª. pessoa), ou com alguém distinto dos interlocutores (3ª. pessoa) - ponto de vista externo.

Na **injunção**, para os textos analisados houve um predomínio da terceira pessoa gramatical (na verdade, a segunda pessoa do discurso com o tratamento "você", que leva o verbo para a terceira pessoa gramatical). Todavia, este fato se deve mais à modalidade de prescrição que predominou nestes textos com isto, estamos postulando que as pessoas verbais que aparecem na injunção estão ligadas mais às modalidades que as caracterizam do que a outro fator, caracterizando assim subtipos de injunção.

Quando a injunção é caracterizada pelas modalidades de "**ordem**" e "**prescrição**", temos sobretudo a segunda pessoa do singular ou plural (tu e vós) ou a terceira do singular ou plural (com você e vocês, portanto, na verdade, uma segunda pessoa do discurso). A primeira pessoa do plural pode aparecer com a prescrição em textos como o do exemplo (5), no capítulo 2. Portanto, há uma restrição discursiva a que alguém dê ordens ou faça prescrições a si mesmo visto como o "eu" do discurso. A gramática leva em conta este fato não estabelecendo, por exemplo, uma forma de primeira pessoa do singular no imperativo. Com as modalidades de "**obrigação**", "**permissão**", "**proibição**" e "**necessidade**" temos a primeira pessoa do singular ou plural para a injunção. Com a "**volição**" podemos ter a primeira (do singular ou plural) ou a terceira (do singular ou plural). Neste último caso parece sempre haver, subentendido, um performativo de volição na primeira pessoa do singular (compare 200-a com 200-b).

(200) a - Que ele **consiga** o emprego!

b - **Desejo** que ele consiga o emprego.

Dessa forma, temos que as continuidades de pessoas são resultado, nos diferentes tipos de texto, da atuação de diferentes fatores discursivos.

6.3.5.- Continuidades de voz.

A categoria de voz só não é atualizada para os verbos auxiliares, pois neste caso a categoria é vista como sendo do verbo principal. Para os demais tipos de verbo, consideramos a voz como não atualizada, quando eles aparecem no particípio funcionando como adjetivo, o que só ocorreu na descrição.

TABELA 7-A Categoria Verbal: Voz/Tipologia Textual

| Tipos de texto | Vozes | | | | | TOTAL |
|---|-------------------|------------------|----------------|-----------------|------------------|-----------------|
| | Ativa | Passiva | Reflexiva | Medial | Sem voz | |
| Dissertação | 287/323 88,85% | 36/323 11,15% | | | | 323/323 100% |
| Descrição estática presente (de comentário) | 172/223 77,13% | 26/223 11,66% | | 3/223 1,34% | 22/223 9,87% | 223/223 100% |
| Descrição estática passada (de comentário) | 79/109 72,48% | 4/109 3,67% | | 5/109 4,59% | 21/109 19,26% | 109/109 100% |
| Descrição dinâmica presente (de comentário) | 99/148 66,89% | 12/148 8,11% | 2/148 1,35% | 14/148 9,46% | 21/148 14,19% | 148/148 100% |
| Descrição dinâmica passada (de narração) | 88/117 75,22% | 3/117 2,56% | 2/117 1,71% | 11/117 9,40% | 13/117 11,11% | 117/117 100% |
| Narração presente | 256/297 86,20% | 27/297 9,09% | 2/297 0,67% | 12/297 4,04% | | 297/297 100% |
| Narração passada | 344/355 96,90% | 11/355 3,10% | | | | 355/355 100% |
| Injunção | 151/154 98,05% | 1/154 0,65% | | 2/154 1,30% | | 154/154 100% |

TABELA 7-A

Categoria verbal: Voz/Tipologia Textual

| Tipos de texto | Vozes | | | | TOTAL |
|---|-------------------|---------------------------------|---------------------------------|------------------|-----------------|
| | Ativa | Passiva | Reflexiva | Medial | |
| Dissertação | | | | | |
| Descrição estática presente (de comentário) | 172/201 85,57% | 26/201 12,94% | Todos são marcados. V. Tabela 7 | | 201/201 100% |
| Descrição estática passada (de comentário) | 79/88 89,77% | 4/88 4,55% | | 5/88 5,68% | 88/88 100% |
| Descrição dinâmica presente (de comentário) | 99/127 77,95% | 12/127 9,48% | 2/127 1,58% | 14/127 11,02% | 127/127 100% |
| Descrição dinâmica passada (de narração) | 88/104 84,62% | 3/104 2,88% | 2/104 1,92% | 11/104 10,58% | 104/104 100% |
| Narração presente | | | | | |
| Narração passada | | Todos são marcados. V. Tabela 7 | | | |
| Injunção | | Todos são marcados. V. Tabela 7 | | | |

Todos são marcados. V. Tabela 7

Com a análise das vozes, obtivemos as tabelas 7 e 7-A, pelas quais se pode perceber que nenhum dos tipos é caracterizado por alguma voz, ou seja, não há uma relação de interdeterminação entre tipos e subtipos textuais e as vozes verbais. Assim, pode-se afirmar que motivações discursivas para o uso da voz não estão ligadas a questões tipológicas.

A voz ativa é sem dúvida a mais freqüente em todos os tipos de texto. Para muitos a voz medial não existe, podendo-se considerar os casos em que ela ocorre como de voz ativa, o que faria crescer a porcentagem de ocorrência desta. A voz reflexiva, no corpus analisado, não apareceu nos textos dissertativos e injuntivos, pode-se dizer, por acaso e coincidência, mas os exemplos (201) e (202) mostram que sua ocorrência nestes tipos de texto é perfeitamente possível.

- (201) O ser humano **se penteia** mais por vaidade do que por questões de higiene.
(dissertação)
- (202) Maria, **penteie-se** rápido que estamos atrasados! (injunção)

Portanto todas as vozes aparecem em todos os tipos de textos, não havendo especialização de nenhuma delas para nenhum tipo, embora a injunção, quando traz determinação para realização de ações, mantenha uma clara preferência pela voz ativa, mais compatível com tal determinação. Nos textos analisados, que já vimos serem todos prescritivos, o único caso de voz passiva ocorreu em trecho que, dentro da superestrutura dos textos injuntivos, pertence à parte que chamamos de explicação ou incentivo e é constituída de narração e/ou dissertação e/ou descrição (Cf. item 6.4.4). Essa ocorrência de passiva está reproduzida no exemplo (203).

- (203) “A tampa, que ficou presa ao imã, **poderá** também **ser** facilmente **retirada**.” (texto nº. 46)

6.3.6 - Continuidades de formas verbais.

A tabela 8 contém o resultado da análise que fizemos das formas verbais presentes nos textos indicados em 6.1.

Antes de mais nada, é preciso registrar que o uso das formas verbais está condicionado pelas categorias do verbo que cada uma atualiza, em função dos papéis que essas categorias podem ter na constituição e funcionamento discursivo do texto, portanto em relação com as propriedades discursivas que distinguem cada tipo de texto. Desse modo, as continuidades de formas verbais

TABELA 8

Formas e Categorias Verbais/Tipologia Textual

| Formas Flexionais | Indicativo | | | | | | Imperativo | | Subjuntivo | | | Formas Nominais | | | | | TOTAL | |
|---|-------------------|------------------|-------------------|-----------------|-----------------|-----------------|------------------|------|-----------------|----------------|----------------|------------------|----------------|------------------------|---------------------------|------------------|------------------|-----------------|
| | Pres. | Pret Imp. | Pret. Perf. | Pret. + q.Perf. | Futuro do Pres. | Futuro do Pret. | Afir. | Neg. | Pres. | Pret Imp. | Futuro | Infinitivo | | Gerúndio | | Particípio | | |
| | | | | | | | | | | | | Não Flex | Flex. | Ind. | Adj. | | | |
| Tipos de texto | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Dissertação | 208/323 64,40% | 1/323 0,31% | 2/323 0,62% | | 11/323 3,41% | 3/323 0,93% | | | 11/323 0,62% | | 2/323 0,62% | 44/323 13,62% | 3/323 0,93% | 21/323 6,50% | 17/323 5,25% | | | 323/323 100% |
| Descrição estática presente (de comentário) | 160/223 71,75% | | | | | | | | | | | 7/223 3,14% | | 11/223 4,93% | 20/223 8,97% | 25/223 11,21% | | 223/223 100% |
| Descrição estática passada (de comentário) | | 67/110 60,91% | | | | 1/110 0,91% | | | | | | 5/110 4,545% | | 9/110 8,18% | 5/110 4,545% | 23/110 20,91% | | 110/100 100% |
| Descrição dinâmica presente (de comentário) | 87/148 58,79% | | | | | | | | | | | 4/148 2,70% | | 30/148 20,27% | 6,148 4,05% | 21/148 14,19% | | 148/148 100% |
| Descrição dinâmica passada (de narração) | | 70/117 59,84% | | | | | | | | 1/117 0,85% | | 5/117 4,27% | 1/117 0,85% | Adj. 1/117 0,85% | Comum 23/117 19,66% | 4/117 3,42% | 12/117 10,26% | 117/117 100% |
| Narração presente | 202/303 66,67% | 12/303 3,96% | 9/303 2,97% | 7/303 2,31% | | 3/303 0,99% | | | | 1/303 0,33% | | 40/303 13,20% | | 19/303 6,27% | 10/303 3,30% | | | 303/303 100% |
| Narração passada | 12/356 3,37% | 53/356 14,89% | 208/356 58,43% | 11/356 3,09% | | 1/356 0,28% | 2/356 0,56% | | | 2/356 0,56% | | 38/356 10,67% | 4/356 1,12% | 21/356 5,90% | 4/356 1,12% | | | 356/356 100% |
| Injunção | 5/154 3,25% | | | | 3/154 1,95% | | 71/154 46,10% | | 6/154 3,90% | | 2/154 1,30% | 55/154 35,71% | | 11/154 7,14% | 1/154 0,65% | | | 154/154 100% |

estão ligadas às continuidades de categorias em sua relação com propriedades discursivas de cada tipo. Além disso, o uso das formas verbais e seu conseqüente aparecimento nos textos depende de funções de cada categoria ligadas à ordenação de situações, à concordância, à relevância, à indicação de realidade e irrealidade, à progressão, à organização de situações, etc. (Cf. capítulo 4).

Na dissertação presente, a forma verbal predominante é o presente do indicativo (64,40% - v. tabela 8), porque com ele tem-se os aspectos imperfectivo, começado, cursivo e indeterminado ou habitual, o tempo presente com valor onitemporal, a modalidade de certeza. As modalidades deônticas e a possibilidade aparecem marcadas por auxiliares ou expressões no presente do indicativo. Ou seja, tem-se as categorias características da dissertação presente.

Os pretéritos imperfeitos (v. exemplo 204) e perfeito do indicativo que apareceram no corpus ocorreram sempre em trechos (às vezes orações) narrativos inseridos (v. também exemplo 167 e comentário em 6.3.3).

(204) "O inseto **estava disseminado** por todas as partes da planta." (texto nº. 45)

Este exemplo (204), o único com pretérito imperfeito que ocorreu, parece truncado: parte de uma narrativa incompleta usada para exemplificar a afirmação da frase anterior.

Mesmo estando em trechos narrativos, os pretéritos podem ser vistos como tempos retrospectivos da dissertação, o que se evidencia nas ordenações referenciais pelo tempo (Cf. 5.3.3).

O pretérito imperfeito do indicativo será o tempo base da dissertação no passado, que é exemplificada por textos como os de nº. 38 (Indez I) e nº. 39 (Indez II) ou por trechos como o de (205).

(205) "Em 1960 a navegação das espaçonaves **era baseada** no trabalho do matemático Walter Hohmann. Hohmann calculara a trajetória capaz de levar uma nave de um planeta para outro gastando o mínimo de combustível. A trajetória é uma elipse (espécie de círculo alongado). Uma das extremidades da elipse toca a Terra e a outra toca o planeta alvo.

A trajetória de Hohmann **era** ideal para os primeiros foguetes, que não **podiam levar** muito combustível, mas **tinha** uma desvantagem: **era** o caminho mais econômico, mas não o mais curto. Usando uma órbita de Hohmann, a Voyager 2 levaria 30 anos para ir da Terra a Netuno. ("Naves usam força dos astros" in Jornal do Brasil - 1º caderno. Ano XCIX, nº. 129. Rio de Janeiro, 15/08/89:pág. 5).

O pretérito perfeito e o mais-que-perfeito do indicativo parecem ser os tempos da dissertação passada em trechos como os de (191), sobretudo naqueles com verbos estáticos e trechos de avaliação como (191a,d) e (206).

(206) A cana-de-açúcar **foi** muito importante para o Brasil.

Estes pontos sobre a dissertação passada são hipóteses a serem verificadas.

Já mostramos no capítulo 2, ao distinguir narração tipo história de narração não-história, e no capítulo 5, nos itens 5.3.7 (comentando VIII.a,b) e 5.3.9 (comentando X.a,b), que os pretéritos perfeito e mais-que-perfeito do indicativo podem constituir comentários através do intercâmbio de tipos.

Nestes casos, apesar do aspecto perfectivo, não se pode estabelecer uma ordem referencial para as situações (quase sempre em virtude de VIII a, b e de X. a, b). Frequentemente, os pretéritos aparecem no mesmo período com formas próprias da dissertação ou temos pretéritos de verbos estáticos.

Parece que, no Português, temos, com os verbos estáticos e dinâmicos, a tendência especificada em (XXI)¹⁶⁰.

(XXI) - pretérito perfeito ou mais-que-perfeito de verbos estáticos → dissertação (comentário).

- pretérito perfeito ou mais-que-perfeito de verbos dinâmicos → narração.

Já dissemos que o pretérito perfeito composto do indicativo (ter no presente do indicativo + particípio) é forma característica da dissertação marcando tempo "passado até o presente". WEINRICH (1968:129) diz que esta forma é o tempo da retrospectão do mundo comentado.

O futuro do presente pode aparecer na dissertação presente, como vimos em 6.3.3, em trechos preditivos, ou seja, de dissertação futura inseridos (v. exemplos 189a, b) ou apenas para marcar posterioridade (V. exemplos 90 e 91 no capítulo 5).

O futuro do presente deve ser o tempo básico da dissertação futura. Isto é uma hipótese a verificar, mas parece difícil a montagem de um corpus para fazê-lo, pois, até onde pudemos observar, parece que a dissertação futura só ocorre em pequenos trechos, quase sempre com a

¹⁶⁰ Esta tendência é semelhante à que WEINRICH (1968: 381) registrou para o Latim:

- perfectum de verbos deponentes e passivos → comentário.

- perfectum de verbos ativos → narração.

dimensão de uma única oração ou frase, sendo, pois, mais um tipo teórico do que natural no Português.

O futuro do pretérito aparece na dissertação para marcar a situação como provável hipotética, portanto não realizada no tempo de um ponto de referência, que pode ser outra situação (a cuja realização a situação no futuro do pretérito quase sempre está condicionada), o momento da fala ou outro momento dado. Dessa forma, o uso do futuro do pretérito na dissertação se liga à indicação da irrealidade da situação. (Cf. em 5.3.4 os exemplos 100 e 102 e as colocações sobre esta questão). Para WEINRICH (1968), o futuro do pretérito no comentário é uma metáfora temporal de validade limitada. O que estamos propondo é que essa validade limitada é derivada de um valor de irrealidade que nasce do valor básico de marcador de posterioridade do futuro do pretérito, conforme discutido em 5.3.4. Não encampamos a idéia de metáfora temporal porque a validade limitada ocorre mesmo na narração. Veja-se para exemplo o texto nº. 72 (O jantar) e compare-se a versão no futuro do pretérito com as versões no pretérito perfeito do indicativo e no futuro do presente. Aí temos uma narração com valor de irrealidade: uma série de eventos prováveis, hipotéticos, porque apenas desejados, propostos.

As formas verbais do subjuntivo aparecem na dissertação, marcando sempre possibilidade, probabilidade, hipótese, dúvida e, derivada daí, às vezes também irrealidade. Veja, no exemplo (102), a locução "estejam causando"; em (90-a), o verbo "quiser" e os exemplos de (207).

- (207) a - "Não existe rejeição ou qualquer outro problema que **impeça** o seu crescimento."
(texto nº. 40)
- b - "Assim, se o medo e a ansiedade **ficarem** muito intensos, não se desespere: seu médico tem muito a fazer por você." (texto nº. 44)
- c - "O compromisso do jornal é contribuir para que esta decisão se **faça** a partir do máximo de informações, e do mais vivo contraste entre convicções políticas divergentes" (texto nº.37)
- d - " Já que as condições edafoclimáticas associadas ao uso da irrigação contribuem favoravelmente para uma exploração em escala comercial permitindo que as indústrias processadoras da região **operem** o ano inteiro, o que não é possível quando se explora essa olerícola em regime de chuvas." (texto nº. 45)

As formas do subjuntivo podem vir indicando certeza (v. exemplos 208 e 209).

(208) "Além disso, a idade dos computadores da nave, projetados nos anos 70, faz com que sua capacidade de memória **seja** muito reduzida." (texto nº. 43)

(209) Sou seu pai e, embora ele te **ame**, não permitirei esse casamento.

Todavia o uso do subjuntivo às vezes obedece a um jogo sutil entre certeza de um lado e probabilidade e possibilidade de outro, associado ainda a um jogo entre realidade e irrealidade. A probabilidade ou possibilidade que motivou o uso do subjuntivo, mesmo com um certo valor de certeza, pode ser, por exemplo, de um enunciador e não de outro para o qual a situação é vista como certa. Temos então um caso de polifonia. Isto é exemplificado pelas orações com embora, onde a certeza e realidade não é aceita pelo enunciador-locutor, mas é aceita pelo seu interlocutor (V. exemplo 209). Às vezes a situação tem status factual de certa e/ou real num contexto, mas de apenas provável ou irreal em outro (V. exemplo 207-d).

Todos estes fatos sobre o uso do subjuntivo parecem ser válidos também para a descrição e a narração. É preciso fazer um estudo detalhado sobre as motivações de uso do subjuntivo, incluindo a hipótese que acabamos de levantar em seus desdobramentos e detalhes.

Pela tabela 8, observa-se que as formas nominais são as mais freqüentes na dissertação, depois do presente do indicativo: 26,30% (infinitivo + gerúndio + particípio). o infinitivo é a mais freqüente das três (47/85: 55,29%), seguida do gerúndio (21/85: 24,71%) e do particípio (17/85: 20%).

O infinitivo apareceu, na maioria das ocorrências, formando orações subordinadas substantivas, sobretudo subjetivas, objetivas e completivas nominais, o que se justifica, porque assim se pode fazer a análise, avaliação etc. de situações dentro da dissertação. Um número bem menor de infinitivos aparece com preposições, formando orações subordinadas adverbiais finais ou temporais, uso do infinitivo comum também na descrição, narração e injunção.

O gerúndio aparece sempre fornecendo informação subsidiária, secundária sobre uma outra situação no presente do indicativo, quase sempre o modo de realização desta, seu resultado, causa, etc.

Já o particípio quase sempre constitui uma oração reduzida subordinada adjetiva, com o verbo na voz passiva. Se o valor é de presente, esta oração é dissertativa, se é passado, a oração é narrativa. No segundo caso, o particípio é sempre um estado que caracteriza algo ou alguém no texto e é resultante da situação narrada já realizada.

Vê-se pois, que as formas nominais, excetuado o infinitivo quando forma orações subordinadas substantivas, expressam informações secundárias, o que tem relação com o fenômeno de relevância especificado em 4.2.2.2.

É preciso fazer um estudo quantitativo dos papéis de cada forma nominal apontados acima, verificando se há outros papéis além dos que apareceram no corpus analisado.

Nas **descrições presentes**, a forma verbal predominante é o presente do indicativo, enquanto nas **descrições passadas** é o pretérito imperfeito do indicativo, exatamente porque estas formas expressam as categorias de aspecto, modalidade e tempo características destes subtipos de descrição. Pode-se propor a hipótese de que o futuro do presente será a forma característica da **descrição futura**, mas isto tem que ser verificado em um corpus de descrições futuras que, todavia, parecem, como a dissertação, ocorrer apenas em pequenos trechos (v. exemplo 210) e portanto também ser um tipo mais teórico do que natural no Português.

(210) Seu filho crescerá belo e saudável. Aos vinte anos **será** alto e forte, **terá** um belo sorriso que lhe **dará** um ar sempre afável.

Em TRAVAGLIA (1987), dissemos que, na descrição passada com o pretérito imperfeito do indicativo, o produtor do texto apresenta as características sem se comprometer com sua validade para o momento da enunciação, ou seja, com sua realidade neste momento. Já na descrição presente, com o presente do indicativo, o produtor se compromete com sua validade, sua realidade no momento da enunciação. CASTRO (1980:63-64 e 76), ao tratar das formas verbais presentes na parte chamada "orientação" da superestrutura narrativa (normalmente descritiva) registra que aí, geralmente, se tem o pretérito imperfeito do indicativo, mas que o presente do indicativo não é de todo estranho a esta parte, pois "quando as características que identificam as personagens ou a situação não são restritas ao passado, mas se estendem até a atualidade da enunciação, usa-se o presente para a expressão do processo verbal". O presente também é usado na orientação para "ênfatizar o contraste entre características que existiram no passado e características que os substituem no presente". CASTRO trabalhou apenas com narrativas orais, passadas, mas suas observações ratificam nossa proposta.

Os pretéritos perfeito e mais-que-perfeito do indicativo só aparecem na descrição quando esta é feita através do intercâmbio de tipos como no texto n°. 34 (Duque de Caxias) e nos exemplos de (171); ou em usos como o do exemplo (74-c), em que não se expressa a situação em curso num momento dado e que faria parte da descrição, mas a situação de cuja realização anterior a primeira resultou. Além de (74-c), o texto n°. 68 (O Arquivo) traz vários exemplos desta espécie de uso (V. exemplo 211).

(211) "Mais uma vez mudou-se. Finalmente, **deixara de jantar** (= não jantava mais). O almoço **reduzira-se** (era um) a um sanduíche. Emagrecia, sentia-se mais leve, mais ágil. Não havia necessidade de muita roupa. **Eliminara** certas despesas inúteis, lavadeira, pensão(= certas despesas inúteis estavam eliminadas).

O futuro do pretérito tem na descrição funcionamento idêntico ao que apresenta na dissertação. A única ocorrência no corpus analisado pode ser vista no exemplo (104). Veja também o exemplo (105). Dessa forma, nossa afirmação precisa ser ratificada por um número significativo de ocorrências dessa forma na descrição.

O mesmo. pode ser dito do subjuntivo que parece ter na descrição o mesmo valor e papel que na dissertação. O verbo sublinhado em (212) foi a única ocorrência de subjuntivo no corpus analisado.

(212) "...borboletas tontas, como se **despertassem** dum torpor de narcótico, esvoaçavam de ramo em ramo;..." (texto n°. 5)

Ao lado do presente e do pretérito imperfeito do indicativo, as formas verbais mais frequentes na descrição são as formas nominais, sobretudo o particípio e o gerúndio, este mais na descrição dinâmica (V. tabela 8). O particípio aparece por vezes como verbo, mas principalmente como adjetivo, indicando atributos ou estados que seriam resultado de uma situação dinâmica realizada. O particípio adjetivo é característico apenas da descrição e particularmente da descrição estática, pois, quando aparece na descrição dinâmica, ocorre em passagens de descrição estática. O gerúndio, que aparece mais na descrição dinâmica (média de 20,39%) e menos na estática (média de 6,55%), normalmente indica modo ou detalhes de características dadas por verbos dinâmicos no presente ou no pretérito imperfeito do indicativo. O gerúndio, portanto, dá informação secundária ligada a informação essencial ou principal. O infinitivo comporta-se exatamente como na dissertação: excetuando casos em que o infinitivo tem um auxiliar subtendido, ou ele aparece em orações subordinadas substantivas (subjativas, objetivas e completivas nominais) ou em orações subordinadas adverbiais de fim, modo ou tempo nesta ordem de frequência, pelo menos no corpus. Pode-se afirmar que, também nas descrições, as formas nominais veiculam informações secundárias.

Na **narração presente**, a forma básica é o presente do indicativo (66,67% - v. tabela 8); na **narração passada**, as formas básicas são os pretéritos perfeito e mais que perfeito do indicativo (61,52% - v. tabela 8). Na **narração futura**, temos a hipótese de que é o futuro do presente a forma

básica; ver os textos nº. 77 (O cavaleiro da esperança), 81 (Ibitinga incentiva produção rural); 82 (Jerusalém corrompida será purificada); 83 (Prêmio mambembe em novo formato), 85 (O Reino do Messias); 86 (Soneto XIX). Além do futuro do presente, podemos ter formas perifrásticas como as de "ir (no presente do indicativo) + infinitivo". A narração progride através dessas formas básicas (Ver 4.2.1.8).

Na **narração presente**, os pretéritos imperfeito, perfeito e mais-que-perfeito do indicativo podem aparecer marcando o passado, que, como já visto em 6.3.3, têm a função de fazer "flashback" e marcar anterioridade. Com os pretéritos perfeito e mais-que-perfeito a narrativa progride. O pretérito imperfeito, tanto na narração presente quanto na passada, é usado para constituir trechos de pano de fundo. O presente do indicativo aparece na **narração passada**, como vimos em 6.3.3, marcando tempo presente com a função de relevância, marcando trechos grande dramaticidade e envolvimento emocional.

Já vimos em 5.3.4 e no início deste item, que o futuro do pretérito ocorre na narração para marcar posterioridade e, por isso, situação não realizada no momento do tempo referencial (aqui tempo da história), em relação com o tempo do texto, em que a situação é referida. Sua ocorrência em narrações presentes está condicionada a ser uma narração de presente histórico e não uma narração presente simultânea. Ver exemplos já arrolados em 5.3.4.

O imperativo não aparece na narração, a não ser em trechos de fala que são injuntivos. Todavia, na tabela 8, registramos duas ocorrências de imperativo afirmativo. Elas apareceram em textos diferentes, mas em situações semelhantes com o mesmo verbo marcador conversacional (Veja 213).

(213) a - "De repente, **olhe** o tuim na varanda!" (texto nº. 58)

b - "Dez minutos depois, **olha** o menino de volta todo sem graça." (texto nº. 62).

As formas do subjuntivo aparecem na narração, tal como na dissertação e na descrição, para marcar possibilidade e probabilidade (incluindo hipótese e dúvida) e às vezes irrealidade. Portanto, parece que o uso das formas do subjuntivo não está condicionado a tipos textuais, mas à indicação de irrealidade através das modalidades de possibilidade, probabilidade e volição. Como não estamos considerando na narração os trechos de fala em discurso direto, indireto ou indireto de livre; tivemos no corpus analisado a ocorrência de apenas três formas do subjuntivo: Veja os verbos "aguardasse" (exemplo 179), "tirasse" (exemplo 180b) que aparece subordinado a um verbo que refere a modalidade de possibilidade (impedindo = tirando a possibilidade) e "fosse" no exemplo (214) abaixo.

(214). "Passaram meses sem que **fosse** convidado para festa alguma no bairro." (texto nº. 62)

No que diz respeito às formas nominais, nota-se que, em conjunto, elas ocupam o segundo lugar em quantidade: 22,77% na narração presente e 18,81% na narração passada, com predomínio do infinitivo seguido do gerúndio e do particípio. Tal como na dissertação e na descrição, as formas nominais veiculam informações secundárias.

O infinitivo acompanhado de preposição pode indicar tempo (V. exemplo 85), modo (V. exemplo 77b) ou fim (V. exemplo 215), ou então o infinitivo forma orações subordinadas substantivas, geralmente completivas (de nome ou de verbo).

(215) "Depois foi lá dentro **fazer** uma coisa que estava precisando fazer, e, quando voltou para **dar** comida a seu tuim, viu só algumas penas verdes e as manchas de sangue no cimento." (texto nº. 58)

O gerúndio indica situação que marca o momento de ocorrência de outra, sua causa, resultado ou que é simultânea a outra (V. exemplo 75-b) ou constituinte da outra. No caso do gerúndio marcar situação simultânea a outra no presente ou no pretérito perfeito ou mais que perfeito do indicativo, esta fica em primeiro plano e a situação no gerúndio em segundo plano (V. também exemplos de 79).

O particípio, quando não constitui voz passiva com o auxiliar elíptico, pode indicar causa ou tempo de outra situação vista como principal (Veja exemplos de 216). Esta forma quase sempre indica um estado resultante de algo acontecido (que é a situação narrada).

(216) a - "**Cercados** por atiradores de elite há quase 48 horas, os seqüestradores concordam em libertar o menino...". (texto nº. 66) (= porque esta-vam cercados)
b - "**Chegado** ao alto do morro, Serafim estacou." (texto nº. 9) (= quando chegou)

Finalmente, temos as continuidades de formas na injunção. Como a **injunção** é o tipo de texto que é dado pelo modo de interlocução caracterizado basicamente pelas modalidades imperativas, a volição e a necessidade, as formas que são básicas são aquelas que podem veicular tais modalidades, a saber;

l) a - o presente do indicativo de sujeito indeterminado com o pronome se (Veja para exemplo o texto nº. 49, Espremedor de frutas Arno) ou com o pronome você (V. exemplo 217). Nestes casos é como se tivéssemos o auxiliar modal "dever" no presente do indicativo, subentendido, dando a modalidade de prescrição.

(217) "Então você **arranca** delicadamente uma das penas do pássaro e **escreve** seu nome num canto do quadro." (texto nº. 54)

b) o presente do indicativo de auxiliares modais que expressam as modalidades imperativas e volitiva ; dever, ter de/que, ordenar, desejar, proibir, permitir, obrigar , etc. (V. exemplo 218); ou de expressões (V. exemplo 219: é preciso).

(218) "**Deve haver** uma xícara bem cheia de purê de cenoura." (texto nº. 55)

O presente do indicativo pode aparecer em textos injuntivos, em descrições ou dissertações que compõem as partes chamadas "descrição" e "explicação" de sua superestrutura (v. exemplo 219).

(219) "Para ligar a antena externa é **preciso**, primeiro, conectar o plugue **que acompanha** o televisor ao cabo da antena, " (texto nº. 52)

2) o futuro do presente (V. texto nº. 48, Os dez mandamentos).

O futuro do presente pode aparecer em textos injuntivos simplesmente marcando posterioridade (V. exemplos 92 e 93), normalmente indicando resultado das ações realizadas como vimos no capítulo 5.

Vimos que o pretérito perfeito do indicativo só aparece em textos injuntivos, em trechos narrativos inseridos. É o caso de "ficou presa" no exemplo (93);

3) o imperativo, que foi a forma usada na maioria dos textos analisados para compor a tabela 8, daí a maior porcentagem registrada para essa forma: 46,10%. Veja os textos nº. 46 (Abridor afiador automático Arno), 51 (Horóscopo de Jean Perrier), 52 (Ligação das antenas externas), 55 (Suflê de cenoura).

As formas do subjuntivo aparecem para marcar probabilidade e possibilidade, normalmente em trechos não injuntivos (descritivos, dissertativos ou narrativos). Veja exemplos nos textos nº. 55 (Suflê de cenoura: "Até que **esteja** crescido e dourado", "até que **estejam** macias"), 46 (Abridor afiador automático Arno: "de modo que **encoste**", "para que este **possa**"), 54 (Para pintar o retrato

de um pássaro: "que o pássaro **queira** cantar", "Quando o pássaro **chegar**, se **chegar**", "quando **estiver**"). Como se vê, normalmente temos com o subjuntivo indicação de tempo, resultado, fim;

4) o infinitivo com modalidades imperativas, sobretudo a prescrição, como no exemplo (194) e nos textos n.º 47 (Bolinhas de batata), 50 (Falso vatapá), e 54 (Para pintar o retrato de um pássaro). Isto explica a alta porcentagem dessa forma nominal na tabela 8 (35,71%).

Todavia, nem todos os infinitivos usados nos textos injuntivos têm esse valor modal de prescrição. Temos o infinitivo indicando modo, fim ou formando orações substantivas tal como nos outros tipos de textos. O gerúndio aparece indicando sempre o modo de realizar uma ação, que é expressa em uma das quatro formas básicas acima com modalidades imperativas ou volição ou necessidade. O particípio, quando ocorre, parece ser sempre para indicar um estado resultante de uma ação realizada antes da situação, em que será utilizado o elemento cujo estado é dado pelo particípio. Marca, pois, anterioridade, tal como visto no capítulo 5. Em (220a) temos a única ocorrência nos textos analisados e computada na tabela 8. Talvez se pudesse computar também a ocorrência de (220b) que nos pareceu mais um particípio adjetivo de valor descritivo.

(220) a - "Adicione a mistura de leite já **esfriada**." (texto n.º 55)

b - "4 batatas médias cozidas em água e sal e **amassadas**" / "Junte a batata **amassada**, o sal, a salsa picada e a farinha de trigo." (texto n.º 47)

Deve ter ficado claro, pelo que foi dito em 6.3.1 a 6.3.7, que nos **textos preditivos** predominam as formas verbais que expressam o tempo futuro: futuro do presente, futuro do subjuntivo, ir ou haver (no presente do indicativo) + infinitivo.

Finalmente é preciso ressaltar mais uma vez que as continuidades registradas neste capítulo são válidas para os tipos e subtipos analisados. Para a dissertação passada e futura, para a descrição e narração futuras e alguns subtipos de descrição em termos de comentadora e narradora, apenas levantamos várias hipóteses que precisam ser verificadas por estudos que tratem especificamente desses casos.

* * *

Todas as colocações feitas em 6.2 e 6.3 confirmam a proposição de que, para caracterizar um tipo, não é suficiente levantar-lhe as marcas, mas é preciso correlacioná-las com propriedades daquele tipo de discurso e texto. Portanto, tais colocações devem ser vistas nesta ótica.

6.4. RELAÇÃO ENTRE "TIPOS DE VERBOS E SITUAÇÕES E FORMAS E CATEGORIAS VERBAIS" E "SUPERESTRUTURAS TEXTUAIS".

6.4.1. Preliminares

O que vamos expor aqui refere-se ao fenômeno especificado em 4.2.5.

A superestrutura¹⁶¹ é uma estrutura global que é característica de um tipo de texto. É uma espécie de esquema (modelo cognitivo global) formal, abstrato, de caráter convencional e, portanto, dependente da cultura. Normalmente envolve uma seqüência esquemática e características de linguagem, de recursos retóricos ou estilísticos. Interessam aqui mais as seqüências esquemáticas constituídas por "partes" que podem ter ou não uma ordem fixa e posições determinadas e ser ou não recursivas. Essas "partes" representam categorias esquemáticas da superestrutura que podem ser obrigatórias ou opcionais. Todos estes elementos são dados por regras de formação da superestrutura, que inclusive os hierarquiza, já que a superestrutura tem caráter hierárquico.

A seguir, buscamos mostrar as relações que pudemos detectar entre tipos de verbos e situações, formas e categorias verbais, e a superestrutura de textos descritivos, dissertativos, narrativos e injuntivos e que são ligadas às continuidades expostas em 6.2 e 6.3.

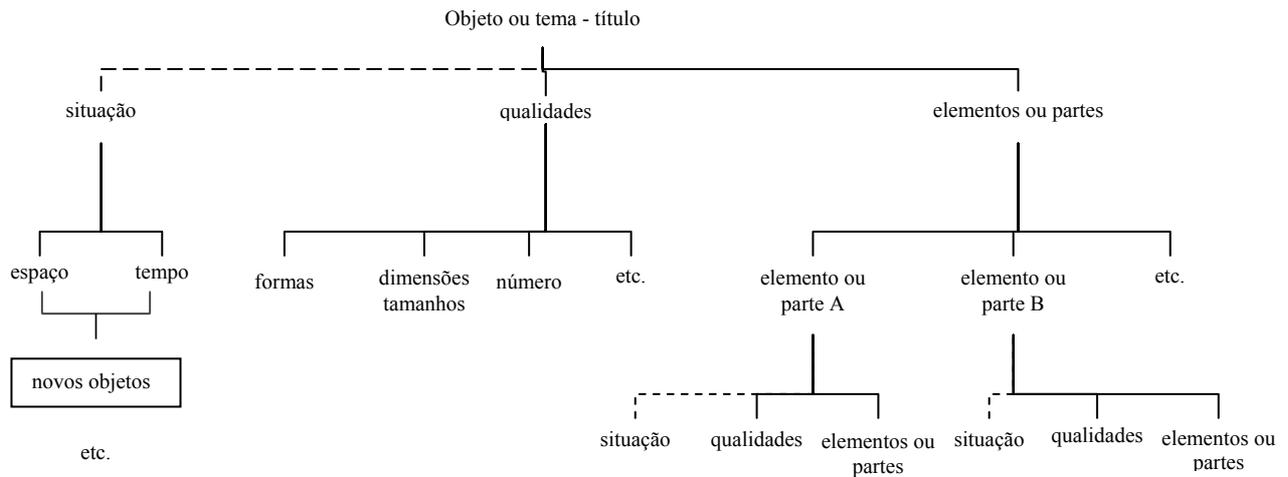
6.4.2. - Textos descritivos

Utilizamos aqui a superestrutura descritiva proposta por RICARDOU (1973) e adotada por ADAM e PETIJEAN (1982 e 160 - 1982a)¹⁶² com algumas pequenas alterações. Essa superestrutura é representada pelo seguinte esquema:

¹⁶¹ Ver VANDIJK (1983a: 141-173) e (1986), KOCH e TRAVAGLIA (1989: 65 e 92, 93) e MARQUESI (1990).

¹⁶² Apud NEIS (1986), KOCH e FÁVERO (1987) E MARQUESI (1990).

(XXII)



Reproduzimos abaixo as especificações de NEIS (1986: 50), para as três categorias básicas da descrição:

"- a **situação** do objeto-tema no espaço e/ou no tempo, situação essa que pode, por sua vez, fazer surgirem novos objetos, ou seja, subtemas, suscetíveis de se transformarem em matéria de descrição;

- as **qualidades** do objeto-tema, quer sejam físicas, tais como dimensões, formas, cores, quantidades, etc., quer sejam psíquicas, morais, intelectuais, etc.;

- os **elementos**, ou **partes** que compõem o objeto e que também podem, como subtemas, passar a constituir matéria de descrição."

Portanto, através dos elementos ou partes as categorias da descrição se tornam recursivas.

Em nosso estudo não observamos relação entre essas categorias e categorias e formas verbais, mas uma relação entre as categorias da superestrutura e os tipos de verbos e situações. A introdução do objeto ou tema-título ou a introdução de subtemas (elementos ou partes) é, com frequência, feita:

a) através de verbos ligados à situação de enunciação descritiva tais como: ver, observar, contemplar, etc. Veja por exemplo: "Espraiou um largo olhar" (texto nº.9 - A vila da praia); "Então vi a mulher..." (texto nº. 61-Passeio Noturno), "Vêdes ali um púlpito" (in OLIVEIRA - 1965: 276);

b) por verbos existenciais (ter, haver, existir) ou de posse (ter, possuir). Veja por exemplo: "havia um grande nicho" (texto nº. 18, A cela do religioso) e os exemplos (221) retirados de textos de OLIVEIRA (1965).

(221) a - "**Existe** um chafariz abandonado

Na vetusta cidade de Ouro Preto"

(P. 19: "Chafariz secular" - Luis Carlos)

b - "Junto à janela, **havia** um traste que a primeira vista não se podia definir..." (P. 25: "Um quarto de moça" - José de Alencar)

c - "**Havia** em casa uma cadelinha, côm de ganga, bonita - era uma perfeição." (P. 205: "A menina má" - Mendes Leal);

c) pelo verbo ser. Veja por exemplo: "**era** uma triste cela sombria e espaçosa". (texto nº. 18 - A cela do religioso), "**Era** uma rua sem salda..." (texto nº. 23 - Uma rua como aquela), "**Era** o casarão clássico das antigas fazendas negreiras" (texto nº. 16 - A casa da fazenda);

d) por verbos como conhecer, lembrar. Veja exemplos do texto nº 22 (Quarto de moça).

Observa-se também uma relação entre os verbos localizadores e a categoria de "situação" da superestrutura descritiva. Veja exemplos (222).

(222) a - "No entanto **estamos** a cinco horas de vôo de Nova Iorque, em pleno Pacífico, o Japão a oito dali." (texto nº 28)

b - "E é numa das mais curiosas - a Rua do Sol horas que **fica** o Museu Artístico e Histórico do Maranhão,..." (texto nº 31).

c - "**Situa-se** na elevada cordilheira dos Andes peruanos." (texto nº 20)

6.4.3.- Textos dissertativos e argumentativos.

As superestruturas desses dois tipos de textos sempre são propostas em termos de categorias lógicas e argumentativas.

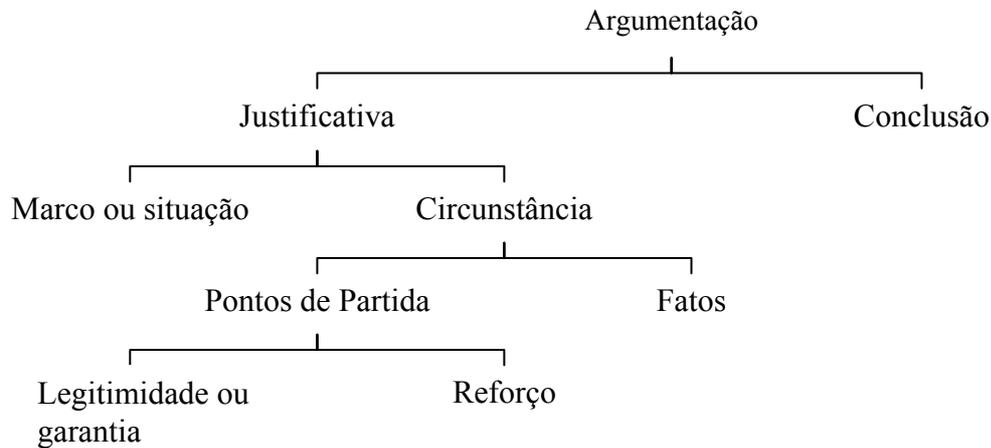
KOCH e FÁVERO (1987) propõem que o tipo **expositivo ou explicativo** tem uma superestrutura realizada pela análise e síntese de representações conceituais e constituída de categorias com as seguintes possibilidades:

tema: } a) generalização - especificação (via dedutiva)
 } b) especificação - generalização (via indutiva) tema:
 } c) generalização - especificação - generalização (via dedutivo-indutiva).

Para o texto **argumentativo** "strictu sensu", KOCH e FÁVERO (1987) propõem uma superestrutura argumentativa com as seguintes categorias: (tese anterior) premissas - argumentos - (contra argumentos) - (síntese) - conclusão (nova tese). Os parênteses indicam opcionalidade.

Para VAN DIJK (1983:158-163) as categorias básicas da superestrutura argumentativa são a "hipótese", os "argumentos" e a "conclusão" que podem ser subdivididos constituindo o seguinte esquema hierárquico:

(XXIII)



OBS.: "Marco" do espanhol corresponde a "frame".

A legitimidade são regras gerais que autorizam as conclusões (podem ser do conhecimento de mundo e não explicitadas). o reforço é uma explicação da legitimidade e o marco a situação em que eles valem. VAN DIJK dá o exemplo de um anúncio publicado nos jornais da Holanda no final de 1976 e que reproduzimos em (223).

- (223) (I) Compre gasolina Shell (conclusão)
(II) A gasolina Shell contém ASD (fato)
(III) ASD limpa o motor (justificativa/argumento 1)
(IV) Um motor limpo consome menos gasolina (reforço).
(V) (III e IV) Demonstrado mediante experimentos (argumento 2/fato).
(VI) Menos gasolina é mais barato (reforço 2)
(VII) Você quer dirigir com pouco dinheiro (motivação = justificativa 2)
(VIII) Você não quer gastar mais por gastar (justificativa 3)
(IX) Você dirige um carro (marco ou situação).

Apenas II, III, IV e V aparecem explicitamente no anúncio. Os demais estão implícitos. o que se pode observar é que nas categorias de especificação (texto dissertativo) ou dos

argumentos/justificativa (texto argumentativo) podemos ter descrição, dissertação ou narração (esta pode aparecer na forma de exemplos). Aí teremos as continuidades próprias de cada tipo. Num texto argumentativo narrativo como a fábula, por exemplo, a justificativa será a narração e a conclusão, a moral. Como essas categorias são facultativas, pode-se dar a justificativa e deixar a conclusão para o ouvinte ou leitor, por exemplo. Parece que a injunção, com suas continuidades, tem afinidade com a conclusão do texto argumentativo, podendo aí aparecer. Além dessas duas hipóteses, não pudemos detectar nenhuma outra possibilidade que resulte, em última instância, em uma relação entre certas categorias da superestrutura dissertativa e argumentativa de um lado e continuidades de tipos de verbos e categorias e formas verbais de outro.

6.4.4. Textos injuntivos

FÁVERO e KOCH (1987) propõem como superestrutura para os textos injuntivos o seguinte:

Tema: Ação 1 + Ação 2 + Ação 3 +...+ Ação n = resultado ou produto.

Esta superestrutura parece ser válida apenas para textos injuntivos que, como dissemos no capítulo 5, equivalem a planos, tais como receitas culinárias e manuais de instrução para montagem e uso de aparelhos. Todavia, mesmo este tipo de textos tem partes de que a superestrutura acima não dá conta. Em função disso e buscando explicação para certos fatos observados no estudo das continuidades nos textos injuntivos, idealizamos uma superestrutura para este tipo de textos que fosse válida para todos os tipos de textos que consideramos injuntivos. A seguir expomos esta superestrutura.

Um **texto injuntivo** é constituído de três partes ou apresenta três categorias esquemáticas, a saber:

a) o **elenco** ou **descrição** em que se apresentam os elementos a serem manipulados na ação a ser feita. Pode-se dar apenas uma lista desses elementos (V. ingredientes das receitas culinárias) ou pode-se listá-los e descrevê-los, como nos manuais de instrução em que, comumente, a descrição é substituída por fotos ou desenhos com indicação dos nomes das partes seguida ou não de indicação de sua função;

b) a **determinação** ou **incitação** em que aparecem as situações a cuja realização se incita ou por determinação ou desejo. Aqui teríamos a injunção em si ;

c) a **justificativa, explicação** ou **incentivo** em que se dá razões para a realização das situações especificadas em **b**.

Estas partes não têm ordem fixa e podem se intercalar. A única parte obrigatória é a determinação, mas às vezes o produtor do texto apenas dá a justificativa ou explicação e a determinação fica implícita, sendo deduzível através de inferências. Isto é comum em horóscopos (V. exemplos de 224).

(224) a - Câncer/saúde: "A dieta da Lua é especialmente recomendada para as cancerianas" (Horóscopo da revista Elle. Ano 2, nº. 10. São Paulo, Ed. Abril, outubro 1989:209).

b - Carneiro/pessoal: "A amizade exige às vezes descrição e sacrifícios." (texto nº. 51).

c - Touro/pessoal: "Dia favorável para transformar sua casa." (texto nº. 51)

A explicação aparece vinculada à determinação até no nível da frase, onde a oração coordenada explicativa está vinculada a orações com modalidades próprias da injunção (embora não seja esse o único caso de aparecimento da coordenada explicativa) . V. exemplos de (225).

(225) a - Não venha amanhã, que não estarei aqui.

b - Eu te obrigo a pedir desculpas ao João, pois foste grosseiro com ele.

A parte do elenco ou descrição é sempre descritiva e por isso temos aí as continuidades de tipos de verbos e formas e categorias verbais próprias da descrição vistas em 6.2 e 6.3. A **determinação** ou **incitação** é sempre injuntiva e aí as continuidades serão as próprias da injunção (Cf. 6.2 e 6.3). A **explicação, justificativa** ou **incentivo** pode ser descritiva, dissertativa ou narrativa e nela tem-se as continuidades levantadas em 6.2 e 6.3 como características respectivamente da descrição, dissertação ou narração, conforme o caso ou dos tipos que apareçam combinados nesta parte. Portanto, nos textos injuntivos, a continuidade é sempre do(s) tipo(s) de texto que aparecem constituindo cada parte. Em 6.2 e 6.3, por várias vezes, fizemos referência à superestrutura dos textos injuntivos, que aqui propomos, para explicar fatos observados no estudo das continuidades em termos de condições de ocorrência no texto injuntivo de tipos de verbos (Cf. 6.2) e de formas e categorias verbais (Cf. 6.3). Essas referências mostram fatos ligados à relação entre os tipos de verbos e as formas e categorias verbais e a superestrutura do texto injuntivo. Parece-nos desnecessário, por redundante, recolocar aqui tais referências e observações.

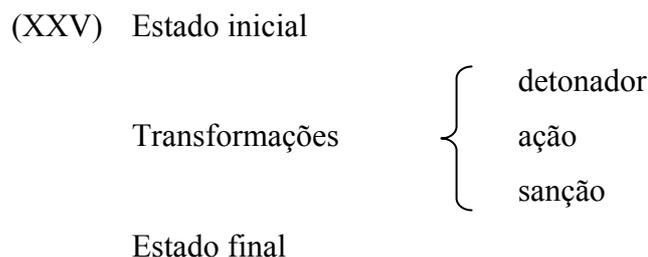
6.4.5. Textos narrativos.

Os textos narrativos do tipo história são, sem dúvida, o tipo de texto que teve sua superestrutura mais estudada, inclusive para subtipos. A seguir apresentamos alguns esquemas de superestrutura narrativa propostos por diferentes estudiosos.

LABOV e WALETZKY (1967) e LABOV (1972)¹⁶³ propõem uma superestrutura para narrativas orais de linguagem consuetudinária que teria as partes ou categorias elencadas em (XXIV).

(XXIV) 1) sumário ou resumo; 2) orientação; 3) complicação; 4) avaliação; 5) resolução ou resultado; 6) coda.

LARIVAILLE 162 (1974)¹⁶⁴ estudando contos, propôs a superestrutura de (XXV).



VAN DIJK (1983:153-158) propõe a superestrutura de (XXVI) para narrativas do dia-a-dia que pode ter ainda as categorias de "anúncio" e "epílogo" (do qual a moral seria um subtipo). VAN DIJK (1990), considerando a proposta de LABOV e WALETZKY, propõe o esquema hierárquico de (XXVII). VAN DIJK (1986)¹⁶⁵ propõe uma superestrutura para as notícias de jornal a que, levando em conta as considerações de VAN DIJK (1990), demos a forma de (XXVIII), onde a linha pontilhada indica possibilidade, ou seja, os comentários podem aparecer nas reações verbais.

¹⁶³ V. também em CASTRO (1980) e BASTOS (1985).

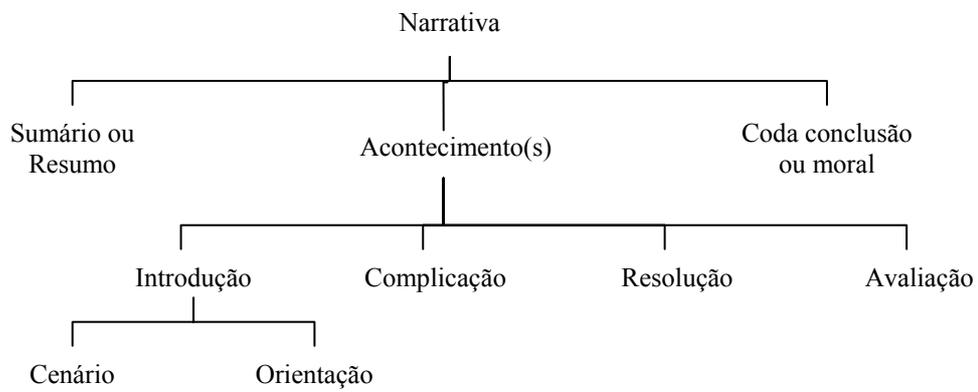
¹⁶⁴ Apud BASTOS (1985: 48 e 88.).

¹⁶⁵ V. também MARQUESI (1990: 42 e 88.).

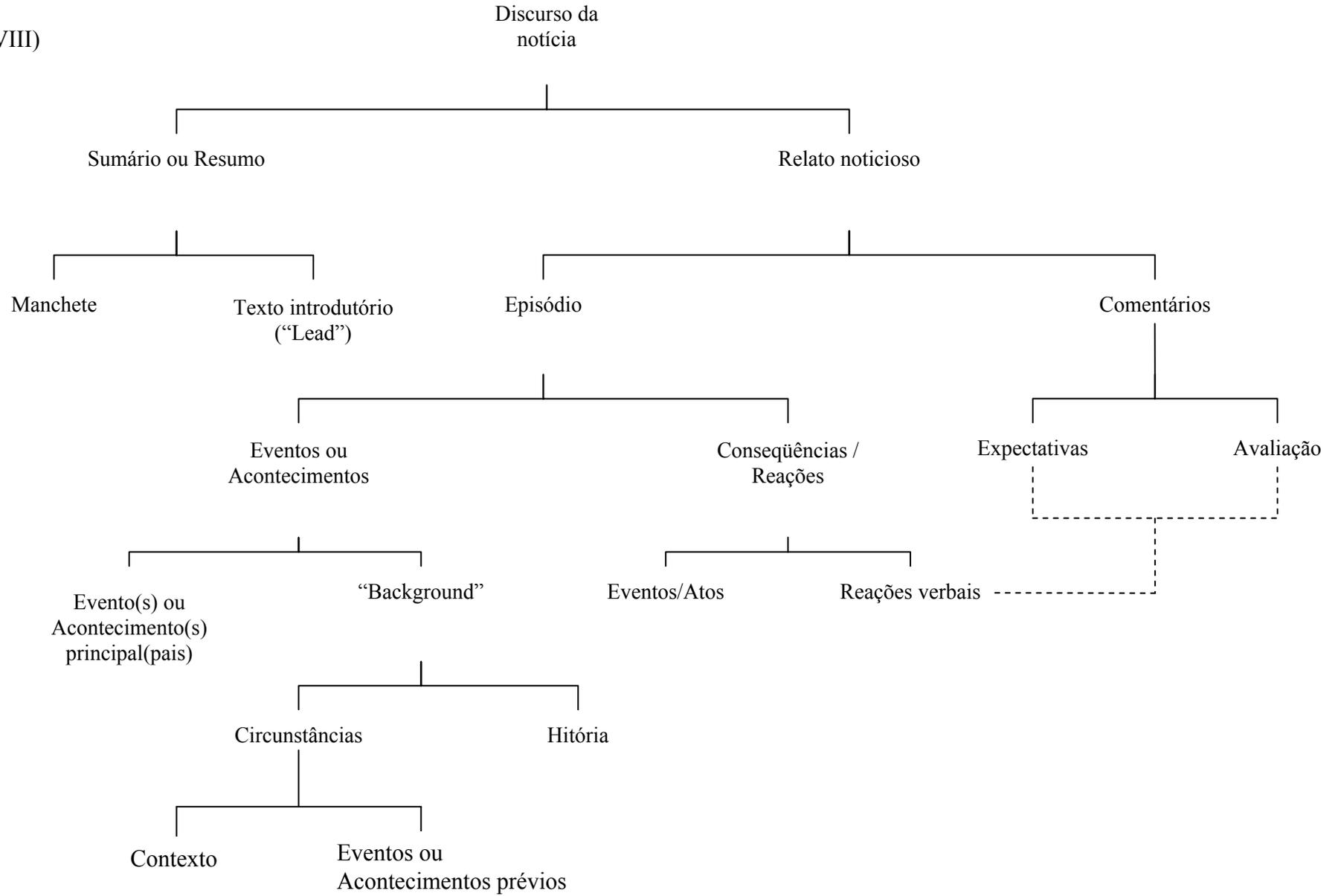
(XXVI)



(XXVII)

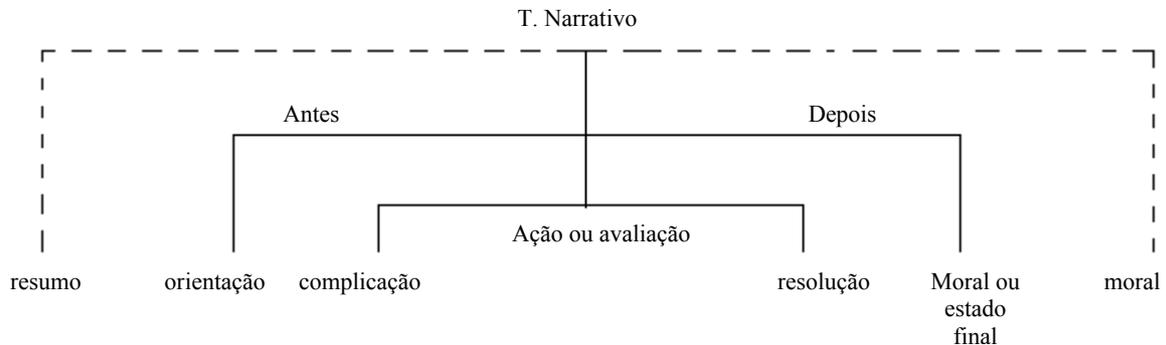


(XXVIII)



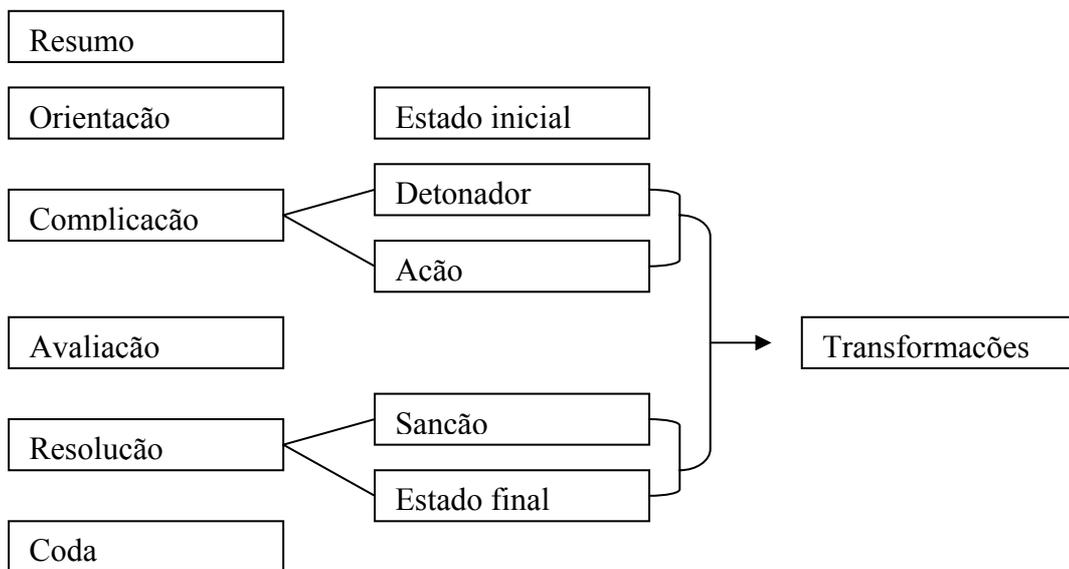
ADAM (1985)¹⁶⁶ propõe o esquema de (XXIX) como superestrutura narrativa.

(XXIX)



BASTOS (1985) trabalha com uma superestrutura composta de categorias propostas por ARIVAILLE e LABOV e WALETZKY, através de relações que se podem perceber pelo quadro de equivalências proposto à pág. 54 e reproduzido em (XXX).

(XXX)



MOISÉS (1973), ao falar da estrutura do conto, da novela e do romance, considera categorias como espaço, tempo, personagens, ação, acontecimentos, trama, começo e epílogo, clímax, desenlace que, se comparadas às categorias de outros tipos de narrativa, mostram que as literárias têm superestrutura basicamente igual às demais narrativas. A apresentação de personagens, tempo, espaço (lugar) faria parte da orientação; a trama composta de ação, acontecimentos que chegam a um clímax e têm um desenlace correspondem à complicação e

¹⁶⁶ Apud KOCH e FÂVERO (1987).

resolução. O começo e o epílogo podem fazer parte da trama, mas o começo pode ser constituído de um resumo e apresentação de personagens e um cenário. MOISÉS (1973: 250 e ss.) fala do aparecimento de trechos dissertativos sobretudo no romance com o objetivo de comentar personagens e suas ações para ajudar a compreendê-las e avaliá-las. Não nos estenderemos mais, todavia cremos que está evidenciada a semelhança entre a superestrutura de narrativas literárias e a de outros tipos de narrativas.

Parece que, abstraídas as diferentes denominações dadas a categorias iguais ou semelhantes, observado os fatos de que uma categoria pode ou não ter sido subdividida e de que algumas categorias podem ou não aparecer, em determinados sub-tipos de narrações do tipo história de que estamos tratando aqui, pode-se afirmar que todas essas narrativas compartilham uma superestrutura comum. A seguir vamos falar de cada uma das categorias que parecem fundamentais nesta superestrutura narrativa. Ao mesmo tempo, comentaremos a respeito das continuidades possíveis nestas categorias ou partes (em função do que observamos, levantando hipóteses), e que constituem as relações que são nosso objeto neste item 6.4. Em vários momentos utilizamos, como exemplo evidenciadores da validade de nossas proposições, exemplos do estudo de CASTRO (1980) a que nos referimos em 4.2.5 e que se refere aos tempos verbais (para nós formas verbais) em narrações passadas orais.

A narrativa pode ter uma **introdução**. Na introdução pode haver um **anúncio**, que pode tomar formas como: "Esta é a história de...", "Vamos contar agora os fatos que se sucederam/o que aconteceu...", "Ouçam a triste história de...", etc. Quase sempre este anúncio vem acompanhado de um **resumo**, que pode aparecer sem o anúncio. O resumo e o anúncio são facultativos. O resumo sintetiza os acontecimentos mais salientes em poucas orações ou frases seqüenciando-os. VAN DIJK (1986) divide o resumo das notícias em duas categorias: a **manchete** e o **texto introdutório** (ou "lead"). Como ele é essencialmente narrativo e de primeiro plano ou figura, espera-se que as continuidades atendam a essas características, isto é, sejam as continuidades próprias da narração vistas em 6.2 e 6.3. É exatamente o que ocorre nas narrativas passadas orais onde CASTRO (1980) (v. quadro 5 no capítulo 4) encontrou 74% de pretérito perfeito do indicativo. As formas de presente (14%) e pretérito imperfeito do indicativo (12%), segundo a autora, ocorreram em sumários um pouco mais longos (na verdade mini-narrativas), em partes de orientação e avaliação¹⁶⁷, de tal modo que, em resumos mais sintéticos, o pretérito perfeito foi a única forma (70,3% dos sumários). Na narrativa presente, mesmo a com presente histórico, como a narração se pressupõe simultânea aos acontecimentos, dificilmente aparece o resumo.

¹⁶⁷ Cf. CASTRO (1980:59-61).

O **cenário**, **contexto** ou **situação** especifica e descreve tempo, lugar, participantes e personagens. A **orientação** especifica quem fazia o que, quando a ação ocorreu, ou seja ações e comportamentos que formam um quadro de referência para a ação narrativa. Muitos estudiosos não separam o cenário da orientação, reunindo-os em uma categoria com o nome de orientação. A orientação (cenário + orientação) é facultativa e recursiva, podendo aparecer toda vez que temos um novo episódio (v. adiante) ou o produtor julga necessário dar mais elementos do quadro de referência ou pano de fundo da ação em andamento. A **orientação** é essencialmente descritiva e aí temos as continuidades de tipos de verbos e situações e de formas e categorias verbais próprias da descrição (cf. 6.2 e 6.3). CASTRO (1980:61-65, 74- 76 e 82) comprova isto ao verificar que o pretérito imperfeito do indicativo (73,1%) e o presente do indicativo (17,2%) (Cf. quadro 5 no capítulo 4) são, com suas categorias, as formas típicas da orientação. Já dissemos em 6.3.7 que o uso do pretérito imperfeito ou do presente é regulado pelo fato de o produtor do texto não se comprometer com a validade da descrição para o momento da enunciação (pretérito imperfeito) ou se comprometer com essa validade (presente do indicativo). O pretérito perfeito só aparece na orientação em dois casos:

a) quando ele tem aspecto não-acabado tal como nos exemplos (171) e no texto nº. 34 (Duque de Caxias), em que temos descrição, como visto em 6.3.1. CASTRO (1980:76) dá o exemplo que transcrevemos sob nº. (225);

(225) "Eu sempre **fui** feia (...), sempre **fui**, nunca **fui** bonita."

b) em expressões temporais como as seguintes retiradas do Inquérito nº. 3 (BERLINCK - 1987): "**Teve** uma ocasião" (pág. 8), "**Foi** no Carnaval" (pág. 3) "**foi** no primeiro semestre" (pág. 16). Veja o exemplo de (226) apresentado por CASTRO (1980:26-27).

(226) "Essa crise me deu dia 21 de abril há dois anos passado. **Foi** de domingo."

A orientação na narração presente, quando ocorre, e sempre reduzida, devido à inserção de produtor e receptor na situação. Os trechos de orientação que ocorrem têm as formas e categorias próprias da descrição presente.

Outra categoria da narração é a **trama** ou **ação**. Esta é composta quase sempre de duas outras: a **complicação** e a **resolução** e às vezes de uma terceira que é o **resultado**. A **complicação** é composta de **acontecimentos** em seqüência que podem vir acompanhados de **orientação** (incluindo o cenário) formando os **episódios**. Os acontecimentos podem ser principais ou

secundários (como os constituintes do "background" na notícia - Cf. XXVIII) e evoluir para um **clímax** que muitas vezes precede a **resolução**. Esta é da mesma natureza da complicação, isto é, composta de acontecimentos. Complicação e resolução são obrigatórias¹⁶⁸, ou seja, sem elas não há narrativa tipo história. Essas duas partes são essencialmente narrativas e portanto, tem-se nelas as formas e categorias da narração (Cf. 6.2 e 6.3). Por isso que CASTRO (1980:75-71 e 82) registrou que, nas narrativas orais passadas, o pretérito perfeito do indicativo e a forma quase exclusiva (96,5%) nestas partes. O pretérito imperfeito aparece em trechos de orientação intercalados na complicação e na resolução e o presente do indicativo aparece: a) para indicar dramaticidade e grande envolvimento emocional como já vimos ou b) em verbos ligados à situação de enunciação cujo presente tem a ver com o tempo da enunciação em passagens como: "Lembro que ele correu para o portão e gritou". É interessante observar que, em trechos de "background" (Cf. notícias de jornal), muitos dos acontecimentos são expressos por nomes ou nominalizações de verbos. Importa pesquisar este fato bem como outros ligados ao uso de nomes para expressar acontecimentos da narração: que elementos favorecem e/ou determinam esse uso. Naturalmente, em narrações presentes, a forma predominante e característica da complicação e resolução será o presente do indicativo com aspecto perfectivo e as demais categorias vistas em 6.3. A continuidade de tipos de verbos e situações e de formas e categorias que se tem no **resultado** vai depender da natureza do mesmo. No resultado temos **conseqüências** da complicação e resolução que podem ser: a) estados; b) eventos/acontecimentos/atos e c) reações verbais (Cf. XXVIII) que são um tipo particular de b (eventos, etc.). As continuidades que teremos aí dependem do tipo de texto que constitui a conseqüência:

a) em se tratando de estado, normalmente temos descrição e as continuidades próprias dela. Veja o exemplo de (227) tomado a CASTRO (1980:68) que o apresenta como de resolução (esta, na verdade, é o acontecimento, não explicitado, que resulta no estado: "casei").

(227) "Aí, quando me mostraram o dito cujo eu disse: Eu, namorar um velho? De jeito nenhum: Dai a 5 anos **tava casada** com o velho:..."

b) os eventos/acontecimentos/atos normalmente são narrativos com as continuidades próprias da narração;

¹⁶⁸ Segundo VAN DIJK (1990) a resolução não costuma estar presente em narrativas de preconceito, o que tem um valor argumentativo.

c) as reações verbais são mais comumente dissertativas (constituindo comentário: v. adiante) ou narrativas com as continuidades próprias desses tipos.

Outra categoria da narrativa são os **comentários**, que podem ser de três tipos: a) **avaliação**; b) **expectativas** e c) **explicação**.

A **avaliação** e a **explicação** têm caráter dissertativo e, assim, teremos nelas as continuidades próprias da dissertação. Na **avaliação**, o narrador expõe "seu ponto de vista e seus sentimentos em relação ao que narra", "seu juízo" sobre os acontecimentos narrados¹⁶⁹. A forma predominante será o presente do indicativo com as categorias próprias da dissertação (V.6.3.)

O pretérito perfeito do indicativo pode aparecer na avaliação em trechos como os dos exemplos (191a, d) e (206). Na **explicação**, o narrador comenta o significado e a razão dos acontecimentos e atitudes dos personagens. A forma predominante, e o presente do indicativo com as categorias próprias da dissertação (V. 6. 3).

As **expectativas**, como diz VAN DIJK (1986), fazem referência a acontecimentos futuros possíveis e, portanto, têm caráter narrativo preditivo. Assim se pode dizer que nas expectativas temos as continuidades próprias da narração futura.

Finalmente, temos o **epílogo** ou **conclusão** que pode ser realizado sob diferentes formas como a **coda**, a **moral** e o **fecho**. Todos têm a função de dar por encerrada a narração. O **fecho** declara explicitamente este fim (V. exemplo 228) ou usa fórmulas às vezes estereotipadas como as de (229). O fecho, e sempre narrativo e feito no pretérito perfeito do indicativo.

(228) "Acabou-se a história do tuim." (texto nº. 58).

(229) a - E pôs-se a fábula em ata.

b - E o que tinha de ser contado o foi.

A **moral** representa em certo sentido uma "conclusão" prática, uma "lição" de vida que orienta o que se fará ou não no futuro, se se tem em mente os acontecimentos da narrativa. Ela tem caráter dissertativo e por isso apresenta as formas e categorias próprias da dissertação, sobretudo o presente do indicativo e as categorias que expressa. Em (230) temos a moral de duas conhecidas fábulas.

¹⁶⁹ Não estamos considerando as avaliações propostas por CASTRO (1980:71 e ss.) feitas por "unidades de expressão peculiares a outras seções da narrativa" (complicação e orientação) através de recursos vários como repetições, posição dos elementos no todo da narrativa, entonações, etc. Estamos considerando, pois, apenas a avaliação propriamente dita, que a autora apresenta como avaliação do tipo C. Assim sendo, a alta porcentagem, no quadro 5 (capítulo 4) de pretéritos perfeitos (45,2%) e imperfeitos (39,3%) se explicam por serem de complicação e resolução e de orientação respectivamente.

- (230) a - Quem **ama** o feio bonito lhe **parece**. (A águia e a coruja)
b - Quem **desdenha quer** comprar. (A raposa e as uvas).

A **coda** encerra o discurso narrativo, fazendo com que se volte ao momento da enunciação. Ela pode fazer isso de inúmeras maneiras que não cabe expor aqui (Cf. CASTRO - 1980: 37-40 e 77-82). Ela tem caráter dissertativo, de modo que temos aí as continuidades próprias desse tipo de texto. É por isso que CASTRO (1980) observou que o presente do indicativo predomina nesta parte (70,7% - Cf. quadro 5 capítulo 4). Veja exemplos de (231) tomados a CASTRO (1980).

- (231) a - "Que eu me lembro **é** isso aí." (pág. 78).
b - "A gente **faz** brincadeira assim, mas não é muito." (pág. 79).
c - "Aí, até hoje num **posso vê** aquela mulher, viu."

Quando o pretérito perfeito ocorre na coda, há sempre um vínculo com o presente (exemplo 232) ou há uma avaliação do narrador a partir do presente (exemplo 233), conforme observação de CASTRO (1980:80 e 81) de quem são os exemplos. Também segundo a mesma autora, o pretérito imperfeito aparece na coda quando o "narrador... repete ou introduz dados de orientação numa tentativa de completar o relato" (pag.81). Ver exemplo (234).

- (232) a - "Daí depois daquela **fiquei** com um medo desgraçado, viu." (pág.80)
b - "Aí também num me **aborrecero** mais."
(233) a - "Mas **foi** uma briguinha..." (pág.80)
b - "E **foi** mesmo por milagre de Deus é que nasceu, senão não nascia, viu." (pág.81)
(234) "Mais **apanhava** da minha mãe só, que do meu pai, ele nunca bateu ni nós. Meu pai, ele **gostava** de brincá co nós, jogá terrão, essas coisa. Mais batê ele num **batia** não. Ele num **ponhava** nem a mão ni nós." (pág.81).

Como se pode ver, pelas colocações feitas em 6.4, existe uma relação entre tipos de verbos e situações e categorias e formas verbais de um lado, e categorias ou partes das superestruturas por outro. Evidentemente, o que apresentamos aqui são apenas os princípios básicos dessa relação, como hipótese de trabalho para uma pesquisa bastante extensa que estude tais relações para tais tipos e subtipos de textos, cada um com uma superestrutura específica, embora acreditemos que deva ter por base as superestruturas gerais dos tipos que apresentamos aqui. Este parece ser o caso,

uma vez que exemplificamos as hipóteses para tais relações na narração com dados de CASTRO (1980), que trabalhou apenas com a narrativa passada oral. Nesta relação é importante a afinidade entre as categorias verbais e as funções das partes ou categorias das superestruturas.

CONCLUSÃO

Acreditamos que as propostas feitas e o estudo realizado confirmaram plenamente a hipótese de que há fatos no uso das formas e categorias verbais que só podem ser percebidos e/ ou explicados numa perspectiva textual e discursiva e de que o verbo, através dessas mesmas formas e categorias contribui para o estabelecimento da textualidade.

A existência de tais fatos de caráter textual e discursivo fica bem evidenciada pelo que expressamos nos capítulos 4 a 6. Os fenômenos tratados ali certamente não podem ser captados e explicados a não ser no nível do texto e do discurso. Uma gramática da frase certamente não os registrará e/ou explicará. Vimos também que vários destes fatos têm a ver com a coesão e a coerência e, sendo diretamente ligados ao funcionamento discursivo do texto, estão inteiramente comprometidos com o estabelecimento da textualidade já que ela é, conforme propomos no capítulo 1, a própria condição discursiva da seqüência lingüística, fruto do uso significativo da língua.

O elenco de fatos ou fenômenos do capítulo 4, o estudo do seqüenciamento/ordenação de situações do capítulo 5 e das continuidades de tipos de verbos e situações, e de formas e categorias verbais do capítulo 6 deixam evidenciada e confirmada a importância do verbo na organização textual, tanto a nível de coesão como de coerência.

O estudo do funcionamento textual-discursivo do verbo (suas formas e categorias) permitiu verificar e demonstrar que a **continuidade**, apontada como elemento caracterizador básico da coerência, se dá não só no plano do sentido, através dos conhecimentos ativados pelos itens lexicais, mas também no plano gramatical (cf. continuidades de categorias do verbo no capítulo 6).

Devido à estreita inter-relação do funcionamento textual-discursivo das formas e categorias do verbo com o tipo de funcionamento discursivo que caracteriza cada tipo de texto, através da configuração de suas propriedades discursivas, este estudo, sobretudo através do exposto nos capítulos 5 e 6 e do que ali se conclui, contribui, a nosso ver de maneira significativa, para a questão da tipologia e a constituição futura de uma teoria tipológica, embora este não fosse o seu objetivo primeiro. Diversas características de cada tipo (ligadas ao seqüenciamento/ordenação de situações e às continuidades de formas e categorias verbais, inclusive em sua relação com a superestrutura de cada tipo de texto - cf. item 6.4) estão levantadas nos capítulos 5 e 6. Principalmente o estudo das continuidades no capítulo 6 deixa claro que a caracterização de tipos não pode ser feita apenas pelo levantamento de marcas (aqui formas e categorias verbais), mas que é fundamental referi-las às propriedades discursivas de cada tipo ou subtipo de texto. Pode-se tomar

para exemplo o presente do indicativo e as categorias que ele pode veicular em seu funcionamento na descrição, dissertação, injunção e narração. As marcas só têm um sentido em sua relação com as propriedades. Se as características vistas referem-se normalmente a tipos mais gerais, é possível agora estender o estudo a subtipos. Assim, falamos de ordenação e continuidades em narrações tipo história, pode-se estudar o mesmo para diferentes subtipos de narrações tipo história, tais como romances, novelas, contos e seus subtipos, fábulas, contos infantis, apólogos, reportagens, piadas, narrativas orais x escritas, etc.

Confirma-se a hipótese que tínhamos, e já colocada por pelo menos um autor (cf. HOPPER - 1979:37 e 1982: 4, 5 e 16), de que o aspecto¹⁷⁰ é uma categoria essencialmente textual e discursiva que define tipos através de continuidades (cf. 6.3.1); constitui o princípio básico de ordenação de situações (cf. capítulo 5); atua na relevância, marcando primeiro plano ou figura e segundo plano ou fundo (cf. 4.2.2.1); distingue trechos de progressão dos de elaboração de um ponto (cf. 4.2.1.8); além de aparecer em fenômenos de concordância (estes, parece que apenas no nível da frase) (cf 4.2.1.7) e como marcador de um ponto de vista do falante em relação à situação (cf. 4.2.4). Este ponto de vista daria a situação como completa (perfectivo) ou não-completa (imperfectivo), derivando daí uma série dos fatos discursivos acima, conforme o quadro 6.

Quadro 6

| Ponto de Vista | Não completo (imperfectivo) | Completo (perfectivo) |
|----------------|-----------------------------|-----------------------|
| Ordenação | Simultaneidade | Seqüenciamento |
| Relevância | 2º plano/fundo | 1º plano/figura |
| Progressão | Elaboração de um ponto | Progressão |

Isto não quer dizer que outras categorias do verbo não tenham uma relação com o discurso, uma vez que o tempo é o resultado da relação do tempo referencial com o tempo da enunciação, logo discursivamente definido, a pessoa e a indicação dos participantes da situação discursiva e a modalidade se liga às imagens: como se vê aquilo de que se fala.

Importa lembrar que, para fins da pesquisa, separam-se os fatos ou fenômenos de uso textual-discursivo das formas e categorias verbais, mas observa-se que, com frequência, eles funcionam ou ocorrem interligados. É o que se pode deduzir do exposto no quadro 6 e se constata, quando, na análise de textos, se observa haver uma relação entre progressão e elaboração (cf.

¹⁷⁰ Os autores vistos e que tratam o aspecto de uma perspectiva discursiva (= textual), limitam o aspecto à distinção perfectivo X imperfectivo e/ou a tipos de situação ou "aktionsart" ("situation aspect" para SMITH - 1986). Não consideramos os tipos de situação como aspecto e usamos o quadro de aspectos proposto em 3.3.3.

4.2.1.8) e questões de relevância (cf. 4.2.2.1 e 4.2.2.2): em textos de qualquer tipo, a progressão se faz através de formas e/ou categorias que constituem figuras, primeiro plano e que veiculam informação essencial ou principal, enquanto a elaboração se dá através das formas e categorias constituem fundo, segundo plano e que veiculam informação secundária.

Parece interessante que, em vez de falar em metáforas temporais (cf. WEINRICH - 1968), se fale em efeitos de sentido, discursivamente determinados, de elementos do texto (no caso deste estudo, formas e categorias verbais). A idéia de metáfora prevê um sentido, um valor básico (primeiro, central, próprio, característico) e depois o uso fora desse valor que é a metáfora. Seria, pois, necessário estabelecer os valores, sentidos e usos básicos, característicos para depois estabelecer quais são os metafóricos. A idéia de efeito de sentido resulta da conjugação de fatores presentes no texto, discursivamente constituído, e elimina o problema de determinar qual o valor, o sentido, o uso considerado como básico, primeiro ou característico, que muitas vezes é visto como tal apenas por ser o mais freqüente.

Finalmente, é preciso dizer que pretendíamos que este trabalho tivesse um caráter programático, isto é, que abrisse a possibilidade para vários estudos posteriores. Parece que isto ocorre. Primeiro, pelo proposto no capítulo 4, que abre uma série de veios a serem explorados, seja de maneira mais geral e abrangente, seja em particularizações de detalhes ou pontos mais específicos envolvidos nos fenômenos textuais-discursivos do uso das formas e categorias verbais ali arrolados, seja no que se refere a estudar os fenômenos em tipos e subtipos mais particulares de textos. No estudo da ordenação (capítulo 5) e das continuidades de tipos de verbos e situações, e de formas e categorias verbais (capítulo 6), essa possibilidade de multiplicação de tópicos de estudo neste campo ficou evidente pelo registro que fizemos de mais de duas dezenas de pontos a serem pesquisados. Entre estes, gostaríamos de destacar o registro de que é preciso observar melhor a questão das situações indicadas por nomes em fenômenos como ordenação, progressão e elaboração de um ponto. Neste estudo, apenas tocamos nesta questão, porque o centro de interesse era o verbo, mas já ficou patente que o estudo desses fenômenos não será completo sem a consideração das situações indicadas por nome. Isto aponta também para o fato de que as bases lançadas aqui talvez possam ser utilizadas no estudo de questões não ligadas ao verbo. Em segundo lugar, tem-se o veio de estudos ligado às questões tipológicas para as quais o estudo dos fenômenos textuais-discursivos do uso do verbo (ou de outros elementos da língua, inclusive outras classes de palavras e suas categorias) pode trazer contribuições significativas. Em terceiro lugar tem-se a possibilidade de utilizar as bases aqui estruturadas no estudo de questões não ligadas ao verbo, como o que vimos, quando, no capítulo 5, falamos sobre a atuação de outros elementos que não o verbo (suas formas e categorias) na ordenação referencial e textual.

Desse modo, parece-nos que essa tese cumpre um dos papéis que se considera importante, senão fundamental, para um trabalho deste tipo: instaurar ou configurar um campo ou uma linha de pesquisa. Acreditamos ter, com esse trabalho, configurado um projeto de pesquisa dentro de uma perspectiva textual-discursiva e dado os primeiros passos em sua execução. Além disso, desejamos que as bases estruturadas para sua proposição possam ser aplicadas a outras questões, relativas ao verbo ou não, servindo a outros projetos de estudo. Esperamos que aqueles que lerem este trabalho, fazendo dele uma apreciação, nos ajudem a perceber, se existirem:

a) problemas que possam perturbar seu entendimento, sobretudo porque, como dissemos na introdução, acreditamos que o resultado da teorização deve poder ser comunicado, aprendido e aplicado;

b) problemas que possam perturbar o desenvolvimento do projeto de pesquisa aqui configurado;

c) possibilidades que ele abre e que não chegamos a explicitar convenientemente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAM, Jean Michel. (1985). "Que1s types de textes?" in **Le Français dans 1e monde**, nº. 192. Paris, Hachette, Larousse, abril de 1985. (apud KOCH e FÁVERO - 1987).

- _____ (1987). "Textualité et séquentialité. L'exemple de la description" in **Langue Française** nº. 74. Paris, Larousse, maio de 1987:51-72.

- ADAM, Jean Michel e PETITJEAN, A. (1982). "Introduction au type descriptif". **Pratiques**. nº. 34. Metz, 1982: 77-92. (apud NEIS-1986 e MARQUESI-1990).

- _____ (1982-a) . "Les enjeux textuels de la description". **Pratiques**. nº. 34. Metz, 1982: 93-117. (apud NEIS-1986 e MARQUESI - 1990).

- ALEXANDRESCU, S. (1966). "Sur les modalités croire e savoir" in **Langages** 43. Paris, Didier-Larousse, 1976. (apud KOCH - 1984).

- ANDRÉ, Hildebrando Afonso de. (1978). **Curso de redação**. São Paulo, Marco.

- BACH, Emmon (1986). "The algebra of events" in DOWTY, David (ed.) **Tense and aspect in discourse. Linguistic and philosophy**. Vol. 9, nº. 1. Dordrecht/Boston/Lancaster/Tokyo. D. Reidel Publishing Company, 1986:5-16. 1

- BARWISE, Jon e PERRY, John (1981). "Situattions and atitudes" **The Journal of philosophy**. 78:668-691. (apud COOPER - 1986).

- _____ (1983). **Situations and atitudes**. MIT Press, Bradford Books, Cambridge, Mass. (apud COOPER - 1986).

- BASTOS, Lúcia Kopschitz Xavier (1985). **Coesão e coerência em narrativas escolares escritas**. Campinas, Editora da UNICAMP.

- BEAUGRANDE, Robert-Alain de e DRESSLER, Wolfgang Ulrich. (1981). **Introduction to text linguistics**. Londres/New York, Longman.

- BECHARA, Evanildo (1968). **Moderna gramática portuguesa**. São Paulo. Nacional.

- BENVENISTE, Émile (1976). "Estrutura das relações de pessoa no verbo" in **Problemas de lingüística geral**. São Paulo, Nacional/Ed. da Universidade de São Paulo, 1976: 247-259.

- CÂMARA, Jr., Joaquim Mattoso. (1970). **Dicionário de filologia e gramática**. Rio de Janeiro, J. Ozon.

- CASTILHO, Ataliba T. de (1967). "Introdução ao estudo do aspecto verbal na Língua Portuguesa". in **Alfa** (Revista do Departamento de Letras da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília) n°. 12. Marília, 1967: 7-135.

- _____ (1987). "**Para o estudo das unidades discursivas no Português**". Campinas, UNICAMP/IEL, texto inédito (32 págs.).

- CASTRO, Vandersi Sant'Ana. (1980). **Os tempos verbais da narrativa oral**. Campinas, Dissertação de mestrado / UNICAMP-IEL.

- CERVONI, Jean (1987). **A enunciação**. São Paulo, Ática, (Série Fundamentos, 61).

- CHAROLLES, Michel (1987). **Les études sur la cohérence, la cohesion et la connexité textuelles depuis la fin des années 1960**. Université de Nancy 2, cópia de texto inédito, nov./1987. 22 págs.

- COOPER, Robin (1986). "Tense and discourse location in situation semantics" in **Linguistics and philosophy**, vol. 9, n°. 1 DOWTY, David (ed.) (1986). **Tense and aspect in discourse**. Dordrecht/Boston/Lancaster/Tokyo, D. Reidel Publishing Company, 1986: 17-36.

- COROA, Maria Luiza Monteiro Sales (1985). **O tempo nos verbos do Português: uma introdução à sua interpretação semântica**. Brasília, Thesaurus.

- _____ (1990). **Sobre a construção da coerência temporal**. Campinas, cópia de texto inédito, janeiro/1990 (24 págs.).

- COURDESSES, Lucile (1971). "Blum et Thorez en mai 1936 Analyses d'énoncés" in **Langue Française** nº. 9: **Linguistique et société**. Paris, Larousse, fevereiro/1971:22-33.

- CUNHA, Celso Ferreira da (1975). **Gramática da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, FENAME.

- DAVIES, Christie (1987). "Taking Jokes (apart) seriously" in **Semiotica** 66(4). Amsterdam, Mouton de Gruyter, 1987: 451-454.

- DOWTY, David R. (1986). "The effects of aspectual class on the temporal structure of discourse: semantics or pragmatics" in **Linguistics and philosophy**, vol. 9, nº. 1, DOWTY, David (ed.) **Tense and aspect in discourse**. Dordrecht/Boston/Lancaster/Tokyo, D. Reidel Publishing Company, 1986:37-61.

- DRESSLER, Wolfgang U. (1974). **Introduzione alla linguistica del testo**. Roma, Officina Edizioni, 1974.

- DUBOIS, Jean et alii. (1973). **Dictionnaire de linguistique**. Paris, Larousse.

- FÁVERO, Leonor Lopes e KOCH, Ingedore G. Villaça. (1983). **Linguística textual: uma introdução**. São Paulo, Cortez.

- _____ (1985). "**Critérios de textualidade**" in Veredas. EDUC 104. São Paulo, Editora da PUC/SP, 1985:17-34.

- FERNANDES JR., Alcebiades (1986). "Cronológica: um estudo gramatical do texto" in **Estudos lingüísticos - XIV anais de seminários do GEL-SP**. Campinas, UNICAMP, 1987: 239-259.

- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. (1975). **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.

- FILLMORE, Charles J. (1981). "Pragmatics and the description of discourse" in COLE, P. (ed.). **Radical pragmatics**. Nova York, Academic Press, 1981:143-166.
- FOUCAULT, Michel. (1986). **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro, Forense Universitária.
- FUCHS, Anna. (1987). **Aspecto verbal e dêixis**. Universidade de Brasília/Universidade de Gottingen, cópia de texto inédito (36 págs.).
- GENETTE, G. (1966). "Frontières du récit". in **Communications**, 8:152-163. (apud NEIS - 1986).
- GUIMARÃES, Eduardo R.J. (1979). **Modalidade e argumentação lingüística**. São Paulo, Tese de doutorado/USP.
- GUIMARÃES, Eduardo R.J. (1986). "Polifonia e tipologia textual" in FÁVERO, Leonor Lopes e PASCHOAL, Mara S.Z. (orgs.). **Lingüística textual: texto e leitura**. São Paulo, EDUC-Editora da PUC-SP, 1986:75-87 (Série Cadernos PUC, 22).
- _____ (1987). **Texto e argumentação: um estudo de conjunções do português**. Campinas/SP, Pontes.
- _____ (1989). "Enunciação e história" in GUIMARÃES, Eduardo (org.). **História e sentido na linguagem**. Campinas, Pontes, 1989:71-79.
- GURPILHARES, Marlene Silva Sardinha (1986). "Os verbos de movimento e os critérios de textualidade" in **Estudos lingüísticos - XII anais de seminários do GEL-SP**. Lins, SP, Faculdade Auxilium de Filosofia, Ciências e Letras, 1986:170-177.
- HALLIDAY, M.A.K. e HASAN, Rukaiya. (1976). **Cohesion in English**. London, Longman.
- HINRICHS, Erhard. (1986). "Temporal anaphora in discourses of English" in *Linguistics and Philosophy*, vol. 9, n.º 1

- DOWTY, David (ed.). **Tense and aspect in discourse**. Dordrecht/Boston/Lancaster/Tokyo, D. Reidel Publishing Company, 1986:63-82.

- HOPPER, Paul J. (1979). "Some observations on the typology of focus and aspect in narrative language" in **Studies in Language** 3(1). 1979:37-64 (apud HOPPER - 1982).

- _____ (1982). "Aspect between discourse and grammar: an introductory essay for the volume" in HOPPER, Paul J. (ed.). **Tense-aspect: between semantics and pragmatics**. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 1982:3-18 (Typological Studies in Language - Vol.1).

ILARI, Rodolfo. (1989). **Sobre os advérbios aspectuais**. Texto apresentado no III Seminário do Projeto Gramática do Português Falado. Cópia de texto inédito, novembro de 1989. 36 págs.

- JOTA, Zélio dos Santos. (1981). **Dicionário de lingüística**. Rio de Janeiro, Presença/INL-MEC.

- KALMÁR, Ivan. (1982). "The function of Inuktitut verb modes in narrative texts" in HOPPER, Paul J. (ed.). **Tense-aspect: between semantics and pragmatics**. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 1982: 45-64. (Typological Studies in Language - vol. 1).

- KAMP, J.A.W. (1979). "Events, instants and temporal reference" in R. Bauerle, U. Egli, and A. von Stechow (eds.). **Semantics from different points of view**. Berlin, Springer Verlag. (apud HINRICHS - 1986).

- KOCH, Ingedore G. Villaça. (1984). **Argumentação e linguagem**. São Paulo, Cortez.

- _____ (1988). **Principais mecanismos de coesão textual em português**. Campinas, UNICAMP, cópia de texto inédito. 8 págs.

- _____ (1989). **A coesão textual**. São Paulo, Contexto.

- _____ (1981). "O verbo **poder** numa gramática comunicativa do Português". **Cadernos PUC** n°. 8. São Paulo, EDUC - Editora da PUC, pp. 102-113.

- KOCH, Ingedore G. Villaça e FÁVERO, Leonor Lopes. (1987). "Contribuições a uma tipologia textual" in **Letras & Letras**, Vol. 3(1). Uberlândia, EDUFU, junho/1987:3-10.

- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça e TRAVAGLIA, Luiz Carlos. (1989). **Texto e coerência**. São Paulo, Cortez.

- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça e TRAVAGLIA, Luiz Carlos. (1990). **A coerência textual**. São Paulo, Contexto.

- LABOV, William. (1972). "The transformation of experience in narrative syntax" in **Language in the inner city. Studies in the black english vernacular**. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1972:354-396.

- LABOV, William e WALETZKY, Joshua. (1967). "Narrative analysis: oral versions of personal experience" in HELM, J. (ed.). **Essays on the verbal and visual arts**. Washington, Washington University Press. 1967:12-44. (apud BASTOS - 1985 e CASTRO - 1980).

- LARIVAILLE, Paul. (1974). "L'analyse (Morpho)logique du récit". **Poétique** 19. Paris, 1974:369-388. (apud BASTOS - 1985).

- LAVANDERA, Beatriz R. (1984). **Variación y significado**. Buenos Aires, Hachette.

- _____(1985). **Curso de lingüística para el analisis del discurso**. Buenos Aires, Centro Editor de América Latina.

- LEVINSON, Stephen C. (1983). **Pragmatics**. London, Cambridge University Press.

- LI, Charlesi THOMPSON, Sandra A. e THOMPSON, R. McMillan. (1982). "The discourse motivation for the perfect aspect: the mandarin particle LE" in HOPPER, Paul J. (ed.). **Tense-aspect: between semantics & pragmatics**. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 1982: 19-44.

- LOBATO, Lúcia Maria Pinheiro. (1975). "Os verbos auxiliares em Português contemporâneo" in **Análises lingüísticas**. Petrópolis, Vozes, 1975:27-91.

- LONGO, Beatriz N. de Oliveira. "O valor coesivo do tempo verbal" in FIORIN, José Luiz e NEVES, Maria Helena de Moura (org.). **Texto, discurso, enunciação**. Boletim do Programa de Pós-graduação em Lingüística e Língua Portuguesa. Ano III, nº. 3. UNESP/Campus de Araraquara, 1987:94-108.

- LYONS, John. (1969). **Introduction to theoretical linguistics**. Cambridge, Cambridge University Press. (apud KALMÂR - 1982).

- MAGALHÃES, José Olímpio. (1980). **Um intermediário ao sintagma livre e ao sintagma fixo: o sintagma semifixo**. Rio de Janeiro, dissertação de mestrado/PUC-RJ.

- MAINGUENEAU, Dominique. (1976). **Initiation aux méthodes de l'analyse du discours: problèmes et perspectives**. Paris, Hachette.

- _____ (1986). **Geneses du discours**. Bruxela:B, Pierre Mardaga Editeur.

- _____ (1987). **Nouvelles tendances en analysé du discours**. Paris, Hachette.

- MARCUSCHI, Luiz Antônio. (1983). **Lingüística de texto: o que é e como se faz**. Recife, Universidade Federal de Pernambuco.

- _____ (1985). **Marcadores conversacionais: tipos, funções e coocorrências**. Recife, UFPE, cópia de texto inédito, 23 págs.

- _____ (1986). **Análise de conversação**. São Paulo, Ática.

- _____ (1987). **Marcadores conversacionais no Português brasileiro: formas, posições e funções**. Recife/Freiburg, cópia de texto inédito. 27 págs.

- MARCUSCHI, Luiz Antônio. (1988). **Coesão e coerência na conversação (Organização tópica)**. Recife, cópia de texto inédito. 39 págs.

- MARQUESI, Sueli Cristina. (1990). **A organização do texto descritivo em Língua Portuguesa**. São Paulo, PUC-SP / Tese de doutorado, 243 págs.

- MARTIN, R. (1983). **Pour une logique du sens**. Paris, Université de France. (apud SIQUEIRA - 1987).

- MATEUS, Maria Helena Mira et alii. (1983). **Gramática da Língua Portuguesa**. Coimbra, Almedina.

- MATTOS, Geraldo. (1972). **Nossa cultura; Português para o 1º colegial**. São Paulo, F.T.D.

- MELO, Gladstone Chaves de. (1976). **Ensaio de estilística da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Padrão.

- MOISÉS, Massaud. (1973). **A criação literária**. São Paulo, Melhoramentos.

- MORAES, Olinda Martins. (1986). "Um estudo das relações de coesão em português." in **Letras & Letras** Vol. 2 (2). Uberlândia, EDUFU, dezembro de 1986:359-384.

- NEIS, Ignácio Antônio. (1984). "Problemas de tipologia do texto narrativo" in **Boletim nº. 06 da ABRALIN**. Campinas, ABRALIN/UNICAMP, março de 1984:72-81.

- _____ (1986). "Elementos de tipologia do texto descritivo" in FÁVERO, Leonor Lopes e PASCHOAL, Mara S.Z. (orgs.). **Linguística textual: texto e leitura**. São Paulo, EDUC-Editora da PUC-SP, 1986:47-63 (Série Cadernos PUC, 22).

- NERBONNE, John. (1986). "Reference time and time in narration" in **Linguistics and Philosophy** vol. 9, nº. 1, DOWTY, David (ed.) **Tense and aspect in discourse**. Dordrecht/Boston/Lancaster/Tokyo, D. Reidel Publishing Company, 1986:83-95.

- OLIVEIRA, Ceófano Lopes de. (1965). **Flor do Lácio**. São Paulo, Saraiva.

- ORLANDI, Eni Pulcinelli. (1986). "A análise de discurso: algumas observações" (retrospectiva) in **D.E.L.T.A.** Vol. 2, nº. 1. São Paulo, PUC-SP/ABRALIN, 1986:105-126.

- _____(1987). **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas/SP, Pontes.

- _____(1988). "Une confrontation dans le langage" in **Langage et société** n°. 46. Paris, Maison des Sciences de L'Homme, décembre/1988:45-66.

- PARTEE, Barbara. (1973). "Some structural analogies between tenses and pronouns in English" in **The journal of philosophy** n°. 70, págs. 601- 609 (apud HINRICHS-1986).

- PÊCHEUX, Michel. (1969). **Analyse automatique du discours**. Paris, Dunod.

- _____ (1981) "L'énoncé: enchâssement, articulation et déliaison" in **Matérialités discursives**. Colloques des 24, 25,26 avril 1980. Vol 1. Paris, Presses Universitaires de Lille, 1981:143-148.

- PIRES, Orlando. (1981). **Manual de teoria e técnica literária**. Rio de Janeiro, presença/Brasília, INL.

- PONTES, Eunice. (1973).- **Verbos auxiliares em português**. Petrópolis, Vozes.

- POSSENTI, Sírio. (1986). **Discurso, estilo e subjetividade**. Campinas, UNICAMP/Tese de doutorado.

- RAFFERTY, Ellen. (1982). "Aspect in conversational Indonesian" in HOPPER, Paul J. (ed.). **Tense-aspect: between semantics and pragmatics**. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 1982:65-87.

- RASKIN, Victor. (1985). **Semantic mechanisms of humor**. Dordrecht/Boston, D. Reidel Publishing Company. (apud DAVIES - 1987).

- REICHENBACH, Hans. (1947). **Elements of symbolic logic**. New York, The MacMillan Company. (apud COROA - 1985 e DOWTY - 1986).

- RICARDOU, J. (1973). **Le nouveau roman**. Paris, Seuil. (apud NEIS - 1986 e MARQUESI - 1990).

- SARAMAGO, José. (1986). **A jangada de pedra**. Lisboa, Caminho.

- SCHIFFRIN, Deborah. (1987). **Discourse Markers**. Cambridge University Press. (apud COROA - 1990).

- SIQUEIRA, João Hilton Sayeg. (1985). "As macrocategorias do texto dissertativo" in FÁVERO, Leonor Lopes e PASCHOAL, Mara S.Z. (orgs.). **Linguística textual: texto e leitura**. São Paulo, EDUC - Editora da PUC-SP, 1985: 133-139. (Série Cadernos PUC, 22).

- _____ (1987). "Aspectos textuais do tempo verbal: o futuro e o condicional" in **Estudos lingüísticos - XV Anais de seminários do GEL-SP**. Santos, UniSantos, 1987: 417-424.

- SMITH, Carlota. (1986). "A speaker-based approach to aspect" in **Linguistics and philosophy**, vol. 9, nº. 1: DOWTY, David (ed.) **Tense and aspect in discourse**. Dordrecht/Boston/Lancaster/Tokyo, D. Reidel Publishing Company, 1986: 97-115.

- TAHAN, Malba. (s/data). "Os cegos e o elefante". in BUENO, Francisco da Silveira. **Páginas floridas**. (12a. ed.rev.). são Paulo, Saraiva, s/data.

- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. (1981). **O aspecto verbal no Português; a categoria e sua expressão**. Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, 1981. (2ª. edição revisada, EDUFU, 1985).

- _____ (1987). "O discursivo no uso do pretérito imperfeito do indicativo no Português" in **Cadernos de estudos lingüísticos nº. 12**. Campinas, UNICAMP/IEL, 1º semestre de 1987:61-98.

- _____ (1987a). "Quando amor rima com dor: o discurso das músicas sertanejas" in **Letras & Letras**, vol. 3, nº. 2. Uberlândia, EDUFU, dezembro de 1987:125-151.

- VAN DIJK, Teun A. (1980). **Estructuras y funciones del discurso**. Madrid, Siglo Veintiuno.

- _____ (1983), **La ciencia del texto: un enfoque interdisciplinario**. Buenos Aires/Barcelona, Paidós.

- _____ (1986). "News schemata" in COOPER, Charles R. e GREENBAUM, Sidney (eds.). **Studying writing: linguistic approaches**. London/Beverly Hills/New Delhi, Sage Publications, 1986:155-185.

- _____ (1987). **Critical news analysis**. Introductory paper for the Instituto de Semiótica y comunicación. Granada, 7 a 12/09/1987. 32 págs.

- _____ (1990) . Curso LL148: **Tipologia do Texto**. Campinas, IEL/UNICAMP, março de 1990. (Notas pessoais).

- VAN DIJK, Teun A. e KINTSCH, W. (1983). **Strategies in discourse comprehension**. Nova York, Academic Press.

- VENDLER, Zeno. (1967). **Linguistics in philosophy**. Ithaca, Cornell University Press.

- WEINRICH, Harald. (1968). **Estructura y función de los tiempos em el lenguaje**. Madrid, Gredos.

- _____ (1979). "Les temps et les personnes" in **Poétique** n°. 39. Paris, setembro/1979:338-352. (apud BASTOS - 1985)

- _____ (1981). **Lenguaje en textos**. Madrid, Gredos.

- WERLICH, E. (1975). **Typologie der texte**. Entwurf eines linguistisches Modells zur Grundlegung einer Textgrammatik. Heidelberg. (apud KOCH e FÁVERO - 1987 e NEIS - 1984).

- WOLFSSON, Nessa. (1979). "A alternância do presente histórico na conversação" in **Language** 55. 1979:168-182. (Tradução de Ataliba T. de Castilho e Geraldo Cintra - UNICAMP).

BIBLIOGRAFIA DO CORPUS

JORNAIS

- **Estado de Minas**. Ano LXII, nº. 17. 742. Belo Horizonte, 15/08/1989.
- **O Estado de São Paulo**, Ano 110, nº. 35.119. São Paulo, 15/08/1989.
- **O Estado de São Paulo**. Suplemento Agrícola. Ano XXXIV, nº. 1766. São Paulo, 16/08/1989.
- **O Estado de São Paulo**. Ano 110, nº. 35.202. São Paulo, 21/11/1989.
- **Folha de São Paulo**. Ano 68, nº. 21.553. São Paulo, 06/04/1988.
- **Folha de São Paulo**. Ano 69, nº. 22.049. São Paulo, 15/08/1989.
- **O Globo**. Ano LXV, nº. 20.357. Rio de Janeiro, 17/08/1989.
- **Jornal do Brasil**. Ano XCIX, nº. 129. Rio de Janeiro, 15/08/1989.
- **Jornal do Brasil**. Ano XCIX, nº. 130. Rio de Janeiro, 16/08/1989.
- **Jornal da Tarde**, Ano 24, nº. 7.283. São Paulo, 16/08/1989.
- MAGALHÃES, Ana Maria. " 'Otários' do verde contra 'heróis' do vermelho" in **Jornal do Brasil**.
Caderno "Cidade". Ano XCIX, nº. 129. Rio de Janeiro, 15/08/1989.
- **Notícias populares**. nº. 9307. São Paulo, 24/10/1989.
- **O Popular**. Ano L, nº. 13.232. Goiânia, 15/08/1989.

LIVROS

- AMADO, Jorge. **O cavaleiro da esperança**. Rio de Janeiro, Record, 1987.
- ANDRADE, Carlos Drummond. **Reunião**. Rio de Janeiro, Livraria José Olímpio Editora, 1969.
- ANDRÉ, Hildebrando Afonso de. **Curso de Redação**. São Paulo, Marco, 1978.
- **Araxá põe a mesa**. Belo Horizonte, O Lutador. 1989.
- AZEVEDO, Aluísio. **O mulato**. Rio de Janeiro, Editora Tecnoprint, s/data.
- AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de et alii (orgs.). **Contos e crônicas**. vol. 1. Rio de Janeiro, Gernasa, s/data.
- BANDEIRA, Manuel. **Estrêla da vida inteira**; poesias reunidas. Rio de Janeiro, Livraria José Olímpio Editora/INL, 1970 (pág. 105).
- **Bíblia Sagrada**. São Paulo, Editora Ave Maria Ltda., 1964. (Edição Claretiana).
- BRAGA, Rubem. "**História triste de tuim**". in AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de et alii. (orgs.). **Contos e crônicas**, vol. 1. Rio de Janeiro, Gernasa, s/data: 17-20.
- BRAGA, Rubem. **200 crônicas escolhidas**. Rio de Janeiro, Record, 1980.

- BORBA FILHO, Hermilo. "O almirante" in **Os melhores contos brasileiros de 1973**. Porto Alegre, Globo, 1974:37-49.
- CAMPOS, Paulo Mendes. "O médico e o monstro" in **Para gostar de ler - 2: crônicas**. São Paulo, Ática, 1978:20-22.
- CASTRO, Vandarsi Sant'Ana. **Os tempos verbais da narrativa oral**. Campinas, Dissertação de Mestrado/UNICAMP, 1980.
- CONY, Carlos Heitor. "A farsa e os farsante" in AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de et alii (orgs.). **Contos e crônicas**, vol. 1. Rio de Janeiro, Gernasa, s/data: 63-65.
- FONSECA, Rubem. "Passeio Noturno" in **Os melhores contos brasileiros de 1973**. Porto Alegre, Globo, 1974:179-181.
- FOUCAULT, Michel. **L'ordre du discours**. Paris, Gallimard, 1971. Tradução de POSSENTI, Sírio, Campinas, UNICAMP, cópia xerox, s/data.
- GIUDICE, Victor. "O Arquivo" in **Os melhores contos brasileiros de 1973**. Porto Alegre, Globo, 1974:223-226.
- **O grande livro de receitas de Cláudia**. s/data. São Paulo, Ed. Abril,
- KOCH, Ingedore G.V. e TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Texto e coerência**. São Paulo, Cortez, 1989.
- _____ **A coerência textual**. São Paulo, Contexto, 1990.
- LISPECTOR, Clarice. "A partida do trem" in **Os melhores contos brasileiros de 1973**. Porto Alegre, Globo, 1974: 15-34.
- MATTOS, Geraldo. **Nossa cultura: Português para o 1º colegial**. São Paulo, F.T.D., 1972.
- OLIVEIRA, Cleófano Lopes de. **Flor do Lácio**. São Paulo, Saraiva, 1965.
- PRÉVERT, Jacques. **Poemas**. Introdução, seleção de poemas e tradução de Silvano Santiago. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.
- QUEIRÓS, Bartolomeu Campos. **Índex**. Belo Horizonte, Miguilim, 1988.
- SABINO, Fernando. "A última crônica" in **Para gostar de ler - 5: crônicas**. São Paulo, Ática, 1979/1980:40-42.
- ZIRALDO. **As melhores anedotas do mundo**. Vol. 1. Rio de Janeiro, Globo, 1988.

REVISTAS

- **Elle**. Ano 2, nº. 10. São Paulo, Ed. Abril, outubro de 1989.
- **Seleções do Reader's Digest**. Tomo XXXVII, nº. 218. julho de 1989.
- **Superinteressante**. outubro de 1989. Ano 3, nº. 10. São Paulo, Ed. Abril,

- **Superinteressante**. Ano 3, nº. 11. São Paulo. Ed. Abril, novembro de 1989.
- **Veja**. Ano 21, nº. 37 - 20/11/1989 - Edição especial "**República**" . São Paulo, Ed. Abril, 20/11/1989: 2ª. contracapa.
- **Veja**. Ano 23, nº. 6. São Paulo, Ed. Abril, 14/02/1990.
- **Veja**. Ano 23, nº. 11. São Paulo, Ed. Abril, 21/03/1990.

OUTROS

- BERLINCK, Rosane de Andrade. **Transcrição do inquérito nº. 3**, gravado em 11/01/1987.
- **Disneyworld com carinho especial**. Folheto promocional de turismo. Uberlândia, Uberturismo, 1989.
- **Folheto do 21º Festival de Inverno da UFMG**. Belotur, Ano X nº. 113. Belo Horizonte, julho de 1989.
- Manual de instruções dos aparelhos eletrodomésticos ARNO:
 - a) Abridor afiador automático Arno;
 - b) Espremedor de frutas Arno.
- Manual de instruções do TV Phillips 14 CT 640I/UV.
- SOARES, Maria Elias e BALSELLS, Maria Rita Costa. **Modelos para o ensino da redação - 1ª. parte: descrição**. Projeto de melhoria do ensino da Língua Portuguesa - 2º grau/ Secretaria de Educação do Ceará, mimeografado, 1980.